



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS BRASILEIRAS: UM ESTUDO SOBRE A
LITERATURA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO PUBLICADA EM LÍNGUA
ESPAÑHOLA**

MICHELE SAIONARA APARECIDA LOPES DE LIMA ROCHA

**Rio Claro – SP
2023**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS BRASILEIRAS: UM ESTUDO SOBRE A
LITERATURA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO PUBLICADA EM LÍNGUA
ESPAÑHOLA

MICHELE SAIONARA APARECIDA LOPES DE LIMA ROCHA

Tese apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. João Pedro Pezzato

Rio Claro – SP
2023

R672a

Rocha, Michele Saionara Aparecida Lopes de Lima

Para além das fronteiras brasileiras: um estudo sobre a Literatura Infantil de Monteiro Lobato publicada em língua espanhola / Michele Saionara Aparecida Lopes de Lima Rocha. -- Rio Claro, 2023

196 f. : tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientador: João Pedro Pezzato

1. Literatura Infantil. 2. Monteiro Lobato. 3. Las viejas fábulas. 4. América Hispânica. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS BRASILEIRAS: UM ESTUDO SOBRE A LITERATURA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO PUBLICADA EM LÍNGUA ESPANHOLA

AUTORA: MICHELE SAIONARA APARECIDA LOPES DE LIMA ROCHA

ORIENTADOR: JOAO PEDRO PEZZATO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. JOAO PEDRO PEZZATO (Participação Presencial)
IB / UNESP/Rio Claro (SP)

Profa. Dra. ANDRÉIA OSTI (Participação Presencial)
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Documento assinado digitalmente
CAROLINA GONÇALVES
Data: 16/05/2023 13:55:45-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. CAROLINA GONÇALVES (Participação Virtual)
Escola Municipal Pastor Nephtali Vieira Junior / Secretaria Municipal de Educação - Rio Claro/SP

Profa. Dra. RENATA CRISTINA OLIVEIRA BARRICHELO CUNHA (Participação Virtual)
GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada / Universidade Estadual de Campinas/SP

Prof. Dr. FILIPE RAFAEL GRACIOLI (Participação Virtual)
IPHAN - Centro Lucio Costa / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - RJ

Rio Claro, 27 de abril de 2023

*Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!*
Mario Quintana (2005, p. 257)

*Agradeço a todos os passarinhos que tenho encontrado em meu caminho: pica-pau, bem-te-vi, tico-tico, sabiá, coruja, maritaca, pardal, tucano, joão-de-barro, pomba, beija-flor, gavião-de-penacho, tordo, jilguero, milano e tantos outros... Obrigada pelo ensinamento de que sempre será possível compreender as mais belas metáforas de nossa existência nas coisas mais simples da VIDA.
Que todos nós sejamos livres e que possamos voar para além do esperado!*

*À professora Maria Augusta Hermengarda Wurthmann Ribeiro (in memorian),
por fomentar meus sonhos lobatianos com tanto apreço...*

AGRADECIMENTOS

Em meu percurso pessoal, acadêmico e profissional trilhei por caminhos imprevisíveis, intensos e extraordinários, os quais contribuíram para que hoje eu me tornasse o que sou. Durante essa experiência tive o auxílio, o apoio e o acompanhamento de muitas pessoas que estiveram e estão presentes, direta ou indiretamente, no meu trajeto até a finalização desta tese. Sou grata a cada uma delas pelas inúmeras contribuições e sei que sempre estarão em minha memória.

Primeiramente, torna-se indispensável agradecer ao protagonista desta tese, Monteiro Lobato, por escrever, persistir e inovar a Literatura Infantil. Por partilhar conosco seus sonhos e por nunca desistir das crianças. Obrigada por inspirar a nós, pesquisadores, e por possibilitar que lancemos olhares caleidoscópios sobre tantos temas importantes. Que Lobato continue provocando desejos para novos estudos!

Agradeço ao meu orientador Professor Doutor João Pedro Pezzato, por acreditar na potência da minha pesquisa, na minha capacidade e na infinitude de possibilidades que essa tese pode representar.

À Professora Doutora Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha por ter participado, desde o mestrado, do meu processo de pesquisa. As suas contribuições, em todos esses anos, foram fundamentais para me impulsionar a escrever essa tese.

À Professora Doutora Amaya Obata Mourino de Almeida Prado, pela acolhida e atenção em um momento delicado da tese em que eu precisava de ajuda para encontrar uma direção para continuar. Agradeço também as importantes contribuições na qualificação, as quais foram fundamentais e agregaram muito para essa pesquisa.

À Professora Doutora Andreia Osti, por me mostrar, antes mesmo de entrar no doutorado, que todas as mulheres são potentes e podem desenvolver muitas funções ao mesmo tempo e, mais especificamente, que é possível maternar e pesquisar. Agradeço também por prontamente ter aceitado participar da composição da banca final de defesa de doutorado, por sua leitura atenta e sugestões. Por ser inspiração como professora...

Ao Professor Doutor Filipe Rafael Gracioli, colega lobatiano de longa data, por ter aceitado participar como banca desse trabalho, por seus apontamentos e sugestões.

À Professora Doutora Carolina Gonçalves Souza, por aceitar compor a banca dessa tese, pela dedicada leitura e pelo retorno por meio de uma carta tão acolhedora.

Aos professores Doutor Silvio Tamasso D'Onofrio e Doutora Patrícia Aparecida Beraldo Romano, por terem aceitado participar como suplentes da banca de defesa de doutorado e pela leitura atenta dessa tese.

Em especial, tenho eterna gratidão à Professora Doutora Maria Augusta Hermengarda Wurthmann Ribeiro (*in memoriam*) pela possibilidade de permitir que eu crescesse e amadurecesse meus sonhos lobatianos, pelos cafés da tarde, pelos puxões de orelhas, pelas palavras afetivas e por tudo que se sucedeu a partir de nossos encontros. Agradeço, pois, de alguma maneira, continuou me orientando nesse estudo...

Aos professores da Unesp, por compartilharem seus conhecimentos, suas perspectivas e por fazerem provocações durante a minha escrita.

Aos amigos que a Unesp me deu desde o início do mestrado, pela partilha dos anseios, pelas palavras fraternas e pela torcida.

Aos amigos lobatianos do ObLob, pelas trocas, pelo posicionamento crítico e pelas alegrias ao descobrimos cada dia mais algo sobre Monteiro Lobato.

Aos amigos que o Universo me presenteou, por sempre me enviarem boas vibrações.

Aos meus alunos, por inspirarem em mim o desejo de me tornar pesquisadora, pelo carinho, pela reciprocidade nas aulas e por todos os ensinamentos, aprendi muito com cada um.

Aos meus colegas de profissão, os quais muitos tornaram-se amigos. Professores, diretoras e todos os funcionários das escolas que trabalhei, agradeço pelas partilhas, pelas palavras que acalentam e por todos os anos de convivência.

Aos funcionários da Unesp que me ajudaram sempre de maneira solícita e me proporcionaram a possibilidade de concluir essa tese.

Aos funcionários das Bibliotecas que cataloguei as informações para a escrita desse trabalho, por me atenderem prontamente e disponibilizarem os materiais solicitados.

Aos colegas que fiz na Argentina, por me auxiliarem nas diversas etapas dessa tese. Cristina, Marta, Klever, María Amalia e Valéria Coronel, obrigada!

À editora Cantera, pelas respostas dos e-mails e por disponibilizar materiais importantes para minha pesquisa.

Em especial, aos meus avós paternos Florindo (*in memorian*) e Paulina (*in memorian*) e à minha vó materna Marli, por me acolherem e me criarem com afeto, por acreditarem no meu potencial, por terem orgulho de mim e por possibilitarem que eu me tornasse uma pessoa melhor.

Aos meus familiares, mãe Sandra, pai Edson, irmãs Daiane, Francis, Same, Moema, meus sobrinhos, minha sogra Sônia, meu sogro Luiz e meus cunhados, agradeço a torcida durante meu percurso.

Ao meu fiel amigo Joey, meu cãopanheiro de todas as horas, por me mostrar que uma pausa para um lanchinho e para um carinho são fundamentais para renovar as energias.

Ao meu esposo Robinson, por me apoiar, me ouvir, ler por inúmeras vezes minhas escritas, por acreditar no meu potencial, por incentivar minha pesquisa, por me aconselhar, por me ajudar a focar, por me distrair de vez em quando, por embarcar em meus sonhos e por nunca desistir de mim. Amo você!

Ao meu filho Gabriel, que sempre será meu tico-tico, pelos abraços quentinhos, pelas lúdicas partilhas, pelos grandiosos ensinamentos e pela valorosa paciência. Eu te amo até a Lua...
IDA e VOLTA!

Às forças do Sagrado, por permitirem que eu chegasse até aqui...

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Monteiro Lobato, por meio de correspondências, relatou a amigos que estava descontente com a literatura infantil do Brasil no início do século XX, indicando que gostaria de escrevê-la de maneira que houvesse maior aproximação dos livros com a realidade dos pequenos leitores. Esse desejo foi colocado em prática e o autor produziu uma importante literatura infantil no decorrer de sua vida. A jornada, que começou de maneira branda, paulatinamente se expandiu para todos os cantos do Brasil e depois adquiriu novos horizontes na Argentina, quando Lobato traduziu e adaptou várias de suas histórias para o espanhol. Ao todo foram publicados 24 de seus livros infantis da saga do Sítio do Picapau Amarelo nesse idioma, além do lançamento de alguns livros inéditos, entre os quais encontramos *La Nueva Argentina* que aborda questões sobre o peronismo. Seus livros tiveram sucesso na língua estrangeira e foram comercializados em outros países da América Hispânica. Entre essas produções, em especial, o livro com fábulas chamou nossa atenção pelo fato de o próprio autor ter revelado em carta a seu amigo Rangel que teria realizado um trabalho de adaptação diferenciado ao revisá-lo para a escrita em espanhol. A partir disso, desenvolvemos este estudo problematizando quais critérios adaptativos foram adotados por Lobato para que *Las viejas fábulas* contemplasse suas preocupações para com as obras infantis também entre os leitores hispano-americanos. Para respondermos a essa indagação, traçamos como propósitos os objetivos de analisar o livro *Las viejas fábulas* de maneira comparada com seu livro originário, *Fábulas*, de modo a verificarmos que elementos adaptativos relacionados à linguagem e à cultura foram contemplados na tradução da obra para o espanhol e identificar alguns leitores estrangeiros que teriam sido cativados pelas escritas do autor, buscando compreender que marcas afetivas poderiam ter sido deixadas neles pelos escritos lobatianos. A partir de uma abordagem qualitativa que contemplou referenciais bibliográficos e documentos, buscamos respaldo para nos dedicar ao tema. Também nos embasamos no método comparativo para “ressaltar as diferenças e similaridades” (GIL, 2008) e no paradigma indiciário de Ginzburg (1989) como proposta de realizar os procedimentos interpretativos por meio de indícios pouco perceptíveis em uma análise menos detalhada. O estudo tem como resultados três principais apontamentos: o primeiro, refere-se às indicações de que os livros de Lobato circularam e circulam em diversos países da América Latina que têm o espanhol como língua oficial, o que demonstra a boa aceitação dos escritos fora do Brasil; o segundo, apresenta alguns registros de depoimentos espontâneos de leitores, os “*hijos de Lobato*”, os quais carregam marcas significativas e afetivas da literatura do autor da infância à idade adulta; e, o terceiro, indica que *Las viejas fábulas* apresenta alguns elementos da língua, da natureza e da cultura que foram articulados para que o livro proporcionasse proximidades com o contexto dos leitores de língua espanhola por meio de adaptações como uma proposta de tradução domesticadora (VENUTI, 1995), além também de apresentar elementos brasileiros, indicados com notas explicativas como uma proposta de tradução estrangeirizadora (VENUTI, 1995). As adaptações promovidas pelo autor nos revelam que o texto possibilitou o encontro de elementos culturais de países diferentes, originando uma produção híbrida. Com essa proposta de escrita, Lobato atraiu os pequenos leitores estrangeiros, não se limitando apenas aos argentinos, mas também aos de outros países hispano-americanos.

Palavras-chave: América Hispânica. *Las viejas fábulas*. Literatura Infantil. Monteiro Lobato.

ABSTRACT

Monteiro Lobato, through correspondence, told friends that he was dissatisfied with children's literature in Brazil at the beginning of the 20th century, indicating that he would like to write it in a way that brought the books closer to the reality of young readers. This wish was put into practice and the author produced an important children's literature throughout his life. The journey, which began mildly, gradually expanded to all corners of Brazil and then acquired new horizons in Argentina, when Lobato translated and adapted several of his stories into Spanish. In all, 24 of his children's books from the Sítio do Picapau Amarelo saga were published in that language, in addition to the release of some unpublished books, among which we find *La Nueva Argentina*, which addresses questions about peronism. His books were successful in the foreign language and were sold in other countries of Hispanic America. Among these productions, in particular, the book with fables caught our attention due to the fact that the author himself revealed in a letter to his friend Rangel that he would have carried out a differentiated adaptation work when revising it for writing in Spanish. From this, we developed this study questioning which adaptive criteria were adopted by Lobato so that *Las viejas fábulas* contemplated his concerns with children's works also among hispanic-american readers. In order to answer this question, we set out as purposes the objectives of analyzing the book *Las viejas fábulas* in a comparative way with its original book, *Fábulas*, in order to verify which adaptive elements related to language and culture were contemplated in the translation of the work into Spanish and identify some foreign readers who would have been captivated by the author's writings, seeking to understand what affective marks could have been left in them by lobatian writings. Based on a qualitative approach that included bibliographical references and documents, we sought support to dedicate ourselves to the theme. We are also based on the comparative method to "emphasize the differences and similarities" (GIL, 2008) and on the evidence paradigm of Ginzburg (1989) as a proposal to carry out the interpretative procedures through evidence that is barely perceptible in a less detailed analysis. The study has three main results as results: the first, refers to the indications that Lobato's books circulated and circulate in several Latin American countries that have Spanish as an official language, which demonstrates the good acceptance of writings outside the Brazil; the second presents some records of spontaneous testimonials from readers, the "hijos de Lobato", who carry significant and affective marks of the author's literature from childhood to adulthood; and, the third, indicates that *Las viejas fábulas* presents some elements of language, nature and culture that were articulated so that the book would provide proximity to the context of Spanish-speaking readers through adaptations as a proposal for a domesticating translation (VENUTI, 1995), in addition to presenting Brazilian elements, indicated with explanatory notes as a foreignizing translation proposal (VENUTI, 1995). The adaptations promoted by the author reveal to us that the text allowed the meeting of cultural elements from different countries, originating a hybrid production. With this writing proposal, Lobato attracted small foreign readers, not limited to argentinians only, but also those from other hispanic-american countries.

Keywords: Hispanic America. *Las viejas fábulas*. Children's literature. Monteiro Lobato.

RESUMEN

Monteiro Lobato, a través de correspondencia, dijo a amigos que estaba insatisfecho con la literatura infantil en Brasil a principios del siglo XX, indicando que le gustaría escribirla de manera que acercara los libros a la realidad de los jóvenes lectores. Este deseo se puso en práctica y el autor produjo una importante literatura infantil a lo largo de su vida. La travesía, que empezó con tibieza, se expandió paulatinamente por todos los rincones de Brasil y luego adquirió nuevos horizontes en Argentina, cuando Lobato tradujo y adaptó al español varios de sus cuentos. Para todos ellos, 24 de sus libros infantiles fueron publicados en la saga Sítio Amarelo Picapau en este idioma, además del lanzamiento de algunos libros inéditos, entre los que se encuentra *La Nueva Argentina*, que aborda cuestiones sobre el peronismo. Sus libros tuvieron éxito en la lengua extranjera y se vendieron en otros países de Hispanoamérica. Entre estas producciones, en particular, llamó nuestra atención el libro con fábulas debido a que el propio autor le reveló en una carta a su amigo Rangel que habría realizado un trabajo de adaptación diferenciado al revisarlo para escribirlo en español. A partir de ello, desarrollamos este estudio cuestionando qué criterios adaptativos adoptó Lobato para que *Las fábulas viejas* contemplaran sus inquietudes por la obra infantil también entre los lectores hispanoamericanos. Para responder a esta pregunta, se plantean los objetivos de analizar el libro *Las viejas fábulas* de forma comparativa con su libro original, *Fábulas*, para comprobar qué elementos adaptativos relacionados con la lengua y la cultura se contemplaron en la traducción de la obra al español e identificar algunos lectores extranjeros que se habrían sentido cautivados por los escritos del autor, buscando comprender qué huellas afectivas pudieron haber dejado en ellos los escritos lobatianos. Con base en un abordaje cualitativo que incluyó referencias bibliográficas y documentos, buscamos apoyo para dedicarnos al tema. También nos basamos en el método comparativo para “enfaticar las diferencias y similitudes” (GIL, 2008) y en el paradigma de la evidencia de Ginzburg (1989) como propuesta para llevar a cabo los procedimientos interpretativos a través de evidencias apenas perceptibles en un análisis menos detallado. El estudio tiene como resultado tres resultados principales: el primero, se refiere a los indicios de que los libros de Lobato circularon y circulan en varios países latinoamericanos que tienen el español como lengua oficial, lo que demuestra la buena aceptación de los escritos fuera del Brasil; el segundo presenta algunos registros de testimonios espontáneos de lectores, los “hijos de Lobato”, quienes llevan huellas significativas y afectivas de la literatura del autor desde la infancia hasta la edad adulta; y el tercero, indica que *Las viejas fábulas* presenta algunos elementos de lenguaje, naturaleza y cultura que fueron articulados para que el libro brindara acercamiento al contexto de los lectores de habla hispana a través de adaptaciones como propuesta de traducción domesticadora (VENUTI, 1995).), además de presentar elementos brasileños, señalados con notas explicativas como una propuesta de traducción extranjerizante (VENUTI, 1995). Las adaptaciones promovidas por el autor nos revelan que el texto permitió el encuentro de elementos culturales de diferentes países, originando una producción híbrida. Con esta propuesta literaria, Lobato atrajo a pequeños lectores extranjeros, no solo argentinos, sino también de otros países hispanoamericanos.

Palavras clave: Hispanoamérica. *Las viejas fábulas*. Literatura infantil. Monteiro Lobato.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Portão de entrada da Biblioteca Nacional do Chile – Santiago	13
Figura 2 - Preparação para o manuseio do material Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato – São Paulo	14
Figura 3 - Livraria Losada – Buenos Aires	15
Figura 4 - Livros de Lobato à venda em sebo – Buenos Aires.....	16
Figura 5 - Delta do Rio Tigre	17
Figura 6 - Na Argentina com os pequenos admiradores	58
Figura 7 - Alvo de carinhosa homenagem numa Escola argentina	58
Figura 8 – Capa de La Nueva Argentina	60
Figura 9 - Contracapa de 1946.....	104
Figura 10 - Contracapa de 1956	105
Figura 11 - Capa de Las viejas fábulas.....	105
Figura 12 - Capa de Fábulas	106

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparativo dos títulos dos livros de Lobato escritos em português e escritos em espanhol.....	55
Quadro 2 - Livros, tradutores, ilustradores e editoras	56
Quadro 3 - Países e editoras com publicações de livros infantis de Monteiro Lobato escritos em espanhol.....	77
Quadro 4 - Comparativo entre as fábulas importadas, fábulas escritas por autores nacionais e a fábula de Lobato escrita em português e em espanhol	100
Quadro 5 - Comparativo entre os nomes das personagens na edição em português e na edição em espanhol.....	112
Quadro 6 - Comparativo entre diferentes ditados populares na mesma fábula.....	118
Quadro 7 - Comparativo que indica a expressão idiomática da utilizada na fábula escrita em língua espanhola	120
Quadro 8 - Comparativo entre as substituições dos animais na fábula El hambre no tiene oídos	124
Quadro 9 - Animal encontrado no Brasil e na América Latina.....	125
Quadro 10 - Animal que não foi alterado na fábula e que passou a ser explicado por meio de uma nota de rodapé.....	126
Quadro 11 - Mesma espécie de árvore, mas que teve a nomenclatura diferenciada nos livros	127
Quadro 12 - Árvore que não foi alterada e ganhou uma nota explicativa no texto em espanhol	128
Quadro 13 - Alteração do item culinário brasileiro para o item culinário argentino.....	131
Quadro 14 - Alteração do item culinário de origem portuguesa para o item culinário de origem espanhola	132
Quadro 15 - Item culinário brasileiro que não foi alterado devido ao seu contexto e por isso teve suas informações indicadas por uma nota explicativa	133
Quadro 16 - Alteração do São Benedito para San Benito	137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resumo dos Bancos de dados e seus respectivos estudos sobre as palavras: Lobato, tradução e adaptação.....	34
Tabela 2 - Resumo dos Bancos de dados e seus respectivos estudos sobre as palavras: Lobato e Argentina	38

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEDAE – Centro de Documentação Cultural

IEB – Instituto de Estudos Brasileiros

IEL – Instituto de Linguagem

JEM – Jornal Estado de Minas

MEC – Ministério da Educação

PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola

SciELO – Scientific Electronic Library Online

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

MEMÓRIAS DE MICHELE: RUMO AO DESCONHECIDO LOBATO	7
INTRODUÇÃO: AO ENCONTRO DO NOVO LOBATO	18
CAPÍTULO 1 – DIÁLOGOS SOBRE LOBATO, O IMORTAL	30
1.1. Lobato, tradução e adaptação	31
1.2. Lobato e Argentina	36
CAPÍTULO 2 – AS AVENTURAS DE LOBATO: RECONTANDO A HISTÓRIA	46
CAPÍTULO 3 - MONTEIRO LOBATO PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS	65
3.1. ¿Dónde está Lobato?	66
3.2. Los hijos de Lobato	78
CAPÍTULO 4 – DA PARTIDA À CHEGADA: NAS TRILHAS LOBATIANAS DA LITERATURA INFANTIL NA AMÉRICA HISPANO-HABLANTE	94
4.1. Título	107
4.2. Personagens lobatianas	110
4.3. A linguagem verbal “desliteraturizada”	113
4.4. Elementos da natureza	121
4.4.1. Fauna	122
4.4.2. Flora.....	127
4.5. Gastronomia.....	129
4.6. Santos Católicos	134
4.7. Brinquedos.....	140
4.8. Diferenças e similaridades.....	149
ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: ENFIM, FÉRIAS-DE-LAGARTO.....	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	158
APÊNDICES	169
APÊNDICE A – Relação de Bibliotecas com livros escritos em espanhol de Monteiro Lobato	169

MEMÓRIAS DE MICHELE: RUMO AO DESCONHECIDO LOBATO

Eso de comenzar no es cosa fácil. Mucho más simple es terminar. Se pone un punto final y listo; o se escribe una palabra: Fin. Pero comenzar es terrible (LOBATO, 1956b, p.14).

Como indicou Emília, começar a escrever não é coisa fácil! É terrível... Penso que é ainda mais difícil por se tratar de Monteiro Lobato, tão conhecido e ao mesmo tempo tão enigmático...

Mesmo com tantas pesquisas que estudaram sua vida, suas histórias, suas proezas, suas lembranças... ainda assim poderia aparecer algo que escapou, talvez por frestas, por fendas ou por brechas e que nos conduziria a um desvio do que já sabemos, permitindo que sua memória fosse novamente colocada em evidência. Ao primeiro momento, saber informações de Lobato parecia muito simples, talvez pela quantidade de pesquisadores que já se debruçaram sobre as temáticas lobatianas, talvez pelo encanto que sua escrita me proporcionava a ponto de trazer intimidade com suas histórias, talvez pelos textos que já havia escrito antes. Com esses “talvez” em minha vida eu pensava que realmente o conhecia. Mas não era bem assim.

Minha experiência com a leitura começou desde muito pequena, na cidade de Assis, interior de São Paulo; estudei em uma creche pública e nela havia professoras que sempre contavam histórias. Por meio das narrativas, minhas fantasias eram ampliadas e meus sonhos começavam a se formar. Não me recordo muito sobre as temáticas delas, a não ser o livro da *Margarida friorenta*, de Fernanda Lopes de Almeida, mas muito provavelmente não havia leituras de livros lobatianos.

Quando fui morar com meus avós, na zona rural de Paraguaçu Paulista/SP, uma cidade do interior paulista, deparei-me com uma coleção da *Barsa*. Em pouco tempo já havia visto toda. Eu achava incrível aqueles livros terem tantas imagens coloridas. Nessa época, eu ainda não sabia ler, mas logo começou o ano letivo, fui para a primeira série e iniciei meus estudos pela cartilha *Caminho Suave*. Depois de um tempo, já sabendo as primeiras palavras, pude me arriscar na leitura daqueles livros e fazer associações com as imagens impressas.

Sobre os livros de Lobato, lembro que encontrei sozinha na biblioteca de outra escola municipal quando voltei para a cidade de Assis/SP, só não me recordo se o peguei para ler algum. Lembro das capas coloridas que me chamaram à atenção. Um pouco mais velha, nos anos finais do ensino fundamental, algumas professoras de língua portuguesa indicavam a leitura de algumas histórias de Lobato, mas até então eram apenas alguns capítulos. Diante

disso, em meu percurso como aluna do Ensino Básico não ocorreram grandes relações literárias com o autor.

Formei-me em Pedagogia em 2008 na Universidade Estadual de Londrina, no Paraná, e comecei a atuar como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Assis no ano 2009. Novamente tive contato com a literatura infantil, dessa vez com um olhar mais atento e reflexivo sobre as possibilidades que meus alunos tinham para ouvir ou para ler. No ano de 2010 me tornei professora efetiva do município de Rio Claro, São Paulo e desde então passei a dedicar-me mais à questão da leitura, buscando proporcionar aos pequenos vários e distintos gêneros no decorrer de minhas aulas. Depois, ao realizar o curso do programa *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC*, adquiri um respaldo maior para pensar em como abordar a leitura e a escrita com os meus estudantes.

Normalmente, escolhia um livro para uma leitura deleite com meus alunos no início das aulas. Buscava por exemplares curtos, para não me estender muito e acabar ficando sem concluir o conteúdo da aula. Em uma dessas buscas, no ano de 2012, peguei alguns livros de Lobato na biblioteca da escola em que trabalhava e comecei a folheá-los. Separei alguns e os levei como possibilidade de leitura no início das aulas. Entre esses livros, estava o *Fábulas*. Chamou-me a atenção as narrativas curtas, que poderiam ser lidas no começo das aulas e, ainda, o fato de meus alunos conhecerem algumas das histórias a partir da versão animada do *Sítio do Picapau Amarelo*, “Um lugar diferente” exibida à época na TV Globo aos sábados de manhã.

Comecei a ler o livro junto com eles e logo percebi que as narrativas chamavam a atenção de todos, principalmente porque associavam o que ocorria nas fábulas com acontecimentos do cotidiano. Por meio dos comentários feitos pelas personagens das histórias, os alunos se sentiam representados. Iniciei com a leitura de uma fábula por aula, mas logo pediam para ler mais e eu combinava que se houvesse tempo, contava outra no final do dia. Desta maneira, em mais ou menos dois meses, terminamos a leitura do livro lobatiano *Fábulas*.

Essa experiência me levou a ler outros livros do autor com meus alunos, inclusive com estudantes de outras turmas, já que atuava com reforço escolar e tinha contato com diferentes alunos. Com o passar do tempo trabalhei com diversas etapas de ensino e sempre investi na realização de trabalhos no âmbito escolar com Lobato. Entre eles, destaco o que foi realizado com uma turma de Educação Infantil, em que foi realizado um projeto de releitura coreografada do *Casamento da Emília*, como tema da apresentação da Festa Junina da escola.

Neste projeto também foi feita a produção de algumas receitas culinárias típicas do contexto da história, o que proporcionou mais uma experiência muito enriquecedora. Em meio a essas e outras aproximações com Lobato em minha jornada profissional, a primeira experiência ainda se sobressaía em minhas reflexões: o fato de meus alunos terem gostado tanto do livro *Fábulas* me fez pensar em estudá-lo com maior profundidade. Foi como escolhi o objeto de estudo no curso de mestrado que iniciei em 2013.

Considero importante destacar que o livro de Lobato que li para meus alunos faz parte do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), disponibilizado pelo Ministério da Educação (MEC). Esse programa, que se desenvolve desde 1997, tem como objetivo promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura aos alunos e professores por meio da distribuição de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento do programa é feito de forma universal e gratuita a todas as escolas públicas de Educação Básica cadastradas no Censo Escolar.

Fábulas está compreendido no “acervo 2”, o qual foi publicado no PNBE de 2012, e é indicado para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Por fazer parte do acervo disponibilizado pelo MEC, esse livro é considerado pelo Governo Federal como uma produção para promover “tanto a leitura literária, como fonte de fruição e reelaboração da realidade, quanto a leitura como instrumento de ampliação de conhecimentos, em especial o aprimoramento das práticas educativas entre os professores” (BRASIL, 2022, s/p). Interessante observar que o intento de Lobato ao propor o gênero fábula às crianças de sua época como a literatura que lhes faltava, concretiza-se hoje nas escolas públicas de seu país por meio desse programa.

Após muitas releituras do livro, embasamentos teóricos de diversos autores e contribuições de minha orientadora, desenvolvi a dissertação intitulada *Os recursos linguísticos no projeto de deslitteraturização de Monteiro Lobato: conhecendo a obra Fábulas*. Depois de concluída a pesquisa do mestrado, passado algum tempo, a inquietude pela busca de saber um pouco mais sobre o autor conduziu-me novamente a iniciar a presente pesquisa. Uma necessidade de me deslocar para o além do já trilhado, um certo desassossego gerou uma pergunta: e o que mais haveria para saber sobre Lobato?

Na verdade, a possibilidade de vir a conhecer um “desconhecido Lobato”, aquele que tinha seus textos traduzidos para o espanhol, se mostrava latente há algum tempo, ainda durante a escrita de minha dissertação. Esse “desassossego” começou ao encontrar em alguns trechos da obra *Fábulas* e em algumas cartas escritas por Lobato para amigos pistas de como o autor havia produzido sua escrita em linguagem deslitteraturizada. Durante meu percurso no

mestrado, ao buscar respostas para entender como havia sido o projeto de desliterarização de Lobato, deparei-me com um trecho de uma carta que ele havia escrito para seu amigo Rangel para indicar com vinha produzindo sua escrita para crianças. Em 1º de fevereiro de 1943 Lobato escreveu o seguinte ao amigo:

[...] De tanto escrever para elas, simplifiquei-me, aproximei-me do certo (que é claro, o transparente como o céu). Na revisão dos meus livros a saírem na Argentina estou operando curioso trabalho de raspagem - estou tirando tudo quanto é empaste.

O último submetido a tratamento foram as Fábulas. Como o achei pedante e requintado! Dele raspei quase um quilo de “literatura” e mesmo assim ficou alguma. O processo da raspagem não é o melhor, porque deixa sinais - ou “esquirolas”, como eu diria se ainda tivesse coragem de escrever como antigamente (LOBATO, 2010a, p. 550).

Justificando a importância de uma escrita com boa qualidade e explicando o que compreendia por empaste, Lobato escreveu nessa mesma carta uma comparação que fez entre a literatura e a pintura, indicando que o artista Marques Campão lhe havia contado como a técnica com aquarela deveria ser realizada. Para Lobato, a escrita deveria seguir a mesma estratégia, ambas deveriam ocorrer de maneira clara, sem sobreposição e sem excessos. Concluindo sua ideia, Lobato indicou que o segredo da aquarela revelado por Campão era “não empastar as cores, não sobrepor tintas, pois só assim alcançamos o que nesse gênero há de mais belo: a transparência”. Assim,

[...] No estilo literário dá-se a mesma coisa: o empastamento mata a transparência, tal qual nas aquarelas. Se eu digo “céu azul”, estou certo, porque não sobrepus tintas e obtive transparência. Mas se venho com aqueles “lindos” empastamentos literários que nos ensinaram (“céu azul turquesa” — “a cerúlea abóbada celeste”), estou fazendo literatura; e sobre a coisa linda que é a palavra “azul” sobreponho um tom empastante “turquesa” que no espírito do leitor irá sugerir a esposa dum Abud qualquer, ou “cerúleo”, que nos sugere cera, positivamente borro o azul do céu — em vez do céu lindo que eu quis descrever me sai uma “literatura”. A Dupré mostrou-me que se pode escrever com zero de “literatura” e 100% de vida [...] (LOBATO, 2010a, p.549-550).

Afetada pela leitura dessa carta, fui tomada por indagações que não conseguira responder naquele momento durante o mestrado, mas que acabaram por ficar guardadas e, mais tarde, impulsionaram-me neste novo desafio, o doutorado. O fato foi o de que eu estava pesquisando como a desliterarização de Lobato havia sido realizada na obra *Fábulas* em português e, ao ler essa carta, descobri que o autor havia ampliado seu projeto ao traduzir suas

obras para o espanhol. O termo desliteraturização, que a princípio causa estranhamento por ser desconhecido, corresponde segundo Parente (2012):

[...] ao processo de aproximação da linguagem às crianças, evitando a literatura como primazia de forma e privilegiando a oralidade, a fantasia, um vocabulário mais próximo do universo infantil, com temáticas mais interessantes à criança. Defendendo uma literatura infantil a “correr de pena”, singela, “estilo água no pote”, Lobato retira o “excesso de literatura” de seus textos, optando por uma escrita mais leve, próxima da língua falada, coloquial, recorrendo ao diálogo e exemplos “abrasileirados” que aproximam os leitores infantis da própria realidade (PARENTE, 2012, p. 34).

Lobato, não conteve esforços para alcançar novos horizontes de seu projeto de desliteraturização. Como indicou em entrevista a Silveira Peixoto, da *Gazeta-Magazine*, seus livros infantis estavam sendo editados na Argentina com planos de expandir a circulação de suas histórias “não só toda a América Latina como também nos Estados Unidos” (LOBATO, 2009, p.164). Para isso, o autor esboçou seu projeto articulando as melhores maneiras para que se concretizasse. Como afirmou na continuação da entrevista para Peixoto: “a tradução na Argentina está sendo feita. São muitos livros. Minha presença lá é necessária para dirigir o trabalho, fazer as necessárias adaptações” (LOBATO, 2009, p.164).

Ao observar essa parte da entrevista foi possível perceber que Lobato reconheceu que apesar da **tradução** de seus livros infantis estarem ocorrendo na Argentina, seria necessário “gastar” um certo tempo dirigindo esse trabalho nas necessárias **adaptações**. Diante disso, haveria indícios de que Lobato não queria apenas traduções literais de suas obras para o espanhol. Para ele, seriam necessárias “as raspagens retirando tudo quanto é empaste” nas adaptações, o que despertou em mim o interesse pelo tema. É claro que pensar sobre um texto em outra língua nos dias de hoje parece algo simples, mas o que não perdi de vista foi a temporalidade dos fatos; na época de Lobato, a maioria dos livros eram importados da Europa, quase não havia material para impressão deles e a comunicação era bastante complexa (Ah, se Lobato tivesse conhecido a internet!).

As palavras “**tradução**”, “**adaptação**”, “**Lobato**” e “**Argentina**” ficaram em minha cabeça num tamborilar frequente. O som que começou quase imperceptível foi aumentando com tanto vigor que ficava difícil pensar em outras coisas. O silêncio não existia mais, a vibração foi se intensificando, tal qual o som realizado pelo pica-pau em suas centenas de bicadas em candência realizadas na madeira, ora em busca de comida, ora em busca de refúgio. Eu precisava de algo mais!

Assim fui me deixando levar, como o pica-pau (amarelo com certeza!) que busca suprir suas necessidades. Eu também precisava entrar em ação. Aproveitei o ritmo e aos poucos, pelas fendas, começaram a emergir soluções capazes de alimentar e abrigar minhas reflexões. A princípio, as primeiras “bicadas” foram entrar no doutorado, dialogar com meu orientador sobre cada ideia para a pesquisa que me vinha a mente. A partir disso, tracei como objetivos: analisar o livro *Las viejas fábulas* de maneira comparada com seu livro originário, *Fábulas*, para poder verificar que elementos adaptativos relacionados à linguagem e à cultura foram contemplados na tradução da obra para o espanhol por Lobato e identificar alguns leitores estrangeiros que teriam sido cativados pelas escritas do autor, buscando compreender que marcas afetivas poderiam ter sido deixadas neles pelos escritos lobatianos. Mesmo com essas definições iniciais, ainda foram necessários novos voos em busca de “outras árvores” para que a pesquisa se concretizasse, processo o qual descrevo a seguir.

No percurso desse estudo, foi necessário cumprir disciplinas como parte obrigatória do doutorado. Entre elas, algumas contribuíram mais diretamente com minha pesquisa, outras foram importantes para meu entendimento do que é pesquisa e, já outras, trouxeram colaborações para minha vida. Por isso sou grata a cada professor e a cada professora que atuaram em seus ensinamentos com tanta dedicação, proporcionando-me reflexões sobre representações sociais, infância, autobiografias, leitura, literatura, memória, experiências e tantos outros itens que me tocaram de tal maneira que hoje fazem parte de quem sou.

Também encontrei em meu caminho muitos colegas de jornadas acadêmicas que tinham algum conhecimento para compartilhar, seja nas disciplinas ou no grupo de estudos comandado por meu orientador. Conversei com pessoas que se encantaram com o tema, indicaram leituras, algumas ficaram surpreendidas em saber que Lobato havia publicado livros em espanhol, outras espantadas por ele ter morado na Argentina. Em cada troca de olhar e em cada palavra amiga me sentia acolhida e decidida a continuar.

Ao definir o tema, surgido a partir das palavras “tradução”, “adaptação”, “Lobato” e “Argentina” que desencadearam o desejo desta escrita, realizei uma pesquisa de revisão bibliográfica para melhor compreender o que já havia sido estudado sobre o tema. E a partir do que foi levantado, consegui dialogar com outros pesquisadores que abordavam temas semelhantes ao meu. Adiante, realizei buscas on-line em catálogos de bibliotecas nos países que têm a língua espanhola como idioma oficial. Para minha surpresa, havia muito material nos acervos, o que me encorajou a continuar a pesquisa. A possibilidade de encontrar livros de Lobato escritos em idioma além do português reforçou em mim o desejo de conhecer esses exemplares pelos meus próprios sentidos. Eu queria vivenciar algo mais em relação a eles,

pois tal como Manguel, “Os volumes físicos foram para mim algo muito semelhante a criaturas de carne e osso, que compartilham da minha cama e da minha mesa” (MANGUEL, 2021, p.68). Isso me motivou a fazer algumas buscas físicas do material em questão.

Figura 1 - Portão de entrada da Biblioteca Nacional do Chile – Santiago



Fonte: ROCHA, 2023 (outubro de 2018).

Meu primeiro contato com essas obras ocorreu em outubro de 2018 em Santiago, no Chile. Na ocasião, em uma viagem não programada para esse propósito, tive a oportunidade de fazer uma visita à Biblioteca Nacional do Chile. Ao chegar no estabelecimento e encontrar portão lateral semiaberto, como que me fazendo o convite para entrar, tal como aparece na imagem acima, fui tomada por muitos sentimentos que depois ganharam ainda mais intensidade quando ingressei na biblioteca. Nela pude vivenciar a felicidade de ver, tocar e até cheirar pela primeira vez os livros de Lobato escritos em espanhol. Não havia muitos exemplares, mesmo assim consegui constatar uma certeza: eles existem!

Já mais focada na pesquisa e no que eu pretendia, realizei uma visita à Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, situada na cidade de São Paulo. Nela eu já estivera algumas vezes. A cada visita uma nova emoção era despertada em mim devido aos encontros com os muitos materiais sobre Monteiro Lobato.

Desta vez, a visita foi previamente agendada. Fiz a solicitação por e-mail para poder ter contato com os livros que selecionei pelo site. Chegando ao local, me apresentei e pedi para falar com o responsável pela seção. Foi necessário preencher um termo afirmando o cuidado com os livros. Nesse momento eu estava cheia de expectativas e a possibilidade do encontro me deixava com um frio na barriga.

Desloquei-me para a seção específica, o funcionário me aguardava e explicou as regras da biblioteca para realizar as consultas. Depois entregou-me luvas pretas de borracha

para o devido manuseio do material e me trouxe uma caixa com os livros pré-selecionados. Aos poucos fui me situando no local, sentei-me, contemplei por um tempo o que via (registrado na imagem abaixo); coloquei as luvas e em silêncio observei os exemplares que foram entregues.

Figura 2 - Preparação para o manuseio do material Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato – São Paulo



Fonte: ROCHA, 2023 (janeiro de 2019).

Além de livros, tive acesso às pastas com algumas cartas, as quais havia solicitado por já ter conhecimento devido às leituras de trabalhos na revisão bibliográfica, e, ainda, à fotocópia de *La Nueva Argentina*, livro de Lobato perpassado por tantos mistérios. Havia também 2 exemplares de livros infantis, eram eles *Las travesuras de Naricita* e *Las nuevas travesuras de Naricita*, publicados pela editora Losada em 2010 (que alegria ver edições recentes de livros lobatianos!).

Observei todos os materiais. Entre os exemplares de livros voltados aos adultos e de livros escritos para as crianças, virava cada página, via cada detalhe, escolhia qual material iria fotografar, via serem encontradas algumas minúcias. Procurei por pistas que poderiam me ajudar a entender o “desconhecido Lobato” junto às cartas que já haviam sido publicadas em livros. Tentei não deixar passar nada, afinal eu não sabia quando teria esse encontro novamente.

Aos poucos ocorreram novas descobertas. Tal como um pica-pau, o ritmo de “bicadas/estudos” foram se intensificando e as fendas ficando maiores. Mas ainda faltava chegar no ponto mais farto de “alimentos/informações”. Em janeiro de 2020 parti para minhas “aventuras” na Argentina. Neste momento, queria conhecer mais sobre os livros de Lobato, sua estadia em Buenos Aires e tentar descobrir mais referências para o estudo. Fiz mais

algumas visitas importantes para minha compreensão sobre a literatura infantil do autor. Durante os dias que estive lá, procurei por livros de Lobato em bibliotecas públicas, livrarias e sebos. Tal ação foi cansativa (andei tanto que até bolhas surgiram em meus pés). Não foi algo fácil, mas valeu cada passo meu.

Nas bibliotecas também foram necessários muitos cuidados com os livros. Os acervos eram restritos e exigiam agendamento prévio. Desta vez vi muitos livros de Lobato, seus diversos tamanhos, suas diferentes capas e suas inúmeras ilustrações. Procurei também pelo livro *La Nueva Argentina* (1947), mas a Biblioteca Nacional e a Biblioteca Del Congreso de la Nación, locais que contam com o exemplar do livro, estiveram fechadas no mês de janeiro e só consegui imagens do livro tempos depois, quando uma amiga que fiz no país foi ao local e me enviou fotos dele.

Quando realizei a visita a Biblioteca InfantoJuvenil Monteiro Lobato, tive contato com duas edições publicadas em 2010 pela Losada e por isso os procurei nas livrarias locais. Apesar de passar em muitos estabelecimentos, o encontro de livros com publicações mais recentes foi difícil na Argentina e só encontrei alguns exemplares dos livros *Las Travesuras de Naricita*, *Las Nuevas Travesuras de Naricita* e *Viaje al Cielo* na livraria da própria editora Losada. Entre os exemplares localizados, adquiri um exemplar de *Las travesuras de Naricita*.

Figura 3 - Livraria Losada – Buenos Aires



Fonte: ROCHA, 2033 (janeiro de 2020).

Cabe destacar que além das novas edições feitas pela editora argentina Losada, nas buscas pelos livros lobatianos em outros países da América Hispânica foram localizadas novas publicações feitas por editoras da Colômbia, do Chile e do Peru. Essas escritas recentes foram realizadas sem as opiniões e sugestões de Lobato, mas não tiraram de foco o estilo do

autor e por isso contribuem para que Lobato continue encantando leitores para além das fronteiras brasileiras em nossa atualidade.¹

Um dos momentos mais esperados por mim durante essa visita foi a procura de livros usados em sebos da capital, principalmente por ter visto anteriormente a venda deles em diversos *websites*. Achei que iria encontrar em muitos estabelecimentos, mas a verdade é que eles eram bastante procurados por leitores adultos que em algum momento tiveram contato com os livros do autor em sua infância e que queriam recordar as suas histórias, como me confessou o dono de um dos sebos que visitei.

Figura 4 - Livros de Lobato à venda em sebo – Buenos Aires



Fonte: ROCHA, 2023 (janeiro de 2020).

Enfim, após muito andar encontrei na loja de livros usados *Libreria Kafka* os exemplares que tanto procurei. Tratava-se de duas coleções com 23 livros cada (um deles apresenta duas histórias no mesmo exemplar), sendo que uma delas adquiri e trouxe para o Brasil para a realização de possíveis estudos. A lembrança desse momento tão esperado é uma das mais marcantes dessa pesquisa, pois a imagem dos livros de capas vermelhas, como indicado na imagem acima, destaca-se por entre outras cores.

Os livros encontrados no sebo, relativamente pequenos, com folhas amareladas e datados entre 1956 e 1957, indicaram-me que as histórias infantis de Lobato foram lidas fora do Brasil. Naquele momento, fiquei a imaginar quantas pessoas os teriam lido, quais das histórias teriam sido suas preferidas. Em um primeiro olhar não encontrei marcas neles que pudessem me responder, mas pensei na possibilidade de durante a minha pesquisa verificar que leitores teriam sido conquistados pelo autor, bem como na possibilidade da existência de “filhos de Lobato” (PENTEADO, 2011) para além das fronteiras brasileiras.

¹ Maiores reflexões foram feitas na escrita de “Novas travessuras hispano-americanas: um estudo sobre as recentes publicações infantis de Lobato em língua espanhola”, a qual foi submetida para a Revista *Literartes* da Universidade de São Paulo (USP).

Além da procura dos livros, também fiz uma imersão no contexto que cativou Lobato. Desta maneira, andei pelas ruas portenhas, percorri alguns pontos turísticos, como por exemplo o passeio no Delta do Rio Tigre, o qual ficou registrado pela imagem abaixo. E até comi algumas comidas típicas, ações tão apreciadas pelo escritor em sua estadia pelo país.

Figura 5 - Delta do Rio Tigre



Fonte: ROCHA, 2023 (janeiro de 2020).

Reviver minhas memórias por meio dessa escrita possibilitou que eu olhasse para minha pesquisa e recordasse todas as etapas que enriqueceram minhas reflexões e, que hoje, estão interiorizadas, fazendo parte de mim.

Desse percurso em que busquei pelo “desconhecido Lobato” também tenho muito a agradecer às pessoas com quem tive contato: orientador, professores, colegas de estudo, funcionários da Unesp, bibliotecários de inúmeras instituições nacionais e internacionais, vendedores de livros e tantas outras pessoas que em algum momento tiveram suas vidas cruzadas com a minha. Todas foram solícitas, compreensivas e me ajudaram muito para que eu encontrasse um autor que, apesar de já conhecer, ainda o desconhecia. Enfim, ao trilhar o caminho deste doutorado pude conhecer um “novo Lobato”, um Lobato que busco apresentar por meio da escrita desta tese. Convido-os à leitura e a conhecê-lo comigo.

INTRODUÇÃO: AO ENCONTRO DO NOVO LOBATO

La manera de leer de doña Benita era muy buena. Leía "diferente" de lo que estaba en el libro. Casi todos los libros que había para niños adolecían de una terrible falta de buen humor y estaban llenos de palabras del tiempo de Maricastaña. Donde, por ejemplo, estaba escrito "lumbre" leía "fuego". Donde estaba escrito "Vuestra Merced" leía "Usted", y todo resultaba doblemente interesante (LOBATO, 1957c, p.62).

Entre as diversas manifestações artísticas do ser humano encontramos a literatura, que vem sendo produzida com uma proposta de contribuir com o despertar de emoções nos leitores por meio de diferentes contextos. Para isso, durante anos os autores buscaram contemplar temáticas variadas, ampliando o espaço da literatura nas sociedades.

Diante dessas peculiaridades, alguns autores perceberam a necessidade de realizar um trabalho direcionado para as crianças e a literatura infantil começou a ganhar forma. A arte da palavra para os pequenos foi criada e se modificou de acordo com as características das sociedades em que ela teve circulação. No Brasil, uma das grandes influências dessa literatura foi o autor Monteiro Lobato (1882-1948), que ao longo de sua trajetória preocupou-se em escrever livros em que as crianças pudessem “morar”.

O autor observou o que havia até o momento em relação à literatura disponível no Brasil e notou a necessidade de uma literatura diferenciada, o que o levou a escrever de uma maneira particular, como indicou Alberto Conte (1948, p. 67): Lobato “formou um estilo originalíssimo, destacado e singular”. Ao fazer reflexões sobre o estilo literário do autor, o crítico indicou que ele é:

[...] a maneira própria, peculiar, de um escritor exprimir-se. Enquanto que com relação à correção os escritores devem obedecer às regras fixas e uniformes da gramática, no que respeita ao estilo, cada escritor é independente, e de um tanto maior valor quanto menos imita o estilo de outrem. O estilo em que exprime um escritor é uma resultante complexa: temperamento, educação, escola, ou corrente literária preferida... (CONTE, 1948, p. 65).

Por este entendimento, indicamos que diante da escrita de Lobato, nasceu o incomparável “estilo lobatiano” que de maneira crescente se solidificou ao longo dos tempos. Inicialmente, pelas realizações dos escritos no colégio que lhe despertaram o gosto pela escrita e depois pela escrita como profissão, começando suas publicações de livros para adultos, descobrindo-se finalmente na escrita para crianças. Ao longo de sua vida ele dedicou-se ao projeto que compôs uma literatura genuína e fez diversas reflexões sobre a linguagem, como é indicado por Lajolo:

A frequência do tema linguagem, ao longo da correspondência e da obra lobatiana, sanciona a hipótese de que cada livro de Monteiro Lobato – na realidade, cada edição de cada obra sua – constitui uma experiência de estilo, levada a cabo por um escritor consciente de que o trabalho artesanal com a linguagem é requisito de profissão. E, efetivamente, vários estudos apontam e aplaudem a inventibilidade com que Monteiro Lobato se move, no mundo da linguagem (LAJOLO, 2008, p. 18).

Lobato, com sua escrita realizada de maneira peculiar, compôs suas histórias por meio de seu estilo ímpar. Mesmo propondo algo inovador, ele não perdeu de vista a importância literária e embora tenha vivido “às turras com a gramática” o autor descobriu um jeito de lograr com a língua para revelar uma faceta do Brasil já conhecida, mas que até então era ignorada pelos literários da época. Lobato realiza para isso um “trabalho artesanal com a linguagem” (LAJOLO, 2008, p.18) que confrontou o padrão pré-estabelecido à época.

Barthes descreveu que temos uma relação de servidão e de poder que se confundem inelutavelmente e que nos transforma “ao mesmo tempo em mestre e escravo” (BARTHES, 2013, p.16) da linguagem. Dando continuidade, também indicou que somos mestres porque temos o poder de sermos usuários da língua e somos escravos porque nos submetemos às suas exigências, normas, classes gramaticais e, desta maneira, só mesmo trapaceando com a língua, não nos prendendo a regras gramaticais, para conquistar a tão esperada liberdade de escrita.

Notamos que assim fez Lobato, realizando um “trabalho artesanal com a linguagem” (LAJOLO, 2008) numa “relação de poder e escravidão com a língua” (BARTHES, 2013) em uma incansável busca para encontrar a medida perfeita no estilo literário (CONTE, 1948). O autor trapaceou com a língua e em um “jogo de palavras” (BARTHES, 2013) para articular suas próprias regras combinatórias, resultando na maravilhosa literatura infantil que conhecemos hoje.

Monteiro Lobato, que já havia iniciado seus escritos para adultos com produções que criticavam o distanciamento com a realidade dos leitores e buscavam realizar a aproximação da literatura com a vida dos brasileiros, notou a necessidade de uma produção para o público infantil por entender que para combater o modelo pré-estabelecido seria necessária “uma literatura profundamente emancipadora” (ZILBERMAN, 1993, p.230). Ele investiu em produções que contemplassem o contexto dos pequenos por acreditar na potencialidade deles para um promissor futuro da nação:

E há a significação da criança! Para quanta gente as crianças não passam duma simples *annoyance*, como dizem os ingleses! Para outras são

brinquedos, enfeites da casa, bonecas vivas. Poucos têm a verdadeira noção do que é criança para o mundo, ou para a humanidade. É a própria humanidade na parte em que se vai formando o futuro. O futuro!... Palavra tremenda. O futuro é tudo, é a continuidade, a perpetuação. O passado da humanidade é de alguns milhares de anos. O presente é o dia de hoje. O futuro é toda a imensidade de tempo que o homem possa viver neste planeta!... O presente é 1, o passado é 10- o futuro é 1.000 ou 1.000.000 - que sabemos nós?

Tudo o que a humanidade de amanhã vai ser está em germe na criança de hoje. Se fôssemos mais inteligentes e compreensivos, a vida na Terra poderia tornar-se edênica [...] (LOBATO, 2010b, p.215-216, grifo do autor).

Para que sua visão fosse compreendida e apoiada, Lobato teve um longo caminho, pois como indicou Perrotti (1986). Até o autor, a literatura infantil foi impulsionada por publicações de cunho didático e era realizada, na maioria dos casos, para fins escolares. Lobato, notando que até então havia um caráter utilitarista que não poderia proporcionar às crianças o que era almejado como literatura emancipadora, fez diversas escritas reflexivas para que suas ideias alcançassem muitas pessoas. Isso ocorreu, por exemplo, em um excerto do livro *A onda verde*:

O menino aprende a ler na escola e lê, em aula, a força, os horrorosos livros de leituras didactica que os industriaes do genero impingem nos governos. Coisas soporíferas, leituras civicas, fastidiosas patriotices.[...]. Aprende assim a destestar a patria, synonymo de séca, e a considerar a leitura como um instrumento de supplicio.

A patria pedagogica, as coisas da patria pedagogicada, a ininterrupta amolação d'uma patria de encomenda, empedagogada em estylo melodramatico, e embutida a martello num cerebro pueril que sonha acordado e, fundamente imaginativo, só pede ficção, contos de fada, historia de anõezinhos maravilhosos, “mil e uma noites” en summa, apenas consegue uma coisa: fazer considerar a abstracção “patria” como um castigo da peor especie [sic.] (LOBATO, 1922, p. 155-156).

Lobato estava descontente com o que as crianças tinham para ler e diante de suas reflexões buscou escrever de maneira inovadora a ponto de sua literatura se materializar por meio de livros, volumes e edições muito relevantes para o momento histórico do Brasil. Como afirmou Coelho:

[...] coube a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas idéias e formas que o nosso século exigia (COELHO, 1991, p. 225).

As reflexões e projeções literárias de Lobato para as crianças foram apontadas em diversas cartas escritas para seus amigos e mesmo depois dos livros prontos. Lobato não conseguia parar de repensar a sua escrita, buscando sempre o melhor para seus pequenos leitores. O fato era que o autor não se contentava com o que já havia escrito, como ele mesmo indicou: “a cada nova reedição dos meus livros ando eu a podar coisas que no momento de escrever me pareceram “belezas”² (LOBATO, 1964, s/p). Isso que podemos comprovar ao comparar de um mesmo livro em edições diferentes. Ele escreveu “lapidando seus textos e tornando-os uma joia preciosa” (ROCHA, 2015, p.105). Escrevendo-os de uma maneira diferente, para que ocorressem aproximações do leitor com sua realidade. O que o próprio escritor denominou como “desliteraturização”.

A inquietude fez Lobato colocar em prática a realização de traduções, de adaptações e da escrita de textos diferenciados para crianças, fugindo dos padrões impostos naquela época no Brasil. Ainda mais: o desassossego, que nunca deixou o autor, contribuiu para que suas intenções com a literatura aumentassem de tal maneira que culminou nele o desejo de que seus escritos perpassassem por outros percursos e escapassem dos limites fronteiriços de seu país.

Mais uma vez Lobato saiu de sua zona de conforto. Ele pensou em muitos detalhes para que seus planos fossem colocados em prática e publicou seus livros em espanhol. Sua estratégia foi a mesma que no Brasil: primeiro foram lançados livros para adultos e depois para crianças. As produções fizeram sucesso por entre os leitores estrangeiros, pois como afirma Ferreira (2011, p.10), a obra dele “se movimenta por culturas do mundo rural e do moderno, de épocas distintas, e cruza fronteiras de países e até de planetas”.

O processo de “lapidação” de suas obras envolveu muitas reflexões com intelectuais de outros países da América Latina e se firmou na Argentina. O intercâmbio literário com tradutores e ilustradores foi realizado e suas obras infantis foram lançadas por algumas editoras do país. Lobato, que sempre gostou de “cuidar de perto de suas criações” (LOBATO, 2010a), mudou-se com a família para Buenos Aires em 6 de junho de 1946 e passou a vivenciar experiências com a sociedade local.

Entre a admiração dos adultos e o carinho das crianças, Lobato ficou encantado pela sua estadia portenha: “sentia-se feliz, festejado, querido, os negócios caminham ainda melhor do que esperava. Seus livros infantis são vistos em tôdas as vitrinas de livrarias e não há

² Trata-se de carta enviada por Lobato a Cesidio Ambrogi em 1944 e que se encontra no arquivo da Biblioteca Monteiro Lobato, na cidade de São Paulo-SP. Pasta 33A – documento 3583 [cópia xerográfica de datiloscrito]. 26, 7, 944.

escritor argentino de alguma categoria que não tenha desejado conhecê-lo” (CAVALHEIRO, 1955, p.665).

Por diversos motivos, os novos sonhos envolvendo toda a América Latina não foram concretizados. As preocupações com o povo brasileiro, a saúde fragilizada, a saudade de seus amigos, a nostalgia da língua e o desamor pelo frio fizeram Lobato retornar para o Brasil em 8 de junho de 1947.

Ademais, o autor não teve tempo de retomar o planejamento dos novos sonhos que lhe tomavam a cabeça em uma jornada pela América, a qual seria “uma sossegada viagem pelo Pacífico, Andes acima até o México, uma viagem sem pressa, parando em cada cidade o tempo que desse na veneta, até enjoar e vendo sempre caras novas” (CAVALHEIRO, 1955, p.664). Em 4 de julho de 1948, Lobato mergulhou no além em um “salto final para a eternidade” (CAVALHEIRO, 1955, p.678).

Entre as muitas cartas que Lobato escreveu a Rangel, um trecho em especial nos chama a atenção, pois nele o autor revelava: “Na revisão dos meus livros a saírem na Argentina estou operando curioso trabalho de raspagem - estou tirando tudo quanto é empaste. O último submetido a tratamento foram as Fábulas” (LOBATO, 2010a, p. 550). Esse excerto suscitou nosso interesse e foi partir dele que buscamos pensar sobre a seguinte problemática nesta pesquisa: *Que critérios adaptativos foram adotados por Lobato para que Las viejas fábulas contemplasse sua preocupação para a aceitação do livro entre os leitores latino-americanos de língua espanhola?*

Para respondermos a essa questão, traçamos como propósito do desenvolvimento deste estudo os objetivos de analisar o livro *Las viejas fábulas*, publicado em 1956 pela editora Losada, de maneira comparada com seu livro originário, *Fábulas*, publicado em 1957 pela editora Brasiliense, para poder verificar que elementos adaptativos relacionados a linguagem e cultura foram contemplados na tradução da obra para o espanhol por Lobato; e, ainda, identificar alguns leitores estrangeiros que teriam sido cativados pelas escritas do autor, buscando compreender que tipos de influências poderiam ter sido deixadas por meio dos escritos lobatianos e que teriam contribuído com a formação de suas convicções.

Para alcançar os objetivos propostos e responder a problemática que apresentamos, o desenvolvimento do trabalho se deu com base na abordagem qualitativa a partir de pesquisa bibliográfica e de documentos, a qual segundo Antonio Joaquim Severino (2007) é:

[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. e utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros

pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes do texto (SEVERINO, 2007, p. 122).

Desta maneira, diante da delimitação da pesquisa, foram realizadas investigações virtuais em diversos websites dos países da América Latina e buscas presenciais em lugares do Brasil, do Chile e da Argentina em busca de materiais como produções literárias do autor em espanhol, produções da imprensa, correspondências de Lobato com amigos e intelectuais, estudos acadêmicos sobre o tema e depoimentos espontâneos de leitores estrangeiros do autor.

Para a elaboração das análises dos referidos materiais, compreendemos que o mais viável para a nossa pesquisa seria assumir como base para nosso caminho metodológico o paradigma indiciário, de Carlos Ginzburg, devido à proposta que seu “modelo epistemológico” delimita em relação às investigações. Para isso, tomamos como base o livro *Sinais - Raízes de um paradigma indiciário*, escrito pelo autor em 1989. Nessa obra, Ginzburg apresenta seus apontamentos e reflexões em relação ao paradigma indiciário ou divinatório sobre a história da humanidade, como ele denominou no livro.

Dentre as discussões promovidas pelo autor, está a afirmação de que para se reconhecer uma obra de arte original seria fundamental perceber a diferença que essa teria em relação a uma réplica, sendo, para isso, “preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis”, mas sim “examinar os pormenores mais negligenciáveis e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés” (GINZBURG, 1989, p.144). Assim, pelo paradigma indiciário, Ginzburg (1989) procurou mostrar como os indícios podem manifestar a constituição de diversos sentidos e indicou que no campo das artes ao se observar os detalhes seria possível diferenciar uma obra falsa da original. Desta maneira, o principal foco não seria a atenção aos traços comuns do artista, mas sim na observação feita aos detalhes que poderiam passar despercebidos, pormenores da obra, elementos que somente o verdadeiro artista poderia reproduzir.

Para Ginzburg (1989), as particularidades são o que comprovam a presença do artista, assim como as impressões digitais denunciam o autor de um crime. Por isso, um conhecedor da arte poderia ser comparado a um detetive, que busca por rastros imperceptíveis e encontra o autor de um crime. O autor também afirmou que seria impossível aprender o ofício de conhecedor obedecendo-se a prática de seguir regras pré-determinadas, pois para essa

habilidade seria necessário movimentar elementos imponderáveis, como a intuição, o faro, o golpe de vista.

Outra questão desenvolvida pelo autor na obra *Sinais* refere-se à importância de no curso da investigação buscar-se validar diferentes vestígios. Por meio da metáfora dos caçadores, Ginzburg (1989) chama a atenção para a importância de se observar diferentes pistas para o minucioso conhecimento da realidade. Conforme ele explicou, os caçadores, desde os tempos mais primitivos, decifravam ou liam “as pistas dos animais” (p.152), entre as quais pode-se indicar “pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados” (GINZBURG, 1989, p. 151). Assim, considerando esses diferentes rastros era possível criar uma narrativa coerente dos fatos ocorridos em um determinado contexto.

Desta maneira, o procedimento apresentado pelo autor nos possibilita pensar em um “modelo epistemológico” (p.143) de uma minuciosa observação da realidade em que somos conduzidos a considerar indícios marginais, rastros que, em um primeiro momento aparentariam não ter importância, mas que se mostram fundamentais para se chegar ao descobrimento daquilo que se procura. Para Ginzburg (1989), “a proposta de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores” (p.149) são de extrema importância para distinguir os componentes de cada realidade e “desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, ‘baixos’, forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano” (p.149-150).

Ao trabalhar com a perspectiva investigativa que Ginzburg indicou e trazer a inspiração metodológica que o referido autor propôs a esse estudo, pode-se agregar a possibilidade de lidar com os dados em um caminhar consonante com os objetivos da presente pesquisa pelo desenvolvimento de um olhar atento, investigativo e desvelador em busca dos rastros deixado por Lobato em sua empreitada em publicar suas obras em espanhol. No decorrer de nossa investigação, conforme poderá ser visto em cada capítulo do texto, procuramos lançar nosso olhar aos diferentes indícios como forma de desvelar informações pertinentes a uma melhor compreensão dos pormenores e particularidades de *Las viejas fábulas* e como esse livro agregou valores ao projeto literário de Lobato fora de seu país.

Para refinarmos os resultados encontrados em nossa pesquisa, destacamos que também tivemos como base os pressupostos do método comparativo. Esse, segundo Gil (2008, p.16-17),

[...] procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles. Sua ampla utilização nas ciências sociais deve-se ao fato de possibilitar o estudo comparativo de grandes grupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo. Assim é que pode ser realizados estudos comparando de diferentes culturas ou sistemas políticos. Podem também ser efetivadas pesquisas envolvendo padrões de comportamento familiar ou religioso de épocas diferentes.

Entre os diversos campos que podem ter a abordagem comparativa como respaldo para análises em pesquisas, escolhemos realizar nosso estudo comparativo na literatura, a qual é definida por Antonio Candido (1989) da maneira mais ampla possível como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (CANDIDO, 1989, p. 112).

Ao optar por comparar a literatura por meio de investigações de dois livros do mesmo autor entendemos que, apesar de ser a mesma obra, os exemplares foram publicados pensando em pessoas distintas. Além disso, no processo de escrita de *Las viejas fábulas*, Lobato junto ao tradutor Sosa fizeram opções tradutórias que distinguiram o livro escrito em espanhol do livro primário escrito em português. Nesse sentido, a escolha pelo método comparativo como base no processo de investigação ocorreu por verificarmos a necessidade de “ressaltar as diferenças e similaridades” (GIL, 2008, p.16) entre os livros escolhidos.

Entender a complexidade dessas escolhas tradutórias em *Las viejas fábulas* exigiu observar os indícios (GINZBURG, 1989) que eram apresentados como possibilidades de tornar o livro uma proposta relevante para que as crianças tivessem como opção de leitura as tradicionais fábulas, um gênero milenar reconhecido mundialmente, e que fosse, ao mesmo tempo, escrito com elementos atuais do contexto dos leitores. Diante disso, e para garantir a viabilidade dos resultados obtidos nessas comparações, faz-se necessário realizar algumas observações de como o processo tradutório é entendido no campo literário.

Sobre isso, destacamos que o desenvolvimento da tradução não é neutro e não reproduz apenas o conteúdo em outra língua. Ele ocorre de maneira transformacional, resultando na “inevitável interferência promovida pelo tradutor e a relatividade da ‘fidelidade’.” (RODRIGUES, apud. AMORIM, 2005, p.11). Por isso, como indicado por Benjamin (2009, p.79) a tarefa do tradutor é a de redimir na própria língua “a pura língua, exilada na estrangeira” de modo a liberar “a língua do cativo da obra por meio da recriação”.

Durante sua vida Lobato fez diversos trabalhos de tradução, além de suas famosas adaptações. Ao realizar parcerias com tradutores estrangeiros para que seus livros infantis saíssem em espanhol, o autor participou ativamente de todo o processo e para isso teve como suporte a experiência que desenvolveu no Brasil desde suas primeiras escritas. Isso possibilitou que as traduções de seus livros ocorressem com características próprias, porque ele tinha um olhar diferenciado para as práticas tradutórias:

Há muitas maneiras de ler. Talvez que a mais profunda seja a de quem verte um livro para outra língua. O tradutor é um escafandrista. Mergulha na obra como num mar; impregna-se dum pensamento concretizado de um certo modo - o estilo do autor - e lentamente o vai moldando no barro de outro idioma, para que a obra não admita fronteiras. Sem esses abnegados trabalhadores, a literatura ficaria adstrita a pátrias, condenada a limites muito mais estreitos do que os permitidos pela sua potencialidade (LOBATO, 2010b, p.180).

Compreendendo que se o autor tinha essa visão sobre como um texto deveria ser transcrito para outra língua, fica evidente que seus livros infantis que saíram em Buenos Aires não poderiam ter sido apenas vertidos para o espanhol, pois a proposta do autor perpassava o intuito de que os livros traduzidos deveriam ser “moldados no barro de outro idioma, não admitindo fronteiras” (LOBATO, 2010b). Desta maneira, tornou-se necessário refletir sobre qual seria a melhor proposta para o nosso trabalho em relação aos critérios adaptativos que foram adotados em *Las viejas fábulas*. Entre as possibilidades de interpretações de estratégias tradutórias que podem ser utilizadas para o estudo da literatura, em nossa pesquisa optamos por fazer nossas análises comparativas por meio dos entendimentos da tradução domesticadora e da tradução estrangeirizadora, abordagens essas que o pesquisador americano Lawrence Venuti destacou em diversos estudos, como por exemplo, na indicação de suas reflexões sobre a obra *The Translator's Invisibility* de Friedrich Schleiermacher:

Ao admitir [...] que a tradução nunca se adequará completamente ao texto estrangeiro, Schleiermacher permitiu que o tradutor escolhesse entre o método domesticador, uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores culturais da língua-alvo, o qual traz o autor para o país do tradutor e um método estrangeirizador, uma pressão etnodesviante sobre esses valores para registrar o diferencial linguístico e cultural do texto estrangeiro, remetendo o leitor para o estrangeiro (VENUTI, 1995, p.19-20 – tradução livre).³

³ Admitting [...] that translation can never be completely adequate to the foreign text, Schleiermacher allowed the translator to choose between a domesticating method, an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing method, an ethnodeviant pressure on

Pelos apontamentos de Venuti (1995), compreendemos que a tradução domesticadora se desenvolve de maneira a tornar o texto estrangeiro mais próximo dos leitores a quem vai se destinar a tradução, ocultando diferenças e adaptando o texto para a cultura da chegada, havendo substituições de expressões culturalmente específicas para expressões familiares dos leitores receptores. Já a tradução estrangeirizadora procura manter o texto o mais próximo do original, conservando características linguísticas, culturais e históricas do texto de partida.

Nossa opção de analisar *Las viejas fábulas* pela ótica da tradução domesticadora e da tradução estrangeirizadora ocorreu por percebemos em nossa releitura que quando *Fábulas* foi versado para o espanhol, algumas estratégias foram elaboradas, por Lobato e pelo tradutor Sosa, de modo que em alguns momentos ocorreram modificações no livro com repertórios dos leitores receptores e em outros momentos foram mantidas as características do livro Brasil.

Esse complexo trabalho permitiu proporcionar ao livro *Las viejas fábulas* o encontro de sociedades com línguas, culturas e elementos da natureza diferentes, mas sem que isso prejudicasse a recepção dos leitores hispano-americanos. Com essas observações, percebemos depois de várias releituras de *Las viejas fábulas* e *Fábulas*, além de pesquisas bibliográficas e documentais, que os caminhos de Lobato foram ampliados para além das fronteiras brasileiras. Após nossa vasta dedicação, chegamos ao resultado desse trabalho que dispõe da seguinte estrutura:

CAPÍTULO 1 – DIÁLOGOS SOBRE LOBATO, O IMORTAL: nesse item nos dedicamos na realização de um estudo exploratório para encontrar o que já havia sido publicado sobre o tema. Para isso fizemos dois levantamentos bibliográficos, o primeiro utilizando as palavras Lobato + tradução + adaptação e o segundo, afunilando mais a temática, utilizando as palavras Lobato + Argentina. Em ambas as buscas visitamos bancos de dados e fizemos um levantamento nos bancos de dados eletrônicos de três universidades paulistas (UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas e USP - Universidade de São Paulo), no portal eletrônico SciELO (Scientific Electronic Library Online) e no catálogo de teses e dissertação da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). A partir dos resultados elencados, procuramos dialogar com pesquisadores encontrados, o que fomentou os desdobramentos apresentados em nosso estudo.

those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad (VENUTI, 1995 p.19-20).

CAPÍTULO 2 – AS AVENTURAS DE LOBATO: RECONTANDO A HISTÓRIA: nesse item fizemos uma apreciação do percurso do autor. Primeiro apontamos algumas indicações sobre como a História do autor, observando que desde seu nascimento seu enredo se entrelaçou com importantes momentos da História do Brasil, o que fomentou nele o desejo de mudanças. Depois exploramos as trilhas que Lobato seguiu fora de seu país, desta vez para a produção de textos em língua espanhola. Para isso, observamos o material epistolar entre o autor e intelectuais da Argentina, o que proporcionou importantes intercâmbios literários para o novo projeto lobatiano. Verificamos que Lobato enviou alguns trechos de livros para compor o jornal *La Prensa* e isso proporcionou que o autor ficasse conhecido em outro país por meio dessas veiculações. Notamos que após o empenho do autor junto aos seus parceiros literários, os livros foram traduzidos e adaptados, sendo comercializados na Argentina e em outros países da América Latina que têm a língua espanhola como idioma oficial. Finalmente nesse capítulo, descrevemos a estadia lobatiana em Buenos Aires e sua volta ao Brasil.

CAPÍTULO 3 - MONTEIRO LOBATO PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS: nesse item buscamos compreender por onde os livros infantis escritos em espanhol estariam circulando e para isso fizemos consultas de modo físico e de modo on-line sobre o acervo literário de Lobato em bibliotecas públicas de diferentes países. Destacamos que, de maneira mais específica, na Argentina a pesquisa foi mais intensa, já que esse foi o local onde o autor solidificou suas publicações, e por isso além de bibliotecas também fizemos buscas em livrarias e em sebos da capital Buenos Aires. Indicamos nesse capítulo onde foram localizados livros de edições antigas e de edições mais recentes publicados por 17 editoras nos seguintes países: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, México, Peru, Uruguai e Venezuela. Progredimos nossos estudos e encontramos registros e depoimentos espontâneos de leitores, os quais denominamos, inspirados em Penteado (2011), como “los hijos de Lobato”. Aqui indicamos relatos de pessoas famosas e de pessoas anônimas, que em seus apontamentos, de modo implícito ou explícito, revelaram que havia em suas formações marcas significativas e afetivas da literatura do autor, as quais foram transpostas da infância para a idade adulta.

CAPÍTULO 4 – DA PARTIDA À CHEGADA: NAS TRILHAS LOBATIANAS DA LITERATURA INFANTIL NA AMÉRICA HISPANO-HABLANTE: nesse capítulo destacamos que o autor desejava escrever textos diferentes dos importados, os quais segundo Lobato tinham poucas relações com a realidade do leitor brasileiro. Diante dessa motivação, ele produziu muitos livros que iam contra os padrões europeus pré-estabelecidos. Vimos que o autor por meio de intercâmbios literários, percebeu que os leitores hispano-americanos

também tinham poucos recursos para uma leitura que contemplasse o desvencilhamento europeu e por isso ampliou seu projeto para a defesa da identidade literária latino-americana. A partir deste entendimento, escolhemos analisar o livro *Las viejas fábulas* de maneira comparada com sua publicação originária, *Fábulas*, de modo a verificar que elementos adaptativos relacionados à linguagem, aos elementos da natureza e aos elementos da cultura foram contemplados na tradução para o espanhol e que puderam contribuir com o intento do autor. Objetivando o intento desse capítulo nos baseamos em Venuti (1995) e vimos que por meio de traduções que buscavam a estrangeirização em alguns momentos e domesticação em outros Lobato, em conjunto a Sosa, procurou a melhor maneira para que o seu livro fosse bem recebido pelos leitores estrangeiros. Como resultados, destacamos sete itens que foram bastante elaborados nesse processo tradutório: o título do livro, as personagens lobatianas, a linguagem verbal “desliteraturizada”, os elementos da natureza, a gastronomia, os santos católicos e os brinquedos.

Diante das informações destacadas foi possível perceber que Lobato inovou ao lançar sua literatura para além das fronteiras e para isso o autor participou ativamente do processo tradutório de *Las viejas fábulas*, proporcionando aos leitores um conjunto de características de países diferentes que se encontraram, em um processo com múltiplas conexões que articularam a língua, a natureza e a cultura.

CAPÍTULO 1 – DIÁLOGOS SOBRE LOBATO, O IMORTAL

Insistió Emilia - El hecho de que toda la gente muera no es razón para que él muriese. Podía quedar para semilla, como el judío errante. Ser una excepción. [...] –¡No murió nada! – decía -. ¿Como iba a morir si es inmortal? (LOBATO, 1956a)

Emília, “vista por muitos como o alter ego de Lobato, através de quem ele emite os seus pontos de vista” (SANDRONI, 1987, p.53), revelou que Dom Quixote não deveria morrer, sendo uma exceção. Por essa indicação, entendemos que Emília falava o que Lobato pensava. Por isso, compreendemos que autor defendia que existiriam livros que, por serem lidos em diversos momentos históricos, trazem alguns personagens que jamais são esquecidos, os quais são imortais, tal como é o caso de Dom Quixote.

Pensando desta maneira, percebemos que o Monteiro Lobato, por ser contemplado em vários estudos dedicados sobre a sua vida e sobre a sua dedicação à literatura, jamais poderá ser esquecido. Assim, devido às suas diversas nuances, que podem conduzir a uma infinidade de possibilidades, o autor tornou-se imortal. Sim! O eterno Lobato, aquele que já contou tantas histórias, ficou para “semente” e tem agora sua História contada por pesquisadores que descobrem, a cada novo estudo, um pouquinho mais sobre ele.

Diante dessa amplitude lobatina, que torna o assunto tão próspero, seria importante realizar um estudo panorâmico sobre a produção acadêmica a respeito do tema, buscando no rol de estudos lobatianos os sinais ou indícios (GINZBURG, 1989) que pudessem fornecer pistas para nosso entendimento sobre o assunto, bem como a contribuição para a abertura de outras e novas investigações sobre a temática.

Assim, veremos neste Capítulo o que já foi realizado, elaborando um estudo exploratório que pode nos indicar, de maneira mais refinada, o entendimento de que tipo de aprofundamento já foi contemplado sobre o tema que nos propomos a pesquisar neste trabalho. Desta maneira, poderemos dialogar com esses estudos na tentativa de realizar um exercício teórico que desperte questionamentos, desdobramentos e indique lacunas às quais nossa pesquisa possa se dedicar.

Para estabelecer o recorte da revisão bibliográfica, contemplamos buscas on-line entre os meses de julho a dezembro de 2021, sendo escolhidos como fontes os bancos de dados eletrônicos de três universidades paulistas (UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas e USP - Universidade de

São Paulo), o portal eletrônico SciELO (Scientific Electronic Library Online) e o catálogo de teses e dissertação da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Neste sentido, encaminhamos este momento do texto a uma revisão bibliográfica que contemplou duas etapas de investigação com os seguintes termos: 1º eixo: *Lobato + tradução + adaptação* e 2º eixo: *Lobato + Argentina*.

Como resultado das duas etapas, foram elencados apenas trabalhos em que o próprio título indicou estreita relação com os termos ou trabalhos que tinham como palavras-chave algum vínculo com nosso assunto, não sendo considerados os que apenas citavam a temática. Os estudos escolhidos como pertinentes resultaram na primeira busca em um total de 21 (vinte e um) trabalhos e na segunda busca tivemos um total de 07 (sete) trabalhos (visto que no portal da Capes repetiu-se os resultados da USP e Unicamp e por isso não foram contabilizados), os quais serão analisados com atenção a seguir na procura por compreender o que já foi apontado por outros pesquisadores e que diálogos poderíamos realizar com essas pesquisas.

1.1. Lobato, tradução e adaptação

A primeira pesquisa baseou-se em compreender quais tipos de abordagens haviam sido contempladas nas pesquisas sobre o autor e sua relação com a tradução ou com a adaptação. Os 21 (vinte e um) trabalhos selecionados, entre teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e artigos publicados em periódicos, estavam dispostos nos catálogos das nossas fontes de busca da seguinte maneira:

Na Universidade de São Paulo – USP encontramos 04 (quatro) trabalhos:

03 (três) teses:

- Os moinhos de vento no Brasil: uma leitura da adaptação de 'Dom Quixote das crianças' de Monteiro Lobato - Rosa Maria Oliveira Justo (2006);
- As adaptações do Quixote no Brasil (1886-2013): uma discussão sobre retraduições de clássicos da literatura infantil e juvenil – Silvia Beatriz Cobelo (2015);
- Dom Quixote e o jovem leitor: estudo das adaptações da obra e sua recepção no âmbito escolar (Brasil e Espanha) – Paula Renata de Araujo (2017);

01 (uma) dissertação

- A chave do tamanho: proposta de edição da obra de Monteiro Lobato na Itália – Silvia Pozzati (2014);

Na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp encontramos 06 (seis) trabalhos:

02 (duas) teses

- Viagens de Gulliver ao Brasil: estudos das adaptações de Gulliver's Travels por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato – Adriana Silene Vieira (2004);
- Lobato e os carrascos civilizados: construção de brasilidade via reescritura de Warhaftige História, de Hans Staden – Vanete Dutra Santana (2007);

03 (três) dissertações

- Um inglês no sítio de Dona Benta: estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil Lobatina – Adriana Silene Vieira (1998);
- Duas personagens em uma Emília nas traduções de Monteiro Lobato – Gustavo Máximo (2004);
- A cultura alemã na obra infantil Aventuras de Hans Staden, de Monteiro Lobato – Lucila Bassan Zorzato (2007);

01 (um) trabalho de conclusão de curso

- Monteiro Lobato: do Quixote de Cervantes ao Quixote das crianças – Paula Pinheiro Travaini (2005);

Na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” encontramos 02 (dois) trabalhos:

01 (uma) tese

- Monteiro Lobato reescritor de Kipling – Pedro Albeirice da Rocha (2002);

01 (uma) dissertação

- Mamãe Ganso à brasileira: as personagens de Perrault no Sítio do Picapau Amarelo – Geovana Gentili Santos (2009);

No catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes encontramos:

06 (seis) dissertações:

- A Tradução das expressões idiomáticas por Monteiro Lobato em "The Adventures of Huckleberry Finn": uma análise à luz da teoria da relevância – Taciana Bylaardt Volker (2005, Universidade Federal de Minas Gerais);
- A Literatura Infantil/Juvenil brasileira na França: où est Lobatô? – Vanessa Gomes Franca (2007, Universidade Federal de Goiás);
- Adaptação, uma leitura possível: Um estudo de 'Dom Quixote das crianças', de Monteiro Lobato – Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado (2007, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul).
- "O meu Hans Staden": uma escrita da história do Brasil na prática tradutora de Monteiro Lobato – Renata Rufino da Silva (2012, Universidade Federal do Rio de Janeiro);
- Tradução, ordenação e reescrita: um Hans Staden 'à brasileira' ou Lobato, um leitor do Brasil? – Romulo Pinto de Souza (2013, Universidade Federal Fluminense);
- Da leitura à tradução: um estudo comparativo da narrativa "A madrastra" em Mário de Andrade, Monteiro Lobato e Câmara Cascudo – Karina Paraense Monteiro (2014, Universidade Federal do Pará);

No Portal eletrônico Scientific Electronic Library Online – SciELO encontramos:

03 (três) artigos:

- Monteiro Lobato and translation: "Um país se faz com homens e livros" – Jonh Milton (2003, Revista de documentação de estudos em lingüística teórica e aplicada, DELTA, São Paulo);
- Contos de Grimm e novos contos de Grimm: tradução e adaptação em Monteiro Lobato – Sylvia Maria Trusen (2015, Cadernos de Tradução, Santa Catarina);
- Emília, a cidadã-modelo soviética: Como a obra infantil de Monteiro Lobato foi traduzida na URSS – Marina Fonseca Darmaros e John Milton (2019, Revista

de documentação de estudos em lingüística teórica e aplicada, DELTA, São Paulo);

A tabela, na sequência, resume as informações coletadas nessa primeira investigação:

Tabela 1 - Resumo dos Bancos de dados e seus respectivos estudos sobre as palavras: Lobato, tradução e adaptação

ESTUDOS BASE DE DADOS	TESES	DISSERTAÇÕES	TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO	ARTIGOS	TOTAL
USP	Justo (2006) Cobelo (2015) Araujo (2017)	Pozzoti (2014)	-----	-----	4
UNICAMP	Vieira (2004) Santana (2007)	Vieira (1998) Máximo (2004) Zorzato (2007)	Travaini (2005)	-----	6
UNESP	Rocha (2002)	Santos (2009)	-----	-----	2
CAPEL	-----	Volker (2005) Franca (2007) Prado (2007) Silva (2012) Souza (2013) Monteiro (2014)	-----	-----	6
SCIELO	-----	-----	-----	Milton (2003) Trusen (2015) Damaros e Milton (2019)	3
TOTAL	6	11	1	3	21

Elaboração: ROCHA, 2023.

Dessa coleta, listamos 5 (cinco) informações pertinentes à nossa pesquisa, as quais iremos explorar observando pontos convergentes e divergentes dos referidos estudos que elencamos acima.

1 – Percebemos que todos os trabalhos localizados a partir das palavras escolhidas referiam-se a pesquisa ligada à literatura infantil, mesmo que alguns também apontassem a literatura para adultos. Esses trabalhos encontrados permitiram uma melhor compreensão sobre o panorâmico histórico de Lobato e a importância que os livros infantis tiveram na vida do autor, o que corroborou para nossas reflexões e embasamentos para nossa escrita do Capítulo 2 sobre a biografia do autor.

2 - Entre os estudos elencados localizamos três trabalhos que investigaram como alguns textos de Lobato foram escritos em outras línguas para o leitor estrangeiro, os quais abordaram a tradução para os seguintes países: França (FRANCA, 2007), Itália (POZZATI, 2014) e União Soviética (DAMAROS E MILTON, 2019). Ao dialogarmos com esses autores percebemos algumas indicações de como o autor evadiu para além das terras brasileiras e notamos que aos poucos ele tem ganhado visibilidade para além dos seus textos em português, sendo esse tema um campo que deve ganhar fomento e ser estudado com profundidade devido ao pouco material que foi produzido até o momento. Essa indicação nos deu embasamento para a validação de nossas reflexões e ao delimitarmos o estudo para os escritos de Lobato em língua espanhola. Destacamos que ao dialogarmos com esses autores conseguimos fundamentar o Capítulo 3 pensando na circulação das obras e como ocorreu a recepção dos leitores hispano-americanos.

3 – Especificamente sobre os termos da nossa pesquisa tradução e adaptação chegamos aos seguintes resultados: os estudos que contemplaram o termo tradução foram: Milton (2003), Travaini (2005), Volker (2005), Justo (2006), Franca (2007), Prado (2007), Silva (2012), Souza (2013), Pozzati (2014), Máximo (2015); já o termo adaptação foi abordado por: Vieira (1998) e Cobello (2015); também foram localizados trabalhos que abordaram os dois termos: Vieira (2004), Zorzato (2007), Prado (2007), Damaros e Milton (2019). Com esses autores conseguimos compreender como Lobato se dedicou ao seu projeto de escrita perpassando pela tradução e adaptação em um complexo trabalho que engendrou os referenciais dos grandes clássicos da literatura em um processo de tradução, mas que ao mesmo tempo trouxe esses textos a partir de adaptações que contemplaram o contexto e, por isso, contribuíram para a recepção de seus leitores. Reconhecer as peculiaridades do autor nos processos de tradução e adaptação corroborou para as nossas reflexões no Capítulo 4 de modo a buscarmos pelos elementos que foram inseridos, modificados ou retirados na escrita de *Las viejas fábulas*.

4 – Grande parte dos trabalhos contemplou como Lobato trouxe textos estrangeiros para a língua portuguesa, mantendo proximidades com a oralidade do Brasil, com aspectos textuais, com um vocabulário pertinente às crianças brasileiras. As indicações apontadas por Rocha

(2002), Volker (2005), Travaini (2005), Justo (2006), Prado (2007), Cobello (2015), Souza (2013), Damaros e Milton (2019) sugeriram que, ao escrever os textos clássicos com uma linguagem diferente da que existia na época, Lobato deixou traços específicos de seu estilo, indo contra a europeização das letras. As reflexões desses autores nos possibilitaram compreender que o trabalho já iniciado no Brasil de questionamento de Lobato sobre o poder da literatura perante as necessidades da sociedade se estendeu para fora do país por meio de uma proposta inovadora na escrita de seus livros, o que nos embasou para que realizássemos nossa escrita do Capítulo 4.

5 – Finalmente, destacamos que as pesquisas de Volker (2005), Santana (2007), Zorzato (2007), Santos (2009), Souza (2013), Monteiro (2014), Cobello (2015) e Damaros e Milton (2019) indicaram como as questões culturais foram abordadas por Lobato em diferentes textos. Esses trabalhos contribuíram para nossas reflexões principalmente para a produção do Capítulo 4, pois a partir de alguns apontamentos desses autores conseguimos elencar que elementos culturais foram abordados em *Las viejas fábulas* e como eles foram inseridos contextualmente no livro, ultrapassando os “limites [tradutórios] muito mais estreitos do que os permitidos pela sua potencialidade” (LOBATO, 2010b, p.180) e ao mesmo tempo mantendo o estilo do autor mesmo em outro idioma.

1.2. Lobato e Argentina

Diante dos resultados da primeira pesquisa percebemos a necessidade de buscar novos apontamentos que pudessem embasar melhor nossas reflexões de maneira mais específica sobre as relações de Lobato com o público hispano-americano. Por isso, fizemos uma segunda pesquisa. Nela contemplamos os bancos de dados já citados na primeira pesquisa e procuramos compreender quais tipos de abordagens haviam sido contempladas nas pesquisas sobre o autor e sua relação com a Argentina, já que esse foi o país que o autor mais teve contato e realizou a publicação de seus textos em língua espanhola. Encontramos e selecionamos 07 (sete) trabalhos, os quais estavam dispostos nos catálogos das nossas fontes de busca da seguinte maneira:

Na Universidade de São Paulo – USP encontramos:

02 (duas) teses:

- A semear horizontes: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915 – 1954) – Gabriela Pellegrino Soares (2002);

- Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais – Maria Paula Gurgel Ribeiro (2008);

Na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp encontramos:

01 (uma) tese

- São Paulo-Buenos Aires: trajetória de Monteiro Lobato na Argentina – Thaís de Mattos Albieri (2009);

Na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” não foram encontrados trabalhos relacionados às palavras escolhidas;

No catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes além dos resultados encontrados nos catálogos da USP e da Unicamp também localizamos:

01 (uma) dissertação:

- Tradução comentada para o espanhol da obra *O medo*, de Monteiro Lobato Thais Trevisan Oliveira (2015, Universidade Federal de Santa Catarina).

No Portal eletrônico Scientific Electronic Library Online – SciELO encontramos:

03 (três) artigos:

- De São Paulo al Aconcagua: una trayectoria latinoamericana para Monteiro Lobato – Marisa Lajolo (2004, Jornada Andina de Literatura Latino-Americana – Lima/Peru);
- Vanguardia en doble página: Intervenciones del invencionismo argentino en la revista Joaquim – Maria Amália Garcia (2015, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – São Paulo/Brasil);
- Reinações de Narizinho en español, una propuesta: proyecto chileno de traducción y análisis comparativo de traducción latino-americanas Letícia Maria Vieira de Souza Goellner, Pablo Saavedra e Vicente Menares (2021, Cadernos de Tradução – Florianópolis/Brasil)

A seguir, indicamos a tabela que resume as informações coletadas nessa segunda investigação:

Tabela 2 - Resumo dos Bancos de dados e seus respectivos estudos sobre as palavras: Lobato e Argentina

ESTUDOS BASE DE DADOS	TESES	DISSERTAÇÕES	TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO	ARTIGOS	TOTAL
USP	Soares (2002) Ribeiro (2008)	-----	-----	-----	2
UNICAMP	Albieri (2009)	-----	-----	-----	1
UNESP	-----	-----	-----	-----	0
CAPEL	-----	Oliveira (2015)	-----	-----	1
SCIELO	-----	-----	-----	Lajolo (2004) Garcia (2015) Goellner, Saavedra e Menares (2021)	3
TOTAL	3	1	0	3	7

Elaboração: ROCHA, 2023.

Diante dos dados desta segunda busca, notamos que são poucas as pesquisas que apresentaram um viés relacionado à temática que nos propomos a estudar, sendo um total de 3 teses, 1 dissertação e 3 artigos. Esses trabalhos perpassam importantes reflexões e nos ajudam a fomentar nosso escopo de investigação e, por isso, iremos elucidar com mais detalhes as ideias principais de cada pesquisa buscando contribuições que dialoguem com nosso estudo, sendo realizada a seguir uma explanação dessas publicações.

A tese *A semear horizontes: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915 – 1954)* defendida por Gabriela Pellegrino Soares em 2002, abordou, de maneira comparada, a construção de um espaço de produção e circulação de obras literárias tendo

como base os países Brasil e Argentina entre os anos de 1915 até 1954. A autora verificou de que maneira as dinâmicas sociais, culturais e políticas se definiram de modo a promover e orientar a literatura infantil nos países em questão, buscando compreender o papel atribuído às leituras na formação das crianças e a natureza de repertórios que foram colocados à circulação no período pesquisado.

Inicialmente, para colocar o rol de obras que o mercado disponibilizava para os jovens leitores, Soares (2002) fez análises de catálogos de editoras, de livreiros e de livrarias argentinos e brasileiros, mas ao notar a amplitude de dados, conduziu sua tese não somente para uma pesquisa sobre a história dos livros, mas também por reflexões sobre quais as perspectivas que orientaram o trabalho de escritores e mediadores das leituras infantis.

Entre os autores pesquisados na tese esteve Monteiro Lobato que, como indicou Soares (2002), produziu muitos materiais literários no Brasil e, posteriormente, na Argentina. A pesquisadora fez uma importante explanação histórica sobre as produções lobatianas no Brasil e, em relação à Argentina, indicou que “sobretudo dos anos 1940, Lobato foi lido pelas crianças argentinas, que careceram, naqueles anos, de um escritor nacional de igual porte. Sua obra representou um dos mais significativos movimentos de intercâmbio cultural entre os dois países [...] (SOARES, 2002, p. 19). A autora escreveu um tópico específico sobre Lobato, no qual discorreu sobre o intercâmbio literário que o autor realizou entre os dois países e as importantes contribuições dele ao conquistar leitores “para a cultura”.

Soares (2002) apresentou importantes contribuições para nossa pesquisa proporcionando-nos dados sobre como a literatura infantil na Argentina foi constituída de maneira geral e como a produção literária de Lobato foi publicada no país (mesmo que não contemplando todas as obras e sem muito aprofundamento em cada obra). Além disso, a tese nos forneceu um panorama sobre as questões sociais, culturais e políticas que perpassaram a leitura na formação da infância nos dois países, o que nos deu embasamento para a escrita do Capítulo 2.

O trabalho *De São Paulo al Aconcagua: una trayectoria latinoamericana para Monteiro Lobato*, escrito pela professora universitária Marisa Lajolo em 2004, é um importante estudo sobre nossa temática de estudo. Nele, Lajolo apresentou uma breve cronologia de Lobato sobre as relações literárias que o autor estabeleceu com diversos intelectuais estrangeiros e baseou-se na perspectiva de transculturação, defendida por Octavio Ianni, para fazer reflexões sobre a importância de Lobato para América Latina. A professora também fez apontamentos sobre como a produção lobatiana pode contribuir para formar um projeto de um sistema literário latino-americano (Antonio Candido) e por essa perspectiva ela

argumentou que Lobato colaborou para o intercâmbio de livros, a divulgação recíproca de obras argentinas, a unificação do mercado editorial latino-americano, além também de ter como propósito a latinoamercianização do discurso literário.

O trabalho contribuiu para nossa pesquisa, pois, além de nos dar um panorama geral de como Lobato e suas obras ganharam visibilidade pela América Latina. A autora indicou que ele colaborou com o projeto de uma literatura de identidade latino-americana e foi “uno de los primeros arquitectos de la utopía de una América unida por libros y lectores...” (LAJOLO, 2004, p.3), o que proporcionou algumas de nossas reflexões nos Capítulos 2 e 3.

A tese *Monteiro Lobato e a Argentina: Mediações Culturais*, produzida em 2008 pela pesquisadora Maria Paula Gurgel Ribeiro abordou como ocorreu o engajamento cultural de Monteiro Lobato com a Argentina seja como editor, autor ou tradutor nas primeiras décadas do século XX. Embasada no campo intelectual, conceito desenvolvido por Bourdieu, a autora defendeu que Lobato transitou por entre as instâncias de produção, circulação, legitimação e recepção cultural colocando em diálogo duas culturas diferentes.

Ribeiro (2008), por meio de jornais, revistas e correspondências lobatianas, fez apontamentos sobre como os debates de diversos intelectuais promoveram reflexões em relação à identidade nacional abordada na América Latina e que Monteiro Lobato, inserido nesse contexto, teria realizado intercâmbios literários e participado de uma “vocação continental” como parte do “ideal utópico” que perpassou pelo local para promover diversas mediações culturais.

O texto de Ribeiro (2008) contribuiu para nosso trabalho pois mostrou, por meio suas análises às fontes consultadas, a rede de relações estabelecidas por Lobato e seus deslocamentos nas várias instâncias do campo intelectual. Além disso, a autora indicou a inovação na maneira que como a literatura infantil passou a ser produzida na Argentina, a partir do início do século XX, fomentada também pela produção do autor brasileiro, a qual foi perpassada por um discurso “latino-americanista” em seu campo cultural, o que contribuiu com nossas reflexões nos Capítulos 2 e 4.

A tese *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*, escrita em 2009 pela estudiosa Thaís de Mattos Albieri, abordou uma minuciosa pesquisa, por meio de cartas, artigos, documentos de editoras e livros, sobre as relações entre o escritor brasileiro e os intelectuais argentinos contemporâneos do autor, em um período que se estende de 1919 até 1948. Para sua pesquisa, inicialmente, Albieri (2009) sistematizou temporalmente o acervo epistolar de 3 instituições (o CEDAE/IEL/Unicamp, a Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato e a Academia Argentina de Letras (Archivo Manuel Gálvez) tendo com

premissa fazer a transcrição e a digitalização das cartas dos acervos, tanto de Lobato quanto de seus correspondentes estrangeiros. A autora verificou os temas relacionados aos assuntos políticos, sociais, econômicos, e, sobretudo, culturais dos dois países, observando como a produção de livros e periódicos foi afetada por esses fatores e integrando, desta maneira, a construção de um sistema literário.

Diante dos dados, a autora abordou em seu trabalho os três diferentes momentos de Lobato com a Argentina: o primeiro, a partir década de 1920, quando Lobato manteve relações literárias com argentinos até o lançamento de *Urupês*; o segundo, quando o *boom* editorial na Argentina, na década de 1930, recolocou Lobato no circuito das publicações em livro; o terceiro, ocorrido na década de 1940, sendo subdividido em dois períodos: a tradução das obras infantis lobatianas para o castelhano e estadia do autor na Argentina, fundando a editora Acteon e o lançamento do livro *La Nueva Argentina*.

O texto de Albieri (2009) forneceu diversas contribuições para reflexões da nossa pesquisa pois o detalhado trabalho cronológico apresentou informações muito relevantes sobre Lobato e as relações literárias na América Latina, o que corroborou com nossas reflexões no Capítulo 2. Além disso, o *Capítulo 3* (que abordou a literatura infantil traduzida por Benjamin de Garay e Juan Ramón Prieto) e o *Capítulo 4* (que contemplou como foi a estadia do autor na Argentina) foram fundamentais para nossa compreensão da trajetória de Lobato, nos deram um panorama de como foi o processo do autor para a elaboração dos livros infantis destinados aos pequenos leitores de língua espanhola, o que contribuiu muito com as reflexões que realizamos no Capítulo 4.

A dissertação *Tradução comentada para o espanhol da obra O Medo, de Monteiro Lobato*, escrita por Thaís Trevisan Oliveira em 2015, descreveu como ocorreu a proposta de retradução (BERMAN, 2012) que ela fez em seu trabalho ao verter a obra *O medo* (2012)⁴ para o espanhol, sendo indicado pela autora a relevância cultural que a obra pode propiciar por apresentar personagens que fazem parte do folclore brasileiro e por isso seria um “desafio tradutório”.

Para sua pesquisa, Oliveira (2015) fez um estudo que englobou as obras lobatianas *O Saci* (1921 – 1ª edição e 1947 – edição definitiva) e *El Genio del Bosque* (1945 – tradução para o espanhol da obra brasileira de *O Saci*) e observando os pontos convergentes. A autora realizou a tradução comentada para o espanhol da obra *O medo* (2012), a qual por meio de

⁴ Oliveira trouxe informações importantes sobre o objeto de seu estudo, esclarecendo que a obra “O Medo (Editora Globo, Coleção Pirlimpimpim (2012) está composta por quatro contos: “O Medo”, “O Boitatá”, “O negrinho” e “Meia-noite” vinculados à obra *O Saci* (1921) e posteriormente à obra *O Medo* (2012)” (OLIVEIRA, 2015, p. 21).

uma perspectiva estrangeirizadora (BERMAN, 2012) manteve “o sentido e a graça da manifestação escrita pelo autor” (OLIVEIRA, 2015, p.28).

Oliveira (2015) foi relevante para nossa pesquisa, principalmente por nos proporcionar embasamentos para a escrita do nosso Capítulo 4, visto que além apresentar aspectos da relação que Lobato teve com a Argentina e um comparativo entre o folclore brasileiro e o folclore argentino. Ela também indicou, apoiada em Venutu (2002), que a ideia do “efeito de uma tradução vai além de escolhas tradutórias, mas de outros fatores envolvidos em sua recepção” (OLIVEIRA, 2015, p.28), sendo esse um aspecto considerável para analisarmos as possíveis traduções da literatura infantil do autor no Capítulo 4.

O trabalho *Vanguardia en doble página: Intervenciones del invencionismo argentino en la revista Joaquim*, escrito por Maria Amália Garcia em 2015, analisou como ocorreu a intervenção de artistas argentinos Asociación Arte Concreto-Invención na revista, publicada em Curitiba durante os anos de 1946 até 1948. O objetivo principal do trabalho foi indicar como ocorreu a recepção os projetos abstracionistas argentinos no âmbito brasileiro e desta maneira compreender como a articulação desses projetos contemplou a trama regional pré-existente dos núcleos culturais argentino-brasileiros.

Ele foi importante para nossa pesquisa pois traçou um panorama de como ocorreram alguns ataques a Lobato na revista *Joaquim* tanto por seus textos escritos no Brasil, como também por indicar às críticas feitas a estadia de Lobato na Argentina e a escrita de seu livro *La Nueva Argentina*. Sobre esse livro lobatiano, Garcia (2015) fez um resumo e indicou que existem aspectos ligados as práticas culturais apresentados nele. Destacamos que nos chamou a atenção o fato de Garcia publicar em seu texto a capa colorida de *La Nueva Argentina* pois até aquele momento, só havíamos localizado uma fotocópia da obra em preto e branco na Biblioteca InfantoJuvenil Monteiro Lobato, o que nos motivou a escrevermos um e-mail à autora perguntando em qual local a obra em questão poderia ser consultada. Recebemos gentilmente a resposta de que a obra poderia ser encontrada na Biblioteca Del Congreso de la Nación, o que nos possibilitou novas reflexões sobre a mesma de maneira que seria necessário procurá-la pelo pseudônimo Miguel P. Garcia e tempos depois, ao fazer a catalogação dos livros do autor em algumas bibliotecas dos países da América Latina, encontramos mais um exemplar da obra no acervo da Biblioteca Nacional da Argentina “Mariano Moreno”.

O artigo *Reinações de Narizinho en español, una propuesta: proyecto chileno de traducción y análisis comparativo de traducción latinoamericanas* realizado pelos autores Letícia Maria Vieira de Souza Goellner, Pablo Saavedra e Vicente Menares, publicado em 2021, estudou as possibilidades de como a obra *Reinações de Narizinho* (1931) foi reescrita

em espanhol a partir da comparação de seis diferentes traduções ocorridas nos seguintes países: Chile em 2020, Peru em 2019, Colômbia em duas edições de 2019 e na Argentina em duas edições, uma de 1944 e outra em 2010.

Os autores começam o texto com uma breve introdução sobre as seis edições, apresentando quem foram os tradutores, os capítulos escolhidos e os apoiadores dos projetos. Em seguida, são apresentadas perspectivas e reflexões teóricas sobre o desenvolvimento das traduções indicando que há uma maior complexidade em traduzir literatura infantil devido a diferentes fatores, como por exemplo, a posição definida pelo tradutor, razões editoriais e as outras pessoas envolvidas no projeto, sendo importante compreender a estrutura, a forma, o estilo e o sentido das traduções, o que contribui para evitar a “tradução doméstica” (SHAVIT, 2016).

Este trabalho foi de grande relevância para a pesquisa porque, além de apontar que a obra foi traduzida em outros países, também indicou por meio de uma análise comparativa, baseada na seleção de algumas categorias e de alguns exemplos, as estratégias de seis edições no processo de tradução, sendo elas: 1- neologismos, 2- estruturas, ritmo e jogos de palavras e 3- culturemas (VERMEER, 1983). Essas reflexões contribuíram para a escrita do nosso Capítulo 4. Outro ponto importante referiu-se às reflexões de como a inserção da literatura infantil brasileira foi realizada nas edições escolhidas, observando caso a caso os diferentes contextos e desafios que surgiram na tradução de *Reinações de Narizinho* e reconhecendo “*al Otro en su calidad de otro*” (GOELLNER, 2021, SAAVEDRA e MENARES, p.242). O fato de o texto trazer informações sobre novas publicações, além do território argentino, também auxiliou nas reflexões do Capítulo 3, pois isso nos indicou que os livros lobatianos continuam circulando na América Latina, o que nos suscitou o questionamento da possibilidade de que novos “filhos de Lobato” (PENTEADO, 2011) “estariam nascendo” em outros países ainda na atualidade.

Como já mencionado no início desse Capítulo, o nosso recorte de revisão bibliográfica ocorreu entre os meses de julho a dezembro de 2021, mas destacamos que, após a qualificação, já no final da escrita dessa tese, ao realizar algumas buscas por materiais que pudessem contribuir para sanar algumas dúvidas que ainda tínhamos em nossa pesquisa, encontramos um estudo de doutorado publicado em 2022 no banco de dados da Capes e que trata-se de um dos trabalhos que mais se aproximou do assunto que abordamos como proposta em nossa pesquisa, apresentando dados muito importantes sobre a temática que aqui destacamos. Por isso, mesmo fora do recorte temporal de nossa revisão bibliográfica, torna-se necessário fazer algumas indicações sobre ele:

- A circulação e a recepção da obra infantil de Monteiro Lobato na Argentina – Siomara Regina Cavalcante de Lucena (2022, Universidade Federal da Paraíba).

A partir de uma investigação qualitativa, em seu estudo Lucena (2022) objetivou apresentar, discutir e analisar como a circulação e a recepção da obra infantil lobatiana ocorreu na Argentina. Para isso, ela observou críticas literárias desse país em jornais e documentos que evidenciavam Lobato, além de realizar três entrevistas semiestruturadas a profissionais argentinos ligados à infância e a literatura do país. A autora teve como principal proposta em seu trabalho a defesa da tese de que “a obra infantil do referido autor, no que diz respeito à circulação e à recepção, foi tão importante na Argentina quanto no Brasil” (LUCENA, 2022, p. 9).

O trabalho de Lucena (2022) apresentou contribuições para nossa pesquisa por indicar um mapeamento da produção infantil lobatiana destacando fontes de centros documentais e bibliotecas, entre os quais alguns não tivemos acesso durante nossa coleta de dados. Isso nos proporcionou uma maior visibilidade sobre a temática. Além disso, essa autora apresentou uma minuciosa pesquisa sobre os livros infantis de Lobato escritos em espanhol, apresentando seus tradutores, seus ilustradores e suas respectivas editoras, o que reforçou nossa compreensão de como ocorreram as relações do autor com outros literários, bem como nos deu um panorama das obras inéditas do autor lançadas em Buenos Aires, como, por exemplo, *La Nueva Argentina* e os livros de Lobato lançados pela *Colección Figuritas* (*El nuevo Vizconde*, *La ocurrencia de Emilia*, *En el tiempo de Nerón*, *El periscopio de lo invisible*, *Una Hada moderna*, *El centaurito*, *La Lamprea*, *El museo de Emilia*, *La violeta blanca* e *Los duendes*), a qual só encontramos nos bancos de dados de algumas bibliotecas, mas não havíamos visto como eram esses exemplares.

Além disso, as entrevistas que autora fez corroboraram para as reflexões que realizamos no Capítulo 3 sobre “los hijos de Lobato”. Os apontamentos de Lucena evidenciam que as experiências de leitura que ela teve acesso “são documentos históricos do curso da obra de Lobato na Argentina visto que através de diferentes ângulos e lugares de fala” (LUCENA, 2022, p.160) mostram que a obra do autor se torna relevante dentro do cenário argentino.

Ao dialogar com os autores supracitados nesse capítulo, tanto na primeira quanto na segunda busca, tivemos como repertório diversas ideias proveitosas que foram condutoras para nossa própria pesquisa. Com maior ou menor intensidade, todos os trabalhos elencados

contribuíram com nossas reflexões e suscitaram diversas perspectivas para a tese que nos dispomos a defender no decorrer deste texto.

CAPÍTULO 2 – AS AVENTURAS DE LOBATO: RECONTANDO A HISTÓRIA

-No lo sé - respondió doña Hada -, pero he notado que muchos de los personajes de mis cuentos ya están aburridos de pasarse la vida aprisionados en ellos. Quieren novedades. Hablan de salir por el mundo para correr nuevas aventuras. [...]

-Todo esto - continuó doña Hada - es por causa de Pinocho, del Gato Félix y especialmente de una niña de naricita respingada a quien todo el mundo quiere conocer. Hasta es toy por creer que fué esa diablilla la que sedujo a Pulgarcito, aconsejándole la fuga...
(LOBATO, 1956c, p.20-21)

Neste Capítulo iremos abordar como o percurso de Lobato foi trilhado até chegar em seus textos infantis publicados em espanhol. Para isso, teremos como base as observações feitas a partir dos estudos catalogados dos autores que localizamos no Capítulo 1, entre os quais temos como principal ênfase as reflexões do trabalho de Lajolo (2004), para quem o autor “foi um dos primeiros arquitetos da utopia de uma América unida por livros e leitores” (LAJOLO, 2004, p.03).

Lajolo nos indicou que a obra de Lobato pode ser uma peça fundamental para os estudos das relações literárias latino-americanas por meio de suas publicações feitas em Buenos Aires (e que mais tarde foram distribuídas por outros países do continente), visto que “em sua vasta obra podemos rastrear manifestações reincidentes – ainda que tênues e efêmeras - de um projeto para a formação de um **sistema literário latino-americano**” (LAJOLO, 2004, p.03, grifos nossos). E diante dessa afirmação ela propõe algumas reflexões sobre a possibilidade “discutir diferentes articulações da literatura com a sociedade” (LAJOLO, 2004, p.03) por meio da perspectiva do sistema literário de Antonio Candido. Essa é uma proposta bastante relevante, visto que o autor defendia que a literatura⁵ deveria ser interpretada como um “aspecto orgânico da civilização” (CANDIDO, 2000, p.23) por meio da relação de denominantes entre os quais se distinguem:

[...] a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade (CANDIDO, 2000, p. 23).

⁵ Essa entendida por Candido (2000) como diferente das manifestações literárias, pois é um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase.

A partir dessa compreensão, procuramos a seguir entender como as relações entre os autores, leitores, obras e instituições mediadoras compuseram o sistema literário que o autor pesquisado nesse estudo fez parte, o qual ganhou amplitudes latino-americanas e que podem contribuir para o entendimento de “uma teoria literária *da* America Latina, em oposição a uma teoria literária *na* América Latina” (LAJOLO, 2004, p.03).

José Renato Monteiro Lobato, que mais tarde trocou o segundo nome por Bento⁶, nasceu em 18 de abril de 1882 na cidade de Taubaté/São Paulo. O filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusto Lobato cresceu em sua cidade natal, mas sempre visitava a fazenda de seu avô Visconde de Tremembé, lugar que lhe proporcionou grandes experiências que serviram de inspiração para suas histórias, além de contar com uma biblioteca com uma diversidade de autores que contribuíram para o repertório de aventuras de seus livros.

O menino, que era carinhosamente chamado por seus familiares de Juca (AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA, 2001), presenciou as grandes transformações que ocorreram no Brasil quando o regime monárquico instituído pelo imperador Dom Pedro II perdeu forças, por não corresponder os anseios da população, a qual desejava menos autoritarismo e mais liberdade econômica. Diante do acontecimento, a coroa portuguesa não conseguiu mais sustentar seus princípios e no dia 15 de novembro de 1889 ocorreu a queda da monarquia por meio de um golpe de Estado articulado por civis e militares, originando a República Federativa e Presidencialista do Brasil, que passou então a ser conduzida por Marechal Deodoro da Fonseca.

Nesse momento, Lobato ainda tinha sete anos. Mesmo assim, o ocorrido, junto com tudo que se sucedeu a partir dele, contribuiu para provocar no autor uma posição questionadora, que, mais tarde, foi reproduzida em sua literatura como forma de buscar se desvencilhar dos padrões herdados do colonialismo e a procurar contemplar elementos da identidade nacional brasileira. Com tais mudanças, a sociedade passou a buscar novas direções para trilhar seu caminho, mas ao mesmo tempo, não conseguia simplesmente esquecer tudo que já havia se instaurado no período colonial, como afirmado por Coelho:

[...] na virada do século, dentre os problemas mais urgentes estava o da *consciência nacionalista* a ser conquistada ou aprofundada. Obviamente, essa conquista dependia de um processo de maturação que vai durar anos... Não é nada fácil, para um povo colonizado culturalmente e dependente

⁶ Lobato relatou em entrevista a Silvio Peixoto que resolveu mudar seu nome quando ainda era criança para poder ficar com a bengala do pai, já que o objeto tinha as iniciais J. B. M. L. (ROCHA, 2015).

economicamente de nações poderosas, encontrar a *sua* medida ou a *sua* verdade (COELHO, 1991, p. 226, grifos da autora).

Enquanto a transição acontecia paulatinamente no Brasil, ao mesmo tempo Lobato crescia e observava os acontecimentos nas diferentes esferas, variando desde coisas simples do cotidiano até as mais complexas alterações socioeconômicas no país. O autor não se contentou com o que estava testemunhando e, mais tarde, por meio de sua escrita, buscou proporcionar novas contribuições para o nacional, tornou-se protagonista de transformações em seu país. O gosto pela leitura e pela escrita estava presente em Lobato desde cedo. Ainda pequeno, foi incentivado a estudar, sendo alfabetizado em casa antes de frequentar a escola. Aos sete anos Lobato ingressou no Colégio Kennedy de Taubaté e aos 13 foi estudar na cidade de São Paulo, no Instituto de Ciências e Letras de modo a se preparar para entrar mais tarde na faculdade de Direito como era de desejo de seu avô (AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA 2001).

O autor, que na verdade queria ter cursado Belas Artes ou até Engenharia (LOBATO, 1964, s/p), contemplou o pedido do avô para que a família tivesse um bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e formou-se em Direito em 1904 pela Universidade de São Paulo. Depois começou a atuar e em 1907 foi nomeado a promotor de Areias, cidade próxima a Taubaté. Nesse mesmo período conheceu Maria da Pureza de Castro Natividade, a Purezinha, moça com quem se casou e teve junto quatro filhos: Edgard, Guilherme, Marta e Rute (AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA 2001).

Em 1911 seu avô morreu e lhe deixou como herança a fazenda Buquira, Lobato decidiu mudar de profissão e tornou-se fazendeiro, dedicando-se às questões do campo, como a pecuária e a agricultura, áreas pouco conhecidas por ele (AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA 2001). Mesmo com os novos desafios Lobato não esquecia a arte das palavras, como podemos observar na carta escrita a Rangel em 4 de abril de 1911:

Já não volto para Areias — abandono a carreira. E com pesar. Aqueles dias lá passados, sem serviço como promotor, todo entregue ao mais absoluto borboleteio mental, ora em caça de coisas no Camilo, ora a ler e anotar o Aulete ou a traduzir artigos do *Weekly Times*, ou a tentar um conto, ou a ler um livro novo — tudo isso, dentro da nossa eterna troca de conversa escrita, é coisa de deixar saudades, pois não. Minha vida agora vai ser de “proprietário”. [...] E agora vou ser proprietário de coisas — casas, terras, fazendas. Mas a “nossa agulha” será conservada e continuaremos *quand même* a costurar as nossas secretas literatices (LOBATO, 2010a, p. 243 – grifos do autor).

Como afirmado por Souza (2004), Lobato teve uma vida muito difícil como proprietário da fazenda. As frequentes geadas, o preço do café e as doenças, aos poucos o foram desanimando e em 1917 ele decidiu vender Buquira. Assim, a escrita novamente lhe despontou interesse “à medida que o projeto agrícola fracassava, o projeto literário tornava-se mais pujante” (SOUZA, 2004, p. 131).

Descontente com a empreitada malsucedida na fazenda, Lobato buscou uma maneira de trabalhar com o que sempre gostou e investiu no campo literário, como podemos observar no registro da carta que escreveu a Rangel em 6 de julho de 1919:

Acaba de fazer um ano que comprei a *Revista do Brasil*. Fiz isso por esporte, por falta de ocupação depois que vendi a fazenda, e consumi um ano em apalpadelas e experiência do negócio. Saiu melhor do que esperei. Para o comprovar, basta uma olhadela no balanço. Quando fiz a compra, o ativo era 3 contos e o passivo de 16; custou-me portanto 13 contos. Hoje, um ano depois, estamos com um ativo de 70 contos e um passivo de zero (LOBATO, 2010a, p.443, grifos do autor).

Com os bons resultados, a autor continuou investindo no ramo e fundou a *Monteiro Lobato & Cia.*, editora que depois passou a se chamar *Companhia Editora Nacional*. As novas oportunidades de Lobato eram também as novas oportunidades do Brasil, pois como afirmaram Lajolo e Zilberman (1991) a edição de livros feita por ele foi um grande marco para o país pois “até a chegada de D. João ao Brasil, em 1808, o suporte editorial (e tipográfico) necessário para um assentamento de um sistema literário era, mais do que precário, inexistente” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1991, p. 26).

Enquanto esteve à frente da editora, além de publicar livros de diversos autores e de realizar várias traduções, Lobato retomou seu projeto com a literatura e alguns de seus escritos com temáticas para adultos foram publicados em jornais e revistas, sendo incorporados, mais tarde, na reprodução de seu primeiro livro, *Urupês*, lançado em 1918. Com a aceitação dos leitores, Lobato investiu na escrita de outros livros adultos, como *O Saci Pererê: resultado de um inquérito* (1918), *Cidades Mortas* (1919) e *Ideias de Jeca Tatu* (1919), os quais tinham como foco a valorização o país.

O objetivo do autor era também o de uma grande parcela da população que tinha como intento novas possibilidades a partir das mudanças que estavam ocorrendo. Diante disso, nesse período começaram a ser criados movimentos que buscavam contemplar um ideário que valorizasse a nação e a identidade nacional, entre os quais estava o movimento literário, como afirmou Antonio Candido:

Os portugueses do século XVI trouxeram formas literárias refinadas, devidas geralmente à influência italiana do Renascimento, que em Portugal superou a maioria das formas de origem medieval, talvez melhor adequadas ao gênio nacional e sem dúvida mais arraigadas na cultura popular. Esta linguagem culta e elevada, nutrida de humanismo e tradição greco-latina, foi o instrumento usado para exprimir a realidade de um mundo desconhecido, selvagem em comparação ao do colonizador. A literatura brasileira, como as de outros países do Novo Mundo, resulta desse processo de imposição, ao longo do qual a expressão literária foi se tornando cada vez mais ajustada a uma realidade social e cultural que aos poucos definia a sua particularidade [...] (CANDIDO, 1999, p. 12).

Essa “particularidade” começou a ganhar formas e o Brasil paulatinamente teve sua “tomada de consciência” em busca do nacionalismo. Sobre o tema, Candido afirma que:

[...] Na lenta maturação da nossa personalidade nacional, a princípio não nos destacávamos espiritualmente dos nossos pais portugueses. Mas, à medida que fomos tomando consciência da nossa diversidade, a eles nos opusemos, num esforço de auto-afirmação, enquanto, do seu lado, eles nos opunham certos excessos de autoridade ou desprezo, como quem sofre ressentimento ao ver afirmar-se com autonomia um fruto seu. A fase culminante da nossa afirmação — a Independência política e o nacionalismo literário do Romantismo — se processou por meio de verdadeira negação dos valores portugueses, até que a autoconfiança do amadurecimento nos levasse a superar, no velho diálogo, esta fase de rebeldia (CANDIDO, 2006, p. 118).

Apesar de se despontar na literatura para adultos e conquistar seu objetivo de publicar livros de maneira a contribuir com o desvencilhamento do domínio português, Lobato percebeu, através de sua postura questionadora e reflexiva, que uma das maneiras de continuar seu projeto seria por meio da mudança do foco de suas escritas, passando a produzir textos para as crianças, porque ele acreditava nas potencialidades delas:

A criança é a humanidade de amanhã. No dia em que isto se transformar em axioma – não dos repetidos decoradamente, mas dos sentidos no fundo da alma –, a arte de educar as crianças passará a ser a mais intensa preocupação do homem.

Estamos ainda, infelizmente, num período, em que a criança, em vez de ser considerada como o dia de amanhã, não passa de *nuisance*. Animalzinho incômodo, para os pais e professores. Daí toda a monstruosa negligência a seu respeito (LOBATO, 2010b, p. 190, grifo do autor).

O autor desaprovava o “caráter utilitarista” proposto nas escritas para as crianças impulsionado pelas intenções didáticas realizadas para fins da literatura escolar (PERROTTI, 1986); além disso, ele criticava as poucas possibilidades de livros que as crianças tinham para

iniciação à leitura, os quais ou eram importados da Europa ou eram produzidos a partir da busca e da vontade de se contemplar as mesmas características que os livros vindos de fora do país, em um modelo de “imitação servil” (CANDIDO, 1989).

O intuito de Lobato era então o de produzir a arte das palavras por meio de uma proposta relevante para o contexto do leitor, isso porque, como afirmou a pesquisadora Maria Augusta Hermengarda Wurthmann Ribeiro (2008):

Para o escritor, a literatura não constituía mero veículo de informações ou simples porta-voz das ideias de mudança, mas era o próprio instrumento de transformações; era uma literatura militante à conquista de um público cada vez mais amplo, apresentando aos seus leitores os problemas do país e convidando-os à ação. O texto escrito era considerado por ele como veiculador de condutas, éticas, valores sociais, padrões de comportamento (RIBEIRO, 2008, p. 150).

Diante disso, Lobato investiu em novos projetos literários destinados às crianças de maneira a realizar produções que fossem ao encontro do que ele almejava para elas. Inicialmente, em 1920, ele lançou alguns fragmentos de *Lúcia ou a Menina do Narizinho Arrebitado* na *Revista do Brasil* e no Natal do mesmo ano publicou *A Menina do Narizinho Arrebitado* pela editora *Monteiro Lobato & Cia*. Sua proposta foi bem aceita e logo o autor começou a investir em outras produções infantis como *O Saci* (1921), *Fábulas de Narizinho* (1921), *O garimpeiro do rio das Garças* (1924) e *Jeca Tatuzinho* (1925), além de uma sequência de livros a partir do enredo de *Narizinho* que compuseram a saga do Sítio do Picapau Amarelo que o tornou reconhecido para sempre.

Ao mesmo tempo que Monteiro Lobato pensou e repensou suas obras no Brasil, seu caminho também foi trilhado por entre as fronteiras latino-americanas, por onde realizou relações com intelectuais de diferentes pontos da América. Como afirma Marisa Lajolo (2004), ele colocou em curso “o ambicioso projeto de dar amplitude latino-americana a um projeto cultural e literário. Alguns anos depois, ele também conseguiu uma farta (e até hoje provavelmente inigualada) circulação de suas obras na América hispano-hablante” (LAJOLO, 2004, p.4).

Inicialmente, esse trajeto ganhou fomento no intercâmbio Brasil-Argentina ocorrido na década de 1920, quando Lobato era proprietário da *Revista do Brasil* e começou a trocar cartas⁷ com intelectuais do país vizinho. O brasileiro publicou alguns textos de escritores argentinos, enquanto alguns de seus contos ou trechos de obras começavam a circular na

⁷ Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato –SP, consultado em 2015.

Argentina em jornais e revistas. Aos poucos o autor começou a ser conhecido no país vizinho e em 1921 seu primeiro livro, *Urupés*, foi traduzido para o espanhol por Benjamín de Garay e lançado pela Editorial Patria, em Buenos Aires.

O livro teve boa aceitação pelo leitor argentino, tanto que o escritor Manuel Gálvez, que já havia trocado textos com Lobato e teve algumas de suas produções impressas no Brasil, escreveu para a seção “Resenha do Mês”, na *Revista do Brasil* publicada em agosto de 1921 o texto: “Tudo nos une”; nele o escritor teceu elogios e enfatizou as semelhanças entre os países vizinhos:

[...] O livro de Monteiro Lobato, que não é apenas muito interessante e cheio de talento, senão que, por igual, contém muitos ensinamentos para todos nós, leva-nos a repetir a conhecida phrase de Saenz Peña : "Tudo nos une, nada nos separa". Os mesmos defeitos nacionaes e as mesmas virtudes; identicas esperanças e identico futuro. Poderá duvidar alguem que o Brasil seja um povo irmão, e que devemos sempre as estúpidas rivalidades, indignas de nações democráticas, que devem olhar para o porvir e realizar os ideaes dos tempos modernos? [sic.] (GÁLVEZ, 1921, p.468)

As constatações de Gálvez eram também as de Lobato. A luta contra as imposições da colonização europeia os unia em um mesmo objetivo e o que começou com algumas correspondências ganhou fomento e se solidificou ainda mais na década de 30, mesmo período em que a Argentina passava por um boom editorial, realizando ações que fortaleceram o mercado interno de produções de livros. Esse fato ocorreu devido às novas medidas educacionais do país:

[...] expansión y modernización del sistema educativo en todos sus niveles, desde la educación elemental hasta la universitaria; la promulgación de la Ley de Propiedad Intelectual 11.723 en 1933; la financiación de la red de bibliotecas populares a través de la Comisión Protectora de las Bibliotecas Populares” (DELGADO; ESPÓSITO, 2006, apud ALBIERI, 2009, p.216).

Para contribuir com esse campo educacional, foi necessário que as editoras investissem em livros para crianças e Garay, pensando nisso, enviou cartas a Lobato propondo escritos para esse público leitor. O brasileiro retribuiu com interesse e após diversas reflexões e ponderações a parceria se solidificou. Primeiro Lobato pensou e depois concretizou estratégias para divulgar seu trabalho destinado ao público infantil por meio de publicações de trechos dos livros no jornal de grande circulação na Argentina: *La Prensa*. Com seu tino editorial e as experiências que teve no Brasil, o autor enviou ao jornal excertos do livro *A Chave do Tamanho*. O planejamento do escritor foi uma jogada de mestre, pois colocou seu

texto infantil aos olhos dos adultos, leitores do jornal que talvez já houvessem lido seus escritos para adultos. Além disso, a escolha de trechos desse livro foi pensada articulando o momento histórico pelo qual passava o planeta: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Após a estratégia, em 1938 o livro foi lançado por completo pela *Editorial Claridad* e teve como título *Don Quijote de los niños*, o qual foi traduzido por Benjamin de Garay. Nele, Emília decide ir atrás das casas das chaves para desativar a chave da guerra. Quando chega ao local se depara com muitas chaves e escolhe uma sem saber qual seria a correta. A opção escolhida, na verdade, tratava-se da chave do tamanho que encolheu a boneca e toda a humanidade, o que, por consequência, acabou com a guerra porque as pessoas não conseguiam dirigir os veículos usados nas batalhas e nem conseguiam segurar os armamentos.

Lobato continuava com suas propostas de traduções de livros infantis para o espanhol num período que dividia suas ideias entre a literatura infantil e as lutas pelo petróleo no Brasil. Ao expor suas opiniões sobre o “líquido valioso” acabou sendo preso em 20 de março de 1941, em virtude de divergências com o atual governo. Nesse período, o projeto não ficou parado e mesmo da prisão o escritor se correspondia com Garay, escrevendo-lhe suas propostas para as traduções.

S. Paulo – Casa de Detenção, 2/4,941

Garay:

Escrevi a v. de muitos lugares, mas nunca imaginei fazê-lo duma prisão. Life is funny! Mas eu tenho o espírito esportivo. Em vez de revoltar-me, filósofo e engordo.

[...]

Como vai a tradução de *Reinações*? Recebeu a papelada que mandei para Zamora? Recebeu as amostras dos desenhos do Jurandyr?

Adeus. Lobato ⁸

Depois de solto, Lobato continuou suas correspondências com Garay, já sendo neste momento apreciado pela sua obra infantil no país vizinho. No entanto, como afirma Albieri (2009), “Garay abriu as portas para que esse reconhecimento acontecesse na Argentina; porém, quem continuou com a trajetória de publicações lobatianas, a partir de 1942, foi Juan Ramón Prieto” (ALBIERE, 2009, p. 220). Tal afirmação, segundo a referida autora, seria pelo fato de Garay estar com “capacidade de trabalho resumida”, o que não descartou a continuação de parcerias com o tradutor.

A partir desta circunstância, começam a ocorrer trocas de cartas entre Lobato e Prieto. Entre seus temas de conversa estavam a definição de como deveriam ocorrer as traduções, as

⁸ Carta pertencente ao Fundo Monteiro Lobato – CEDAE-IEL-Unicamp – Campinas/SP consultada em 2015.

ilustrações e as propagandas dos livros lobatianos voltados ao leitor infantil. No início dessas correspondências, Prieto queixou-se a Lobato sobre a situação literária na Argentina: “Dá dó ver as vitrines das livrarias, todas ellas dedicadas a garotada, numa pobreza incrível de literatura infantil” (PRIETO, 1942 apud ALBIERI, 2009, p.103). Lobato, que já havia realizado questionamentos sobre a literatura no Brasil (como, por exemplo, em uma carta para seu amigo Rangel em 8 de setembro de 1916 “Que nossas crianças podem ler? Não vejo nada” (LOBATO, 2010a, p.370), percebeu as mesmas carências para as crianças no país vizinho. Brasileiro e argentino demonstravam em suas correspondências essa preocupação.

Prieto valorizava a opinião que Lobato expressava a esse respeito e o autor brasileiro retribuía com inúmeras indicações ao longo de todo processo de produção de suas obras. As ideias fluíam intensamente e várias questões eram ponderadas: Quais livros seriam lançados primeiro? Como os títulos das obras deveriam ser escritos? Como deveriam ser as ilustrações para representar com fidedignidade cada personagem? Como seriam as propriedades dos livros em relação a qualidade do papel e cores impressas? Como os livros deveriam ser comercializados?

Finalmente, após muitas reflexões de ambos os envolvidos, em maio de 1943, Prieto escreveu para Lobato indicando como estava ocorrendo o desenvolver das obras infantis:

Confirmamos, no que diz ao presente anno, o que já tínhamos adiantado ao amigo: vamos lanzar 12 volumens (os 12 primeiros) que Losada vae vender a pazos, sob o título de Primeira Serie. Os 14 restantes para o anno, como Segunda Serie e Serie Completa aos novos compradores (PRIETO, 1943 apud ALBIERI, 2009, p.115).

Os livros indicados por Prieto foram lançados em uma coleção com 22 exemplares e 23 histórias⁹ que foi lançada pela Editorial Américalee e pela Editorial Losada, para isso foram escolhidos diversos tradutores e ilustradores e cada conjunto de livros foi publicado com capas nas cores vermelha, azul, verde e amarela¹⁰.

Ademais, por diversos fatores, os vínculos do autor brasileiro se ampliaram também com outros tradutores, o que estimulou possibilidades de uma maior quantidade de obras destinadas às crianças saírem em língua espanhola. Com o tempo, ele estreitou suas relações com outras editoras e ocorreram produções de novas publicações lobatianas para o leitor

⁹ La reforma da Natureza (21) e El Espanto de las gentes (22) constam no mesmo exemplar.

¹⁰ É possível fazer esta afirmação devido ao material que encontramos nos sebos virtuais que localizamos na Argentina em que há anúncios com as fotografias dos livros.

infantil, como foi o caso de livro *Las doce hazanas de Hércules* que foi editado em 1946 pela Editorial Acteón e teve a tradução de Ramón Prieto e as ilustrações de J. U. Campos.

Os livros clássicos da turma do Sítio do Picapau Amarelo que eram destinados ao público infantil brasileiro e que depois passaram a ser produzidos para os leitores hispano-americanos sofreram bastantes ponderações e Lobato participou das escolhas que ocorreram em relação às suas traduções, entre as quais estavam as nomenclaturas dos livros. Esses, em alguns casos, ganharam títulos diferenciados em espanhol para uma aproximação com a oralidade do leitor, como podemos observar no quadro a seguir.

Quadro 1 - Comparativo dos títulos dos livros de Lobato escritos em português e escritos em espanhol

TÍTULOS DOS LIVROS EM ESPANHOL	TÍTULOS DOS LIVROS EM PORTUGUÊS
Travesuras de Naricita	Reinações de Narizinho volume 1
Nuevas travesuras de Naricita	Reinações de Narizinho volume 2
Viaje al Cielo	Viagem ao céu
El genio del bosque	O Saci
Las cacerías de Perucho	Caçadas de Pedrinho
Aventuras de Hans Staden	Aventuras de Hans Staden
Historia del mundo para los niños	História do Mundo para crianças
El niño que no quiso crecer (Peter Pan)	Peter Pan
El País de la Gramática	Emília no país da gramática
La Aritmética de Emilia	Aritmética da Emília
Geografía para los niños	Geografia de Dona Benta
Las invenciones	História das invenções
El Quijote de los niños	Dom Quixote das crianças
Memorias de Emilia	Memórias da Emília
El pozo del Visconde	O poço do Visconde
Las lecciones de doña Benita	Serões de Dona Benta
Cuentos de tía Anastasia	Histórias de Tia Nastácia
El Benteveo Amarillo	O Picapau Amarelo
El Minotauro	O Minotauro
La llave del tamaño	A chave do tamanho
La reforma de la naturaleza y El espanto de las gentes	Reforma da Natureza / O espanto das gentes
Las viejas fábulas	Fábulas
Las doce hazañas de Hercules	Os doze trabalhos de Hércules

Elaboração: ROCHA, 2023.

Respaldados em Albieri (2009), principalmente pelas comprovações epistolares que a autora apresentou, torna-se também importante indicar que os livros tiveram muita dedicação para que fossem lançados em espanhol em um curto espaço de tempo. Veremos no Capítulo 3, ao observarmos os catálogos on-line de bibliotecas públicas da América Latina, que são muitos os livros infantis encontrados por diversos países. Para que se chegasse a esse feito, foi exigido um árduo trabalho conjunto de Lobato com seus colaboradores, o que possibilitou que

cada livro tivesse peculiaridades. Isso pode ser evidenciado ao observarmos a complexidade de tradutores e ilustradores para cada título¹¹:

Quadro 2 - Livros, tradutores, ilustradores e editoras

TÍTULO	TRADUTOR	ILUSTRADOR	EDITORIA
Travesuras de Naricita	Ramón Prieto	Silvio Baldessari	Américalee / Losada
Nuevas travesuras de Naricita	Ramón Prieto	Silvio Baldessari	Américalee / Losada
Viaje al Cielo	Ramón Prieto	Silvio Baldessari	Américalee / Losada
El genio del bosque	Ramón Prieto	Silvio Baldessari	Américalee / Losada
Las cacerías de Perucho	M. J. de Sosa	Silvio Baldessari	Américalee / Losada
Aventuras de Hans Staden	M. J. de Sosa	Arturo Travi	Américalee / Losada
Historia del mundo para los niños	M. J. de Sosa	Arturo Travi	Américalee / Losada
El niño que no quiso crecer (Peter Pan)	M. J. de Sosa	Arturo Travi	Américalee / Losada
El País de la Gramática	María B. de Petriz	Arturo Travi	Américalee / Losada
La Aritmética de Emilia	M. J. de Sosa	Arturo Travi	Américalee / Losada
Geografía para los niños	M. J. de Sosa	Arturo Travi	Américalee / Losada
Las invenciones	M. J. de Sosa	Arturo Travi	Américalee / Losada
El Quijote de los niños	Benjamin de Garay ¹² M. J. de Sosa	Não consta Gustavo Doré	Claridad Américalee / Losada
Memorias de Emilia	M. J. de Sosa	Arturo Travi	Américalee / Losada
El pozo del Visconde	M. J. de Sosa	Arturo Travi	Américalee / Losada
Las lecciones de doña Benita	Ramón Prieto	Arturo Travi	Américalee / Losada
Cuentos de tía Anastasia	M. J. de Sosa	Arturo Travi	Américalee / Losada
El Benteveo Amarillo	M. J. de Sosa	Arturo Travi	Américalee / Losada
El Minotauro	Ramón Prieto	Arturo Travi	Américalee / Losada
La llave del tamaño	Ramón Prieto	Arturo Travi	Américalee / Losada
La reforma de la naturaleza y El espanto de las gentes	M. J. de Sosa	Arturo Travi	Américalee / Losada
Las viejas fábulas	M. J. de Sosa	Gustavo Doré	Américalee / Losada
Las doce hazañas de Hercules	Ramón Prieto	J. U. Campos	Acteon

Elaboração: ROCHA, 2023.

Como podemos observar por esse quadro, os livros infantis que não eram inéditos no Brasil foram publicados em espanhol por quatro editoras: Claridad, Américalee, Losada e Acteon; esses livros foram versados para o espanhol por quatro tradutores: Benjamin de Garay, Ramón Prieto, M. J. de Sosa e María B. de Petriz; e tiveram suas ilustrações feitas por quatro artistas: Silvio Baldessari, Arturo Travi, Gustavo Doré e J.U. Campos.

Além disso, como indicado por Lucena (2022) novos livros foram lançados, sendo “11 livros inéditos, o que sugere um mercado aberto para as obras do autor” (LUCENA, 2022, p.129). Entre esses, 10 foram publicados pela Editorial Códex: *El nuevo Vizconde*, *La*

¹¹ Os dados apresentados são resultados da catalogação que realizamos no Capítulo 3.

¹² Como destacamos anteriormente, *Don Quijote de los niños* foi o primeiro livro a ser lançado pela Editorial Claridad, quando Lobato ainda estivera em parceria com Benjamin de Garay, o qual fez a tradução do livro e após estreitar os laços com Ramón Prieto o livro foi traduzido por ele e lançado na coleção pelas editoras Américalee e Losada.

ocurrencia de Emilia, En el tiempo de Nerón, El periscopio de lo invisible, Una Hada moderna, El centaurito, La Lamprea, El museo de Emilia, La violeta blanca e Los duendes; e 1 foi publicado pela Editorial Acteon: *La Nueva Argentina*.

Diante de tantos livros lançados em espanhol, Lobato constatou o sucesso no país vizinho e escreveu uma carta para o amigo Rangel indicando suas pretensões para “cuidar” mais de perto de suas criações:

Creio que me tornei comum de dois países, pois vivo de livros e os que tenho aqui em exploração os terei também lá, todos, este ano. Cada livro considero uma vaca holandesa que me dá o leite da subsistência. O meu estabulo no Brasil conta com 23 cabeças no Otale, mais 12 na Brasiliense e mais as 30 das Obras Completas. Total 65 vacas de 40 litros. E o meu estábulo na Argentina conta com 37 cabeças. Grande total, lá e cá: 102 cabeças. O produto do leite vendido na Argentina (e mais países hispanicos) fica depositado lá mesmo, de modo que para mim uma temporada lá não tenho de recorrer ao leite daqui. E como tenho de cuidar de dois estábulos, o remédio é tornar-me comum de dois: parte do ano aqui, parte lá [*sic.*] (LOBATO, 2010a, 574).

O escritor “comum de dois países” concretizou o que escreveu ao amigo e partiu para Buenos Aires em 6 junho de 1946 com sua família. Sua estadia lá foi de grande êxito. Inicialmente, sua agenda ficou bastante compromissada, pois Lobato recebeu convites para conhecer variados pontos da cultura argentina, como ele mesmo cita em outra carta a Rangel contando que foi convidado para almoçar na embaixada, assistir luta de boxe, passear de automóvel pelo Tigre, além de aproveitar para ir visitar amigos epistolares (LOBATO, 2010a).

O autor fez ainda mais: se aproximou das crianças do país anfitrião por meio de visitas em escolas, conversando e ouvindo as opiniões delas a respeito de suas obras. Cavalleiro (1955) afirmou que o autor se transformou “numa espécie de embaixador das crianças brasileiras junto à meninada argentina” (CAVALHEIRO, 1955, p.664) e publicou em seu livro duas fotos de Lobato em momentos de proximidade com os argentinos:

Figura 6 - Na Argentina com os pequenos admiradores



Fonte: CAVALHEIRO, 1955, s/p.

Figura 7 - Alvo de carinhosa homenagem numa Escola argentina



Fonte: CAVALHEIRO, 1955, s/p.

Com as “boas-vindas” argentinas, Lobato continuou sua produção das escritas e novas possibilidades surgiram quando ele se associou a Ramón Prieto e Miguel Pilato, em 1946, para fundar a editora Acteon¹³. Nesse momento, o autor que já tinha relações literárias passou a ter também relações editoriais com o país vizinho.

O prestígio do autor e editor junto à população portenha só aumentava e em setembro de 1946 o magazine *Harrod's*, promoveu a Semana Monteiro Lobato. Em uma carta à sua sobrinha Gulnara o escritor indicou como seria o evento:

¹³ Segundo Albieri “o fim da casa editora ocorreu em 1947” (ALBIERI, 2009, p.152).

Vamos ter no dia 25 a “Semana Monteiro Lobato” no Harrods, que é um Mappin em ponto grande que há aqui, com exposição de todos os meus livros, cartazes, bonecos e representação de comédias extraídas dos livros. Essa semana vai repetir-se antes do Natal (LOBATO, 1964, p.341).

Segundo Albieri (2009, p.270) a mostra foi uma espécie de “colheita dos frutos” em solo portenho visto que Lobato era manchete de jornais com grande circulação na cidade e sua fama circulava “na boca do povo”. Diante disso,

[...] o magazine, por sua vez, aproveitando esse frisson causado não só pela mudança do escritor como pelo fato de que seus livros circulavam entre as crianças, promoveu a semana, com objetivo mercadológico também, uma vez que vendia as obras lobatianas na livraria do Magazine, que se encontrava no “primer piso” da loja [...] (ALBIERI, 2009, p.270).

Em pouco tempo no país, Lobato conquistou a admiração de diversas pessoas e dentro dos vínculos argentinos ousou ainda mais quando observou a sociedade vizinha e escreveu o livro *La Nueva Argentina*, que foi publicado em 1947, pela sua editora Acteon. Para tanto, o autor usou o pseudônimo de Miguel P. Garcia para publicação. A obra, original em espanhol, nos conduz a incógnitas sobre quais motivos Lobato teve para usar outro nome e quais foram os destinos das publicações¹⁴. A narrativa é apresentada por meio de diálogos entre os personagens Don Justo, pai de Pancho e Pablo Saavedra e tem como tema central questões políticas, sociais e econômicas do país. O autor planejava alavancar a venda do livro *La Nueva Argentina* e realizou negociações com o governo para que sua produção começasse a circular de maneira paradidática.

Ao observarmos a capa do livro é possível compreender que Lobato e sua equipe pretenderam passar ao leitor grande parte das informações que *La Nueva Argentina* continha, sendo retratada uma família de costas com seu cachorro de maneira a observar e contemplar os benefícios que o Plano Quinquenal poderia proporcionar, esses indicados por meio de desenhos de grandes plantações, de um caminhão de colheita, de um rio e de uma represa, elementos para representar o campo, além de casas, de prédios, de indústrias, de aviões, de carros e de rodovias, sendo esses para representar o meio urbano (GARCÍA, 2015):

¹⁴ No Capítulo 3 faremos mais algumas observações sobre o livro *La Nueva Argentina*.

Figura 8 – Capa de La Nueva Argentina



Fonte: GARCIA, 1947
Disponível no Acervo da Biblioteca Del Congreso de la Nación – Colección Perón / Argentina

No livro autor teceu importantes apontamentos sobre como os aspectos sociais, econômicos, educacionais, culturais, de saúde pública, de diplomacia, de defesa nacional, de obras públicas e de transportes poderiam ser pensados a partir dos preceitos do movimento político de maneira a promover ações voltadas para a justiça social entre a população do país.

Apesar do interesse e da grande repercussão entre as crianças, o governo recuou e o autor não pode contar com essas vendas, o que não o afastou do empenho de novas publicações e da continuidade de seu contato com os pequenos. Pode-se constatar tal afirmação ao ler, por exemplo, uma carta escrita por ele ao seu companheiro Rangel, em 13 de julho de 1946. Nela, Lobato contou sobre os escritos do *Jornal La Prensa* e a correspondência que recebeu de uma leitora infantil:

[...] Pois bem, na notícia que deu a respeito da visita que como velho colaborador lhe fiz, referiu-se às cartas das crianças que tenho recebido cá e citou um pedacinho duma – em que uma ninã de Santa Fé me pede que lhe mande uma pílula do Doutor Caramujo para curar de mudez congênita uma boneca a que ela deu o nome de Emília (LOBATO, 2010a, p.579).

O autor caminhou com sucesso por entre as trilhas literárias fora do território brasileiro e ficou orgulhoso com a receptividade das crianças do país vizinho, como indicou em uma carta que escreveu no dia 21 de novembro de 1947 para seu amigo Palma Neto: “E ninguém jamais recebeu mais prêmios do que eu. As cartinhas das crianças que tenho, vindas de toda parte (ontem recebi uma de Santa Fé, na Argentina), fazem-me o homem mais rico do Brasil, o Grande Milionário” (LOBATO, 1964, p.258).

Monteiro Lobato, teve muito esmero com os leitores de língua espanhola. Mais do que escrever livros, ele, que reconhecia as imposições que os dois países sofreram com suas colonizações, entrelaçava suas relações com a população vizinha em movimentos que os levassem a espalhar e proliferar suas múltiplas conexões para dimensões muito além da literatura hierárquica. Com isso, não haveria um sistema literário único, central, sim um sistema “desliterário”, que contemplasse as dimensões das diversidades e que possibilitasse escapar, vazar, transbordar... as características camufladas da população nos emaranhados de suas realidades.

Como afirmou Lucena (2022) entre 1938 e 1955 a Argentina atravessou a “Edad de oro” em relação a produção, consumo interno e exportação no mundo livreiro e quando as obras eram lançadas no país havia muita possibilidade de que elas fossem vendidas em outros países hispano-americanos, isso porque:

[...] além de entrar no mercado argentino, publicar ali naquele período significava provavelmente ter sua obra exposta para outros países de língua espanhola na América, já que a Argentina preencheu a lacuna de produtor e exportador de livros que a Espanha deixou aberto quando se ausentou da cena dos editores de livros por razão da sua situação interna gerada pela guerra civil. Sendo ela a grande propulsora inicial desse tempo áureo, a guerra civil espanhola (1936-1939), terminou com a queda da república na península e o início da ditadura franquista. O cenário livreiro da Argentina e da América Hispânica como um todo era pautado por obras importadas da Espanha, país que abastecia predominantemente os países daquela região com seus livros. Com a chegada da guerra e o estabelecimento da ditadura, a Espanha não pode mais suprir tal mercado, o que deixou o terreno livre para que se desenvolvesse na Argentina um verdadeiro centro regional de edição e distribuição de livros (LUCENA, 2022, p.60).

E foi exatamente isso que ocorreu com a produção de Lobato, após ser lançada na Argentina a sua arte com as palavras rompeu fronteiras e ganhou circulação também por diversos lugares da América Latina. A partir disso, Lobato ganhou mais visibilidade fora do Brasil e testemunhou o seu prestígio por outros países. O autor reconheceu com otimismo a

expansão de suas histórias para além das fronteiras e indicou para diversos amigos esse acontecimento, como podemos notar, por exemplo, em uma de suas correspondências escritas para Rangel em 14 de janeiro de 1947:

Meus livros infantis já saíram todos cá - 14 só o ano passado. Bati um record. Vendem-se melhor no Peru, na Venezuela e no México do que aqui. A Argentina só absorve 20% das edições. Os livros cá sofrem da tremenda concorrência dos grandes jornais e das revistas, que são muitas e ótimas (LOBATO, 1947 apud SOARES, 2006, p.252).

Depois de quase um ano vivendo na Argentina e presenciando o êxito de seus livros escritos em espanhol, Lobato resolveu retornar ao Brasil, havendo algumas causas importantes que o fizera tomar tal decisão. Como escreveu Cavalheiro (1955, p.670), enquanto estava fora ele não conseguiu desgrudar-se da terra ingrata, teve remorsos por não estar em solidariedade com seu povo e sua preocupação com momento político e econômico brasileiro foi permanente. A vitória de Ademar de Barros em São Paulo pelo Partido Comunista chamou sua atenção e despertou um pouco mais sua vontade de retornar, como podemos ver em uma correspondência escrita para Artur Neves, a qual foi registrada por Cavalheiro:

Quero voltar para ver os sinais da derrota em certas caras, e acompanhar de perto o que vai vir – e vai vir coisa brava. Os privilégios se defendem, e enquanto os privilegiados não forem destruídos, todas as vitórias perigam. Tenho medo de todas as reações inspiradas pelo padre e o militar, e financiadas pelos que se beneficiam de uma situação que cada vez mais lhes enche as contas no Banco (CAVALHEIRO, 1955, p.670).

Além disso, havia também algumas questões pessoais que o levaram a decidir pelo regresso ao Brasil: o desamor pelo frio, a sua saúde que não estava muito boa, a vontade de rever os amigos e a nostalgia que sentia da língua. Diante tantas questões Lobato fez suas malas e voltou para o seu país de origem, como afirmou Cavalheiro (1955, p.673):

A 8 de junho, menos de um ano do dia em que partira “para nunca mais voltar”, desce em Congonhas. Comove-se com a recepção, e a todos explica, risonho e feliz que voltara ao Brasil “forçado pelas saudades da língua, dos bate-papos intermináveis, das conversas para boi dormir, e outros “caldos de goiaba”. [...] Na Argentina tratavam-no muitíssimo bem, eram carinhosos e amigos, mas como manter longas conversas se precisava falar “traduzindo”? Para o incansável “causeur” que sempre fôra, o esforço era demasiado. Será, perguntava, que isso que enfaticamente chamamos de Pátria não passa no fundo de um punhado de amigos e amigas?

Depois de seu retorno ao Brasil, Lobato ainda continuou seus pensamentos nos seus escritos em espanhol. O sucesso entre os países latino-americanos despertou o (talvez latente) desejo de ampliar ainda mais sua rota. O autor já articulava seu projeto há tempos, como podemos constatar em uma carta escrita em 20 de fevereiro de 1943 a Rangel. Ele explicou seu interesse por uma:

[...] viagem pela beira dos Andes, da Terra do Fogo ao Istmo. Sonho uma peregrinação *sui generis*, de um ano, dois, três, toda a vida, sem itinerário ou prazo. Ir andando e parando. Um mês ou um ano em Cuzco. Pescarias no Titicaca. Caçada de lagartixas no deserto do Atacama. Sem tempo marcado. Sem objetivo aparente. Tudo pelo prazer do caminho. E então escreverei O ACONCÁGUA (LOBATO, 2010a, p. 553, grifos do autor).

Lobato sonhava ainda mais: deslitteraturizar a história da América por narrativas do Aconcágua, pois somente a montanha poderia contar como realmente aconteceram os fatos, sem falseações patrióticas (LOBATO, 2010a). O plano havia provocado muito entusiasmo no escritor, que mesmo sabendo que iria ter muito trabalho fez diversas projeções, como podemos observar em uma carta escrita a Rangel em 1º de fevereiro de 1943:

[...] Cada vez mais, Emília é o que quer ser, e não o que eu quero que ela seja. Fez de mim um “aparelho”, como se diz em linguagem espírita. A última da pestinha está me dando dor de cabeça. Imagina que escasquetou conhecer toda a história da América “autocontadamente”. A história completa da América, desde o tempo que isso foi um pedaço da Atlântida até agora. Quer conhecer a formação dos Andes e de todas as plantas e animais que evoluíram no lombo dos Andes e à margem das “crias” dos Andes (ela acha que até o rio Amazonas não passa do desenvolvimento duma pequenina cria dos Andes). E quer saber, depois, como apareceram os aborígenes (ela sabe o quer dizer aborígene), e quer ao vivo a história de todos os descobridores da América até Colombo (que, segundo Wells, é o 18º). E quer assistir à toda a tragédia da destruição dos incas, astecas e maias pelos espanhóis invasores (LOBATO, 2010a, p. 551).

O fascínio por escrever para as crianças de maneira que as fizessem refletir com criticidade sobre o sistema hierárquico dominante, independentemente de seu país de origem, caminhou com Lobato por toda uma vida e mesmo que seus últimos sonhos não tenham sido concretizados, pois no dia 4 de julho de 1948 chegou o momento de sua partida dessa Terra. Mesmo assim, seus passos acompanharam e ainda acompanham tantos leitores que é difícil mensurar a presença de Lobato em imaginários e em ideários infantis brasileiros e estrangeiros.

Diante desse percurso, percebemos que Lobato evadiu e construiu uma integração continental sem fronteiras. Para o autor, a América Latina foi pensada mais do que um território e passou a ser compreendida como parte de um projeto estético, cultural e ideológico, o que transformou sua literatura em uma opção literária **na** América Latina e não apenas em uma opção **da** América Latina (LAJOLO, 2004).

CAPÍTULO 3 - MONTEIRO LOBATO PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS

El agua blanda en la piedra dura tanto da, que la horada (LOBATO, 1956d, p. 166).

Monteiro Lobato, sendo um visionário literário que sempre buscou por novos horizontes, não mediu esforços para que seus livros circulassem para além das fronteiras brasileiras. No caso da literatura infantil em espanhol, sua proposta de tradução e adaptação perpassou por quase todas suas obras em português e enquanto esteve vivo ele percebeu a boa aceitação dos leitores, o que o motivou a lançá-las por diversas editoras em Buenos Aires.

As muitas edições e reedições das suas obras em espanhol apresentam um número expressivo de publicações que puderam e podem ainda contribuir com o imaginário dos leitores que buscam pelas aventuras que as histórias lobatinas apresentam. A circulação delas foi intensa entre as décadas de 1940 e 1950 e continuou ocorrendo nas décadas subsequentes, mesmo que de maneira mais branda. Pensando nisso, seria propício questionar: *Por onde as obras infantis de Lobato escritas em espanhol teriam transitado?*

Existem algumas pesquisas sobre a circulação de obras lobatianas para além do Brasil. Franca (2007), por exemplo, em seu trabalho de mestrado, pesquisou sobre obras infantis e juvenis brasileiras que foram traduzidas em língua francesa com a pergunta: “Oú est Lobatô?”. Diante do questionamento da autora poderíamos nos inspirar em sua ideia e indicar: *¿Donde está Lobato?*

Na pesquisa de revisão bibliográfica, realizada no Capítulo 1, principalmente pelas pesquisas de Franca (2007), Damaros e Milton (2019) e Lajolo (2004), foi possível notar que a investigação da presença de livros de Lobato em terras não brasileiras, gradativamente, tem ganhado visibilidade entre os estudiosos das obras do autor, sendo, sem dúvidas, um campo muito fértil para análises. Os cenários para coleta de informações exigem um olhar atento, porque os materiais podem estar em lugares prováveis e improváveis, que, na maioria dos casos, são ainda pouco conhecidos. Desta maneira, caberia aos pesquisadores ter astúcia, intuição, faro e golpe de vista (GINZBURG, 1989) para encontrar os sinais que os possam guiar para novas descobertas.

Norma Sandra de Almeida Ferreira (2011), por exemplo, a partir da investigação da presença de livros de literatura infantil escrito por autores brasileiros em livrarias, em sebos e em bibliotecas públicas nas cidades de Faro, no Algarve, Portugal, fez um recorte e produziu um texto sobre os aspectos ligados à recepção e à circulação de obras de Lobato em terras portuguesas, levantando o seguinte questionamento: “Será que Lobato alcançou tanto sucesso

entre os leitores dos países lusófonos quanto entre as crianças brasileiras [...] (FERREIRA, 2011, p.14).

Mais especificamente, sobre as obras infantis de Lobato escritas em espanhol, Marisa Lajolo (2004) teceu importantes reflexões a respeito da proposta do autor para produção de uma literatura de identidade latino-americana. Em seu texto, a pesquisadora nos fez um pedido bastante desafiador que, certamente, despontou raios de luminosidade para o tema da nossa pesquisa:

É para o estudo destas relações literárias latino-americanas que o escritor brasileiro Monteiro Lobato pode ser peça chave. É, pois, para ele que chamo a atenção dos colegas, convidando-os a revisitarem a obra do escritor que habitou estantes de leitura e corações infantis da América Latina, do México à Patagônia, dos Andes ao Pão de Açúcar (LAJOLO, 2004, p.03).

Inspirados nas reflexões de Franca (2007), Damaros e Milton (2019) e Lajolo (2004) levantadas no Capítulo 1 e por Ferreira (2011), fomos levados a pensar nas seguintes questões: *Por onde estariam circulando as obras infantis de Lobato publicadas em espanhol?* e *Que leitores teriam sido cativados por elas?*

Diante dessas provocações, iremos explorar, neste capítulo, reflexões sobre um Lobato ainda pouco conhecido pelas pesquisas, tentando apontar pistas que possam contribuir com a resolução de alguns enigmas que perpassam as fronteiras, o tempo e a memória da literatura infantil *hispano-hablante* do escritor.

3.1. ¿Dónde está Lobato?

Como apresentado, os livros infantis de Lobato em espanhol foram divulgados amplamente nas décadas 40 e 50. O autor inclusive afirmou em uma de suas cartas que eles foram vendidos na Argentina, Peru, Venezuela e México. Essas informações nos provocaram a pesquisar por quais locais esses livros teriam circulado e onde estariam na atualidade.

Para responder a esses questionamentos, foram realizadas algumas investigações por meio de coletas de informações entre os anos de 2018 a 2021 em países da América Latina que têm o espanhol como idioma oficial. Foram realizadas buscas físicas e de modo on-line sobre o acervo literário de Lobato em bibliotecas públicas de diferentes países sendo que, de maneira mais específica na Argentina, local onde o autor solidificou suas publicações, as pesquisas também ocorreram em livrarias e em sebos da capital Buenos Aires.

Optamos pelas pesquisas em bibliotecas públicas por entendermos que haveria grande probabilidade de encontrarmos em seus acervos os livros de Lobato, visto a diversidade de materiais que podem ser localizados nessas instituições e por elas terem como princípio o propósito de conservação de seus itens. Outro ponto importante para justificar nossa busca nessas bibliotecas, foi o fato de considerarmos a importância do papel que elas desenvolvem em uma sociedade evitando a dissipação de produções escritas, pois como defendeu Manguel:

[...] as bibliotecas públicas, contendo textos tanto virtuais como materiais, são um instrumento essencial para lutar contra a solidão. Sustento o lugar delas como memória e experiência de uma sociedade. Digo que, sem as bibliotecas públicas e sem conscientização do papel que desempenham, a sociedade baseada na palavra escrita está fadada ao desaparecimento (MANGUEL, 2021, p.30).

Em outro texto, Manguel também indicou que a biblioteca é “un lugar de memoria y de transmisión, de pasado y de futuro”, sendo “el receptáculo de nuestra memoria social” que possibilita a leitura como “un dialogo entre generaciones” (MANGUEL, 2007, s/p). Concordando com autor e acreditamos que detectar por onde as obras de Lobato estariam circulando poderia nos ajudar a resgatar a memória da literatura infantil em espanhol que o autor produziu para, então, podermos fazer algumas reflexões sobre qual seria seu impacto para a sociedade em diversos momentos históricos.

Diante disso, nosso estudo tomou como partida a consulta dos catálogos on-line de bibliotecas públicas dos seguintes países da América Latina (que têm o espanhol como língua oficial): Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. A opção de também consultar o Brasil, mesmo sabendo que ele não tem o espanhol como primeira língua, justifica-se pelo fato de ser o país de origem de Lobato, o que poderia ter contribuído para que, de alguma maneira, as obras em língua espanhola tenham chegado a circular.

Em todos os países escolhidos para a coleta de informação, tivemos como ponto de referência as instituições que eles têm em comum: as Bibliotecas Nacionais, visto a considerável influência que elas exercem em uma sociedade, como afirma Trigo (2004, p.10), “muito além de recolher, catalogar e abrigar livros em estantes bonitas, essas bibliotecas tiveram uma importância simbólica e política imensas, pois sempre estiveram associadas a estratégias do conhecimento, a razões de Estado, a visões de mundo”.

Desta maneira, compreendendo a importância de seus vastos e ricos acervos e reconhecendo o papel que elas apresentam ao preservar e dar acesso ao patrimônio documental da humanidade, sendo inclusive respaldadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (por meio do Programa da Memória do Mundo criado em 1992), acreditamos que nelas seria possível obter informações importantes sobre Monteiro Lobato e a sua literatura infantil.

Compreendendo isso, as buscas foram realizadas nas Bibliotecas Nacionais de 19 países, sendo feitas no segundo semestre de 2021 nos catálogos on-line de cada instituição. Como resultados, em uma grande parte delas encontramos exemplares de obras de Lobato. Em outras, no entanto, não foram localizadas obras do escritor. Por isso, ocorreram circunstâncias que exigiram pesquisas em outras bibliotecas públicas da capital do país em questão, sendo que em alguns casos obtivemos sucesso e em outros não. Houve países em que não encontramos livros do autor, mesmo tendo expandido a procura por outras bibliotecas.

As pesquisas presenciais de informações para o trabalho ocorreram em 3 países: no Chile em novembro de 2018 em uma visita a Santiago, no Brasil em janeiro de 2019 na Biblioteca Monteiro Lobato e na Argentina em janeiro de 2020 na capital Buenos Aires.

No Chile, especificamente em novembro de 2018 na Biblioteca Nacional, ocorreu nosso primeiro contato com os livros de Lobato devido a uma viagem oportuna ao país. Havia poucos exemplares disponíveis no local e muitas questões acabaram por serem suscitadas ao final dessa visita com base no que foi encontrado, encorajando-nos a seguir em nossas pesquisas.

Depois disso, um momento importante foi a consulta realizada em janeiro de 2019 à Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, situada na cidade de São Paulo. A instituição, bastante conhecida pelos pesquisadores que estudam obras do autor em português, também conta com um acervo de suas traduções para o espanhol, o que nos possibilitou ver fisicamente diferentes obras, voltadas tanto para o público adulto quanto para as crianças.

Finalmente, em janeiro de 2020, foi realizada uma pesquisa de campo mais aprofundada em Buenos Aires. Reconhecendo o fato de Lobato ter morado na Argentina e ter publicado livros em algumas editoras desse país, foram visitados alguns acervos de bibliotecas públicas locais, livrarias e sebos, o que nos deu um panorama de como os livros infantis estavam presentes nesses locais.

De modo geral, essas pesquisas apresentaram informações importantes para este estudo como, por exemplo: em quais países foram encontrados maior número de exemplares; em quais um menor número, ou mesmo em qual nenhuma obra foi encontrada; quais anos de

publicação foram mais recorrentes dentre as publicações localizadas; e quais países fizeram publicações em editoras locais.

Desta maneira, obtivemos um número expressivo de informações, as quais foram catalogadas e se apresentam detalhadas como apêndice neste trabalho. A seguir, descreveremos nossa análise desses dados seguindo a ordem alfabética dos países da América Latina que apresentaram em seus catálogos as obras. Ao final, indicamos em quais países eles não foram localizados.

A Argentina, por ter sido um local bastante explorado por Lobato, seja por seus contatos com outros literários, seja pelo fato de ter morado no país e ter publicado diversos livros, inclusive pela editora Acteon, que fundou no local, apresentou um material bastante significativo para nossa pesquisa em suas bibliotecas e em alguns locais que comercializavam seus livros.

A Biblioteca Nacional da Argentina “Mariano Moreno” foi consultada de maneira on-line pois em janeiro, quando realizamos a visita a Buenos Aires, ela esteve fechada. Em seu acervo foram encontrados 51 livros de Lobato, sendo os publicados na Argentina e escritos em espanhol, 36 livros infantis e 3 livros adultos. Publicados por editoras no Brasil e escritos em português 1 livro infantil e 11 livros para o público adulto. Os livros escritos em espanhol foram publicados pelas editoras Losada, Américalee, Acteón, El Ateneo, Claridad, Peuser, Codex, Editorial TOR e Editorial Lord Cochrane S. A.¹⁵, com datas de 1935 até 2010. Também realizamos a procura pelo livro *La Nueva Argentina* a partir do pseudônimo Miguel P. Garcia, conforme a sugestão que a autora García nos fez por correio eletrônico, a qual indicamos no Capítulo 1, e encontramos o exemplar catalogado no acervo dessa biblioteca¹⁶. Além das obras do autor, foram encontrados dois livros que tem Lobato como tema, sendo

¹⁵ Destacamos que esse livro foi impresso no Chile pela Editorial Lord Cochrane S. A. e estava integrado com a edição nº1545 da Revista Antejito de outubro de 1994, não podendo ser vendido separadamente, ambos foram realizados pela Producciones García Ferré S. A. fundada pelo artista e cartunista espanhol Manuel Garcia Ferré. Aos 17 anos Ferré mudou-se para Buenos Aires e desde então realizou diversas produções infantis impressas que tiveram as maiores tiragens vendidas na Argentina e com menor escala foram comercializadas em outros países da América Latina, além disso o artista também produziu desenhos animados que foram apreciados por crianças de todo continente. O exemplar localizado na Biblioteca Nacional da Argentina trata-se da tradução de *Fábulas*, feito por Julia Marta Pucci, Martha Steinbrun, Gabriela Romeo e Marcela Codda e ele nos chamou a atenção por ser uma possibilidade de escrita do livro que nos propomos a investigar em nosso trabalho, sendo uma publicação mais recentemente, no entanto, infelizmente, devido à falta de possibilidade de uma nova visita a Buenos Aires não tivemos acesso ao seu conteúdo, mas a partir do trabalho de Lucena (2022), o qual indicamos no Capítulo 1, conseguimos ter algumas informações mais gerais do livro e da editora.

¹⁶ Informação disponível em: https://catalogo.bn.gov.ar/F/3XK7DE2XJPPFAF1ESA311B64NBQ79B99I98UFRD3V8GCMGU7JL-62938?func=item-global&doc_library=BNA01&doc_number=000522888&year=&volume=&sub_library=LIBRO. Acesso em: 20 fev. 2021.

eles: *Monteiro Lobato: un escritor, un país* (2000) e o livro *Monteiro Lobato: trayectoria de una fidelidad* (1959), ambos escritos pela escritora argentina Haydée Maria Jofre Barroso. Neste acervo foram encontradas 17 obras infantis do autor, sendo a mais antiga publicada em 1938, no início do projeto de Lobato de edições em Buenos Aires, e a mais recente publicada em 2010, realizada de um projeto conjunto entre os governos argentino e brasileiro.

Na pesquisa à Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros, nossa coleta de informações foi realizada presencialmente em janeiro de 2020. Nela foram encontrados livros escritos em espanhol, sendo 17 livros infantis e 3 livros para adultos, além de 1 livro para adultos escrito em português. Os livros localizados que haviam sido escritos em espanhol foram publicados pelas editoras Acteon, El Ateneo, Losada, Americalee, Patria e pelo Centro de Estudios Brasileños. O acesso ao livro *Las travesuras de Naricita* (Buenos Aires: Americalee, 1944) no catálogo da biblioteca encontra-se disponível para download pelo link: <http://www.bnm.me.gov.ar/giga1/libros/00073090/00073090.pdf>. Na ocasião da pesquisa também foram encontrados textos com críticas ao escritor e o acervo apresentou na busca virtual um vídeo que, quando solicitado presencialmente, foi informado que não foi localizado (trata-se da biografia de Lobato realizada pelo Instituto Itaú Cultural que pode ser acessada no link: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa59/monteiro-lobato>).

Apesar de encontrar diversos livros de Monteiro Lobato nos catálogos das bibliotecas consultadas, ainda tinha uma obra muito importante que não havíamos tido acesso ao seu exemplar original: *La Nueva Argentina*. A maioria das pesquisas de teses e dissertações afirmaram que não foram encontrados exemplares originais, somente uma fotocópia em preto e branco¹⁷. Mas ao fazer o levantamento para o Capítulo 1, revisando a bibliografia já produzida sobre o tema, foi encontrado no trabalho de María Amalia García (2015) reflexões sobre a obra e por isso fizemos contato por e-mail com a referida autora para saber mais informações e ela nos informou que o livro poderia ser encontrado na *Biblioteca Del Congreso de la Nación* a partir da busca pelo autor Miguel P. Garcia e, por isso, nossa busca também foi realizada nessa instituição de maneira presencial¹⁸. Ao procurarmos no catálogo o nome Monteiro Lobato, não encontramos nenhuma referência. Fizemos novamente a busca, desta vez com o pseudônimo Miguel P. García e encontramos o livro, publicado pela editora

¹⁷ Somente a tese de Lucena (2022), a qual tivemos acesso ao final de nossa pesquisa, localizou exemplares da obra original.

¹⁸ Conforme indicado em *Memórias de Michele: rumo ao desconhecido Lobato* apesar de ir até a biblioteca não tivemos acesso em janeiro de 2020 pois ela estava fechada e por isso só conseguimos as imagens do livro tempos depois, quando uma amiga moradora do país foi ao local e nos enviou fotos dele.

Acteon em 1947, no acervo da *Colección Perón*. Tal coleção reúne diversos materiais coletados desse político, conforme é indicado no site¹⁹:

La Biblioteca del Congreso de la Nación, según lo dispuesto por la Ley 25.114 (B.O. 20-07-1999), tiene a su cargo la recopilación, clasificación y edición de todo tipo de documentación existente sobre el General Juan Domingo Perón, incluyendo todo el material escrito, grabado o filmado de su autoría, así como también todo aquél que se refiera a su vida y obra.

Ao localizarmos *La Nueva Argentina* em um acervo destinado ao Perón ficou evidente que o conteúdo contemplaria, entre os diversos assuntos tratados, o general e suas ideologias políticas. Ele é um livro que ainda possui enigmas para os pesquisadores de Lobato porque indicou a aproximação do autor com um político, o que era um ato que ele contestava e o fato de localizá-lo de maneira escassa, diferente de outras produções lobatianas que podem ser encontradas em diversas bibliotecas, nos indicou que de algum modo esse livro foi retirado de circulação, assim como tudo que envolveu o peronismo durante alguns momentos históricos em que se predominou Ditaduras Provisórias e Permanentes na Argentina. Por isso, encontrá-lo nos ajudou, pelo menos em parte, a compreender uma faceta da lacuna sobre história do autor com a população argentina, a qual publicaremos em um artigo científico²⁰.

Em Buenos Aires a pesquisa, de maneira presencial, também ocorreu em estabelecimentos que pudessem vender os livros de Lobato e tivemos como foco as livrarias e os sebos locais. As livrarias foram escolhidas devido às informações de que a editora Losada havia lançado em 2010 algumas obras de Lobato. Depois de consultas, foram encontrados apenas dois livros para venda: *Las travesuras de Naricita* e *Las nuevas travesuras de Naricita*, que estavam disponíveis somente na livraria da própria editora Losada; nas outras livrarias visitadas, inclusive a livraria El Ateneo Grand Splendid, uma das mais renomadas e importantes livrarias da América Latina, não havia exemplares para a venda, sendo a maior justificativa o esgotamento dos livros por terem sido vendidos.

Os sebos foram escolhidos para coleta de dados, pois a Argentina apresenta diversos estabelecimentos que vendem livros usados, sendo que uma grande parte faz publicações em sites de compras na internet para divulgar seus catálogos. Em uma rápida busca pelo Google, por exemplo, foram localizados livros de Lobato para adultos e crianças desde edições mais antigas até a mais nova da editora Losada, em 2010, em sebos em San Nicolás, Santa Fé,

¹⁹ Disponível em: <https://bcn.gob.ar/publicaciones/juan-domingo-peron>

²⁰ Maiores reflexões foram feitas na escrita de “La Nueva Argentina: uma história que Dona Benta não contou”, a qual foi submetida para a Revista *Educación Teoría e Práctica* da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Belgrano, Caballito, Villa Urquiza, Capital Federal, Villa Ortúzar, Capital Federal, Recoleta, Capital - Villa Devoto, Capital Federal, San Cristóbal, Rosario, Santa Fe, Morón, Buenos Aires, Caba, Capital Federal, sendo que a maioria dos vendedores exibiam publicações com fotos de capas e de algumas páginas dos livros.

Como a pesquisa física limitou-se a Buenos Aires, foi realizado um levantamento on-line dos estabelecimentos que publicaram tais anúncios e depois foi realizado um roteiro de dois dias para visitar esses locais e outros que pudessem ser encontrados ocasionalmente, principalmente ao redor da avenida Corrientes, bastante conhecida pelo elevado número de sebos.

Apesar da grande expectativa gerada com o levantamento on-line, obtivemos poucos materiais disponíveis. Alguns sebos que tinham anúncio na internet de obras de Lobato não contavam mais com livro físico e justificaram que haviam esquecido de tirar o anúncio. Em um sebo específico, o dono informou que havia grande procura dos livros, principalmente por adultos que gostavam de recordar o que haviam lido quando crianças ou que gostariam de apresentar o apreciado autor da infância para seus filhos(as), de modo que as crianças pudessem conhecer os livros lobatianos.

Como resultado dessa busca em Buenos Aires, somente em um único sebo foram localizadas duas coleções iguais, sendo que cada uma contava com 22 livros infantis de Lobato (eles são numerados e os exemplares 21 e 22 estão em um mesmo livro) e uma delas adquirida para a nossa pesquisa pelo valor de mais ou menos R\$ 210,00.

Em relação ao Brasil, país que não tem o espanhol como idioma oficial, mas é o país natal de Lobato e desta maneira poderia contemplar os livros procurados em alguns de seus acervos, foram realizadas pesquisas em 4 bibliotecas que contam com um vasto material do escritor. Sendo locais já visitados em pesquisas anteriores, neste momento nosso levantamento se deu sobre quais livros em espanhol estariam em seus acervos. Mesmo não sendo a língua falada no país, eles teriam chegado a essas bibliotecas por diferentes maneiras, como compras ou doações.

A Biblioteca Nacional do Brasil, situada no Rio de Janeiro/RJ, apresentou em seu catálogo on-line 4 livros de Lobato em espanhol. Um de literatura para adultos, publicado pelo Centro de Estudios Brasileños em Buenos Aires/Argentina e três de literatura infantil: um publicado pela Editorial Zig-Zag de Santiago/Chile, um publicado pela editora Claridad em Buenos Aires/Argentina e uma obra publicada pela Embajada del Brasil de Lima/Peru.

Na Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, localizada em São Paulo/SP, foi realizada uma visita física que foi previamente agendada com a solicitação para visualizar os

livros de Lobato escritos em espanhol. No acervo foram localizados 19 livros, sendo 7 para adultos e 12 para crianças, publicados entre os anos de 1921 até 2010 pelas editoras: Americalee, Claridad, Acteon, Embajada del Brasil (Peru), Losada, El Ateneo, TOR, Patria e Embajada del Brasil (Peru). Destacamos que entre os livros consultados, foi localizada uma fotocópia do livro *La Nueva Argentina*, o qual Lobato publicou com o pseudônimo de Miguel P. Garcia.

No catálogo on-line do Instituto de Estudos Monteiro Lobato, situado em Taubaté/SP, foram localizados somente livros para crianças escritos em espanhol sendo um total de 9 exemplares das editoras Acteon, Americalee e Claridad, publicados entre os anos de 1938 a 1947.

Na Biblioteca Antônio Candido do Instituto de Linguagem (IEL) e no Centro de Documentação Cultural (CEDAE) que contam com o acervo da Universidade Estadual de Campinas/SP as buscas foram realizadas no catálogo online da instituição. Encontramos 2 livros de Lobato em espanhol, sendo 1 infantil publicado pela editora Americalee de 1946 e 1 adulto publicado pela editora El Ateneo de 1947.

No portal de busca integrada online da Universidade de São Paulo foram localizados 3 livros em espanhol do autor publicados entre os anos de 1921 a 1944, sendo 2 para adultos publicados pelas editoras: Editorial Patria e Editorial TOR e 1 livro para crianças publicado pela editora Americalee²¹.

No Chile, fizemos uma visita presencial em novembro de 2018 à Biblioteca Nacional, localizada em Santiago e tivemos como resultado o encontro de 6 livros de Lobato, sendo 3 escritos em espanhol, dos quais 1 era destinado a crianças e 2 para adultos, além de 4 livros escritos em português para adultos, publicados pelas editoras. Também foi localizado nesse acervo livro *Monteiro Lobato: trayectoria de una fidelidad*, publicado em 1959 pela escritora Haydée Maria Jofre Barroso. Como as pesquisas nos catálogos on-line das bibliotecas públicas foram realizadas em 2021, uma nova consulta foi realizada na mesma época na Biblioteca Nacional do Chile e, desta vez, um novo livro foi localizado: trata-se do livro infantil *Las travesuras de Naricita*, publicado pela Ediciones Universidad Católica de Chile em 2020.

Na pesquisa realizada no catálogo on-line da Biblioteca Nacional da Colômbia, situada em Bogotá, foram encontrados 27 livros, sendo 23 de literatura infantil escritos em espanhol e 4 de literatura adulta escritos em português. Também foram localizados no acervo o livro

²¹ O livro pode ser baixado no seguinte endereço eletrônico:
<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000002866&bbm/7473#page/1/mode/2up>.

intitulado *Monteiro Lobato*, publicado pela editora Babel Books em 2018, de autoria de Monteiro Lobato; e o livro *La vengeance de l'arbre et autres contes*, publicado pela Universitaires, Paris, em 1967 (o título parece ter proximidade com o conto “A vingança da peroba” que está no livro *Urupês*, mas não temos mais informações sobre o livro em questão). Ao observar os livros contidos nessa biblioteca destacamos que foram encontrarmos dois livros com edições recentes: *Las travesuras de Naricita*, publicado pela Biblioteca Nacional de Colômbia, de 2019; e *Naricita impertinente y la finca del pájaro carpintero amarillo*, publicado pelo Instituto Distrital De Las Artes – IDARTES em 2019.

No catálogo on-line da Biblioteca Nacional da Costa Rica, localizada em San Jose, os 44 exemplares localizados são de literatura infantil escritos em espanhol e publicados em Buenos Aires, havendo livros das editoras Losada e Américalee que foram publicados entre 1944 até 1983.

No Equador, não foram encontrados livros na Biblioteca Nacional em seu catálogo on-line e por isso foi realizada uma segunda busca na Biblioteca e Arquivo da Casa Ecuatoriana, situada em Quito, e nela foram encontrados 17 livros infantis escritos em espanhol e publicados pela editora Américalee entre os anos de 1949 a 1953.

Na Biblioteca Nacional do México, localizada na Cidade do México, foram encontrados em seu catálogo on-line 4 livros de autor, sendo 2 de literatura infantil escritos em espanhol publicados pela editora Américalee e 2 livros de literatura para adultos escritos em português.

Na pesquisa ao catálogo on-line da Biblioteca Nacional do Peru, localizada em Lima, foram encontrados 36 livros de Lobato, sendo os escritos em espanhol 22 livros infantis e 1 livro adulto; e os escritos em português, 1 livro infantil e 12 livros adultos. Esses livros em espanhol foram publicados pelas editoras argentinas Losada e Américalee, entre os anos de 1946 a 1966; e 3 obras infantis foram publicadas em Lima, capital do país, tendo edições com datas mais recentes: *Naricita* (Monteiro Lobato; vers. e prl. por Arturo Corcuera; il. Charo Núñez. Edição: 1ª, Lima: Embaixada do Brasil, 1986), *Peter Pan* (Monteiro Lobato/ James Mathew Barrie, Lima: EDIBASA, [2003]) e *Peter Pan* (Monteiro Lobato. Edição: 1ª ed., 1ª reimpressão, Lima: Chirre Publishing Corporation, 2011). Nesse acervo também foram encontrados alguns livros que apresentam o prefácio de Lobato tanto em português quanto em espanhol.

Como ao fazer a pesquisa de revisão bibliográfica, no Capítulo 1, encontramos no artigo de Goellner, Saavedra e Menares (2021) referência do livro *Las travesuras de Naricita* (2019), publicado pela Cantera Editores, tentamos averiguar mais informações sobre essa

publicação e mandamos um e-mail para a editora. Fomos prontamente atendidos e recebemos um arquivo virtual do livro em questão. Também nos foi enviado outro arquivo virtual do livro *Las cacerías de Pedrito* (2019). Esses dois livros contam com a apresentação inicial de Rodrigo Baena Soares, que na época das publicações era Embaixador do Brasil no Peru.

Outra importante informação recebida no e-mail refere-se à indicação de que em breve serão publicados a segunda parte do livro *Travesuras de Naricita* e o livro *El Saci*. Além disso, no país há uma instituição com o nome do autor “Biblioteca Pública Periférica José Bento Monteiro Lobato”, mas nela não foi possível fazer consultas de livros pela indisponibilidade de catálogo virtual.

Na busca on-line realizada ao acervo da Biblioteca Nacional do Uruguai, situada em Montevideu, não foram encontrados livros em espanhol ou em português do autor. No entanto, havia alguns arquivos digitalizados da *Revista Pegaso* que apresentaram escritos com algumas reflexões sobre Lobato, como é o caso da revista número 15, de setembro de 1919, na qual há uma nota elogiando o livro *Urupês* e indicando que o autor apresentou uma linguagem clara e precisa. Já na edição número 63, de setembro de 1923, foi publicada uma reflexão sobre *A onda verde*, indicando que Lobato escreveu com grande propriedade o livro. O artigo indicou que o autor teve “o espírito aberto para a fala popular” e que escreveu se desfiliando dos idiomas dos gramáticos, trazendo “novo ambiente, nova gente, novas coisas, novas necessidades de expressão: uma nova língua” (RODRIGUEZ, 1923, p.150). As indicações que encontramos apresentadas sobre Lobato nessa revista referem-se aos textos de literatura direcionada somente para adultos.

Com informações do próprio Lobato, explicitadas em uma carta, de que o Uruguai teria sido um local próspero da circulação de seus livros, a busca também ocorreu na Biblioteca pedagógica Central “Mtro. Sebastián Morey Otero” de Montevideu. Nela foram encontrados 32 livros de Lobato, sendo os escritos em espanhol 20 livros infantis e 2 livros adultos e os escritos em português 10 livros infantis. Os livros escritos em espanhol foram publicados pelas editoras Américalee e El Ateneo entre os anos de 1945 a 1963.

Na Biblioteca Nacional da Venezuela foram encontrados em seu catálogo on-line 2 livros infantis escritos em espanhol, sendo eles: *Geografía para los niños*, que foi editado em Buenos Aires em 1948; e *El Quijote de los niños* que foi editado em Caracas pela Casa Nacional de las Letras Andrés Bello em 2005.

Já nas bibliotecas escolhidas para pesquisa da Bolívia, de El Salvador, da Guatemala, de Honduras, da Nicarágua, do Panamá, do Paraguai e da República Dominicana não foram localizados resultados de Lobato nos catálogos on-line. Na pesquisa realizada em bibliotecas

de Cuba não foram encontrados livros do Lobato no catálogo on-line, mas localizamos dois livros sobre o autor: um intitulado *Leia! Um país se faz com homens e livros* de 1988, da Editora Camara Brasileira do Livro; e outra obra referente à biografia do autor *Furação na Botocúndia*, escrito por Carmen Lucia de Azevedo e publicado em 2000 pela editora SENAC.

Com essas informações, não necessariamente temos a certeza de que há ausência de obras do autor nesses países, mas o fato de não conseguirmos identificar se elas estariam presentes deixa uma lacuna na compreensão da relevância das escritas de nesses locais. Isso nos possibilita deduzir em alguma medida que mesmo que a circulação de obras do autor tenha ocorrido, isso teria se dado de modo irregular e em quantidade reduzida a ponto de não ganhar visibilidade, não sendo adquirida pelas bibliotecas mais expressivas, não sendo adquiridas por vendedores de livros para comercialização ou mesmo não sendo compradas por projetos governamentais, como foi o caso de alguns país que obtiveram os exemplares e distribuíram nos institutos educacionais locais.

Apesar de não encontrarmos Lobato em todos dos países da América Latina que têm o espanhol como língua oficial, foram localizados muitos exemplares, o que nos permitiu traçar um panorama geral para responder nossa pergunta: *Por onde estariam circulando as obras infantis de Lobato publicadas em espanhol?* Podemos responder à questão afirmando que elas foram localizadas nas bibliotecas da Argentina, do Brasil, do Chile, da Colômbia, da Costa Rica, do México, do Peru, do Uruguai e da Venezuela, sendo que a escala dos números de exemplares encontrados variou de um país para o outro.

Também indicamos que as edições encontradas tinham épocas bastante distintas. Embora a maioria sejam de datas mais antigas, de quando Lobato realizou sua parceria com editoras da Argentina, algumas publicações com datas mais recentes realizadas na Argentina, na Colômbia, no Chile e no Peru, sendo publicadas por 17 editoras, como podemos verificar no quadro a seguir:

Quadro 3 - Países e editoras com publicações de livros infantis de Monteiro Lobato escritos em espanhol

PAÍSES	EDITORAS
Argentina	Losada América Lee Acteón El Ateneo Claridad Peuser Codex Editorial TOR
Colômbia	Instituto Distrital De Las Artes – IDARTES Biblioteca Nacional da Colômbia
Chile	Ediciones Universidad Católica de Chile Editorial Zig-Zag Editorial Lord Cochrane S. A. ²²
Peru	Cantera Editores Embaixada do Brasil EDIBA SA Chirre Publishing Corporation

Elaboração: ROCHA, 2023.

Diante desses dados, notamos a dimensão que as obras de Lobato ganharam em diversos países da América Latina. É provável que nesta coleta de informações alguns títulos possam não ter sido localizados, mas é certo que os que encontramos nos diversos estabelecimentos nos propiciaram além de catalogação dos materiais, a possibilidade de termos a percepção da importância associada às “estratégias do conhecimento, a razões de Estado, a visões de mundo” (TRIGO, 2004, p.10) que as obras de Lobato tiveram em sua magnitude para além das fronteiras brasileiras.

E mais, se pensarmos que em cada país os acervos de livros de seus diversos estabelecimentos indicam, em certa medida, como ocorreu a evolução de seu povo. No caso de encontrarmos livros de Lobato é possível relacionar, pelo menos em parte, a história cultural (CHARTIER, 2002) de cada local onde os livros foram localizados junto à história adjacente do autor, de tal modo a compreendermos a importância do resgate da memória social (MANGUEL 2007 e 2021) para a literatura infantil lobatiana escrita em espanhol.

²² Como indicado anteriormente neste capítulo, apesar do livro localizado ter sido impresso no Chile, sua elaboração ocorreu pela Producciones García Ferré da Argentina e foi vendido em conjunto com a edição nº1545 da Revista Antejito.

3.2. Los hijos de Lobato

Uma das características mais marcantes de Monteiro Lobato foi a persistência. Enquanto esteve vivo, seus sonhos ganhavam força para se tornarem realidade devido à sua determinação. Ele tentou, tentou até que conseguiu que suas histórias evadissem para além das fronteiras do Brasil. Comprovamos anteriormente que em outros países da América Latina contam com exemplares dos livros de Lobato, sendo eles de edições mais antigas, as quais foram produzidas com a fiscalização do autor, até os mais recentes, que ganharam novas configurações na atualidade. Em ambos os casos essas obras são encontradas em bibliotecas, livrarias e sebos.

Com tantas edições e reedições, nos parece sensato afirmar que esses livros só foram produzidos em larga escala por apresentarem uma demanda significativa de crianças que queriam ler suas histórias, seja por incentivo da família, da escola ou de colegas.

Em relação aos leitores brasileiros, Penteado (2011) defendeu a tese de como eles teriam sido instigados pelas histórias do autor ao ponto de carregar marcas na construção de suas opiniões, escolhas, ações... e os denominou como os “filhos de Lobato”. O pesquisador, avaliou a possível influência da obra infantil de Lobato sobre seus leitores quando adultos, por meio de questionários e entrevistas feitas a um número expressivo de pessoas que entre 1930 e 1950 tiveram a obra de Lobato como principal referência de leitura infantil e juvenil. Penteado (2011) afirmou que Lobato “deixou marcas importantes nos homens e nas mulheres que, em sua maioria, ocupam posições de liderança na sociedade brasileira. Em que isso influenciou e influenciará ainda, continua difícil vislumbrar ou prever” (p. 302).

O trabalho de Penteado contribuiu para nossas reflexões, principalmente após a leitura de seu livro, que foi decorrente de sua tese, para pensarmos sobre a recepção e a influência que as obras suscitaram nas crianças que falam espanhol. Um dos pontos mais importantes foi o fato do autor ter feito a seguinte indagação: “E uma questão que surgiu depois do texto pronto: o que revelaria uma pesquisa semelhante feita em outro país, de cultura diversa do nosso? Sabemos que Lobato teve certa penetração e provavelmente alguma influência na Argentina” (PENTEADO, 2011, p.34).

Diante dos apontamentos de Penteado fomos inspirados a fazer a seguinte pergunta: Existiriam “filhos de Lobato” para além das fronteiras brasileira, leitores de outros países que carregariam “marcas na construção de suas opiniões, escolhas e ações”? Pessoas que talvez poderíamos chamar de “Los hijos de Lobato” ou quem sabe de “Los niños de Lobato”, “Los chicos de Lobato” ou ainda, de algum outro neologismo que o autor teria inventado se tivesse

tido a oportunidade. Apesar de, neste estudo, não pretendermos contemplar a minuciosa metodologia do trabalho de Penteadó, vamos nos valer de alguns materiais que possam nos ajudar a responder essa questão.

O autor que se empenhava em escrever “livros onde as crianças quisessem morar”, presenciou a solidificação de seu desejo, pois além de ter um número elevado de publicação de seus livros também sentiu o apreço que teve pelos seus pequenos leitores recebendo “cartinhas de toda parte” (LOBATO, 1964, p.258), referindo-se aos países da América Latina.

O contato com seus leitores por meio de cartas foi algo que Lobato sempre apreciou, como indica Romano (2019):

A troca de correspondência entre autor e leitor já era relativamente conhecida nos primeiros decênios do século XX quando Lobato passa a receber inúmeras missivas de seus pequenos leitores muito interessados em dar palpites sobre seus textos ou mesmo fazer algum tipo de crítica, sugestão ou ainda pedir algo para o escritor (ROMANO, 2019, p. 206).

De fato, com os pequenos leitores brasileiros, ele manteve uma troca epistolar intensa e é possível encontrarmos em diversos acervos muitas cartas de Lobato para crianças e delas para o autor, o que comprova essa inter-relação. O número elevado de materiais com as crianças do seu país natal possibilitou trabalhos bastante aprofundados e há diversos pesquisadores que se empenharam aos estudos dessas correspondências, como é o caso, por exemplo, da estudiosa Raquel Afonso da Silva (2005) que se dedicou na análise de cartas que estão no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)/USP, procurando compreender aspectos relativos à recepção da literatura infantil lobatiana pelo público leitor infantil brasileiro a partir de duas categorias: carta pessoal e carta escolar. A autora aponta que o retorno dos pequenos correspondentes foi fundamental para a contínua produção literária de Lobato:

[...] estas cartas influenciaram a produção infantil lobatiana, pois que o feedback dos leitores propicia a Lobato uma perspectiva através da qual lê sua própria obra, além do que, esse profícuo diálogo entre autor e leitor permite ao escritor revestir seus “leitores hipotéticos” de traços reais e, desta forma, produzir uma literatura mais afeita aos gostos e necessidades das crianças brasileiras de seu tempo (SILVA, 2005, p.15).

Diante dessas informações, procuramos encontrar correspondências de Lobato com o pequeno leitor da língua espanhola, o que poderia nos ajudar a compreender como foi a relação do autor com as crianças de outros países além do Brasil. A pesquisadora Eliane Santana Dias Debus (2001), em sua tese de doutorado, fez reflexões sobre as

correspondências de Lobato com o público infantil e, apesar de não ser o cerne de sua pesquisa o estudo do autor com os leitores de língua espanhola, ela indicou que o “grupo de remetentes não se limita ao espaço geográfico brasileiro: quando Lobato vai residir na Argentina, intensifica-se a atividade epistolar com os leitores daquele país”. Entre suas reflexões, a autora apresenta uma nota de rodapé indicando que:

Embora se saiba que Monteiro Lobato recebeu várias cartas de leitores argentinos, esse material não foi encontrado. Durante as pesquisas lidamos com uma única carta publicada no jornal *A Voz da Infância*. Edgar Cavalheiro cita trechos de algumas e faz referência a seus remetentes, mas desconhecemos a localização desse acervo (DEBUS, 2001, p.193).

Assim como Debus (2001), não tivemos muito êxito na procura das correspondências com as crianças argentinas e o nosso resultado ficou limitado apenas às indicações em cartas que Lobato fez a seus amigos, como por exemplo os materiais já supracitados no Capítulo 3, referentes às cartas que escreveu a Rangel em 13 de julho de 1946, quando afirmou que “[...] referiu-se às cartas das crianças que tenho recebido cá e citou um pedacinho duma – em que uma niña de Santa Fé me pede que lhe mande uma pílula do Doutor Caramujo para curar de mudez congênita uma boneca a que ela deu o nome de Emília” (LOBATO, 2010a, p.579), bem como o trecho supracitado da carta escrita no dia 21 de novembro de 1947 para Palma Neto, indicando: “E ninguém jamais recebeu mais prêmios do que eu. As cartinhas das crianças que tenho, vindas de toda parte (ontem recebi uma de Santa Fé, na Argentina), fazem-me o homem mais rico do Brasil o Grande Milionário” (LOBATO, 1964, p.258).

Diante da falta de material epistolar das crianças de outros países para o autor, pensamos: *de que maneira então poderíamos compreender como a literatura de Lobato teria encontrado os pequenos leitores de outros países a ponto de considerá-los como “filhos de Lobato”?*

O primeiro indício que tivemos de existirem filhos de Lobato para além do território brasileiro apareceu em nosso contato com o livro *Las travesuras de Naricita* (LOBATO, 2010c), publicado pela editora Losada em 2010. Nele há um prólogo escrito por **Cristina Fernández De Kirchner**, nascida em 19 de fevereiro de 1953 em La Plata – Argentina, que se tornou advogada e política muito influente por já ter sido presidenta e sendo atualmente vice-presidenta do seu país. No prólogo que escreveu, Kirchner contou sobre seus três encontros com Lobato: as leituras quando criança que tanto lhe inspiraram; o episódio em fevereiro de 1976, em que sua irmã colou as capas dos livros infantis de Lobato nos considerados “livros perigosos” para a ditadura militar da Argentina; e, por último, a

conversa, quando era presidenta da Argentina, ocorrida em 2008 com o, na época presidente Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva e o chanceler Celso Amorim que, entre tantos temas, foi perpassada por Lobato e seus personagens, resultando na ideia de um patrocínio brasileiro para lançar uma nova edição na Argentina.

Ao descrever o primeiro encontro com Lobato, Kirchner conta de sua infância atravessada por leituras de uma inúmera lista livros que formavam a biblioteca de sua casa, sendo eles adquiridos em compras feitas pela sua mãe ou pelo avô que “acostumbraban atender a cuanto vendedor de libros tocaba el timbre de nuestra casa” (KIRCHNER, 2010, p.09). Entre os exemplares adquiridos estava a coleção completa de “Las travesuras de Naricita y Perucho, de Monteiro Lobato”.

Em sua escrita, Kirchner fez apontamentos importantes sobre os livros de Lobato, indicando reflexões sobre a forma física que tinham: “su formato de tapas duras, coloradas, con las líneas de los rostos de Naricita y Perucho, em dorado, constituyen un registro visual imborrable” (KIRCHNER, 2010, p.9); sobre as questões pedagógicas que os perpassavam pelas “las fantasías más alocadas a la enseñanza de historia, geografía, geología, y todo tipo de conocimiento” (KIRCHNER, 2010, p.9); e também sobre as características das principais personagens.

[...] Emilia, la muñeca de trapo, terca y caprichosa, intrigante y rezongona, pero querible como pocas, convivía con el Vizconde – un marlo de maíz con galera e impertinentes – siempre atinado, serio y responsable. Naricita y Perucho, dos niños fantasiosos, aventureiros, inquietos y siempre deseosos de saber más, podrían haber sido uno de nosotros. Doña Benita, la abuela, era una “abuelísima” de gafas y pelo blanco que con la ayuda de la negra Anastasia – la “tía” inefable creadora de Emilia, la muñeca – hacían de la quinta del “Benteveo Amarillo”, un lugar en el que todos hubiéramos querido vivir (KIRCHNER, 2010, p.9).

Continuando a descrição dos seus encontros com Lobato, Kirchner contou sobre a segunda vez que o autor apareceu em sua vida. Desta vez ela já era adulta, casada e com o repertório de outras leituras, que haviam sido incorporadas à biblioteca de sua família por autores que somavam às obras de Monteiro Lobato, como por exemplo, Hernández Arregui, Rodolfo Puiggrós, Arturo Jauretche, Scalabrini Ortiz, Marechal, Cooke, Frantz Fanon, Walsh, Perón, Galeano, Benedetti, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Sartre, Camus e muitos outros que decorreram outros pensamentos pois “las fantasías habían dado paso a las utopías, las aventuras a la militancia...” (KIRCHNER, 2010, p.10). O segundo encontro ocorreu em uma

visita a casa de sua mãe, em 1976, ano que começava a ditadura militar na Argentina. No relato, ela detalhou o acontecimento:

[...] La encontré a mi hermana forrando las tapas de los libros cuya sola tenencia, en caso de allanamientos – muy frecuentes em aquellos días – eran el pasaporte directo a la cárcel, en el mejor de los casos. Gisele al mismo tiempo cortaba las primeras páginas de los libros de Naricita y Perucho y lo pegaba em los libros de Puiggrós, de Fanon, Walsh o Cooke. “Qué estás haciendo loca?”, le pregunté – siempre amable y diplomática -. Me miró y me dijo: “¿yo, loca?, loca está mamá que nos quiere quemar todos los libros; te aviso que ya te tiró al pozo ciego todos los “desca” y las “militancia” – El Descamisado y Militancia eran dos semanarios obligados de aquella época -, y siguió forrando tapas “peligrosas” y pegando páginas de los libros de Monteiro Lobato, mientras yo la miraba absorta, sin saber si reír o llorar [...] (KIRCHNER, 2010, p.10).

Seguindo sua escrita, Cristina contou que a casa de sua mãe não chegou a ser revistada, mesmo assim ela não voltou a conversar com sua irmã sobre os livros de Lobato, talvez por não querer recordar aquela circunstância incômoda de ver seu país sendo tomado pela ditadura. Esse encontro com Lobato não foi muito apropriado para Kirchner e pode ter ocorrido situações similares por entre tantas outras famílias que tiveram que queimar, jogar no esgoto ou disfarçar os “livros perigosos” com outras capas que eram um “passaporte dito para o cárcere” assim como ocorreu com a família dela.

O relato que indicou o que poderia ter sido a “ajuda” dada por Lobato, mesmo que de maneira involuntária, pode também nos dar uma pista sobre as faltas de informações em relação ao livro *La Nueva Argentina*, escrito por Lobato, mas publicado com o pseudônimo de Miguel P. Garcia. O fato de o livro tratar do plano quinquenal elaborado por Peron pode ter feito com que as pessoas que o tinham em casa procurassem uma maneira de desaparecer com o exemplar para não se comprometer, visto que não seria de bom grado à proposta da ditadura militar que assolava o país ter um livro com essa temática, assim como fizeram a mãe e a irmã de Kirchner.

No terceiro encontro, Cristina Kirchner deparou-se com Lobato de maneira inusitada em uma visita diplomática feita ao Brasil em 2008 quando era presidenta da Argentina. Na ocasião, entre os diversos políticos, estavam à mesa o, na época presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva e o chanceler Celso Amorim, sendo que, por um motivo que ela não se recorda, começaram a falar sobre Monteiro Lobato, suas personagens e as leituras que fizeram durante a infância, surgindo “la idea de patrocinar por parte del gobierno del Brasil una nueva edición de las aventuras de Naricita y Perucho”.

Após contemplar as experiências que teve com Lobato nesses três encontros, Kirchner fez uma comovente reflexão sobre as possibilidades que a nova edição pode suscitar na geração atual de crianças:

[...] No sé si éste será mi último encuentro con estos niños entrañables; si los hijos de mis hijos leerán libros, o serán definitivamente atrapados por Internet. No lo sé. Espero que no, por ellos: se perderían el placer indescriptible de abrir um libro y no saber qué van a encontrar, a imaginar, a fantasear. Se perderían las sensaciones que provoca atravesar esta vida, construyendo utopías y abriendo caminos, que parecían definitivamente cerrados para nuestro país y nuestro continente. Por eso, espero nuevos encuentros. Por ellos y por nosotros. En definitiva, por todos (KIRCHNER, 2010, p.11).

O prólogo, que perpassou os três encontros, revelou fatos e argumentos de uma menina, de uma mulher e de uma presidenta... Cristina Fernández Kirchner em sua amplitude, afetada por Lobato em muitos aspectos, tanto por indicar, na terceira pessoa do plural, que nós poderíamos ser as crianças das histórias, quanto por revelar que o Benteveo Amarillo era um lugar que todos nós “desejábamos viver”, assim como Lobato indicou que gostaria que fossem seus livros ao escrever em uma carta a Rangel afirmando a ideia de construir livros que as crianças pudessem morar. Ainda mais: podemos denominá-la uma “hija de Lobato” por encontrarmos em suas palavras as marcas das influências que autor possibilitou e que contribuíram com seus ideais, sonhos e utopias, como por exemplo, quando escreveu finalizando seu texto a seguinte dedicação: “A Naricita y Perucho, a Emilia y el Vizconde; a Anastasia y doña Benita y a todos los que contribuyeron a alimentar mis sueños y forjar mis Utopías” (KIRCHNER, 2010, p.11).

Partindo da descrição de Kirchner sobre as experiências com Lobato procuramos por mais referências de possíveis leitores não brasileiros e encontramos algumas informações de mais um leitor que teria tido contato com as obras do autor: **Alberto Manguel**, que nasceu em Buenos Aires – Argentina em 13 de março de 1948 e se destaca mundialmente por seus trabalhos como escritor e tradutor. Manguel contou em algumas entrevistas e alguns livros que desde pequeno teve que mudar-se com frequência devido ao trabalho do pai como diplomata e por isso residiu em outros países, realizando deslocamentos residenciais que o deixavam descontente, sendo que a proximidade com os livros foi uma maneira de lhe trazer acalento em meio aos desafios dessa jornada. Nas palavras dele, entre as mudanças “a ideia de lar era um lugar nas histórias, tanto no objeto físico entre as minhas mãos quanto nas palavras impressas” (MANGUEL, 2019, p.17).

O autor, que quando criança teve sua admiração pelos livros ampliada a cada novo exemplar que chegava e aumentava o acervo de sua biblioteca, encontrou na mesma medida amigos imaginários, personagens de cada história, que o ajudaram e o aconselharam em muitos momentos:

Aprendi a minha experiência do mundo – amor, morte, amizade, perda, gratidão, desconcerto, angústia, medo, tudo isto e a minha própria identidade em mutação – com personagens imaginárias que conheci nas minhas leituras, muito mais do que com minha misteriosa cara no espelho ou no meu reflexo nos olhos dos outros (MANGUEL, 2019, p.16).

Entre tantos escritores que deram vida aos “seus amigos imaginários” estava Monteiro Lobato, como indicou Manguel na entrevista *A literatura não tem missões oferece possibilidades* concedida ao Jornal Estado de Minas (JEM) no dia 06 de setembro de 2021²³:

JEM: Existem livros em sua biblioteca que você associa a fases específicas de sua vida? Um livro que remonta imediatamente à sua infância, por exemplo?

MANGUEL: Tenho uma edição alemã dos “Contos de Grimm” com ilustrações fúnebres e caligrafia gótica. Esse é um livro que marcou minha infância com seus medos, suas mortes e suas aventuras mágicas. **Também as histórias de Monteiro Lobato (em espanhol), que li com prazer desde os 9 anos** (grifos nossos).

Manguel também mencionou Lobato na entrevista *Biblioteca a tira colo*, concedida para Ricardo Viel em 01 de fevereiro de 2021 para o jornal Folha de São Paulo. Nela o escritor descreveu seu contato com a literatura lobatiana, indicando que “na Argentina ele era um escritor reconhecido, e eu gostava muito, ainda gosto. No meu livro *Monstros fabulosos* falo dele”²⁴.

O livro indicado, cujo título completo é *Monstros Fabulosos: Drácula, Alice, Super-Homem e outros amigos literários* (2019), traz a partilha do autor sobre as suas experiências com a leitura por meio de uma variedade de personagens que compôs seu imaginário. Durante sua trajetória literária, Manguel conheceu personagens que ganharam vida e ficaram para além da leitura, o seguindo ao longo dos anos. Nesse livro ele apresenta como essas leituras entrelaçaram seu percurso, como é indicado em sua capa:

²³ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/09/06/interna_cultura,1302740/alberto-manguel-a-literatura-nao-tem-missoes-oferece-possibilidades.shtml. Acesso em: 05 jan. 2022.

²⁴ Disponível em: <https://www.quatrocinco.com.br/br/entrevistas/bibliofilia/biblioteca-a-tiracolo>. Acesso em: 05 jan. 2022.

Desde a infância, há personagens que começam a fazer parte da vida de quem gosta de ler. Depois, e apesar de nós, os leitores, envelhecermos, e de elas, as personagens, teoricamente ficarem na mesma, vão crescendo conosco, fazendo companhia a outras que surgem ganhando significado para lá dos livros de onde saíram, como amigos de longa data com quem se partilham experiências, aprendizagem e emoções (MANGUEL, 2019, s/p).

Com edições em espanhol, francês, inglês e em português, o livro tem sido vendido em diversos lugares do mundo, no entanto foi difícil localizar um exemplar no Brasil, visto que a tradução em português foi realizada pela editora Tinta da China, de Portugal, não havendo, até o momento, publicação por editoras brasileiras. Manguel escreve sobre alguns autores que deram vida à suas personagens preferidas, bem como as tramas que tornam as histórias inesquecíveis. Entre os citados está Lobato, criador de um enredo conhecido por seu local especial:

O Sítio do Picapau Amarelo pertence a Dona Benta e seus dois netos, Pedrinho e Lúcia, de alcunha Narizinho, devido ao seu pequeno nariz empinado. Na quinta, as crianças e avó dão vida a um rol de personagens imaginárias (e não tão imaginárias), que incluem o Visconde de Sabugosa, boneco sábio feito de sabugo de milho, o Saci-Pererê, perneta com um cachimbo fedorento, e uma variedade de animais falantes. Há ainda a Cuca, criatura assustadora que aparece à noite para atormentar os sonhos das crianças (MANGUEL, 2019, p.178).

Além das personagens mencionadas, o autor apresentou Emília, sua preferida entre a turma de Lobato. Inclusive, Manguel nomeou o capítulo como *Dona Emília*. O autor indicou que se talvez os países pudessem ser definidos pelas personagens mais queridas dos seus livros infantis, o Brasil seria representado pela Emília, “boneca de pano feita de diferentes trapos” (MANGUEL, 2019, p.177) pela tia Nastácia, que teve o dom da fala graças a um comprimido que o Dr. Caramujo lhe deu.

No capítulo, após a descrição física, Manguel apresentou informações sobre a personalidade da boneca, indicando que a “Emília torna-se uma fonte constante de observações críticas, irônicas de *bon mots*, ideias anarquistas e pensamento independente que criam um universo verbal fervilhante, muitíssimas vezes mais poderoso e verdadeiro do que o mundo de pampas e palmeiras” (MANGUEL, 2019, p. 178, grifo do autor).

Manguel, que não escondeu sua admiração pela boneca e pelas suas ideias descrevendo de maneira bastante afetuosa, indicou o porquê de ela ter se tornado sua amiga literária:

Emília tem poderes mágicos e é capaz de viajar no tempo e no espaço, por vezes levando Narizinho e Pedrinho a planetas distantes e eras passadas. Deixa sua marca onde quer que vá e apresenta às crianças toda espécie de criaturas fantásticas e figuras históricas, seja um centauro, Hércules ou Péricles. Quando lhes perguntam se conta a verdade em todas suas aventuras, Emília explica “Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia. Só isso” (MANGUEL, 2019, p.179).

Envolvido nas “dobras da fantasia sobrenatural”, Manguel encontrou monstros fabulosos como amigos imaginários e entre eles está a turma do Lobato. Ele não fez apontamentos diretos sobre as influências do autor em sua vida, mas deixou nas entrelinhas de algumas entrevistas e de alguns de seus livros as marcas que Lobato imprimiu em sua vida por meio de suas histórias que despertaram experiências, aprendizagem e emoções o inspirando enquanto leitor, escritor. Alberto Manguel, em sua totalidade e reconhecendo essas marcas, seria possível considerá-lo com um “hijo de Lobato”.

Na procura de leitores lobatianos também encontramos **Rosalba Oxandabarat**, que nasceu em 12 de outubro de 1944 em Salto – Uruguai. Ela é jornalista e crítica de cinema, com uma atuação bastante consolidada nos importantes jornais uruguaios *Marcha* e *Brecha*.

Rosalba revelou que teve contato com as histórias do autor de nossa pesquisa quando escreveu para o *Jornal Independente Ibero-americano – La Insignia* o artigo intitulado *Monteiro Lobato: El dulce aroma de las jaboticabas* que foi publicado em 11 de março de 2002.²⁵

Em seu texto são levantados alguns pontos importantes que nos indicam a consolidação da circulação dos livros de Lobato no Uruguai:

En los años cincuenta la editorial Losada enviaba sus vendedores a las ciudades del interior para visitar directamente a sus potenciales clientes. Los primeros en la lista eran, naturalmente, los profesores y maestros. Mediante catálogos y arreglo de cuotas, los docentes -y por supuesto muchos que no lo eran- lograban así acceder a bellos volúmenes de finas páginas conteniendo, en todo o en parte, las "obras completas" de maestros consagrados (OXANDABARAT, 2002, s/p).

Já no título do artigo, a autora indicou algo peculiar que algumas histórias de Lobato traziam: as jaboticabas. Elas não eram facilmente encontradas fora do Brasil e a jornalista inclusive descreveu sobre a ausência em sua localidade “no se vendían aquí en tiendas ni ferias, y además (como los nísperos) era necesario comerlas directamente del árbol. No de

²⁵ Disponível em: https://www.lainsignia.org/2002/marzo/cul_027.htm

cualquier árbol de cualquier lugar, sino de uno de la quinta de doña Benita, el Benteveo Amarillo” (OXANDABARAT, 2002, s/p).

As frutinhas típicas do Brasil despertaram a curiosidade da leitora, bem como o que envolvia as histórias de Lobato e o que elas proporcionavam, como indicou Rosalba:

El sabor fresco de las jaboticabas no permitía críticas, en las lecturas infantiles. A lo más, "este libro no me gusta tanto como este otro", nada raro en una serie de 23. Sólo la mirada retrospectiva puede agradecer a don Monteiro Lobato las infinitas horas de placer, la prolongación de esas horas en otras donde la imaginación bien surtida seguía haciendo de las suyas -en la infancia los libros, como las películas, no sólo valen por sí mismos sino que son disparadores de juegos y mundos- y, cómo no, haber "aprendido" sin sentir que eso era aprender (Oxandabarat, 2002, s/p).

Além de contar a respeito da vida de Lobato e indicar sobre como era sua apreciação na leitura como deleite, Rosalba forneceu algumas informações das histórias e de suas personagens preferidas que apareciam nos 23 livros que haviam sido dispostos na sua própria estante. Ressaltou também o importante papel que as obras ofereciam ao ensinar e, que talvez por isso, fossem tão divulgadas entre “las maestras-madres”:

Una simple ojeada les bastaba para apreciar las ventajas culturizantes de la colección. Títulos como Historia del mundo para los niños, Geografía para los niños, Historia de las invenciones, El Quijote de los niños o El país de la gramática eran buenos anzuelos para las dulces almas pedagógicas que pensaban que, además de entretener, los libros podían, sin ser cargosos, enseñar [...] (Oxandabarat, 2002, s/p).

A jornalista continuou seu texto explicando que se por um lado havia a procura pelos livros devido à questão didática que eles ofereciam. Por outro lado, o lúdico perpassava as histórias conduzidas por proximidades com as questões do cotidiano infantil e os tornavam ainda mais completos:

[...] Pero por aquí y por allá la saga del Benteveo familiarizaba -es decir, ponía en una esfera cotidiana- a la vez que les restituía toda su magia y fascinación, asuntos como la astronomía, episodios históricos, el mundo de la fábula, la mitología griega y el siglo de Pericles, ¡hasta la importancia del petróleo! [...] (Oxandabarat, 2002, s/p).

Para Rosalba, o “Benteveo Amarillo” foi incomparável por ser abrangente e divertido. Ela também destacou que a escrita caprichada e repleta de humor deu um toque singular às histórias já contadas por Hans Christian Andersen ou Edmundo de Amicis e fez de Lobato um

autor infalível. Continuando suas reflexões ela indicou a importância do autor: o “Brasil precisaba otras lecturas para otros niños. El resto de América, también” (OXANDABARAT, 2002, s/p).

Rosalba também ressaltou que os livros de Lobato se diferenciavam dos que havia disponíveis até aquele momento por apresentarem histórias com mais proximidades com sua realidade, estando atravessadas “de cotidianidad, de toques de lo común y corriente; no quedaba en lejanos mundos nevados sino por ahí, en el cercano Brasil, pero desde él se podía pasar a lo fantástico y regresar de allí en un instante” (OXANDABARAT, 2002, s/p).

Em seu texto, a jornalista destacou a vanguarda e explosão de ideias que Lobato possibilitou com seus textos por meio de utopias. Ela apontou que em uma das muitas páginas da internet uma leitora adulta, a Alice, indicou que existiu nas histórias “una posibilidad utópica de civilización armónica, inteligente, actuante, donde todos quieren refugiarse y, como dice Emilia: 'El secreto, hijo mío, es uno sólo, libertad” (OXANDABARAT, 2002, s/p).

A jornalista afirmou que revisitou inúmeras vezes os livros de Lobato que a fizera feliz quando pequena e entre o mundo real formado por sítio, crianças e jabuticabas e o mundo fantástico com príncipe escamado, aranha modista e saci. Ela teve sua infância contornada pelas histórias que a influenciaram e possibilitaram a ampliação de seu repertório imaginativo e de suas idealizações, ficando explícito em seu depoimento as marcas do autor em Rosalba. Podemos considerá-la como uma “hija de Lobato”.

Além da Argentina e do Uruguai, também encontramos dois leitores de Lobato no Peru. O primeiro trata-se de **Arturo Corcuera**, que nasceu em 30 de setembro de 1935 em Trujillo e faleceu em 21 de agosto de 2017 em Lima. Durante sua vida, dedicou-se como escritor. Formado em Letras, se tornou um renomado poeta ibero-americano que ficou conhecido como “el mago de la palabra”.

Em nossa pesquisa nos deparamos com o depoimento de proximidade de Arturo com a literatura de Lobato no prólogo que fez para *Naricita*, livro publicado pela *Embajada del Brasil* no ano de 1986 em Lima²⁶. Na sessão nominada como *Naricita, o Monteiro Lobato en el País de los Sueños*, além conter resumidamente a história do brasileiro e indicar que ele “se dedicó a escribir para niños. Mejor dicho: a escribir como un niño, arrancándose la endurecida piel de adulto”, o peruano também contou como conheceu Lobato:

Uno de mis grandes pesares es no haber leído de niño a Monteiro Lobato. Conocí sus cuentos tarde, con el advenimiento de mis primeros hijos y

²⁶ Livro adquirido por meio de uma compra virtual realizada em um sebo da cidade de Brasília.

primeras canas. César Calvo me mostró algunas de sus obras. Me contó que en ellas aprendió a leer. Y que, adulto y todo, conservaba *Narizinho Arrebitado*, en su versión portuguesa, libro de aventuras que encandiló sus sueños infantiles y sus precoces fantasías de poeta (CORCUERA, 1986, p.9).

Nesse excerto, Arturo lamenta não ter conhecido Lobato quando pequeno e afirma que quem lhe apresentou o autor foi **César Calvo**, justamente o segundo leitor de Lobato peruano que encontramos. Poeta e jornalista bastante influente no Peru, Calvo nasceu em 1940 em Iquitos/Peru e faleceu em 18 de agosto de 2000 em Lima. Segundo consta no prólogo, César teve contato com as obras lobatianas em sua aprendizagem de leitura e elas encadearam seus sonhos infantis e suas precoces fantasias de poeta. Influências essas que podemos compreender como características de um “hijo de Lobato”.

Continuando suas palavras, o poeta Arturo destacou que em Lobato “los planos de realidad y fantasía se funden y se confunden” (CORCUERA, 1986, p.10) e que o “polvo de pirlimpimpim que emana de sus historias, envuelve y transporta al lector por mares y praderas, por cielos y bosques desconocidos, donde habitan los personajes de la fábula y del mundo de la maravilla” (CORCUERA, 1986, p.11). Ao finalizar ele também indicou que “no cabe duda que, en el corazón de los niños, este soñador ha encontrado la casa so- lariega de su reino perdido, bajo cuya sombra celebra hoy los primeros cien años de su eter- na edad de oro” (CORCUERA, 1986, p.11).

Arturo não escreveu apontamentos diretos sobre a influência lobatiana em sua vida, no entanto ao destacar as diversas qualidades do autor e ao afirmar que ele “contando cuentos enseña y libera, conmueve y entretiene” (CORCUERA, 1986, p.10), o poeta denota implicitamente as marcas de Lobato em sua vida, as quais possibilitaram que ele conhecesse a “desbordante imaginación creadora” (CORCUERA, 1986, p.10). Isso reproduziu nele o desejo de escrever a versão *Naricita* em 1986 para que a escrita do brasileiro fosse difundida e para novos leitores pudessem contemplar tudo que “se transforma al más leve toque de su ingenio de feérico narrador” (CORCUERA, 1986, p.11), o que nos possibilita reconhecê-lo com “hijo de Lobato”.

Ao longo de nossa pesquisa foram esses relatos que encontramos sobre como as marcas lobatianas que prevaleceram em leitores para além das fronteiras brasileiras, sendo observados nas escritas analisadas os indícios de algumas contribuições da literatura de Lobato na “construção de opiniões, de escolhas e de ações” (PENTEADO, 2011) dos leitores de idades próximas (Cristina nasceu em 1953; Alberto em 1948; Rosalba em 1944; César nasceu em 1940 e Arturo nasceu em 1935).

Quantos outros leitores estrangeiros haveria, renomados e anônimos, que não foram localizados em nossas pesquisas às fontes bibliográficas ou documentais, mas que podem ter sido influenciados de alguma maneira por Lobato? Há indícios que nos possibilitam afirmar que pode haver ainda mais tantos outros, pois além de algumas fichas de registros de empréstimos que encontramos entre exemplares consultados nas diversas bibliotecas com nomes de leitores. A descrição de Cristina do contato dos livros realizado por sua irmã, Gisele, também encontramos no relato de Rosalba os apontamentos do depoimento que copiou de Alice entre muitas páginas da internet.

A indicação de Rosalba nos creditou a possibilidade de realizar uma pesquisa, também pela internet, procurando pela escrita da leitora Alice, mas nada foi localizado. No entanto, a circunstância provocou o encontro de outros leitores estrangeiros de Lobato que postaram algo sobre o autor. A primeira escrita encontrada foi postada por **Valéria Coronel**, no blog *La Lectora Omnivora*, em 16 de março de 2011, tendo como título *Reencuentro con un libro de la infancia*. Nela a autora afirmou que lia quando pequena os “libros de tapas azules muy ajadas, de hojas gruesas porosas y amarillas, que se llamaban “Aventuras de Naricita” y “Nuevas Aventuras de Naricita” que haviam sido de sua mãe na infância e que depois passaram a ser lidos por sua irmã mais nova.

Em seu relato, ela conta quando em uma conversa com uma amiga de escola, que havia morado no Brasil, descobriu a popularidade das histórias no país, sendo vistas em programa de televisão, tendo os personagens famosos, que havia meninas brasileiras que tinham sua própria Emília e que inclusive sua amiga estava grávida e a filha iria ter o nome de Emília.

O fato instigou Valéria a procurar na internet algum exemplar para presentear a bebê e, para sua surpresa, ela encontrou a reedição em espanhol do livro *Las travesuras de Naricita* com o prólogo de Cristina Kirchner. Continuando sua escrita, a autora do blog indicou sua admiração pelo livro e recomendou aos seus leitores que presentearassem com ele:

Naricita es un elogio a la imaginación, al juego, a los libros, a la infancia. La infancia es el lugar de la felicidad plena, juego perpetuo, donde los límites entre la fantasía y la realidad no existen. La infancia es un lugar donde los personajes de los Hermanos Grimm pueden venir de visita a tu casa, donde podés ayudarlo a Hércules a cumplir con sus siete trabajos, donde podés viajar en dos minutos al fondo del mar, a un panal de abejas o al mundo de las fábulas de Esopo y Lafontaine. Todo eso es posible, y todo eso hace Naricita con su fiel muñeca en brazos. Y mucho mas.

Si tienen que regalar algo a una niña, no dejen de recordar esta entrada. La niña en cuestión nunca los olvidará. Sobran los testimonios en el relato que les acabo de hacer²⁷.

Valéria prescreveu, para quem quisesse saber mais, duas fontes com outros registros sobre o livro de Naricita, sendo uma fonte a página de um jornal e outra fonte um blog. A primeira indicação foi a matéria *Niños en el tiempo*²⁸ no jornal *Página 12*, em Buenos Aires no dia 20 de junho de 2010, que publicou um texto a respeito de Monteiro Lobato. O texto jornalístico apresenta seus livros, as características das personagens, a geração de leitores que acompanharam as histórias lobatianas e o apontamento de que mais cinco livros do autor seriam publicados pela editora Losada. A segunda fonte mencionada foi a escrita *Las travesuras de Naricita - Monteiro Lobato*²⁹ publicada no blog *ArchivosdelSur-leituras*, por Araceli Otamendi, o qual apresentou o autor, suas personagens, o livro e alguns trechos da história. Ao final da página, nos comentários, vimos a interação de outros dois leitores: Paulina, que mencionou o encanto em saber da reedição, pois ainda tinha guardada a coleção de Lobato que lia no Chile quando criança; e um leitor desconhecido (que não se identificou ao fazer o comentário) que indicou como os livros lobatianos o acompanharam em sua infância e que Kirchner, no prólogo, havia contado fragmentos que pareciam ser de sua própria vida.

Conseguimos fazer contato por meio de correio eletrônico com a Valéria e ela gentilmente nos informou que nasceu em 1974 na província de Rio Negro, é formada em advocacia e atualmente tem um podcast chamado *La Mirada Literaria*. Valéria escreveu que sua mãe, a primeira leitora de Lobato da família, se chama Ilse Rosales e nasceu em 1950 na província de Chubut (Patagônia Argentina). A matriarca, que conheceu os livros do autor por meio de uma vizinha que tinha toda coleção, incluindo *Las doce hanzanãs de Hercules*, é professora de Letras e escritora.

Além desses dados, Valéria destacou que além de ler os livros de sua mãe, ela também comprou em “librerías de usados algunos otros ejemplares antiguos”, afirmação essa que reitera a informação apresentada no Capítulo 3 dada por um dono de sebo de Buenos Aires que justificou em seu estabelecimento já não havia mais exemplares de Lobato porque eram procurados por pessoas que conheceram as histórias do autor quando pequenas e que compravam os livros para recordar as boas leituras que fizeram.

²⁷ Disponível em: <http://lalectoraomnivora.blogspot.com/2011/03/reencuentro-con-un-libro-de-la-infancia.html>

²⁸ Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/libros/10-3886-2010-06-20.html>

²⁹ Disponível em: <http://archivosdelsur-lecturas.blogspot.com/2010/04/las-travesuras-de-naricita-monteiro.html>

Em uma segunda busca pela internet encontramos a escrita *Monteiro Lobato, el mejor escritor infantil*, publicada por **Jose Angel Lopez Barrios** no blog *El Blogg de Lopez Barrios*, no dia 17 de fevereiro de 2009. Nela o autor apresentou quem foi Monteiro Lobato, quais livros infantis publicados em espanhol e como foi sua experiência ao ler os exemplares de sua coleção completa:

Durante la niñez mi lectura preferida fue la colección completa de Monteiro Lobato el extraordinario mundo de fantasía de este escritor infantil me atrapo totalmente, prácticamente me devore toda la colección en muy poco tiempo, pasaba noches en vela con la leyenda del Minotauro en la Isla de Creta, la Iliada de Homero, Las andanzas de Don quijote de la Mancha y su escudero Sancho Panza, Las aventuras de Perucho y Naricita, Peter Pan y el Capitán Garfio, El Vizconde de la Mazorca, Quindim el sabio Rinoceronte amigo de los niños y la muñeca Emilia.³⁰

Além da descrição de Jose indicando a admiração pelos livros de Lobato e de seus personagens, o blog também apresentava ao final da página comentários de pessoas que contaram sobre a admiração pelos livros, em quais cidades estavam quando leram os livros na infância, sendo esses lugares pontos da Argentina como Rosario, Santa Fé, até pontos de outros países como Chile, Peru e Colômbia. No blog algumas pessoas lamentaram por não haver reedições (a publicação é de 2009 e Losada lançou as publicações em 2010), outros escreveram perguntando onde seria possível encontrar exemplares para comprar para poderem recordar as leituras que fizeram quando criança e havia também registros de alguns comentários de brasileiros, admiradores de Lobato, com interesse na sua literatura infantil em espanhol.

O autor que presenciou por diversas vezes e por distintas maneiras o apreço que as crianças tinham por ele, pensava muito sobre como deveria escrever para elas já que suas histórias creditavam muitos princípios. Lobato, inclusive, chegou a afirmar a importância de fazer mais reflexões sobre essa ação após uma visita a um grupo escolar de Belo Horizonte, afirmando que “Nunca pensei que fosse tão séria a influência do que escrevo. Até agora ia escrevendo... por escrever... mas essa meninada me deu uma lição. Vou pensar muito antes de escrever para crianças daqui por diante” (CAVALHEIRO, 1955, p.610).

Destacamos que, como mencionado no Capítulo 1, já no final de nosso estudo tivemos acesso ao trabalho de Lucena (2022) e ele contribuiu com nosso entendimento sobre como a recepção de Lobato ocorreu por parte de leitores de língua espanhola, especificamente pelos

³⁰ Disponível em: <http://lopezbarrios.blogspot.com/2009/02/monteiro-lobato-el-mejor-escritor.html>

argentinos: Haydee Jofre Barroso, em seu texto biográfico; Edgardo Kozarinsk, em sua escrita literária; e Pablo Medina, Laura Devetach e Lúdia Blanco, por meio dos relatos nas entrevistas semiestruturadas que a autora realizou com eles. Em sua pesquisa, Lucena indicou trechos dessas entrevistas que apresentaram o contexto desses leitores, como eles conheceram Lobato, quais obras os entrevistados fizeram leituras, quais as impressões e críticas deles sobre essas obras e se eles conheciam ou fizeram leitura de *La Nueva Argentina*.

Os dados apresentados por Lucena (2022) vão ao encontro de nossos resultados, pois evidenciam a amplitude da circulação das obras na Argentina e no seu interior do país, indicando a capacidade de permanência de Lobato no cenário literário ao longo dos anos: “o que já sinaliza para uma importante recepção e circulação em termos de volume e aceitação, e sobre tudo da concepção de uma literatura diferente da que era corrente daquele lugar” (LUCENA, 2022, p. 183) e indicam a “tamanho marca deixada por ele em áreas as mais diversas” (LUCENA, 2022, p. 143).

Diante dos depoimentos espontâneos relatados por Cristina, Alberto, Rosalba, Arturo, César, Alice, Valéria, Ilse, Araceli, Paulina, Jose e o leitor não identificado que encontramos em nossa busca de leitores de Lobato e, também em vista das reflexões realizadas por Lucena (2022) em seu trabalho de doutorado, notamos quão fértil foi o terreno para que a “semente Lobato” fosse plantada, virando árvore e dando frutos até a atualidade.

Talvez, num primeiro momento possa parecer comum e não ser novidade alguma saber que Lobato teve leitores para além do Brasil, visto a quantidade de edições e reedições de seus livros em espanhol; além disso, temos os próprios apontamentos de Lobato sobre sua relação epistolar com os pequenos leitores de outros países. Mas o fato de conseguirmos registrar uma parte da História do autor em países da América Hispânica, ainda pouco conhecida em pesquisas acadêmicas, nos ajudou a conhecer quem são “Los hijos de Lobato” e a entender um pouco melhor a amplitude de suas obras infantis em língua espanhola.

CAPÍTULO 4 – DA PARTIDA À CHEGADA: NAS TRILHAS LOBATIANAS DA LITERATURA INFANTIL NA AMÉRICA HISPANO-HABLANTE

¡Esta fábula está equivocada! - gritó Naricita -. Abuelita nos leyó aquel libro de Maeterlinck sobre la vida de las hormigas, y allí ve la gente que las hormigas son los únicos insectos caritativos que existen. Una hormiga tan mala como ésa no existió nunca.

Doña Benita explicó que las fábulas no eran lecciones de historia natural, sino de moral.

-Y tanto es así -dijo-, que en las fábulas los animales hablan, mientras que en la realidad no hablan.

-¡Eso no! -protestó Emilia-. No hay animalito, bicho, hormiga o pulga que no hable. Lo que pasa es que nosotros no entendemos su lengua.

Doña Benita aceptó la objeción y dijo:

-Sí, pero en las fábulas los animales hablan nuestra lengua y en la realidad sólo hablan la lengua de ellos. ¿Estás satisfecha?

-Ahora sí -dijo Emilia, muy orgullosa del triunfo-. Cuente otra. (LOBATO, 1956d, p. 10).

Nascido no final do século XIX, Monteiro Lobato presenciou significantes mudanças que ocorreram em seu país. Como afirmou Rocha (2015, p.24), sua história “se entrelaça a importantes acontecimentos históricos no Brasil; sua trajetória de vida acompanhou grandes transformações que ocorriam no país e, mais que isso, o autor foi protagonista e contribuiu com muitas delas”.

Como vimos no Capítulo 2 já em seus primeiros anos de vida o autor acompanhou as alterações políticas que o Brasil estava passando e que marcaram a época com seus diversos acontecimentos. O fato era que, apesar do país ter tido sua emancipação política de Portugal, consolidada com a independência em 1822, a monarquia prevalecia aos comandos do imperador Dom Pedro II. O regime, no entanto, não correspondia aos anseios da população que vislumbrava mais liberdade econômica e, desta maneira, a falta de crédito pressionou a coroa portuguesa de forma que esta não conseguiu sustentar tal situação. Ocorrendo a queda da monarquia e a instauração do regime político realizadas pelo Marechal Deodoro da Fonseca, tivemos por consequência a República Federativa e Presidencialista do Brasil.

As mudanças exigiram um olhar crítico da população, que por um lado queria algo inovador, mas que por outro lado não poderia simplesmente esquecer tudo que já havia se instaurado até o momento. O contexto vivenciado por Lobato foi palco de muitas batalhas e entre os movimentos de diversas manifestações artísticas que tinham como causa a defesa da construção de uma identidade nacional, ele percebeu que por meio da literatura também seria capaz participar deste movimento.

Com o passar do tempo, o autor ganhou credibilidade e sua literatura passou a ser referência de empoderamento identitário para a população brasileira. A fama lhe aproximou

de intelectuais de outros países latino-americanos e ambos percebiam que tinham como causa o mesmo combate em seus países, já que haviam passado por um processo de colonização que impusera um padrão que não correspondia às suas realidades.

O denominador comum foi reconhecido por diferentes intelectuais e isso “contribuiu para o surgimento de uma visão do continente como uma grande nação” (CARDOSO, 2019, p.59), concepção essa que:

[...] fez surgir o entendimento de que os latino-americanos inserem-se no contexto de uma mesma identidade. Essa aproximação entre os povos do continente é uma resposta da sua luta para superar contradições que se igualam, porque todas derivadas dos mesmos problemas endereçados na luta do oprimido contra o opressor e vice-versa (CARDOSO, 2019, p.59).

Desta maneira, as similitudes da América Latina promoveram um encontro de ideais entre seus países que, apesar de suas particularidades, possuíam os “mesmos esteios temáticos” (CARDOSO, 2019, p. 67) e entre os diversos movimentos que tinham como combate a defesa da identidade latino-americana encontramos os escritores que foram atentos à realidade e promoveram ao longo do tempo um importante diálogo que:

[...] resulta na identificação dos mesmos problemas e soluções e do mesmo espírito de nacionalismo crítico que conduz a classe artística a buscar, por meio de sua obra, o desvendamento e a denúncia das contradições que impedem o progresso do homem na sociedade. Essa postura conduz ao surgimento de uma literatura que transcende as fronteiras nacionais, identificando-se pelas mesmas figuras e temas, porque se realiza numa terra que divide uma história similar. (CARDOSO, 2008, p.79).

Neste bojo, esteve Lobato. Por meio de seu engajamento com intelectuais estrangeiros ganhou novos horizontes para que as suas narrativas passassem a integrar o repertório literário fora do Brasil. Como visto durante nossa pesquisa, o autor teve suas diversas produções traduzidas para o espanhol tanto na escrita para adultos quanto a escrita para crianças e, principalmente, entre as décadas de 40 e 50 sua literatura foi amplamente divulgada na América Hispânica.

Para o sucesso de seus livros o autor buscou participar de perto do processo produtivo de seus livros e escolheu junto com a equipe editorial a melhor maneira de contemplar seu novo público, como podemos constatar na entrevista concedida a Silveira Peixoto:

A **tradução** na Argentina está sendo feita. São muitos livros. Minha presença lá é necessária para dirigir o trabalho, fazer as necessárias **adaptações**.

- Quer dizer que irá de mudança...
Será melhor... Terei de gastar uns dois ou três anos nesse trabalho. E é preferível tratar logo de fixar residência por lá. Já andei até estudando um bairro para morar. Estou hesitando entre Belgrano e Vicente Lopez... Como é bonito Vicente Lopez! (LOBATO, 2009, p.164 – grifos nossos)

Percebemos por essa explicação do autor que primeiro seus livros eram traduzidos em um processo que convertia o texto de origem para o espanhol e depois, possivelmente, ocorriam suas necessárias intervenções e adaptações para a realização das adequações para o destinatário, isso porque ele preocupava-se com a recepção e o estilo de seus textos.

Lobato reconhecia a profundidade de seu trabalho e por isso na entrevista indicou que disporia um tempo considerável a ponto de ter que se mudar de país para resolver certas questões e que isso certamente seria difícil. O grande desafio foi lançado e na nossa pesquisa tentaremos compreender como ele foi resolvido. Desta maneira, neste capítulo iremos analisar como uma obra de Lobato foi traduzida para o espanhol levando em conta as particularidades defendidas pelo autor. Para isso, partiremos dos apontamentos de Soares:

As relações literárias e culturais entre as sociedades latino-americanas vêm sendo analisadas especialmente por teóricos da Literatura Comparada. Ana Pizarro, Ángel Rama e Antônio Candido, entre outros, sublinharam a importância de se enfocarem as produções literárias dos países latino-americanos [...]. As reflexões desses teóricos apontam, de um lado, para a relevância da comparação entre a literatura de cada um desses países e, de outro, para o reconhecimento das fronteiras culturais comuns que os envolvem, assim como dos diálogos e articulações que se estabelecem entre eles (SOARES, 2002, p. 172).

Entre os muitos livros de Lobato que foram escritos em espanhol para adultos e para crianças, escolhemos como objeto para a nossa pesquisa o livro infantil *Las viejas fábulas* que foi traduzido por M. J. Sosa. Como apresentado no início deste trabalho, a proposta de estudar a literatura infantil de Monteiro Lobato escrita em espanhol foi suscitada quando, ao produzir a pesquisa de mestrado acadêmico, entre tantos materiais consultados, uma carta destacou-se por conter algo que até o momento daquele estudo não era conhecido; tratava-se de uma correspondência que Monteiro Lobato destinou a seu amigo Rangel na qual o autor indicou que estava trabalhando para que seus livros fossem lançados na Argentina e que para isso ele estaria revisando sua escrita de maneira a retirar os excessos literários, como revela o trecho supracitado no início desta pesquisa:

[...] De tanto escrever para elas, simplifiquei-me, aproximei-me do certo (que é claro, o transparente como o céu). Na revisão dos meus livros a

saírem na **Argentina** estou operando curioso trabalho de raspagem - estou tirando tudo quanto é empaste.

O último submetido a tratamento foram as **Fábulas**. Como o achei pedante e requintado! Dele raspei quase um quilo de “literatura” e mesmo assim ficou alguma. O processo da raspagem não é o melhor, porque deixa sinais - ou “esquirolas”, como eu diria se ainda tivesse coragem de escrever como antigamente (LOBATO, 2010a, p. 550 – grifos nossos).

De acordo com esse excerto, notamos que entre os livros revisados para a publicação no país vizinho, estava *Fábulas*, o qual foi submetido a uma revisão a fim de simplificar o texto, deixando-o com maior proximidade com os pequenos leitores de língua espanhola. Como mencionado no início dessa pesquisa, em *Memórias de Michele*, ao encontrar essa carta durante a escrita da dissertação, ficou latente o desejo de conhecer-se mais sobre o livro que foi objeto do mestrado acadêmico e que foi versado para o espanhol, originando-se o desejo da realização dessa tese e tendo como ponto de partida essa tradução.

A partir disso, conseguimos verificar que a incansável lapidação de Lobato em suas produções infantis ocorria devido ao descontentamento que tinha com os livros disponíveis para o público infantil no seu país e que ele também notou que a carência literária ocorria em outros lugares da América Hispânica. Assim, o astuto autor extrapolou suas ideias para além das fronteiras brasileiras ao proporcionar que suas histórias fossem versadas para o espanhol como uma possibilidade contextualizada e que fizesse sentido para as crianças.

Na época dos intercâmbios literários realizados entre o autor e outros intelectuais, os diversos países da América Latina apresentavam em seus acervos muitos livros importados de países europeus e os poucos livros impressos nacionalmente seguiam o estilo herdado do período de colonização. Entre os textos criticados estavam as fábulas, já bastante difundidas no ocidente, mas que eram apresentadas em livros com uma escrita de difícil compreensão. Elas impulsionaram Lobato a pensar na escrita da literatura infantil durante sua trajetória, já que o autor compreendia a importância de seus pequenos leitores conhecerem as histórias de tradições populares que sempre circularam pelas muitas sociedades em suas diversas temporalidades.

As fábulas têm origens que se perdem pelos tempos mais recuados e de acordo com Alceu Lima (1984) apresentam sua textualização elaborada pela composição do discurso figurativo (história) e do discurso não-figurativo (moral). As histórias imaginárias são contadas em verso ou em prosa, por meio de uma narrativa breve de caráter alegórico, buscam explicar como ocorre o comportamento humano em situações descompassadas entre o que é dito e o que de fato é realizado, ilustrando, desta maneira, preceitos aos que as interpretam

sobre assuntos como força, poder, maldade, esperteza, estupidez, inteligência, ingenuidade, agilidade, bondade, paciência e outras tantas características que perpassam o ser humano.

O desejo de Lobato de escrever fábulas é bastante antigo e encontramos na carta escrita a Rangel em 8 de setembro de 1916 a manifestação do autor querendo não apenas traduzir, mas sim “vestir à nacional as velhas fabulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças” (LOBATO, 2010a, p.370). No entanto, o projeto ficou latente por um tempo e ele iniciou sua produção literária infantil em 1920 com *A Menina do Narizinho Arrebitado* em dezembro para vendas de Natal (PARENTE, 2012).

Somente no ano seguinte, em 1921, o autor lançou *Fábulas de Narizinho* (1921), livro esse que segundo Rocha (2015) apresenta 29 narrativas, tem uma nota introdutória que explicava o gênero e indica que o objetivo do autor era o de escrever uma literatura que contemplasse proximidades com a tradição popular e, que ao mesmo tempo, trouxesse as adequações à realidade dos pequenos leitores com elementos do folclore, da fauna e da flora do Brasil, contribuindo com o resgate da identidade nacional.

Apesar do investimento, como afirmado por Lopes (2006) e Souza (2010), o livro ainda não havia agradado totalmente o autor e por isso Lobato lançou outras edições, ocorrendo em 1922 a publicação de *Fábulas* o qual teve acréscimos de narrativas, ficando com um total de 77 histórias³¹.

De acordo com Souza (2008), após um levantamento e reflexões sobre algumas edições de *Fábulas*, a partir desse livro de 1922 o autor foi alterando sua obra, modificando os títulos das histórias, retirando algumas narrativas, incrementando-o com elementos culturais, vestindo as fábulas “à nacional com a fauna e a flora local”. Além disso, a autora indicou que a partir da 8ª edição, a qual foi publicada em 1943, Lobato inseriu os comentários das personagens ao final das fábulas.

Com o tempo essa obra fez parte da experiência bem-sucedida de Lobato em seu país e após o sucesso nacional de sua literatura para crianças ele lançou novas projeções para ela e todos os seus livros infantis, de maneira que também foram publicados em espanhol. O trabalho para versar suas histórias exigiu muito empenho e, como apresentou Albieri (2009), isso ficou registrado no acervo epistolar entre Lobato e seus amigos/intelectuais estrangeiros, cartas essas que revelam importantes informações. Como exemplo, temos o procedimento de publicação na Argentina. Primeiro, era feito o envio dos livros lobatianos para a equipe editorial da Argentina. Esses passavam pelo processo de tradução e depois eram devolvidos

³¹ Anos mais tarde Lobato optou por excluir três histórias, ficando a obra com o total de 74 fábulas.

para que o escritor verificasse por si próprio se haveria alguma alteração a ser feita. Lobato analisava as melhores escolhas para que os livros privilegiassem a recepção dos pequenos leitores dos países da América Hispânica com muito esmero.

Entre os livros de Lobato que foram versados para o espanhol estava *Fábulas*, livro que escolhemos como objeto de nosso estudo. O gênero literário é bastante antigo e apresenta algumas vertentes sobre como sua continuidade se deu pela tradição literária. Por isso, antes de iniciar nossas reflexões, cabe destacar que existiam algumas possibilidades de leitura das fábulas na época em que Lobato apostou em sua nova ideia. É importante reconhecer as condições históricas em que essas fábulas estavam inseridas inicialmente, para então entendermos diversos fatores que colaboravam para relacioná-las com a sociedade da época de Lobato, ficando assim mais fácil compreender a importância do que o autor pretendia ao propor uma “nova roupagem” para tais narrativas. Ao observarmos os livros de Lobato e outros livros de fábulas que circulavam naquele momento histórico, é possível perceber alguns contrastes que fundamentam as críticas que Lobato fazia a elas. As fábulas sempre foram muito apreciadas por todo o mundo e, como vimos anteriormente, o autor sabia de sua importância, mas estava descontente com a apresentação que era feita para as crianças no Brasil. Por isso é que as escreveu de seu jeito. Com este mesmo sentido, a literatura até então presente na Argentina também desagradava alguns literários como, por exemplo, o correspondente lobatino Prieto, que mais tarde firmou parcerias importantes com Lobato, entre as quais destacamos a publicação do livro lobatiano de fábulas.

Diante disso, propomos aqui uma exemplificação de uma mesma narrativa escrita pela perspectiva de alguns autores importantes da época para identificarmos alguns pontos que fizeram o diferencial na escrita do autor. Separamos seis fábulas em um quadro: em duas linhas dividimos por idioma, uma para as fábulas escritas em português e outra para as fábulas escritas em espanhol; e em três colunas colocamos os tipos específicos das narrativas: em uma coluna indicamos as fábulas importadas que cada país recebeu, em outra as fábulas escritas por autores nacionais e, na última coluna, as fábulas de Lobato. Vejamos:

Quadro 4 - Comparativo entre as fábulas importadas, fábulas escritas por autores nacionais e a fábula de Lobato escrita em português e em espanhol

	FÁBULA IMPORTADA	FÁBULA ESCRITA POR AUTORES NACIONAIS	FÁBULA DE LOBATO ESCRITA EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL
FÁBULAS EM PORTUGUÊS	O gallo e a raposa - Fábulas de La Fontaine – Lisboa – Portugal – BOCAGE (1886, p.16)	O gallo e a raposa — Fabulas para uso das classes de Língua Materna Rio de Janeiro – Brasil 1911 – KOPKE (1911, p. 11-15, grifos do autor).	O galo que logrou a rapôsa – Fábulas – São Paulo – Brasil – LOBATO (1957a, p. 38-40, grifos do autor)
	Empoleirado n'um sobreiro antigo, Fazia um velho gallo sentinela. Uma raposa diz-lhe: “Irmão e amigo, Venho trazer-te uma noticia bela. Nas nossas dissensões lançou-se um traço E acaba de assingnar-se a paz geral; Desce, que quero dar-te estreito abraço E juntamente o beijo fraternal! – Amiga, diz-lhe o gallo, folgo imenso Não podia esperar maior delicia!... Vejo dois galgos a correr, e penso Que são correios da feliz noticia.” Foge a raposa sem dar mais cavaco: E o gallo sentiu intimo consolo, Pois é grande prazer ver a um velhaco Entrar espertalhão e sair tolo!	Um gallo, trepado N'um alto poleiro Cu... cucuritava Inchado e lampeiro E Mestre Raposo No topo o bispando, Sentiu ir-lhe a agua A boca inundando. <<Palavra>> entre-disse, <<Que eu bem almoçára, <<Se aquelle patife <<De geito pilhára. <<Vou ver se lhe prego <<Algumas das minhas; <<Se metto no bucho <<O rei das gallinhas.>> Em isto pensando, Buscou Mestre Gallo E disse, sizudo, Depois de saudá-lo: <<Já sabe, meu caro, <<Da nova importante?>> <<Não sei,>> lhe respondeu O gallo no instante. <<Pois olhe que é pena! <<É cousa de monta. <<As folhas do dia <<A trazem na ponta <<'Stá finda a contenda <<Que nos dividia; <<Vivemos agora <<Em santa harmonia. <<Os ratos - do gato <<Estão livres. Carneiros <<Não temes os lobos. <<Aos seus gallinheiros <<Não póde o milhafre <<Ir pelos pintinhos. <<Em summa, seremos <<Uns bons amiguinhos> Ouvindo a noticia, O gallo esticou-se E, sobre o poleiro, Em pé levantou-se, Tal como se ao longe	Um velho gallo matreiro, percebendo a aproximação da rapôsa, empoleirou-se numa árvore. A rapôsa, desapontada, murmurou consigo: “Deixe estar, seu malandro, que já te curo!...”. E em voz alta: – Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, rapôsa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos, como namorados. Desça dêsse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor. – Muito bem! – exclamou o galo. – Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldades e traições! Vou já descer para abraçar a amiga rapôsa, mas... como lá vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização. Ao ouvir falar em cachorro, Dona Rapôsa não quis saber de histórias e tratou de pôr-se ao fresco, dizendo:– Infelizmente, amigo Có-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo. E raspou-se. <i>Contra esperteza, esperteza e meia.</i> – Pilhei a senhora num êrro! – gritou Narizinho. – A

		Qualquer coisa visse. Ao que a raposa: <<Que é isso?>> lhe disse. <<'Stou vendo no campo, <<Correndo ligeiros, <<A todo o galope, <<Uns cães perdigueiros. <<Socegue. Parece. <<Que são portadores <<Da grata notícia <<Aqueles senhores.>> <<Cautela,>> replica A astuta raposa <<Não mata doente; <<Não cheira-me a cousa.>> <<Não vás, torna o gallo; <<Se a paz foi firmada <<De que é que te temes?>> <<De nada, de nada; <<Mas como o Seguro <<Morreu de velhice, << A pelle arriscar-se <<De certo é tolice. <<Talvez que os amigos <<Não estejam ao facto <<De tudo; - não saibam <<Do novo contracto. <<Adeus, Mestre Gallo; <<Saúde e gordura!>> E mestre Raposo Os passos apura. <i>Os pobres suspeitam, Com muita razão, Se esmola excessiva Lhes deitam na mão</i>	senhora disse: “Deixe estar que já te curo!”. Começou com o “você” e acabou com o “tu”, coisa que os gramáticos não admitem. O “te” é do “tu”, não é do “você”... – E como queria que eu dissesse, minha filha? – Para estar bem com a gramática, a senhora devia dizer: “Deixa estar que eu já te curo”. – Muito bem. Gramaticalmente é assim, mas na prática não é. Quando falamos naturalmente, o que nos sai da boca é ora o “você”, ora o “tu” – e as frases ficam muito mais jeitosinhas quando há essa combinação do “você” e do “tu”. Não acha? – Acho, sim, vovó, e é como falo. Mas a gramática... – A gramática, minha filha, é uma criada da língua, e não uma dona. O dono da língua somos nós, o povo – e a gramática o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar. Quem manda é o uso geral, e não a gramática. Se todos nós começarmos a usar o “tu” e o “você” misturados, a gramática só tem uma coisa a fazer... – Eu sei o que é que ela tem a fazer, vovó! – gritou Pedrinho. – É pôr o rabo entre as pernas e murchar as orelhas... Dona Benta aprovou.
FÁBULAS EM ESPAÑHOL	La zorra, el gallo y los perros – Fábulas de Esopo – Espanha – Barcelona – SOPENA (1933, p.38, grifos do autor)	La Raposa y el Gallo – Fábulas de Esopo – Argentina – Buenos Aires – GARRIDO (1940, p.71-72)	El gallo que engañó a la zorra – Las viejas fábulas – Buenos Aires – LOBATO (1956d, p.42-43, grifos do autor)
	Cierta zorra, que estaba muy hambrienta, embistió a unas gallinas y a un gallo que, para librarse de ella, se subieron precipitadamente a un árbol. Viendo la zorra que no podía subir, dijo al gallo: -Amigo, te traigo muy buenas	Iba una raposa trota que te trota, llevándose un gallo en la astuta boca. La gente tras ella echando a correr, gritaba a la intrusa que el lindo gallito debía volver	Un Viejo gallo astuto, advirtiéndole que se aproximaba la zorra, se trepó a un árbol. La zorra, desilusionada, murmuró para sus adentros: "Deja, so pillastre, que ya te atraparé"... Y en voz alta:

	noticias: ayer se firmaron las paces entre todos los animales, de suerte que entre nosotros ya no habrá más disputas ni nemistades. Baja, pues, con las gallinas y nos reconciliaremos. El gallo, que desde lo alto del árbol vió que se aproximaban dos lebreles, contestó a la zorra: Lo celebro mucho, y sin duda vendrán a traer esta noticia los dos perros que vienen corriendo. ¡Mucho siento no poderme esperar -replicó la zorra-; pero perar tengo que marcharme en seguida! -¿Por qué te vas tan pronto?- preguntó el gallo-; ; por qué te-mes? no hay paz entre nosotros? A pesar de esto, la zorra no quiso esperar y huyó sin tardanza. <i>Con palabras amistosas pretenden a veces engañarnos nuestros enemigos; pero, viviendo prevenidos, no caeremos en sus lazos.</i>	al corral del amo que le vió crecer. Y el gallo le dijo: ¿No escuchas raposa, todo lo que dicen esos campesinos? Debes contestarles; diles que soy tuyo, que no me reclamen, porque tuyo siempre quisiera yo ser. Encontré acertadas aquestas razones la pobre raposa ingenua esta vez, y la boca abriendo para dar respuesta, dejó caer la presa que echando a volar? trepóse hasta un árbol y la voz alzando dijo a la raposa, que nunca fué suyo, que ella mentía, Burlada la zorra, pensó ya con juicio que el hablar a veces nos trae perjuicio.	-Amigo, vengo a contar una gran novedad: se terminó la guerra entre los animales. El lobo y el cordero, el gavilán y el pollo, la onza y el venado, la zorra y las gallinas, todos los animales andan ahora a los besos, como enamorados. Baja de ese gallinero y ven a recibir mi abrazo de paz y amor. -¡Muy bien! -exclamó el gallo-. No imaginas cómo me alegra la noticia! ¡Qué bello va a ser el mundo, libre de guerras, crueldades y traiciones! Voy a bajar para abrazar a la amiga zorra, pero... como veo que vienen allá tres perros, juzgo que conviene esperarlos, para que también ellos participen de la confraternización. Al oír hablar de perros, la Zorra no quiso saber de historias, y trató de ponerse a salvo, diciendo: -Por desgracia, amigo Coro-cocó, tengo prisa y no puedo esperar por los amigos perros. Quede para otra vez la fiesta, ¿no es así? Hasta la vista. Y se escapó. <i>Contra pilleria, pillería y media.</i>
--	--	--	---

Elaboração: Rocha, 2023.

Observando esse quadro podemos elencar alguns apontamentos sobre as fábulas que os leitores tinham como possibilidade de leitura; primeiro destacamos que as fábulas presentes nos livros importados apresentam peculiaridades de seus países de origem, Portugal e Espanha, principalmente em relação a norma culta e difíceis palavras utilizadas. De modo geral, de acordo como Lobato, eram “**pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetraveis**” (LOBATO, 2010a, p. 370, grifos nossos). Percebemos veracidade das indicações do autor ao observarmos as narrativas desse quadro, visto que tanto a fábula escrita em Portugal como a fábula escrita na Espanha foram compostas com expressões de difícil compreensão para as crianças como, por exemplo, no livro em português “E juntamente o beijo fraternal”, e no livro em espanhol “viviendo prevenidos, no caeremos en sus lazos”.

Em relação às fábulas que foram escritas por autores nacionais, percebemos que o distanciamento continuava ocorrendo, pois ainda continham uma escrita distante do contexto das crianças. Lobato inclusive fez apontamentos sobre isso em uma carta escrita para Rangel no dia 13 de abril de 1919. Nela o autor indicou suas críticas: “tive ideia do livrinho que vai para experiência do público infantil escolar, que em matéria fabulística anda a nenhuma. **Há umas fábulas de João Kopke, mas em verso – e diz o Correia que os versos do Kopke são versos do Kopke, isto é, insulsos e de não fácil compreensão por cérebros ainda tenros**” (LOBATO, 2010a, 436, grifos nossos). O fato de as fábulas continuarem a apresentar uma linguagem pouco próxima das crianças ocorria porque, em uma imitação servil (CANDIDO, 1989), copiava-se o texto importado, baseando-se em modelos de escrita que não se desvincilhavam do que já havia como pré-estabelecido. Nesse sentido, o texto ainda ficava empolado, mesmo que escrito pelo autor nacional e não condizia com o que o pequeno leitor tinha como repertório de seu contexto. Podemos exemplificar isso observando o excerto da fábula escrita por Kopke, “Se esmola excessiva lhes deitam na mão”, e no trecho da fábula escrita por Garrido, “llevándose un gallo en la astuta boca”. Em ambos os casos são mencionadas expressões de difíceis compreensão para as crianças.

Finalmente, indicamos que a fábula reescrita por Lobato, que foi depois traduzida para o espanhol, apresentou uma busca pela inovação ao texto tradicional de maneira que a língua apresentasse traços do coloquial e fizesse aproximações com o vocabulário do leitor. Notamos isso tendo em vista que o autor mudou o título, possibilitando ao leitor saber sobre o que a fábula iria tratar e optou pelo formato de texto em prosa, de maneira que as personagens pudessem conversar como ocorria no cotidiano. Para isso, foram inseridas expressões já conhecidas pelos leitores e recursos linguísticos como, por exemplo, a onomatopeia “có-ri-có-có” em *Fábulas* e “Coro-cocó” em *Las viejas fábulas*.

Destacamos que essa exemplificação foi apenas para ilustrar as diferentes possibilidades de fábulas que os leitores de língua portuguesa e que os leitores de língua espanhola tinham como opções de leituras, mas existem outros livros com outras fábulas que têm outras peculiaridades, as quais não nos deteremos aqui por não ser o foco de nossa pesquisa. Reconhecer as condições históricas em que esses textos estão inseridos nos proporciona entender que existiam diversos fatores que colaboraram para a relação da sociedade com a literatura e a iniciativa de Lobato foi uma proposta inovadora para a circulação desse gênero literário.

Voltando à *Las viejas fábulas*, começamos nossas reflexões indicando que o livro passou por um rigoroso processo de escolhas editoriais ocorridas no decorrer do ano 1943,

como podemos constatar em algumas cartas que abordavam a temática na seguinte ordem cronológica. Inicialmente, Monteiro Lobato enviou a obra *Fábulas* para a equipe editorial da Argentina em data próxima a carta escrita para Rangel em 1º de fevereiro de 1943, como podemos constatar a partir da afirmação que ele indicou ao seu amigo “na revisão dos meus **livros a saírem na Argentina** estou operando curioso trabalho de raspagem – estou tirando tudo quanto é empaste. **O último submetido a tratamento foram as Fábulas.** Como o achei pedante e requintado!” (LOBATO, 2010a, p.550, grifos nossos).

Depois encontramos uma carta que Prieto escreveu a Lobato em 24 de abril de 1943 em que relatava que não havia recebido a obra “Acusamos recibo da sua carta de 3 do corrente. Assim mesmo chegaram os livros, inclusive o dicionário. Muito obrigado a sua atenção. **Só falta FÁBULAS que ainda não chegou.** (PRIETO, 1943 apud ALBIERI, 2009, p. 110 – grifos nossos).

Finalmente, localizamos referências de Prieto sobre o recebimento da obra em duas cartas para Lobato, uma escrita em 6 de maio de 1943 o argentino afirmou “**acusamos recibo de “Fábulas”** e “Reforma da Natureza” que chegaram na segunda-feira. (PRIETO, 1943 apud ALBIERI, 2009, p. 113, grifos nossos) e em outra com data de 4 de junho de 1943 ele relatou “Recebemos suas cartas de 8 e 20 do passado. **Já acusamos ter recebido “FÁBULAS”** (PRIETO, 1943 apud ALBIERI, 2009, p.116, grifos nossos).

Em espanhol, o livro foi nomeado com *Las viejas fábulas* e apesar de Lobato tê-lo entre seus primeiros projetos literários para crianças no Brasil, como verificamos no trecho da carta de 1916 escrita por Lobato para Rangel, quando a organização de seus livros infantis foi realizada para o espanhol, ele foi um dos últimos a ser enviado para a tradução em 1943 e só foi publicado mais tarde em 1946.

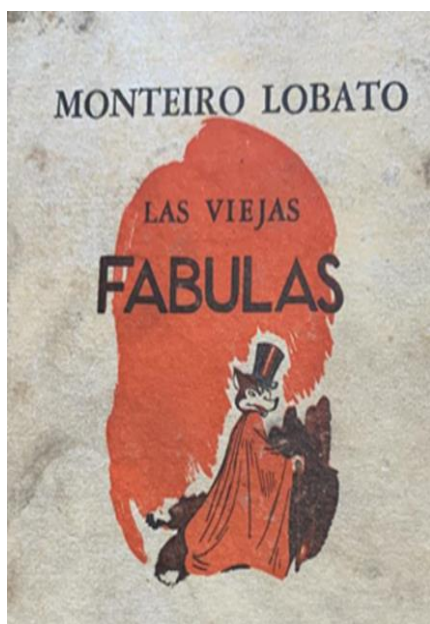
No nosso trabalho escolhemos realizar as análises comparativas entre o livro *Las viejas fábulas*, que foi publicado pela editora Losada em 1956 como quinta edição, tendo sido traduzida por M. J. de Sousa e ilustrado por Gustavo Doré, com o livro *Fábulas* publicada pela editora Brasileira em 1957 como segunda edição e ilustração feita por André Le Blanc. A escolha da edição em espanhol ocorreu porque inicialmente foi esse livro que conseguimos na íntegra e que poderíamos consultá-lo durante todo o processo do estudo. Além disso, por ele ter sido adquirido em um sebo de Buenos Aires junto com os outros da coleção que a editora lançou, acreditamos que poderíamos recorrer aos demais livros da coleção de maneira conjunta diante de dúvidas mais amplas que pudesse surgir em nossas análises.

Destacamos que para melhor compreensão do livro em espanhol, além da edição de 1956 pela Losada, consultamos também a primeira edição de *Las viejas fábulas* que foi

publicada em 1946 pela editora Américalee³² e a oitava edição de *Las Viejas Fábulas* publicada pela mesma editora em 1962³³. A opção pela verificação de mais esses dois exemplares, o mais antigo e o mais recente que encontramos, ocorreu no sentido de compreender se a obra em espanhol sofreu alterações no decorrer dos anos e se os pontos que escolhemos para as análises na comparação entre a obra em português e a obra em espanhol foram eventualmente modificados³⁴.

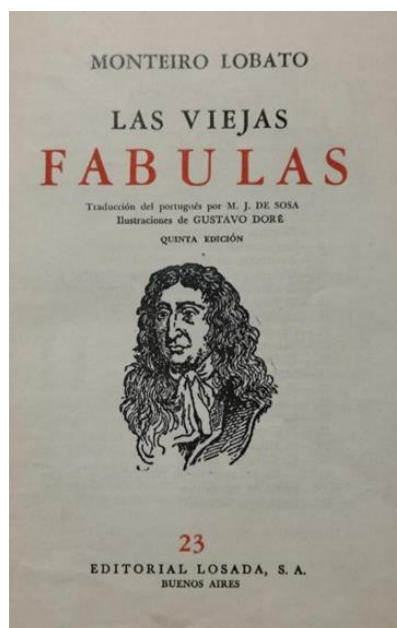
Nas observações entre os três livros em espanhol, que foram publicados entre as décadas de 40, 50 e 60, pudemos notar que foram mantidos os profissionais envolvidos nas publicações, ou seja, o tradutor M. J. Sosa e o ilustrador Gustavo Doré. Salientamos que não constatamos alterações em relação a escrita no decorrer dos anos de publicações das editoras Américalee e Losada. Apenas encontramos uma variação entre as publicações em relação à contracapa, que na primeira edição tinha um desenho de um lobo com cartola e capa vermelha e na edição estudada era um desenho de La Fontaine, com mais detalhes sobre o livro e o número 23, que significa que esse era o número da sequência dos livros de Lobato:

Figura 9 - Contracapa de 1946



Fonte: LOBATO, 1946.

Figura 10 - Contracapa de 1956



Fonte: LOBATO, 1956d.

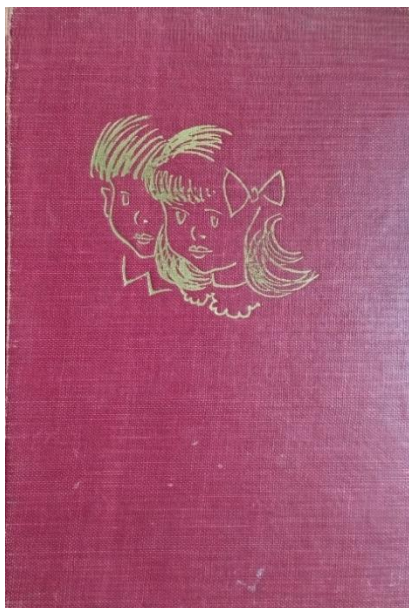
³² Livro que tivemos acesso em nossa visita à biblioteca Nacional de Maestras y Maestros que ocorreu em janeiro de 2020.

³³ No decorrer da pesquisa o livro foi encontrado em um sebo brasileiro do Estado de São Paulo e adquirido para consulta.

³⁴ Essa inquietação ocorreu por notar que entre as edições de *Travesuras de Naricita* ocorreram algumas modificações com o passar do tempo.

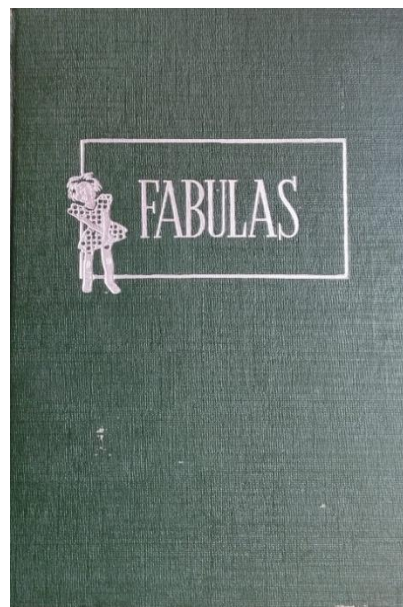
Explicadas essas modificações, apresentaremos a partir de agora os estudos que realizamos em relação a diferentes categorias com o objetivo de analisar o livro *Las viejas fábulas* (1956d) de maneira comparada com seu livro originário, *Fábulas* (1957a):

Figura 11 - Capa do livro *Las viejas fábulas*



Fonte: LOBATO, 1956d.

Figura 12 - Capa do livro *Fábulas*



Fonte: LOBATO, 1957.

Iniciamos nossos apontamentos em relação à comparação de *Las viejas fábulas* (1956d) com *Fábulas* (1957a) indicando que encontramos alterações em relação à posição das narrativas. Notamos que o livro em espanhol manteve a quantidade de 74 fábulas tal como o escrito em português, no entanto, duas narrativas foram trocadas de ordem: El venado y la espesura e El burro sabio. Acreditamos que a alteração tenha ocorrido por motivos distintos e que podem ser compreendidos a partir das pistas deixadas nos comentários da turma de Lobato. Suscitamos esse raciocínio porque percebemos que a primeira fábula trocada, que era a 19ª em português e passou a ser a 39ª em espanhol, apresentou nos comentários reflexões sobre a sinédoque que Dona Benta utilizou para contar histórias e depois a senhora explicou para os ouvintes que o recurso se tratava da troca da parte para o todo e devia ser usado com cautela. Diante desse conteúdo nos comentários percebemos que, provavelmente, alteração de posição tenha ocorrido para apresentar considerações sobre um recurso linguístico seria preferível que o leitor já estivesse envolvido com o texto para compreendê-lo. Já em relação a troca da segunda fábula, que passou de 69ª em português para 73ª em espanhol, indicamos

que, possivelmente, a mudança tenha ocorrido por ela ser uma variante de uma fábula já contada no livro, como explicou Dona Benta e a qual foi contestada por Pedrinho que fez a indicação de que a narrativa era inútil por mostrar a mesma coisa que a outra.

Além das mudanças de posições das fábulas, também percebemos que no “curioso trabalho de raspagem” (LOBATO, 2010a, p.550), algumas alterações ocorreram em relação aos comentários das narrativas que as personagens do Sítio faziam ao final das fábulas, e que foram reduzidos em 11 fábulas: *La lechuza y el águila*, *Burrada*, *El mirlo en la jaula*, *El perro y el lobo*, *El cuervo y el pavo real*, *Los dos burritos*, *La cabra, el cabrito y el lobo*, *El hambre no tiene oídos*, *Palo de dos picos*, *La garza vieja* e *El león y el ratoncito*; e retirados completamente em 2 fábulas: *El gallo que engaña a la zorra* e *La muerte y el leñador*. Ao observar o livro em português, percebemos que as reduções pequenas ou as mais drásticas ocorridas no livro em espanhol referem-se aos diferentes temas que as personagens abordaram em tom questionador como, por exemplo, uso da linguagem verbal, liberdade, inveja e falsidade, questões já debatidas em comentários de outras fábulas e que talvez tenham sido retirados para não repetirem o mesmo assunto.

Esclarecido isso, por meio da nossa releitura desses livros, iremos a seguir indicar que elementos adaptativos relacionados à linguagem, aos elementos da natureza e à cultura conseguimos encontrar como diferencias na tradução do livro de Lobato para o espanhol, seja em suas aproximações ou em seus distanciamentos entre as duas publicações. Cabe destacar que por meio de análises comparativas iremos averiguar como o processo foi escolhido por Lobato e pelo tradutor Sosa a partir das vertentes tradutórias de Lawrence Venuti (1995), seja pela tradução domesticadora, que visa tornar o texto estrangeiro mais próximo dos leitores, ocultando diferenças e o adaptando para a cultura da chegada, ou pela tradução estrangeirizadora, que mantém a tradução o mais próxima possível do texto original, conservando características linguísticas, culturais e históricas do texto de partida.

4.1. Título

No Brasil, ao compor seu primeiro livro com fábulas em 1921, Lobato com seu tino comercial, buscou chamar a atenção do pequeno leitor que, provavelmente, havia conhecido sua personagem infantil Narizinho, do livro *A menina do narizinho arrebitado* que foi publicado no ano anterior, e por isso intitulou o livro como *Fabulas de Narizinho*. No entanto, a estratégia não teve êxito e “Lobato reconheceu que esse jogo para propaganda não estava correto, pois as fábulas não foram escritas por Narizinho e, também, não há a presença da

personagem, que aparecerá somente mais tarde” (ROCHA, 2015, p.39). Isso o levou a relançar o livro em 1922 apenas como *Fabulas*, título que se manteve nas edições brasileiras seguintes.

Distinguindo-se da edição em português, a publicação em espanhol teve o título alterado e passou a ser *Las viejas fábulas*, modificação essa que também ocorreu em outros livros infantis, em que seria necessário adequar os títulos aos leitores em um processo de tradução domesticadora (VENUTI, 1995). Essa adaptação foi muito mencionada nos debates epistolares entre Lobato e Prieto quando ainda estavam elaborando as estratégias para os lançamentos das obras na Argentina e isso exigiu bastante atenção entre ambos, para que desta maneira os títulos ficassem representativos para as crianças.

Na carta escrita em 25 de novembro de 1942, de Prieto para Lobato, por exemplo, é possível encontrar informações sobre esse cuidadoso processo das escolhas dos nomes dos livros para que fossem recebidos da melhor maneira pelos pequenos leitores de língua espanhola.

Há um aspecto das edições que ainda não temos tratado e que é do maior interesse: o título dos volumens. O Minotauro, Reinações de Narincha, Viagem ao Céu (para falar dos iniciais) estão fora de questão. Os títulos se adaptam perfeitamente ao castelhano, gramatical e simbolicamente, isto é, como conteúdo e “praxe” geral. Isso, porém, não se dá com “Aritmética da Emília” e “Geografia de Dona Benta”. Claro que o amigo vai dizer que é porque as personagens não são, ainda, populares e isso resta-lhes sentido. Más não é só. Há um problema de ordem psicológico (derivado da rudeza da língua) que faz o castelhano reagir contra o nome próprio. Não é atoa que no Brasil se diz por exemplo: General Isidoro 238, Dr. Washington Luís 239, “seu” fulano etc. O nome, e não o sobre nome, serve para indicar a pessoa. Na América Hespánhola se da u otro pólo. Nunca se emprega o nome e sim o sobre nome, por que o primeiro é despectivo. Isto é um aspecto da questão. U outro é que nestes mercados “Aritmética da Emília”, não tem sentido específico, não indica de uma manera geral o que é o livro (isto é, uma aritmética infantil para garotos) nem predispõe a curiosidade e simpatía. Como o amigo comprende, não temos o mínimo interesse em trocar títulos; o que pretendemos é contribuir ao máximo para deixar de lado pequenos entaves e nada mais. Pensamos así que a “Aritmética para los niños” e a “Geografia” da mesma forma, “Geografia para los niños”, fazendo na contra tapa a salvedade de que o título original da obra é tal e tal. Como é natural, esperamos sua opinião antes de fazer qualquer coisa, mas insistimos para que o amigo pense nisso e nos diga sua opinião a posível brevidade. Precisamos iniciar a propaganda. Da mesma maneira a “Chave do Tamanho”. Sobre este não fazemos ainda a referência pois é preciso conhecer a obra para isso.

Queremos insistir uma vez mais perante o amigo que todas estas “chateações” no obedecem mais do que a convição de que é preciso solucionar no posível todos os pequenos entaves por que consideramos que suas obras no so podem senão que devem constituir um fondo editorial

permanente. O momento actual é extraordinariamente próprio para obter isso. Pocas obras infantis e todas ellas mediócras. Até breve, disponha sempre (PRIETO, apud ALBIERI, 2009, p.100-101).

Notamos, diante da ampla e tão detalhada explicação, que Prieto apresentou a Lobato importantes argumentos sobre as escolhas dos títulos para espanhol, indicando inicialmente quais se adaptavam perfeitamente à língua de maneira “gramatical e simbolicamente” e depois sugerindo que seriam necessárias alterações em alguns títulos originais por dois outros motivos relevantes: o primeiro referiu-se à adequação na “América Hespanhola”, que pela rudeza da língua considerava depreciativo utilizar o primeiro nome para indicar a pessoa mencionada e desta maneira o mais adequado seria utilizar o sobrenome; já o segundo seria o fato da necessidade de pensar em títulos que explicassem de maneira geral o que seria o livro, predispondo “curiosidade e simpatia” aos leitores. Torna-se relevante destacar que Prieto indicou que apesar desses “entraves” e dessas “chateações” havia muito interesse nas publicações que se destacariam das “Pocas obras infantis e todas ellas mediócras” que circulavam naquele momento e que seria importante ter a aprovação de Lobato para seguirem com a produção.

No excerto indicado da carta não há menção do título da obra que estamos estudando e provavelmente ela só teve seus detalhes pensados posteriormente à escrita desta carta, pois, como já indicamos no começo deste capítulo, ela foi indicada nas cartas apenas em 1943. Além disso, ela foi sugerida como a última a ser lida na nota de advertência que está publicada em todos os livros infantis da coleção traduzida para o espanhol. Diante da falta de informação sobre como teria sido o processo da escolha do nome desse livro, procuramos também menções em outras fontes bibliográficas, mas não encontramos apontamentos sobre o assunto e por isso nos embasaremos nas indicações de Prieto para tentar compreender como ocorreu a elaboração do título.

Ao observarmos as prescrições do correspondente de Lobato temos algumas pistas que nos possibilitam pensar na razão do acréscimo que o título recebeu, passando de *Fábulas* no livro em português para *Las viejas Fábulas* no livro em espanhol. Analisando o motivo indicado por Prieto em sua carta, o qual se refere à importância de escolher títulos que explicassem do que se tratava o livro, se fosse utilizada somente a palavra *Fábulas* não seria possível contemplar tal necessidade, visto que não há indicação de características mais específicas.

Por meio da consulta que realizamos na Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros percebemos que os livros com fábulas publicados com datas próximas a época da escrita de

Lobato, em sua maioria, apresentam o título usando a palavra fábulas junto com o sobrenome de quem as escreveu, indicando de quem eram as narrativas, o que torna válida a recomendação de Prieto de não mencionar o primeiro nome e sim o sobrenome, como ocorre nos livros do acervo da biblioteca. Como exemplo, encontramos: *Fábulas de La Fontaine* (1908), autor cujo primeiro nome era Jean; *Fábulas de Iriarte* (1923), o qual tinha o primeiro nome como Tomás; e *Fábulas de Samaniego* (1934), do escritor que tinha seus primeiros nomes constituídos por Félix María.

No caso do livro de Lobato composto por fábulas e publicado em espanhol, seria necessário solucionar os entraves com a língua para escolher o melhor título e o autor não poderia nomear o livro como *Fábulas de Lobato* ou *Fábulas de alguma de suas personagens*, visto que a maioria das fábulas escritas não eram suas e nem de suas criações, como o autor bem percebeu ao modificar o título de *Fabulas de Narizinho* (1921). Por esse entendimento, possivelmente, a melhor opção encontrada foi a de denominar o livro como *Las viejas fábulas*, explicando do que se tratava o livro, tal como sugeriu Prieto, sendo utilizada para isso uma expressão já mencionada por Lobato em outros registros, a qual foi encontrada em nossas pesquisas em uma carta destinada a Rangel em que ele afirmou que queria “vestir à nacional **as velhas fabulas** de Esopo e La Fontaine” (LOBATO, 2010a, p. 370 grifos nossos). Ou, então, na nota introdutória da obra *Fábulas de Narizinho* quando Lobato explicou como realizou seu processo de escrita do livro indicando que “O autor nada mais fez senão dar forma **às velhas fabulas** que Esopo, Lafontaine e outros crearam” (LOBATO, 1921, s/p., grifos nossos).

4.2. Personagens lobatianas

Lobato modificou ao longo do tempo seu livro com fábulas por diversas vezes, buscando sempre produzir o melhor para os seus pequenos leitores e entre tais alterações, no Brasil, a partir da oitava edição publicada em 1943 como indicaram Souza (2010) e Lopes (2006), *Fábulas* teve como acréscimos os comentários das personagens. A peculiar característica, que se perpetuou pelas edições posteriores, trouxe Dona Benta como narradora Dona Benta que “adapta as fábulas de Esopo e de La Fontaine substituindo e inventando palavras, procurando contar as narrativas com uma linguagem próxima à da turma do Sítio, com objetivo de tornar o gênero mais atraente e sedutor para as personagens apreciadas naqueles textos” (ROCHA, 2015, p.68). Também as personagens Narizinho, Pedrinho,

Emília, Visconde e Tia Nastácia que ouviam as fábulas e depois concordam ou discordavam de sua moral “porque cada uma delas tem características próprias e fala a partir do seu ponto de vista e de suas experiências cotidianas” (ROCHA, 2015, p.45). Além disso, também realizam “comentários apresentando explicações sobre o gênero fabulístico, reflexões sobre a língua e a literatura, além de críticas sobre as atitudes de algumas personagens das fábulas, expondo seus pontos de vistas em relação à moralidade” (ROCHA, 2015, p.45).

Neste sentido, é interessante notar que ocorreram prolongamentos nos textos fabulares, sendo essa propriedade parecida com o que ocorre nas fábulas indianas, como indicou Vargas em seu artigo *Reflexos da fábula indiana nos textos de Monteiro Lobato* (1995):

Um dos reflexos mais evidentes da fábula indiana no texto de Lobato é que a narrativa extrapola para o domínio do ouvinte/leitor. A fábula propriamente dita passa a ser um intertexto no discurso dos personagens do sítio. A fábula em si vai compor sua verdadeira instância crítica, no ambiente do sítio [...] (VARGAS, 1995, p. 85).

Quando traduzida para o espanhol, a obra com fábulas manteve os comentários das personagens lobatianas após a maioria das narrativas³⁵, no entanto, assim como nos demais livros lançados em espanhol, ocorreram alterações nominais de algumas personagens, adequando o texto ao leitor por meio da tradução domesticadora (VENUTI, 1995). Isso nos revela que, assim como ocorreram algumas mudanças nos títulos das obras³⁶, provavelmente tais mudanças também foram realizadas pelo conselho editorial, buscando junto com o autor encontrar nomes com proximidades dos leitores estrangeiros, de forma que fossem mais contextualizados e fáceis de ser pronunciados.

Como resultado de tais ponderações, tanto dos nomes das personagens principais como das personagens secundárias que aparecem ou são citados em *Las viejas fábulas* (1956) os escolhidos para o livro em espanhol foram:

³⁵ Na escrita para o espanhol algumas fábulas não apresentaram comentários tal como no português e outras tiveram alguns parágrafos suprimidos, sendo que tal característica já mencionada nesse capítulo.

³⁶ Como vimos na carta de Prieto em 25 de novembro de 1942, em que o amigo de Lobato aponta que alguns “entraves” precisariam ser solucionados de modo que ocorresse a adaptação “gramatical” e “simbólica” perfeitamente à língua espanhola, mas sempre com a opinião de Lobato “antes de fazer qualquer coisa” (PRITO, apud ALBERIERI, 2009).

Quadro 5 - Comparativo entre os nomes das personagens na edição em português e na edição em espanhol

FÁBULAS (PORTUGUÊS)	LAS VIEJAS FÁBULAS (ESPAÑHOL)
Dona Benta	Doña Benita
Narizinho	Naricita
Pedrinho	Perucho
Emília	Emilia
Visconde	Vizconde
Tia Nastácia	Tía Anastasia
Tio Barnabé	Tío Bernabé
Conselheiro / Burro Falante	Consejero / Burro Parlante
Coronel Teodorico	Coronel Teodoro
Peninha	Plumita
Elias Turco	Elías Turco
Quindó	Quindó
Nhá Veva	Doña Genoveva
Candoca	Candoca

Elaboração: ROCHA, 2023.

Em relação aos nomes das personagens criadas por Lobato, cabe destacar que os mencionados no quadro são apenas os que aparecem nos livros em português e em espanhol de fábulas cotejados nesta pesquisa e que outras personagens que apareceram em outros livros infantis tiveram ou não os nomes alterados, como ocorre, por exemplo, em *Las travesuras de Naricita* (1956) em que nome do príncipe era “Escamado” e manteve a mesma grafia, enquanto que o nome do “doutor Caramujo” foi adaptado para “doctor Caracol”, sendo optado, neste caso, pela utilização do nome do animal tal como é a tradução para o espanhol. É o que indicou o próprio Lobato em uma carta a seu amigo Rangel contando com humor a troca: “O Doutor Caramujo aqui virou na tradução Doutor Cara de Col (Caracol), e as pílulas viraram *pastilhas*. E eu achei muita graça em ver aparecer nas gravérrimas colunas da Prensa as *Pastilhas del Doctor Cara de Col*, que lá no jornal absolutamente não sabem o que é” (LOBATO, 2010a, p.597 – grifos do autor).

4.3. A linguagem verbal “desliteraturizada”

Monteiro Lobato dedicou-se muito para escrever livros que seus leitores “quisessem morar” e entre traduções, adaptações e textos originais ele formou uma inigualável literatura que serviu de inspiração e expandiu os horizontes das produções infantis que sucederam o autor. As inovações no modo de compor seus textos foram profundamente pensadas durante o processo de elaboração, como podemos observar em uma carta que Lobato escreveu a Rangel em 17 de junho de 1921 compartilhando seu plano e convidando o amigo para participar em seu projeto:

Quem sabe pode e quer você empreitar um serviço que precisamos? Pretendemos lançar uma série de livros para crianças, como *Gulliver*, *Robinson* etc., os clássicos, e vamos nos guiar por uma das edições do velho Laemmert, organizadas por Jansen Müller. Quero a mesma coisa, porém com mais leveza e graça de língua. Creio até que se possa agarrar o Jansen como “burro” e reescrever aquilo em língua desliteraturizada – porque a desgraça da maior parte dos livros é sempre o excesso de “literatura”. Comecei a fazer isso, mas não tenho tempo; fiquei no primeiro capítulo, que te mando como amostra. Quer pegar a empreitada? A verba para cada um não passa de 300 mil-réis, mas os livros são curtinhos e o seu tempo aí absolutamente não é *money*. Coisa que se faz ao correr da pena. É só ir eliminando todas as complicações estilísticas do “burro”. Se não tens por aí essas edições do Lamemmert, mandarei (LOBATO, 2010a, p. 466-467 – grifos do autor).

O fato de querer escrever os livros já consagrados na história da literatura infantil em **língua desliteraturizada** devia-se a questão de o autor compreender a importância dos clássicos, esses definidos por Calvino (2007, p.10) como “livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”, mas que, infelizmente, não estavam escritos de maneira que contribuíssem para a aproximação literária das crianças de seu país e de sua época.

A necessidade de um novo estilo de escrita na literatura foi vista como uma questão complexa e imprescindível por Lobato que o acompanhou por toda sua vida, e a luta que combateu contra o “ranço” da linguagem literária tradicional, criticando a busca por palavras raras, a gramatiquice e o empolamento da linguagem (PEREIRA, 2010), foi também estendida para o desejo de que as produções literárias de outros autores de sua época

seguissem o mesmo caminho. Vemos isso, por exemplo, na carta escrita em 26 de julho de 1944 para seu amigo Cesidio Ambrogi:

Acho que você precisa **desliterar-se** um pouco mais. O que estraga a literatura é sempre a “literatura”. Sem querer nós nos deixamos arrastar. Depois que li o ÉRAMOS SEIS da Dupré aprendi muita coisa; e como estava a mexer nas minhas FÁBULAS para nova edição, tirei delas todo um punhado de expressões “literárias” cunhadas – simplifiquei, humanizei, e ficou muito melhor. Nós morremos aprendendo, meu caro. E uma das coisas mais difíceis é alcançar a simplicidade sem cair na vulgaridade. É o grande amor pelas “expressões bonitas ou literárias” e quando velhos já bem sabidos nos convencemos de que o mal literário está justamente nelas. A cada nova reedição dos meus livros ando eu a podar coisas que no momento de escrever me pareceram “belezas”³⁷ (LOBATO, 1944, s/p – grifo nosso).

Entre as recomendações para Ambrogi estava o conselho indicando a necessidade de que o amigo precisava “**desliteraturizar-se** um pouco mais” por meio da simplificação, mas sem cair na vulgaridade. A palavra que destacamos e que já havia sido mencionada na carta a Rangel trata-se de um neologismo que o autor criou a partir da palavra **literatura** junto ao prefixo **des** que apresenta em seu sentido acepções que podem produzir negação, ação contrária, cessão de um ato ou estado e ablação (BECHARA, 2009) e mais o sufixo **izar** “que transforma nomes – substantivos e adjetivos – em verbos” (MARGOTTI e MARGOTTI, 2011, p.43-44). Isso nos possibilita pensar que a proposta de Lobato seria produzir a arte das palavras de maneira diferente, conservando sua essência, mas removendo as “complicações estilísticas” que nada contribuíam para a recepção dos leitores.

Desta maneira, para o autor a “**literatura**” (literatura com aspas) que “se trata de uma escrita realizada com excesso de ornamentos linguísticos para expressar uma ideia que poderia ter sido trabalhada de maneira não demasiada e que, ao mesmo tempo, conservasse a essência daquilo a ser transmitido” (ROCHA, 2015, p. 2) deveria ser combatida. A linguagem verbal dos livros deveria passar por uma renovação, sendo pautada na aproximação do contexto de seus leitores, por meio de uma adaptação no estilo de escrita que privilegiasse o contexto, a oralidade, o coloquial, a fantasia, a simplicidade e a transparência “estilo água do pote”.

Em seu projeto de desliteraturização, Lobato rompeu com os padrões literários antes provindos da Europa (ZILBERMAN, 1987), propondo facetas inovadoras em seus livros no Brasil e que se estenderam, posteriormente, para as suas publicações em espanhol que foram

³⁷ Trata-se de carta enviada por Lobato a Cesidio Ambrogi em 1944 e que se encontra no arquivo da Biblioteca Monteiro Lobato, na cidade de São Paulo-SP. Pasta 33A – documento 3583 [cópia xerográfica de datiloscrito]. 26, 7, 944.

disseminadas na América Latina. Desta maneira, os textos que tinham, em português, “a marca do narrador como a mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin, 1994, p.205) feito em um trabalho artesanal (LAJOLO, 2008) precisavam ser ponderados e repensados para continuar a contemplar o projeto do autor também em outra língua, de maneira que ocorresse a aproximação da narrativa de Lobato e as falas de seus personagens com a realidade do leitor estrangeiro.

Para alcançar seu propósito, assim como fez em seu país, o autor buscou articulações de suas histórias com os contextos das crianças de língua espanhola principalmente em relação à oralidade delas. Esse foi um ponto que exigiu bastante cuidado e dedicação temporal, como podemos observar na indicação que Lobato fez em carta a Rangel: “Ando parado com traduções. Meu tempo se escoa na revisão e alguma adaptação dos livros a saírem em espanhol na Argentina. Imagine a Emília a dizer: ‘Caramba!’, ‘Que vá’, ‘Caracoles!’” (LOBATO, 2010a, p. 553).

Segundo o repórter Brito Broca, que esteve na Argentina na mesma época que o autor e teve um encontro com ele, Lobato revelou que não era fluente em espanhol e indicou naquele momento que:

Acha muita graça no idioma. A pronúncia de certas palavras lhe parece essencialmente pitoresca, e se compraz em repeti-las com o seu ar incorrigivelmente gaiato. *Cigarillo* é uma delas. Outra: *embajada*. O “j” aspirado à maneira castelhana leva-o a dar estalos na língua. (BROCA, 1994, p.73 – grifos do autor)

O fato de não conhecer com profundidade a língua espanhola não foi impedimento para que Lobato pensasse com os tradutores sobre seus livros e em consonância eles puderam decidir os muitos detalhes que as produções literárias precisavam. Esse assunto inclusive foi comentado na conversa que Lobato teve com Brito Broca. Nela, o autor revelou a parceria “eu falo português, eles não me compreendem; eles falam castelhano, eu não compreendo, no fim, acabamos por nos entender perfeitamente” (BROCA, 1994, p.73).

Deste modo, Lobato junto com os tradutores cuidaram com capricho das escritas dos livros lobatianos para o espanhol de maneira que os entraves linguísticos não obstruíssem o projeto de deslitteraturização do autor, intento esse muito respeitado pela equipe editorial, como podemos constatar, por exemplo, em uma carta que Prieto escreveu para o autor em 08 de janeiro de 1943:

[...] Como o amigo pode ver, as perspectivas são optimas. Não ignoramos que vamos achar inúmeras dificuldades no começo, mais con bom material e

entusiasmo é “cancha”. Por nossa parte, temos chegado a todas estas decisões sem esquecer por um só momento a existência dos seus interesses como autor e procurando de todas as maneiras salvaguardá-los. (PRIETO apud ALBIERI, 2009, p.106)

Por esses apontamentos e entendimentos, procuramos analisar como o projeto de Lobato de escrever em língua deslitteraturizada foi contemplado em *Las viejas fábulas* e para isso teremos como ponto de partida a pesquisa de Rocha (2015). No cotejo da obra em espanhol foi possível perceber as características do projeto do autor referentes a linguagem verbal foram mantidas com o intuito de aproximar o pequeno leitor estrangeiro das clássicas fábulas. Isso ocorreu por meio de recursos linguísticos que na maioria das vezes foram empregados da mesma maneira como os escritos em português e em momentos mais específicos passaram por adaptações para contemplar diretamente a língua espanhola.

Iniciamos nossos apontamentos apresentando as estratégias com os recursos linguísticos que Lobato utilizou para adequar as fábulas ao contexto do leitor brasileiro e que na tradução foram mantidos na escrita para o espanhol no intuito de produzir proximidades das escritas com o coloquial. São eles:

Flexões nas palavras por diferentes tipos de graus dependendo do contexto proposto e as possibilidades que as gradações poderiam oferecer. Neste caso, percebemos que foram aplicados em alguns substantivos os graus diminutivo ou aumentativo e em alguns adjetivos foram escritos com a utilização do grau superlativo absoluto sintético, sendo esses utilizados no livro “em vários tons de significado” (LAPA, 1959, p.93) dependendo do que Lobato quis representar.

Em relação ao grau diminutivo percebemos que eles poderiam denotar dois entendimentos no livro: o primeiro relativo ao tamanho pequeno como ocorre, por exemplo, na escrita dos animais em diversas fábulas: **ranita** (p.14), **ratoncito** (p.20) e **pajarito** (p.51); e o segundo relacionado à afetividade como foi utilizado, por exemplo, na escrita da palavra amiga na fábula *La cigarra y las dos hormigas* quando a formiga respondeu a cigarra cantora “Entra, **amigueta**, que aquí tendrás cama y mesa durante el mal tiempo” (p.8), já que neste caso a formiga era boa e queria ajudar a cigarra a se proteger do frio.

O grau aumentativo foi utilizado para dar dois atributos aos substantivos: o primeiro representando o tamanho grande como podemos ver, por exemplo na fábula *El toro y las ranas* quando a rã velha quer intensificar o tamanho do toro e por isso afirma “El **animalote** vencido vendrá a meterse aquí, en nuestro pantano...” (p.37); e o segundo refere-se a utilização para indicar algo depreciativo, como ocorre, por exemplo, na fábula *El anciano, el*

niño y el burro quando as lavadeiras comentam da atitude do dono da mulinha e afirmam “El **hombretón** montado con toda calma y el pobre niño a pie...”(p.24), pois neste caso as mulheres comentaram sobre o homem de maneira a desprezar sua atitude.

A **gradação** também ocorreu por meio da utilização do superlativo absoluto sintético em um adjetivo acrescido do sufixo para imprimir “maior força intensiva à ideia” (LAPA, 1959, p. 125) e encontramos este recurso, por exemplo, na fábula *El burro en la piel de león* quando o dono percebeu que o burro estava coberto com a pele do leão e indicou com ênfase que seu animal havia tentado trapacear por meio do disfarce “León que rebuzna y tiene orejas de asno ha de ser de seguro el burro mío que se escapó ayer del prado. ¡**Grandísimo** bellaco! Espera ahí...” (p.63)

Destacamos que Lobato empregou em suas escritas as **onomatopeias** utilizando as palavras para representar os sons na fala, contribuindo com a expressividade da narrativa e proporcionando o despertar da imaginação do leitor de maneira a conseguir construir a visualização da cena narrada. Como ocorre, por exemplo, na fábula *La cigarra y las dos hormigas* quando a narradora afirma que a pobre cigarra estava desabrigada no frio e por isso “renqueando, arrastrando un ala, se dirigió al hormiguero. Llamó: **tic, tic, tic...**” (p.7); neste caso o recurso linguístico representou as batidas fracas na porta que a cigarra produziu por meio de um som com pouca intensidade já que estava debilitada devido à baixa temperatura.

O autor valeu-se também do **neologismo**, produzindo novas palavras que não eram representadas pelas já existentes no vocabulário, como ocorre por exemplo na fábula *Los dos viajeros en macacolandia* quando um dos viajantes que chegou ao reinado de Su Majestad Simón III e quando foi interrogado sobre o que pensava sobre o local respondeu que “No es nada. Es una **macaquería...** (p.45)”; neste caso o homem que não gostava de mentiras respondeu por meio de uma nova expressão depreciativa formada por macaco e o sufixo *ería* que o estabelecimento era apenas um lugar cheio de macacos.

Finalmente, apresentamos que durante a análise de *Las viejas fábulas* (1956) percebemos que além de manter a estratégia de utilizar recursos linguísticos já realizadas em Fábulas, no livro lançado na Argentina ocorreram considerações aos receptores (AMORIM, 2005) de modo que a linguagem verbal fosse deslitteraturizada também para o espanhol. Foram inseridos elementos do contexto dos leitores em relação ao **fraseologismo** mais específico do lugar onde o livro poderia circular e desta maneira ocorreram algumas alterações em relação à ditados populares e expressões idiomáticas, as quais apresentaremos a seguir por meio de dois exemplos comparativos.

Nossa primeira observação refere-se aos ditados populares que foram muito utilizados nos finais das fábulas dos livros lobatianos para indicar a moral de cada narrativa, inclusive recebendo destaque, na maioria das histórias, por meio do recurso gráfico itálico, que colaboram para dar ênfase ao epílogo e que pode se constituir, segundo Lima (1984), como uma metaleitura do texto. Além disso, eles abordam “ensinamentos observados em certas situações vivenciadas pelo povo, com palavras não empoladas, compondo um enunciado sintético e bem construído, relacionado com a realidade” (ROCHA, 2015, p. 75). Por ser, muitas vezes, transmitido de geração em geração, dificilmente têm suas origens conhecidas.

Os ditados populares na maioria das fábulas foram mantidos iguais aos do livro em português, como ocorre por exemplo em *El ratoncito, el gato y el gallo*, em que o ensinamento foi apresentado como a moral da fábula após o ratinho não ter medo gato e sim do galo pela sua aparência. Sua mãe afirmou que *El que ve la cara no ve el corazón* (p.98). Porém, alguns foram trocados por ditados do cotidiano do local em que foi publicado, como é o caso, por exemplo, do encontrado no final da fábula:

Quadro 6 - Comparativo entre diferentes ditados populares na mesma fábula

El toro y las ranas	O touro e as rãs
<i>Siempre ocurre lo mismo: o disputan los grandes, pagan los vidrios rotos los pequeños.</i> – Considero eso muy cierto – dijo Naricita – . Los fuertes siempre disputan entre ellos y los débiles pagan las consecuencias. – Es la ley de la vida, hija. La función del débil consiste en pagar las consecuencias. En las guerras, por ejemplo, combaten los grandes estadistas, pero los que van a morir en las batallas son los pobres soldados que nada tienen que ver en la cosa (LOBATO, 1956d, p.38 – grifos do autor).	<i>É sempre assim: brigam os grandes, pagam o pato os pequenos.</i> – Estou achando isto muito certo – disse Narizinho. Os fortes sempre se arrumam lá entre si – e os fracos pagam o pato. – É a lei da vida, minha filha. A função do fraco é pagar o pato. Nas guerras por exemplo, brigam os grandes estadistas – mas quem vai morrer nas batalhas são os pobres soldados que nada têm com a coisa. – Pagar o pato! Onde viria essa expressão? – Eu sei – berrou Emília. <i>Veio</i> duma fabulazinha que vou escrever. “Dois fortes e um fraco foram a um restaurante comer um pato assado. Os dois fortes comeram todo pato e deram a conta para o fraco pagar...” (LOBATO, 1957a, p.33 – grifos do autor).

Elaboração: ROCHA, 2023.

Nesta história Dona Benta contou que dois touros estavam lutando e as rãs novas estavam observando a cena e divertindo-se com o ocorrido. Uma rã velha notando a situação advertiu que não eram para rir já que qualquer um dos touros que vencesse expulsaria o outro

para o brejo onde moravam; o fato realmente ocorreu e as rãs perderam o sossego, sendo com frequência atingidas pelo grande animal. A moral da fábula em ambos os livros teve o mesmo ensinamento, mas ela foi alterada, já que em português foi usada a expressão *É sempre assim: brigam os grandes, **pagam o pato** os pequenos* e quando escrita em espanhol mudou para *Siempre ocurre lo mismo: o disputan los grandes, **pagan los vidrios rotos** los pequeños*, o que podemos indicar como uma adaptação do texto aos leitores como uma proposta de tradução domesticadora (VENUTI, 1995) para que a recepção do livro em outro local fosse alcançada por meio de um termo conhecido por eles.

Podemos notar ainda que os comentários da história foram reduzidos na tradução, não ocorrendo o questionamento do que seria “pagar o pato”. Tampouco a explicação que Emília inventou foi apresentada, talvez pela questão da dificuldade de se obter uma resposta para a origem desse fraseologismo. No entanto, diante de nossa pesquisa tentar compreender as alterações que ocorreram no livro, fizemos uma busca sobre o termo, que em português seria “pagar os vidros quebrados”, e apesar de não descobriremos a etimologia da locução, encontramos seu significado a partir da seguinte definição: “ser responsabilizado por las faltas o errores de otros, sin tener culpa alguna³⁸”; além disso localizamos a expressão em sites da Espanha, da Argentina, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, o que pode nos indicar que provavelmente ela foi introduzida na América Espanhola devido à colonização e depois foi difundida de maneira a se popularizar entre as pessoas dessas localidades.

Nosso segundo apontamento refere-se à utilização de expressões idiomáticas que foram inseridas quando Lobato produziu o livro em português, dando às narrativas contadas por Dona Benta um tom coloquial muito diferente dos livros encontrados na época de sua escrita. Na maioria dos casos, foram escritos em espanhol para indicar a mesma intensão como ocorreu em português, como podemos exemplificar pela expressão utilizada na fábula *Los dos ladrones*, quando os dois homens percebem que perderam o burro e a narradora indicou que eles “se rieron – **risita amarilla**” (p.112) para explicar que o sorriso foi forçado. No entanto, cabe destacar que, em outros momentos ocorreram acréscimos de expressões idiomáticas da língua espanhola, como podemos constatar, por exemplo, na fábula *La cabra, el cabrito y el lobo*:

³⁸ Disponível em: https://lunfardo.es-academic.com/10488/pagar_los_platos_rotos . Acesso em 20 mar. 2022.

Quadro 7 - Comparativo que indica a expressão idiomática da utilizada na fábula escrita em língua espanhola

La cabra, el cabrito y el lobo	A cabra, o cabrito e o lobo
Antes de salir a pacer, la cabra, cerrando la puerta, dijo al cabritillo: – Cuidado, hijo mío. El mundo está lleno de peligros. No abras la puerta a nadie antes de pedir el santo y seña. – ¿Y cuál es el santo y seña, mamá? – El santo y seña es: “A los quintos infiernos el lobo y toda su raza maldita.” [...] (LOBATO, 1956d, p.108 – grifo nosso)	Antes de sair para a pastar, a cabra, fechando a porta, disse ao cabritinho: – Cuidado, meu filho. O mundo anda cheio de perigos. Não abra a porta a ninguém antes de pedir a senha. – E qual é a senha, mamãe? – A senha é: “Para os quintos do inferno o lobo e toda a sua raça maldita.” [...] (LOBATO, 1957a, p.111 – grifo nosso)

Elaboração: ROCHA, 2023.

Na narrativa, a cabra iria sair e antes advertiu seu filho para que tomasse cuidado, não abrindo a porta antes de pedir a identificação entre eles. No texto em português foi referida como **a senha** e já no texto em espanhol o termo utilizado foi **el santo y seña**, expressão idiomática essa que, segundo o Morán (2013), foi produzida pelos militares para reconhecer os seus aliados nas batalhas. Fazendo alguns apontamentos sobre o recurso linguístico, o autor especificou que:

Los genios militares, esos que hicieron de la guerra un arte, consternados – más por razones aritméticas que humanas - por las bajas producidas por los errores nocturnos, pronto idearon un remedio para este problema.

Cada tarde, los jefes militares escogerían una palabra que a manera de señal secreta serviría para que, en las rondas nocturnas, los soldados del mismo bando pudieran reconocerse. A esta palabra en la España medieval la llamaron el nombre, el cual decían que se «rompía» al amanecer. La táctica fue tan exitosa que pronto se generalizó y, la vocación religiosa de los ejércitos cristianos, los llevó a decidir que esta palabra secreta debería ser el nombre de algún santo. Así que, de llamarse «el nombre», pasó a llamarse «el santo».

Años después, buscando mayor seguridad y más eficiencia, se agregó una segunda palabra a la que llamaron «seña». Así fue que se empezó a hablar de «el santo y seña». Cuando dos grupos se encontraban, uno decía el santo, y el otro más valía que respondiera con la seña, que si no, se armaban los cocolazos [...] (MORÁN, 2013, p.98-99).

Morán (2013) também destacou em seu texto que o termo de uso militar passou para o uso coloquial com o passar do tempo, podendo ser utilizado cotidianamente, o que nos possibilita compreender a escolha do acréscimo em *Las viejas fábulas* como uma maneira de aproximar o texto de seu leitor.

4.4. Elementos da natureza

Desde que começou a escrever seus textos, Monteiro Lobato demonstrava-se incomodado pelo fato de o Brasil reproduzir o estrangeirismo em suas artes, como ocorreu, por exemplo, na crítica *A criação do estilo*, publicada inicialmente em 06 de janeiro de 1917 no jornal *O Estado* e depois no livro *Idéias de um Jeca Tatu* em 1919, onde ele revelou suas considerações sobre a importação da flora e da fauna nas artes brasileiras. Por meio de seu posicionamento nacionalista, realizou os seguintes questionamentos:

Nossas flores silvestres, nossos acantos serão porventura indignos de se ordenarem em festões?
 Nossa fauna será tão pobre que necessitemos fincar nas pontas das ripas do belvedere da avenida cabecinhas de carneiros gregos?
 Não é irrisório vivermos às voltas com palmetas napoleônicas, folhas de espadanas, conchas bivalvas, saracoteios, rocalhas, amores, graças, pastores, anjinhos e tudo o mais que nasceu fora daqui e já teve sua época?
 (LOBATO, 2008, p.46)

Em outra escrita, o autor também indicou a ausência que os artistas nacionais tinham de uma estética permeada por particularidades locais e por um estilo próprio, este defendido por ele como “a feição peculiar das coisas. Um modo de ser inconfundível. A fisionomia. A cara.” (LOBATO, 2008, p.55) Por esse entendimento, o qual se estendia à literatura, Lobato sempre buscou contemplar em seus livros para adultos e para crianças as características faltosas apontadas em suas críticas, entre as quais estavam a inserção da fauna e da flora brasileira.

Dentre seus projetos, o interesse em escrever as fábulas, narrativas que Lobato apontava como “um alimento espiritual correspondente ao leite da primeira infância” (LOBATO, 1921, s/p.), tornou-se uma excelente oportunidade para agregar nas histórias a natureza nacional e quando a primeira obra que contemplava o gênero textual foi publicada, *Fábulas de Narizinho* (1921), ele explicou em sua nota introdutória os diferenciais na sua escrita:

O autor nada mais fez senão dar forma às velhas fabulas que Esopo, Lafontaine e outros crearam. Algumas são tomadas de nosso “folk-lore” e todas trazem em mira contribuir para a criação da fábula brasileira, **pondo nellas a nossa natureza e os nossos animaes sempre que isso é possível** [sic.] (LOBATO, 1921, s/p. grifos nossos).

O desejo de inserir nas fábulas a fauna e flora também se estendeu para seus livros em espanhol, sendo muitos os detalhes pensados entre Lobato e o tradutor, como podemos verificar na carta que Prieto enviou a Lobato em 20 de março de 1943, quando ainda estavam negociando das publicações infantis:

Neste assunto da tradução o amigo vae ficar satisfeito. O tradutor conhece o português fallado no Brasil, fauna, flora, costumes, vida do interior e o Guarani (não o de Alencar senão o idioma). A versão castelhana respeita enteramente a forma imagens e o pensamento de autor [...] [sic.] (PRIETO, apud ALBIERI, 2009, p.109-110).

O empenho foi consolidado como podemos constatar ao observarmos o livro *Las viejas fábulas* (1956), que assim como no Brasil, em espanhol ele também apresentou adaptações em relação a natureza mais próxima, principalmente por meio de animais, diferenciando as narrativas das edições disponíveis na época e que eram advindas da Espanha.

Como resultado encontramos em algumas fábulas a inserção de elementos da Argentina que também poderiam ser encontrados em outros países da América Latina onde seus livros também iriam circular, adequando desta maneira o texto ao leitor em uma proposta de domesticação na tradução (VENUTI, 1995). Contudo, cabe indicar que o livro também apresenta fábulas que já haviam sido alteradas no livro para os leitores brasileiros e permaneceram com elementos deste país, sendo que neste caso foram adicionadas notas de rodapé que explicavam seus significados, adequando desta maneira o leitor ao texto em uma proposta de estrangeirização da tradução (VENUTI, 1995).

4.4.1. Fauna

Desde origens distantes os homens apresentam diversas relações com os animais, “seja pela necessidade de caça, fornecimento de matéria-prima, prestação de serviços, domesticação, proteção e guarda, fins ornamentais, religiosidade, rituais e diversas simbologias” (ROCHA; RIBEIRO, 2015, p. 81) e por isso observavam seus hábitos, habilidades e com eles se relacionavam com os outros de seu convívio. Dessas reflexões, muitas foram transmitidas de geração em geração seja inicialmente pela oralidade, seja mais tarde por registros escritos, acompanhando as muitas sociedades, Entre seus múltiplos

contextos, surgiram inúmeras interpretações e representações que se perpetuam em diversas produções como a literária, a qual está inserida as fábulas.

Monteiro Lobato sempre apreciou os textos fabulares e em muitos momentos indicou a importância de se entender a sociedade por meio das alegorias realizadas com os animais, reconhecendo a importância dos antigos fabulistas. No entanto, ele “estava insatisfeito com os livros de fábulas importados que possuíam características de seus países de origem ou eram escritos e/ou traduzidos para a língua portuguesa com peculiaridades de Portugal e que não contemplavam a natureza brasileira” (ROCHA; RIBEIRO, 2015, p.86). Diante dessa contestação, Lobato decidiu escrever de maneira diferenciada, inserindo os seguintes animais da fauna brasileira: mutuca, jabuti, sabiá, gavião de penacho, onça, veado, papagaio, irara, capivara, cutia, porco-do-mato, gato-do-mato, anta, bem-te-vi e jaguatirica.

O trabalho com a arte das palavras foi realizado de maneira bastante cuidadosa por ele, e, sempre buscando também contemplar a tradição fabular, indicou que faria tais alterações sempre que isso fosse possível (LOBATO, 1921). Por isso, cabe destacar que o autor também manteve no livro alguns animais estrangeiros, sendo que neste caso foram inseridas particularidades do país por meio de outras possibilidades, como indicou a seu amigo Rangel: “Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o a minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos” (LOBATO, 2010a, p. 436).

Quando Lobato lançou *Las viejas fábulas*, o mesmo procedimento foi seguido para caracterizar as narrativas e deixá-las com as proximidades do contexto de seus leitores, sendo realizadas três estratégias para contemplar os animais nas narrativas, como podemos notar em nossa leitura e as quais descreveremos a seguir.

Nosso primeiro apontamento refere-se à adequação do texto ao leitor como proposta de uma tradução domesticadora (VENUTI, 1995) em que ocorre inserção de animais que são conhecidos na Argentina e podem também ser vistos em outros países da América Latina, sendo encontrados como resultados no livro os seguintes componentes da fauna: mirlo (p.33), tordo (p.51), tábano (p.96), jilguero (p.116), milano (p.116), ratón de campo (p.158), barbo (p.163) e gato montés (p.185). Diante da leitura das fábulas, notamos que esses animais substituíram alguns dos animais brasileiros, os quais já haviam substituído os animais europeus no texto em português e que em *Las viejas fábulas* foram novamente trocados por animais conhecidos pelos leitores hispano-americanos, o que denota que Lobato e o tradutor Sosa realizaram a produção do livro de maneira bastante articulada como podemos ver, por exemplo, na fábula:

Quadro 8 - Comparativo entre as substituições dos animais na fábula El hambre no tiene oídos

El hambre no tiene oídos	A fome não tem ouvidos
Cayó un triste jilguero en las unás de un milano muy hambriento (LOBATO, 1956d, p.116 – grifos nossos)	Caíra um triste sabiá nas unhas de esfamaimadíssimo bichano (LOBATO, 1957a, p.118 – grifos nossos)
 JILGUERO ³⁹	 SABIÁ ⁴⁰
 MILANO ⁴¹	 BICHANO ⁴²

Elaboração: ROCHA, 2023.

A narrativa que havia sido transportada para um contexto doméstico no Brasil, visto que o bichano apresentado depois é referido como gato e há pessoas que criam o sabiá em gaiola, quando escrita em espanhol passou a aproximar-se mais da fábula de origem de La Fontaine *O milhafre e o rouxinol*, apresentando um enredo voltado ao habitat natural dos animais. A história protagonizada pelo jilguero, pequeno pássaro que tem um belo canto e pelo milano, ave de rapina que é predadora e carnívora, conta que o jilguero foi capturado pelo milano e tentou argumentar que se o devorasse estaria cometendo um crime contra a arte por ter um maravilhoso canto. No entanto, o milano justificou que estava faminto a ponto de devorar até mesmo a própria música do jilgano se ela aparecesse encarnada e por isso comeu a pequena ave, o que justifica título da fábula.

Nosso segundo apontamento refere-se ao fato de ter se mantido no livro em espanhol os mesmos animais que foram inseridos no livro em português, sendo que esses já haviam sido utilizados para contemplar o contexto continental. Neste caso, foram inseridos alguns animais que são encontrados tanto no Brasil quanto em outros lugares da América Latina

³⁹ Imagem disponível em: <https://ebird.org/argentina/species/bryfin1/AR> Acesso em: 20 fev. 2022.

⁴⁰ Imagem disponível em: <https://animais.culturamix.com/informacoes/aves/quais-os-tipos-de-sabia-especies-com-nome-e-fotos> Acesso em: 20 fev. 2022.

⁴¹ Imagem disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-es/milano> Acesso em: 20 fev. 2022.

⁴² Imagem disponível em: <https://pixnio.com/pt/media/gato-domestico-retrato-cabeca-olhando-olhos> Acesso em: 20 fev. 2022.

como é o caso dos seguintes animais: gavilán del penacho (p.31), venado (p.56), papagayo (p.85), onza (p.150), capivara (p.150), cutia (p.150), tapir/anta (p.172) e benteveo (p.176). Como podemos observar pela exemplificação da seguinte fábula:

Quadro 9 - Animal encontrado no Brasil e na América Latina

Mal mayor	Mal maior
– ¡ El sol se va a casar! - anunció el benteveo cazador de rumores - ¡ Viva el sol! (LOBATO, 1956d, p.176 – grifo nosso)	– O sol vai casar-se! – anunciou um bem-te-vi boateiro. Viva o sol! (LOBATO, 1957a, p.178 – grifo nosso)
	
BENTEVEO / BEM-TE-VI ⁴³	

Elaboração: ROCHA, 2023.

Nesta história o bem-te-vi, ave presente em diversos lugares do continente americano, foi inserido por ter seu canto estridente, que ilustraria a apresentação rumorosa do casamento do Sol e as rãs contestaram o matrimônio por entenderem que seria uma calamidade ter uma família Sol que, em uma proporção maior, queimaria tudo. Cabe aqui destacar que a mesma ave foi apresentada nos diversos livros infantis em espanhol de Lobato porque nas traduções a escolha para nomear a propriedade rural de dona Benta foi a de trocar o pica-pau pelo bem-te-vi e desta maneira, o “Sítio do Picapau amarelo” passou a ser denominado com “La quinta del Benteveo Amarillo”. A alteração é, sem dúvidas, uma das adaptações mais marcantes entre os animais utilizados por Lobato em seus textos escritos em espanhol, visto à proporção simbólica que a denominação representa no Brasil. A mudança provavelmente foi realizada pela indicação da equipe editorial como uma das estratégias em relação à recepção dos pequenos leitores, já que a espécie pica-pau é encontrada de maneira menos intensa em outros lugares latino-americanos do que os bem-te-vis e, também, porque para realizar a tradução a ave passaria a ser denominada com pájaro carpintero amarillo, o que prolongaria a denominação e talvez não contemplasse a fluidez natural da oralidade esperada para uma produção infantil.

⁴³ Imagem disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/bemtevi.htm> Acesso em: 13 fev. 2022.

Além dos apontamentos sobre a fauna já mencionados, destacamos o terceiro e último encontrado em nossa leitura, o qual refere-se aos casos mais específicos de contexto em que a escolha foi de a de não modificar algumas espécies que eram mais conhecidas pelos leitores brasileiros do que pelos leitores hispano-americanos e, desta maneira a opção foi distingui-las por meio de notas explicativas adequando leitor ao texto em uma proposta de tradução estrangeirizadora (VENUTO, 1995). Esses animais foram: a saracura (p.14), a irara (p.150), a saira (p.162) e a jaguatirica (p.185). Podemos exemplificar esse procedimento por meio da fábula *La onza enferma*.

Quadro 10 - Animal que não foi alterado na fábula e que passou a ser explicado por meio de uma nota de rodapé

La onza enferma	A onça doente
La onza cayó del árbol y por muchos días estuvo seriamente enferma en cama. Y como no podía salir de caza, padecía um hambre negra. En tales aprietos imaginó un plan. – Comadre irara (1) – dijo –, corra por el mundo y diga a todos los animales que estoy moribunda y que exijo que vengan a visitarme. (1) Animal carnívoro de la familia de los mustélidos; se llama también papa-miel (LOBATO, 1956d, p.150 – grifo nosso)	A onça caiu da árvore e por muitos dias esteve de cama seriamente enfêrma. E como não pudesse caçar, padecia fome das negras. Em tais apuros imaginou um plano. – Comadre irara – disse ela – corra o mundo e diga à bichada que estou à morte e exijo que venham visitar-me (LOBATO, 1957a, p.150 – grifo nosso).
 IRARA ⁴⁴	

Elaboração: ROCHA, 2023.

Nesta história, a onça fica doente e tem como ideia pedir a irara, predador menor, para indicar aos outros animais a ordem de visitá-la e ao seguirem o comando indo até a toca dela são devorados, deixando apenas rastros de entrada. Somente o jabuti/ la tortuga salva-se por notar que não havia rastros de saída. Diante do trecho indicado da fábula, notamos que a onça começou sua fala com a expressão “comadre”, o que nos possibilita entender a boa relação entre elas, provavelmente por serem carnívoras e viverem no mesmo habitat. Com essa indicação compreendemos que seria difícil manter o contexto se trocasse a irara por outro

⁴⁴ Imagem disponível em: https://oncafari.org/especie_fauna/irara/ Acesso em: 20 jan. 2022.

animal que não tivesse proximidade com a onça, o que foi resolvido com a inserção da nota explicativa.

4.4.2. Flora

Entre as fábulas dos distintos e importantes autores, as plantas são utilizadas em uma menor proporção dos que os animais e isso ocorreu inclusive em *Las Viejas Fábulas*, onde Monteiro Lobato apresentou poucas indicações da flora nas narrativas, sendo que nelas a opção adotada foi a deixar na tradução a mesma espécie que poderia ser encontrada tanto no Brasil como em outros países latino-americanos, mas trocando o nome conhecido no período das escritas e adequando o texto ao leitor em uma proposta de domesticação da tradução (VENUTI, 1995), como podemos observar na seguinte fábula:

Quadro 11 - Mesma espécie de árvore, mas que teve a nomenclatura diferenciada nos livros

La tortuga y el ipé	O jabuti e a piúva
Discutieron cierta vez la tortuga y el ipé (LOBATO, 1956d, p. 152 – grifo nosso)	Brigaram certa vez o jabuti e a piúva (LOBATO, 1957a, p.152 – grifo nosso)
 IPÉ / PIÚVA ⁴⁵	

Elaboração: ROCHA, 2023.

Neste caso a árvore da família Bignoniácea, gênero *Tabebuia*, que é uma planta nativa das florestas tropicais chuvosas da América do Sul e Central que podem ter flores de cores variadas (LOURENÇO et al., 2010), foi indicada já no título da fábula com a nomenclatura utilizada na época de sua escrita nos países de sua publicação. Por isso, apesar de se tratar da mesma espécie, foram denominadas de maneira diferente⁴⁶.

Em outros casos, a opção adotada em *Las Viejas Fábulas* (1956) foi a de deixar os itens comuns do Brasil e inserir uma nota de rodapé para explicá-los e desta maneira

⁴⁵ Imagem disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/angiospermas/> Acesso em: 20 jan. 2022.

⁴⁶ Destacamos que a árvore na atualidade hispano-americana é conhecida com lapacho.

adequando o leitor ao texto em uma proposta de tradução estrangeirizadora (VENUTI, 1995), como ocorre por exemplo na fábula em que Américo Guiña-Guinã/Américo Pisca-Pisca deseja reformar o mundo por pensar que a natureza estava equivocada.

Quadro 12 - Árvore que não foi alterada e ganhou uma nota explicativa no texto em espanhol

El reformador del mundo	O reformador do mundo
Aquí mismo, en este huerto, tienes una prueba de ello. Allí hay una jaboticabeira (1) enorme que sostiene frutos pequenitos [...] (1) Nombre común de varios árboles y arbustos de la familia de las mirtáceas; su fruto es de pequeño tamaño, como el de una cereza (LOBATO, 1956d, p.16 – grifo nosso)	Aqui mesmo, neste pomar, você tem prova disso. Ali está uma jabuticabeira enorme sustendo frutas pequeninas [...] (LOBATO, 1957a, p.10)
JABOTICABEIRA / JABUTICABEIRA ⁴⁷	

Elaboração: ROCHA, 2023.

Esta fábula é uma adaptação que Lobato fez em relação a narrativa de La Fontaine *A bolota e a abóbora*, na qual ocorreu a troca de bolota/carvalho, pela jaboticaba e essa escolha é mantida no livro *Las viejas fábulas* (1956). A fruta já havia sido inserida em outros livros infantis em espanhol, que vinham na coleção como sugestão de leitura antes do livro que estamos analisando, como por exemplo em *Las travesuras de Naricita* (1956) no trecho “Felizmente era época de jaboticabas” que aparece com a seguinte nota explicativa: “Fruta muy apreciada en Brasil, jugosa, de cáscara negra y brillante, del tamaño de las cerezas” (LOBATO, 1956c, p.41). Cabe destacar que, no entanto, a jabuticaba não havia sido escrita na primeira edição do livro publicado pela editora Américalee, como podemos observar em *Las travesuras de Naricita* (1944) no seguinte trecho “Felizmente era época de guindas” (LOBATO, 1944, p.51). As guindas não contemplavam a sonoridade que o autor buscou ao usar as onomatopeias “¡tloc! ¡pluf! ¡ñoc! ¡tloc! ¡pluf! ¡ñoc!” (LOBATO, 1956c, p.42) quando

⁴⁷ Imagem disponível em: <https://www.fazfacil.com.br/jardim/jabuticabeira/> Acesso em: 20 jan. 2022.

Naricita as abria para comer, jogava suas sementes que Rabicó aproveitava para engolir; e por isso, provavelmente, na revisão para nova edição Lobato tenha percebido a diferença que a troca de fruta causaria nas onomatopeias e preferiu utilizar as jabuticabas inserindo o recurso de uma nota explicativa, adequando o leitor ao texto em uma proposta de tradução estrangeirizadora (VENUTI, 1995), característica essa que foi reproduzida em seus diversos livros em espanhol para citar elementos brasileiros que, por seu contexto, não ficariam adequados se substituídos por outros estrangeiros.

Ao observarmos *Las viejas fábulas* (1956) pudemos perceber que tanto a fauna quanto a flora foram bastante mencionadas. Desta maneira, a obra tornou-se uma das escritas potentes de Lobato em que, por meio da associação pátria-natureza, defendeu a nação dos estrangeirismos trazidos por Portugal e quando teve a oportunidade de que seu livro fosse publicado para as crianças da hispano-americanas que sofriam o “mesmo mal” herdado do colonialismo, neste caso da Espanha, expandiu seu projeto e contemplou também o contexto de novos leitores.

4.5. Gastronomia

Ao longo do tempo, as sociedades têm desenvolvido diversas relações com os alimentos e, como afirma Lemos (2000), seus vínculos vão desde questões relacionadas a satisfazer a fome, nutrição, atuar terapeuticamente em situações de doenças, trazer conhecimentos, evocar memória e despertar lembranças. Desta maneira, quando as pessoas se apropriam das diferentes práticas associadas ao ato de alimentar-se, progressivamente, seus costumes relacionados aos diversos simbolismos vão sendo consolidados e se enraízam entre as gerações, podendo ser caracterizados com patrimônios culturais de natureza imaterial da humanidade, tal como propõe a UNESCO (2003)⁴⁸.

Essa questão, segundo Lisboa (2015), é uma das mais importantes da sociedade pois “a cozinha é um símbolo de cultura, da memória e, também, da identidade de um povo” (LISBOA, 2015, p.2). Ao entendermos que Monteiro Lobato reconhecia esses sentidos culturais gastronômicos como uma manifestação que fazia parte da construção da identidade da nação, compreendemos a dimensão que a culinária tomou nos textos do autor, principalmente por meio de Tia Nastácia, em que os diversos itens culinários, seus “pratos-

⁴⁸ Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por Acesso em: 13 fev. 2022.

gostosura”, tornaram-se referências peculiares das práticas alimentares dos locais onde suas histórias aconteciam.

Como indicou Camargos e Sacchetta (2008) em seu livro *À mesa com Lobato*, que foi inspirado em um livro de receitas de Dona Purezinha, a esposa do autor, “o apego às origens, que levou Monteiro Lobato a escrever histórias infantis ambientadas no cenário rural, com personagens inspirados no folclore, estendia-se à gastronomia” (2008, p.14). Por isso, era comum em seus textos localizarmos elementos relacionados à culinária típica, os quais também encontramos nas traduções de seus textos para os leitores de língua espanhola, sendo a maioria deles adaptados para itens locais.

Sua relação com a gastronomia hispano-americana foi intensificada quando Lobato decidiu ir para a Argentina encontrar o que não tinha no Brasil. O fato de o país passar por uma grande crise nos anos 40, como menciona Cavalheiro (1955, p.663), “saímos da Guerra mais arrebatados do que a Alemanha ou a Itália”, fez com que a população brasileira ficasse sem itens básicos em diversos setores, entre os quais estava a falta de alimentos. Tal situação somou em Lobato o desejo de ir para a Argentina em busca de “decência” (CAVALHEIRO, 1955), como podemos constatar em uma carta escrita a Rangel no dia 16 de março de 1946. Nela, Lobato indicou que iria “para a Argentina, realizando afinal um velho sonho. Lá há pão, Rangel! Há carne! Há manteiga, ovos, frutas, e tudo da melhor qualidade na maior abundância. Vou à Argentina para comer – parece incrível!” (LOBATO, 2010a, p.573).

Os planos de Lobato se realizaram e, quando finalmente mudou-se para Buenos Aires, ele pode saborear os alimentos mencionados na carta, além de provar outras receitas argentinas que “conquistaram o estômago” do escritor, como foi admitido na carta escrita a Rangel em 13 de julho de 1946:

[...] Estou com um pacote de passas argentinas na minha frente. E outro de azeitonas também argentinas. Produzem-nas excelentes cá. Isto é um imenso pomar que produz de tudo. A abundância da Argentina chega até a ser uma ofensa à penúria universal. Meus primeiros quinze dias foram de deslumbramento diante das comidas – e isso foi repetido em todas as entrevistas dadas – e até a gravíssima *La Prensa* falou do caso (LOBATO, 2010a, p.578-9 grifos do autor).

A experiência gastronômica contribuiu para que Lobato pensasse junto com os tradutores nas adaptações necessárias em relação aos itens culinários que eram citados durante as suas histórias. Desta maneira, foi possível contemplar alimentos que fizessem parte do repertório local, sendo esse mais um dos recursos para aproximar os livros da cultura do pequeno leitor do outro país.

Em nossa releitura de *Las Viejas Fábulas* (1956), verificamos que na tradução para o espanhol a alteração de comidas típicas brasileiras para as comidas estrangeiras fez parte da adaptação da obra e foi realizada de maneira discreta. Sem que a escrita perdesse o sentido, as adaptações promovidas possibilitaram que os textos fluíssem naturalmente ao mesmo tempo em que contemplavam o repertório gastronômico local.

Em um dos comentários da fábula *Las aves de rapina y las palomas*, por exemplo, podemos encontrar um exemplo da alteração do item culinário adequando o texto ao leitor em uma proposta de tradução domesticadora (VENUTI, 1995). Vejamos:

Quadro 13 - Alteração do item culinário brasileiro para o item culinário argentino

Las aves de rapina y las palomas	As aves de rapina e os pombos
– ¿ Existió esa guerra, doña Benita? – preguntó tía Anastasia, que acababa de entrar con un plato de buñuelos todavía calentitos (LOBATO, 1956d, p.60 grifo nosso)	– Houve mesmo essa guerra, Dona Benta? – perguntou tia Nastácia, que vinha entrando com um prato de pés-de-moleque ainda quentinhos (LOBATO, 1957, p.59 grifo nosso)
 BUÑUELOS 49	 PÉ-DE-MOLEQUE 50

Elaboração: Rocha 2023.

Neste caso, a substituição ocorre entre os “buñuelos” que são “duces de sartén” (doces de frigideira) típicos argentinos feitos à base de farinha, açúcar, leite, ovos, óleo, extrato de baunilha e fermento, fritos no óleo, que são inseridos no lugar dos “pés-de-moleque”, doce típico brasileiro feito à base de amendoim torrado e rapadura. Ao comparar os doces percebemos que mesmo que as receitas não apresentem características parecidas e iguais ingredientes, na época escrita, elas eram facilmente encontradas no repertório alimentar dos

⁴⁹ Imagem disponível em: <https://cookpad.com/ar/recetas/5897590-bunuelos-argentinos> Acesso em: 18 fev. 2022.

⁵⁰ Imagem disponível em: <https://www.vaicomtudo.com/receita-de-pe-de-moleque-caseiro-tradicional.html> Acesso em: 18 fev. 2022.

leitores e poderiam ser feitas por Tía Anastasia/Tia Nastácia, o que torna o item espontâneo no texto para os leitores.

Outro exemplo culinário que encontramos sobre a alteração do item alimentar está na fábula *El ratón de la ciudad y el ratón del campo*, como podemos verificar a seguir:

Quadro 14 - Alteração do item culinário de origem portuguesa para o item culinário de origem espanhola

El ratón de la ciudad y el ratón del campo	O rato da cidade e o rato do campo
Vino el ratón del bosque, y al entrar se admiró mucho del lujo de su amigo. La mesa era un tapete oriental, y los manjares eran todos extradiordinariamente exquisitos: queso, jamón, mazapán , torta (LOBATO, 1956d, p.20 grifo nosso).	Veio o rato da roça, e logo de entrada muito se admirou do luxo de seu amigo. A mesa era um tapêto oriental, e os manjares eram coisa papa-fina: queijo do reino, presunto, pão-de-ló , mãe-benta (LOBATO, 1957a, p.15 grifo nosso).
 MAZAPÁN ⁵¹	 PÃO-DE-LÓ ⁵²

Elaboração: ROCHA, 2023.

Neste caso, os alimentos citados na fábula referiam-se à comidas encontradas na cidade pelo rato do campo que havia indo visitar seu compadre no meio urbano e, que por isso, eram diferentes dos alimentos do cenário rural. Diante deste esclarecimento de contexto, compreendemos o motivo de se ter indicado na fábula o “mazapán”, doce feito de amêndoas moídas, açúcar, ovos e água, que foi introduzido na culinária argentina pelos espanhóis, no lugar do “pão-de-ló”, que leva em sua receita farinha, ovos, açúcar, água e fermento e que foi inserido na culinária brasileira pelos portugueses. Além disso, ao serem apresentados “alimentos importados” indicava-se na história o requinte do banquete por serem ambas receitas advindas dos países colonizadores.

⁵¹ Imagem disponível em: <https://www.hola.com/cocina/tecnicas-de-cocina/galeria/20211201200531/receta-mazapan-casero/1/> Acesso em: 10 jan. 2022.

⁵² Imagem disponível em: <https://cybercook.com.br/receitas/bolos/massa-de-pao-de-lo-13974> Acesso em: 10 jan. 2022.

Ainda sobre o tema relacionado à alimentação, ressaltamos também que encontramos um caso específico em que não ocorreu a alteração do item culinário, como podemos verificar no comentário de *El egoísmo de la onza*. Nesta fábula uma onça que não encontrou suas “filhas” porque foram mortas por caçadores ficou a se lamentar. Uma anta que presenciou a cena afirmou à onça que todos os dias ela matava os “filhos dos outros” e que por isso não via motivo para “tamanho barulho”, o que levou a onça a ficar furiosa e questionar como seria possível comparar sua dor com a dor dos outros. O macaco vendo toda a cena, fez uma reflexão por meio de um ditado popular, apresentando uma moral que depois foi seguida pelos comentários da turma do Lobato:

Quadro 15 - Item culinário brasileiro que não foi alterado devido ao seu contexto e por isso teve suas informações indicadas por uma nota explicativa

El egoísmo de la onza	O egoísmo da onça
– Amiga onza, es siempre así. <i>La pimienta en la boca de los otros no arde...</i> Al oír hablar de “pimienta”, la tía Anastasia vino de la cocina com uma colher de pau na mão. – ¿Pimienta, señora? Es lo que me hace falta hoy. Se acabó la del tarro de boca ancha y no sé como me arreglaré para mañana... [...] Estamos hablando de la pimienta que no arde en la boca de los otros. – ¿No arde? ¿Quién dijo que no arde? No arde si no es de las picantes. Doña Benita no tuvo ganas de explicarle el sentido de lo que se hablaba y le ordenó que hiciera el <i>vatapá</i> (1) sin pimienta. – Oh! No tiene gusto, señora. Fréjoles sin sal, vatapá sin pimienta y café recalentado son cosas sin sabor. (1) Pasta de harina de mandioca, adobada con aceite de palma y pimienta. (LOBATO, 1956d, p.173 grifos do autor)	– Amiga onça, é sempre assim. <i>Pimenta na bôca dos outros não arde...</i> Na voz de “pimenta”, tia Nastácia veio lá da cozinha, com a colher de pau na mão. – Pimenta, Sinhá? É o que está me fazendo falta hoje. Acabou-se aquela do vidro de bôca larga e não sei como me arranjo com o vatapá de amanhã... [...] Estamos “fabulando” a pimenta que não arde na bôca dos outros. A negra não entendeu. – Não arde? Quem disse que não arde? Só não arde se não fôr das ardidas. Dona Benta ficou com preguiça de explicar e deu-lhe ordem de fazer o vatapá sem pimenta. – Chê! Fica sem graça, Sinhá. Feijão sem sal, vatapá sem pimenta e café requentado, é jantar estragado. (LOBATO, 1957a, p.172 grifos do autor)
 VATAPÁ	

⁵³ Imagem disponível em: <http://geonauta.com.br/2021/06/16/mapa-da-culinaria-no-brasil-no-tabuleiro-da-baiana-tem/> Acesso em: 20 jan. 2022.

Elaboração: ROCHA, 2023.

O prato típico brasileiro, criado por influência dos povos de origem africana a partir do século XVI, foi indicado pela cozinheira que ao ouvir a palavra pimenta lembrou que precisava dela para a sua receita, fazendo o apontamento da necessidade do item. Por não ter ouvido a fábula, discordou de sua moral. Neste caso, o contexto brasileiro foi evidenciado e não haveria como fazer a troca do item culinário tão específico. Por isso, a opção adotada foi a de inserir uma nota de rodapé explicando o que seria o vatapá. Desta maneira, o procedimento escolhido foi o de adequar o leitor ao texto em uma proposta de tradução estrangeirizadora (VENUTI, 1995) fornecendo uma informação essencial para a compreensão da história.

Diante desta explanação realizada em *Las Viejas Fábulas* (1956), percebemos que ao inserir itens gastronômicos Lobato registrou por meio de aromas e sabores (CAMARGOS e SACCHETTA, 2008) um dos patrimônios culturais de natureza imaterial da humanidade e, desta maneira, ilustrou representações contextualizadas aos pequenos leitores que foram capazes de contribuir para a composição do imaginário infantil em sua literatura.

4.6. Santos Católicos

A crença religiosa sempre denotou um lugar privilegiado na sociedade por conseguir significar e agregar a espiritualidade nas mais diversas práticas coletivas. Segundo Castilho e Bernardi (2016, p.746) ela “constrói um universo de reflexão todo especial na vida seja individual ou social por envolver um contrato, em que o elemento esperança e sentido da vida são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano em sua trajetória terrestre”.

O vínculo com sagrado tem ocorrido nas várias sociedades e diante de escolhas do que é cultuado surgiram as mais diversas manifestações, que com o tempo passaram a integrar alguma religião específica. Em nosso texto nos ateremos especificamente ao catolicismo, já que alguns Santos foram mencionados por Lobato em *Las viejas fábulas* por meio da invocação deles nas falas de alguns personagens.

A entrada da Igreja Católica nas terras latino-americanas ocorreu no século XVI por meio de um grande movimento de expansão mundial nascido na Europa. Nesse período alguns países fizeram expedições marítimas e colonizaram lugares que antes eram desconhecidos pelos europeus. A estratégia teve como finalidade desbravar territórios de

maneira a agregar neles questões políticas, econômicas e religiosa em um processo de imposição aos povos originários que resultou no extermínio de muitos desses nativos.

Em meio à fermentação oriunda desse movimento, a evangelização foi um dos pilares para a dominação europeia, que pregava a necessidade de converter à fé católica os povos que nunca haviam sido catequizados. O Brasil, assim como outros países da América Latina, formou-se gradativamente como um país de base religiosa católica.

Nesse bojo de doutrinação, aos Santos Católicos foram atribuídos papéis cruciais para a aproximação da igreja com a população e, aos poucos, as pessoas passaram a demonstrar sua fé por meio dos mais diversos tipos de devoções. Elas então tornaram-se fervorosas em suas crenças e começaram a recorrer aos Santos quando necessitavam de suas intercessões. Para isso as pessoas clamavam seus pedidos aos Santos e, com o tempo, isso acabou refletido na oralidade da população em geral, de modo que algumas interjeições foram cristalizadas para momentos além do propósito evangelizador.

Durante sua vida, Monteiro Lobato presenciou a importância que a religião foi atribuída à sociedade, principalmente pelo catolicismo por todas as questões que destacamos anteriormente. O autor, observando esse contexto, acrescentou nas falas das personagens as invocações de diversos Santos, assim como ocorria na fala cotidiana de muitos dos seus leitores, sendo essa uma estratégia de aproximação do texto com a oralidade.

Cabe destacar que Lobato não apresentava uma relação benevolente com a religião, tendo inclusive afirmado que não tinha “temperamento religioso” (LOBATO, 2010a) e que isso ocorria devido à sua crítica aos dogmas que a igreja procurava transmitir à sociedade. Como confessou a seu amigo Cesídio, em uma acarta escrita em 1947 para o prefácio do livro *Poemas Vermelhos*, o autor opinava de maneira contrária ao discurso imposto para justificar a desigualdade social, indicando que o pobre ganharia o céu quando morresse e o rico ganharia o inferno, o que seria “um golpe de puro gênio” (LOBATO, 2009, p.122) pelos eclesiásticos. Continuando sua escrita, ele fundamentou sua reflexão:

Graças à genial ideia, metida desde a mais tenra idade na cabeça dos pobres (eu tinha 10 anos quando tentaram embuti-la na minha), o rico perpetuou-se no gozo exclusivo das riquezas da terra. Ficava-se com o brevíssimo “momento” que é a vida rica neste “vale de lágrimas” (do pobre) e garantia a este toda uma “eternidade” de bem-aventuranças.

E o rico passou a subvencionar a religião como o instrumento ideal para a permanência do *status quo* ledor e cego; e ia se regalando sozinho com as riquezas da vida – riquezas, ai do coitadinho! – que inexoravelmente o levavam ao inferno...

E para complemento do ópio da religião, o habilíssimo rico ainda se armou com a compressão militar. Se o ópio não era bastante para manter o pobre no

“seu lugar”, a metralhadora vinha ajudá-lo. E a vida humana foi correndo assim até que...

Até que, cansado de ter tanta coisa no céu e nada na Terra, o pobre começou a abrir os olhos e a desconfiar. Desconfiar da tremenda generosidade do rico. “Quê?... Pois então conforma-se com uma eternidade de sofrimentos indizíveis nas chamas do inferno em troca dum brevíssimo momento de riqueza aqui? Hum!... Aqui há dente de coelho...” (LOBATO, 2009, p.122, grifos do autor).

O descontentamento pelo fato de as pessoas terem que aceitar essas imposições era presente em Lobato e por diversas vezes suas escritas transpunham seu tom questionador à religião, como podemos observar em um trecho da carta escrita em 16 de dezembro de 1945 ao seu amigo Rangel:

[...] O mundo sempre esteve dividido em ricos e pobres. Religião e exércitos foram inventados para manter o pobre na pobreza e o rico na riqueza. São manhas de ricos. O rico é a elite – a flor sobre o esterco. E o meio de manter o pobre na pobreza que esterca a riqueza era, por meio do padre, prometer-lhe uma eternidade de maravilhas depois da morte (LOBATO, 2010a, p. 570).

O que Lobato pensava também era indicado em seus livros, como uma tentativa de articular o teórico ao prático. Por isso, em muitos momentos o autor foi acusado de reproduzir uma ideologia contrária à ordem socioeconômica, como podemos notar ao observar as críticas contidas no livro *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para as crianças*, escrito pelo padre Sales Brasil em 1959. Nele o autor buscou comprovar que Lobato, de modo explícito ou implícito, articulou em seus livros “ideias de dosagens psicológicas assombrosas para realizar o programa teórico e prático da revolução comunista, indo desde a negação da existência de Deus, até questões de convívio social e doméstico” (ROCHA, 2015, p. 45). Sales inclusive teceu reflexões sobre as personagens lobatianas indicando que em *Fábulas* elas tinham um comportamento que desobedecia e desrespeitava a todas as espécies de hierarquia, além de apresentarem falas que negavam a verdade lógica por meio de críticas à política e religião (BRASIL, 1959). Assim como Sales, outras pessoas criticavam as ideias contidas nos livros do autor e por isso, em alguns momentos, Lobato foi “rasgado, queimado e cancelado” (VALENTE, 2022).

A oposição de Lobato, no entanto, não significa que ele tenha sido acético. Sua aproximação com o divino ocorreu, principalmente no final de sua vida, por meio do espiritismo. Como indicado por Gilberto Freyre (1981, p.167), o autor “nunca se apresentou como católico. Chegou, entretanto, a dizer-se ‘espírita científico’: admitindo, de certo modo,

um sobrenatural acatólico”. Essa questão fica bastante evidenciada por relatos de Maria José Sette Ribas, amiga de juventude e revisora de algumas de suas obras. Ela inclusive publicou o livro *Monteiro Lobato e o espiritismo*, escrito com as Atas de sessões espíritas que autor fizera em vida. Nessa publicação Herculano Pires fez o prefácio e nele afirmou que “Monteiro Lobato não era um simpatizante do Espiritismo. Era um espírita praticante. Realizou uma série de experiências com as chamadas sessões de copinho e conseguiu comunicar-se com os filhos e amigos falecidos [...] (PIRES, 1997, s/p).

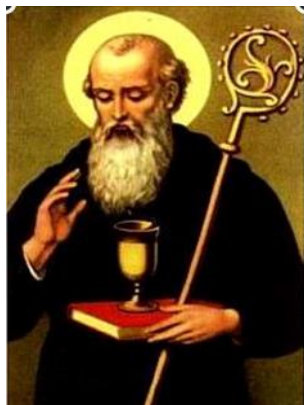
De todo modo, mesmo com suas críticas ao catolicismo, Lobato inseriu expressões religiosas em sua literatura para aproximá-la da oralidade de seus leitores e em relação ao livro *Las viejas fábulas* podemos indicar que Lobato buscou essa aproximação por meio de invocações feitas por algumas de suas personagens das fábulas a dois Santos: San Benito e San Antonio.

Também ocorreu a indicação no livro sobre San Jorge, mas nesse caso tia Anastasia apenas comentou que havia ido cozinhar para ele na lua ao final da fábula *El ratón de la ciudad y el ratón del campo* e por isso não faremos aprofundamentos sobre esse Santo.

Começamos nossa reflexão sobre a temática destacando a menção feita ao San Benito na fábula *El carretero y el papagayo*. Na história um homem teve seu carro de boi atolado na lama e por isso pediu ajuda a San Benito. Um papagaio que estava escondido ouviu a súplica e se passou pelo santo dizendo que ele era o Santo em pessoa e iria socorrê-lo. Em seguida a ave foi indicando os comandos para que homem tirasse o meio de transporte da lama com suas próprias mãos. A fábula que no livro em português apresentava outro Santo, passou a ser escrita com o San Benito, como podemos observar no comparativo:

Quadro 16 - Alteração do São Benedito para San Benito

El carretero y el papagayo	O carreiro e o papagaio
Marchaba un carretero al frente de los bueyes, canturreando por el camino sin fin. Camino lleno de barro. En cierto punto se atascó el carro. El pobre hombre aguijoneó a los bueyes, les dió de palos, gritó; no consiguió nada y se puso a deplorar su suerte. -¡Desgraciado de mí! ¿Qué hacer ahora, solito como estoy en el desierto? Si al menos San Benito se compa- deciese de mí y me socorriese... (LOBATO, 1956d, p.85 grifos nossos).	Vinha um carreiro à frente dos bois, cantarolando pela estrada sem fim. Estrada de lama. Em certo ponto o carro atolou. O pobre homem aguilhoa os bois, dá pancadas, grita; nada consegue e põe-se a lamentar a sorte. – Desgraçado que sou! Que fazer agora, sozinho neste deserto? Se ao menos São Benedito tivesse dó de mim e me ajudasse... (LOBATO, 1957a, p.86 - grifos nossos).



SAN BENITO

54



SÃO BENEDITO

55

Elaboração: ROCHA, 2023.

No excerto percebemos um importante apontamento sobre a religiosidade no livro traduzido de Lobato, pois nela é mencionado San Benito enquanto na escrita em português a indicação é de São Benedito. Apesar de uma sonoridade próxima, os Santos são diferentes e cada um é bastante conhecido no país em que o livro foi publicado.

Destacamos que no livro *Fábulas* o Santo clamado foi Benedito, que foi disseminado no Brasil por meio da indicação dos portugueses. O Santo também conhecido como o Negro:

[...] nasceu na Sicília, por volta de 1526, filho de pretos que haviam sido escravos ou que descendiam de outros que o tinham sido. Ingressou num convento franciscano de Palermo, capital da Sicília, e foi religioso exemplar, primando pelo espírito de oração, pela humildade e pela obediência. Embora simples irmão leigo e analfabeto, a sabedoria e o discernimento que possuía fizeram com que fosse nomeado mestre de noviços e mais tarde fosse eleito superior do convento. Atendia a consultas de muitas pessoas que o procuravam para pedir conselhos e orientação segura⁵⁶.

Percebemos que ao versar o livro para o espanhol a escolha foi adaptar o texto à cultura de chegada por meio da tradução domesticadora (VENUTI, 1995) e nesse caso o mencionado foi San Benito, que na tradução para o português é São Bento. Esse Santo introduzido à sociedade argentina por meio dos espanhóis:

⁵⁴ Imagem disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-sao-bento/130/103/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

⁵⁵ Imagem disponível em: <https://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/sao-benedito-o-negro>. Acesso em: 10 jan. 2023.

⁵⁶ Fonte: Universidade Católica Dom Bosco. Disponível em: <https://site.ucdb.br/santos-do-dia/sao-benedito-o-negro/276/>. Acesso em: 09 jan. 2023.

[...] nasceu em Núrcia, próximo de Roma, em 480, numa nobre família que o enviou para estudar na Cidade Eterna, no período de decadência do Império. Diante da decadência – também moral e espiritual – o jovem Bento abandonou todos os projetos humanos para se retirar nas montanhas da Úmbria, onde dedicou-se à vida de oração, meditação e aos diversos exercícios para a santidade. Depois de três anos numa retirada gruta, passou a atrair outros que se tornaram discípulos de Cristo pelos passos traçados por ele, que buscou nas Regras de São Pacômio e de São Basílio uma maneira ocidental e romana de vida monástica.⁵⁷

Nessa adaptação notamos que a troca provavelmente ocorreu pelo motivo de que São Benedito foi bastante difundido no país do autor, mas na Argentina não, principalmente porque a herança e cultura negra foram silenciadas no país vizinho (SIQUEIRA, 2012), fato esse que desfavorecia a aproximação do Santo ao contexto do leitor destinatário da tradução. Além disso, San Benito era bastante conhecido pelos argentinos e seria mais fácil para que ele fosse identificado, visto que a sua popularidade no país era mais intensa, de modo que inclusive existe uma abadia que recebeu nome dele na região de Palermo em Buenos Aires.

Finalmente, sobre San Antonio indicamos que não ocorreram modificações do livro originário para o escrito em espanhol, a tradução manteve-se a mesma na fábula *El pastor y el león*. Na história um pastor estava enfurecido porque várias de suas ovelhas haviam desaparecido e ele jurou pegar quem fez aquilo, lembrou-se então de pedir ajuda aos céus e rogou ao Santo para ajudar a encontrar o ladrão. Após sua suplica um leão enorme apareceu em sua frente. O pastor desesperado disse “!Socórreme, San Antonio! Prometí viente animales si me hacías dar con o ladrón; te prometo ahora el rebaño entero para que los hagas desaparecer” (LOBATO, 1956d, p.28). Percebemos, ao fazer a comparação dos livros estudados, que nesse caso a opção foi pela tradução que manteve o texto original, isso porque, assim como no Brasil, o Santo também é conhecido na Argentina, havendo inclusive um município na província de Misiones que foi registrado com o nome de San Antonio.

Como vimos, mesmo o autor fazendo várias críticas à religião, ele admitiu a importância dela aos seus leitores e adicionou Santos em seus textos. Durante a apreciação de *Las Viejas Fábulas* percebemos que Lobato inseriu com naturalidade alguns Santos, seja na indicação de Tía Nastasia explicando que havia cozinhado na Lua para San Jorge, ou no pedido de interseção proclamados em *El carretero y el papagayo* pelo San Benito e em *El pastor y el león* pelo San Antonio. Ao fazermos uma análise comparada com o livro *Fábulas*,

⁵⁷ Fonte: Universidade Católica Dom Bosco. Disponível em: <https://site.ucdb.br/santos-do-dia/sao-bento/159/>. Acesso em 09 jan 2023.

percebemos para a escrita em espanhol o tradutor Sosa e Lobato fizeram escolhas de acordo com o que perceberam que contribuiria mais para a recepção do leitor. No caso de São Benedito para San Benito, a opção foi a de fazer uma tradução domesticadora, adaptando o texto, enquanto no caso de San Antonio decidiu-se manter o Santo. Com essas sutis escolhas notamos que Monteiro Lobato pensou e repensou em cada detalhe para que seu livro continuasse sendo significativo aos leitores pelas aproximações de seus contextos.

4.7. Brinquedos

Monteiro Lobato inseriu proximidades cotidianas do contexto das crianças em sua produção literária por meio de vários itens culturais, entre os quais podemos destacar os brinquedos. Camargo (2008) fez um estudo que inventariou os que mais apareceram nas escritas de Lobato e destacou que nas narrativas eles são entendidos como “possibilidade de oferecer ao mesmo tempo, suporte e materialidade ao imaginário” (CAMARGO, 2008, p.56).

Como afirmou Gibello (2004, s/p), o autor, por meio de seus textos, proporcionou uma relação diferenciada da criança em relação aos brinquedos, pois ao torná-los mágicos possibilitou que eles fossem sujeitos e não apenas objetos no desenvolvimento das brincadeiras, assim “Lobato vai além, ao dar vida aos brinquedos, tornando ‘real’ o sonho da maioria das crianças” GIBELLO, 2004, s/p). Desta maneira, os brinquedos assumem um papel essencial na obra infantil do autor e muitas vezes podem ser considerados os principais responsáveis pelas aventuras e os "porta-vozes" das críticas de Lobato ou mesmo da própria criança.

Compreendendo a importância dos brinquedos em Lobato, vamos agora fazer algumas reflexões que nos possibilite o melhor entendimento sobre algumas questões que nos dão embasamento teórico para pensar sobre eles no contexto do livro *Las viejas fábulas*.

De acordo com Kishimoto (2008, p.7) podemos indicar que brinquedo é um “objeto, suporte de brincadeira”, sendo essa questão bastante complexa pois “não só incorpora os brinquedos criados pelo mundo adulto, concebidos especialmente para brincadeiras infantis, como os que a própria criança produz a partir de qualquer material ou investe de sentido lúdico” (KISHIMOTO, 2008, p.7-8).

Como afirmado por Lima, Martins e Abreu (2021) os brinquedos podem ser classificados em dois tipos: os não estruturados que “possibilitam e estimulam a criança a utilizar sua imaginação e criar sua própria brincadeira com os materiais disponíveis, que passam a ser brinquedos a partir da ação sensório-motora e imaginativa da criança” (LIMA,

MARTINS e ABREU, 2021, p.89) e os estruturados que são os objetos já prontos, sendo muitas vezes industrializados e produzidos em larga escala.

Os brinquedos não estruturados têm origens que se perdem na antiguidade mais recuada e por isso é difícil definir um único ponto de partida para o início de sua produção. Bastante variados, na maioria das vezes, eles são concebidos de acordo com o que a criança tem disponível no momento da brincadeira, em que “um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras” (BENJAMIN, 2002, p. 92).

A função lúdica que os brinquedos não estruturados despertam pode permitir que as crianças possam “imaginar e fazer o que bem entender de determinado objeto, deixando a brincadeira muito mais alargada no sentido de criar, imaginar. A imaginação perpassa tudo o que o mundo adulto espera que aquele objeto possa ser, pois a criança cria algo totalmente diferente” (BUZETTO, 2018, p. 18).

Como destacado por Benjamin (2002), inicialmente os brinquedos estruturados “não foram invenções de fabricantes especializados, mas surgiram originalmente das oficinas de entalhadores em madeira, de fundidores de estanho etc” (BENJAMIN, 2002, p.90) e eram “um produto secundário das diversas oficinas manufatureiras, as quais, restringidas pelos estatutos corporativos, só podiam fabricar aquilo que competia ao seu ramo” (BENJAMIN, 2002, p.90). O autor ainda indica que no decorrer do século XVIII as fabricações especializadas começaram a ganhar espaço, mas as oficinas eram cercadas por restrições corporativas em que “a produção de brinquedos de diferentes materiais obrigavam várias manufaturas a dividir entre si os trabalhos mais simples, o que encarecia sobremaneira a mercadoria” (BENJAMIN, 2002, p.90).

Com o passar do tempo mais pessoas começam a se interessar pela produção dos brinquedos, como foi o caso dos artistas alemães de Nuremberg, que na Reforma Protestante tiveram que reorientar seus trabalhos: antes eram feitos para a igreja e depois passaram a produzir “objetos de arte menores para a decoração doméstica, em vez de obras em grande formato” (BENJAMIN, 2002, p.91). Aos poucos os brinquedos ganharam espaço no mercado mundial e se difundiram pelas diversas sociedades até chegarem nas mais avançadas industrializações.

Tanto os brinquedos não estruturados como os estruturados passaram a ser reconhecidos como objetos culturais ao longo do tempo, por terem acompanhado as transformações da humanidade e ganhado formas diversas em cada momento. Por isso, esses

itens “não dão o testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo” (BENJAMIN, 2002, p.94).

Desta maneira, os brinquedos podem ser considerados como “uma mídia que transmite à criança certos conteúdos simbólicos, imagens e representações produzidas pela sociedade que a cerca” (BROUGÈRE, 2010, p.67) e o contato com eles “permite, ao mesmo tempo, manipular os códigos culturais e sociais e projetar ou exprimir, por meio do comportamento e dos discursos que o acompanham, uma relação individual com esse código” (BROUGÈRE, 2010, p.75).

Monteiro Lobato sempre compreendeu a importância que os brinquedos representavam para os seus leitores e buscou inserir itens estruturados e não estruturados que faziam parte da realidade dos pequenos desde as escritas de suas primeiras histórias. De modo geral, esses objetos ganharam destaque em todos os livros infantis do autor, sendo muitas as opções presentes em suas histórias. Ao analisar *Las viejas fábulas* percebemos que na escrita para o espanhol não ocorreram trocas, sendo mantidos os mesmos brinquedos que em *Fábulas*, mas durante as narrativas são apresentadas algumas questões que revelam como o processo de tradução foi escolhido para a escrita desses itens de maneira a favorecer a recepção ao pequeno leitor.

No livro argentino apareceram brinquedos estruturados e brinquedos não estruturados, sendo indicados, quase sempre, nos comentários das narrativas, assim como no exemplar em português. Entre os itens mencionados pelo autor, destacamos que três apareceram com bastante frequência nas histórias: Emilia, Vizconde e o bodoque; os quais faremos algumas observações a seguir.

Nosso primeiro apontamento refere-se à Emilia, personagem já conhecida de outras histórias de Lobato e que tem um lugar de destaque em *Las viejas fábulas*. A boneca, que ganhou a admiração dos leitores desde a primeira aparição ocorrida em *Las travesuras de Naricita*, é um brinquedo estruturado artesanal que conquistou muitos leitores e passou a ser um objeto de desejo de brasileiros e estrangeiros⁵⁸. Confeccionada por Tía Anastasia ela teve uma profunda relação com Lucía:

[...] Emilia, una muñeca de trapo indudablemente mal formada. A Emilia la hizo tía Anastasia, con unos ojos de hilo negro y unas cejas tan levantadas que dan la impresión de mirar a una bruja. A pesar de ello, Naricita la quiere

⁵⁸ Como foi registrado, por exemplo, no comentário da leitora Valéria, a qual mencionamos em *Los hijos de Lobato*, na seguinte indicação ao seu blog: “en Brasil todas las nenas tenían su propia muñeca Emilia, envidia de mi parte a raudales” (disponível em: <http://lalectoraomnivora.blogspot.com/2011/03/reencuentro-con-un-libro-de-la-infancia.html>).

tanto que nunca almuerza sin tenerla a su lado, ni se acuesta sin acomodarla antes en una hamaca colgada entre las patas de una silla (LOBATO, 1956c, p.11-12).

A boneca que era muda foi medicada com a pílula falante do Dr. Caracol e desde então não parou mais de falar. A habilidade com a comunicação oral acompanhou Emilia por todas as histórias de Lobato e em *Las viejas fábulas* essa característica foi fundamental em suas aparições. No livro ela foi uma das personagens que mais apreciava as fábulas, mas isso não significa que ela somente ouvia e aceitava as morais que Dona Benta indicava. Na verdade, a boneca mostrava sua visão de acordo com cada fábula, concordando em alguns casos, mas na maioria das vezes ela se mostrava questionadora, advertia, criava outras possibilidades, discordava e subvertia os ensinamentos. A aparição das falas de um brinquedo, que tem vida e é tão contestador, corroborou para que imaginário fizesse parte da história e ao mesmo tempo contribuiu para que os leitores pudessem dialogar com os textos de maneira lúdica em um faz-de-conta que todos poderiam ter voz e expressar suas opiniões.

Sua personalidade marcante não deixava passar nada e sempre havia alguma ponderação, como podemos observar na exemplificação da fábula *La rana y el buey*. Na história uma rã e uma saracura tomavam banho no brejo quando apareceu um boi para tomar água no bebedouro. A rã, querendo aparecer, foi se estufando para tentar ficar do tamanho do boi até que de tanto inflar acabou explodindo. O boi, vendo a moribunda, filosofou: *El que nace para centavo no llega a peso* (LOBATO, 1956d, p.15). A partir dessa reflexão, que foi indicado no livro como a moral a turma fez o seguinte comentário:

- No estoy de acuerdo! -chilló Emilia-. Yo nací muñeca de trapo, muda y fea, y hoy soy hasta ex marquesa. Subí mucho, Llegué a mucho más que a peso. Llegué a moneda de oro...
 - Eso no impide que la fábula esté en lo cierto, Emilia, por que los fabulistas escriben las fábulas para las criaturas humanas y no para las criaturas inhumanas como tú.
 Emilia hizo un gesto como de poco respeto.
 - ¡No me interesa ser gente humana! No conozco nada me nos gracioso...
 -¡Cuidado, Emilia! -dijo Naricita-. De repente te hinchas demasiado y puede ocurrir lo que le ocurrió a la rana... ¿Y sabes lo que te saldrá de dentro, si reventases?
 -¡Estrellas! -chilló Emilia.
 -Saldrá un chubasco de burradas...
 Emilia le sacó la lengua (LOBATO, 1956d, p.15)

Nesse excerto, percebemos que a boneca não concordou com a moral da fábula porque ela progrediu ao longo das histórias lobatianas e sua “nobre ascensão” lhe permitiu

fundamentar seu ponto de vista. No comentário de Emilia temos uma informação importante, apesar de bastante sutil, pois ela indicou ser uma “muñeca de trapo”⁵⁹ adaptando o texto à cultura de chegada por meio da tradução domesticadora (VENUTI, 1995).

Esse termo, quando interpretado sem entender seu contexto pode causar um certo estranhamento, já que no texto em português ela é uma “boneca de pano” e assim seria possível pensar em sua descrição como uma “muñeca de paño” ou “muñeca de tela”. No entanto, observando que o livro foi escrito para crianças hispano-americanas, conseguimos perceber que “muñeca de trapo” é uma conotação bastante tradicional nos países de destino do livro. Castro (2011, s/p) descreveu sobre como esse termo deve ser pensado:

Empecemos por definir qué es un trapo, según el diccionario de la Real Academia de la Lengua Española es "un pedazo de tela viejo y roto", "vestido de mujer", "capa o capote del torero". Sin embargo, cuando decimos "lo puso como un trapo", "vive a todo trapo", en nuestra América, la palabra "trapo" tiene otras connotaciones (CASTRO, 2011, s/p). [...]

Continuando sua explicação, Castro (2011) indica que antigamente, em sua região, os indígenas faziam as bonecas com materiais orgânicos como pedaços de plantas, pele de animais, penas de aves e em casos específicos eram também feitas de barro, ouro e cobre. Elas eram produzidas pelos mais velhos que ensinavam o ofício aos mais novos como uma maneira de conservar suas tradições, que muitas vezes perpassavam significados religiosos.

Com a invasão dos espanhóis foram introduzidas “marionetes” com partes do corpo feitas com papel machê ou cerâmica junto com tecidos da Europa. Essas “bonecas espanholas” eram muito luxuosas por retratar a realeza e algumas pessoas tentaram imitar “los ricos de sus pueblos y empezaron a hacer muñecas bordadas, **pero de tubos de trapos viejos y sucios lo que generó enfermedades entre los niños y niñas**” (CASTRO, 2011, s/p grifos nossos), fato esse que fez ser repensada a reprodução das cópias dessas bonecas.

Nesse período pessoas escravizadas da África foram inseridas na América e posteriormente elas passaram a demonstrar sua cultura e sua tradição fazendo bonecas com materiais como pedras, fibra de vegetal, botões, conchas marinhas, entre outros, para um consolo da saudade que sentiam de sua terra e para representar suas divindades.

Com o tempo, essas culturas se entrelaçaram e “perdieron esa esencia mítica religiosa y supersticiosa, para dar paso a lo que hoy es considerado un juguete tradicional, donde su proceso de elaboración es espacio también para los caballeros, artesanos, jóvenes en general y

⁵⁹ Assim como a definição ocorrida no livro *Las travesuras de Naricita*.

adultos en particular y su uso es para todos y todas” (CASTRO, 2011, s/p). A produção do brinquedo então passou a ser feita com os tecidos e retalhos limpos e com materiais que não fossem perigosos para as crianças, mas a denominação dada as bonecas feitas com trapos que imitavam as “bonecas espanholas” continuaram e o termo “muñeca de trapo” manteve-se até os dias atuais.

Nosso segundo apontamento sobre a temática refere-se ao Vizconde, brinquedo não estruturado que tem uma origem bastante significativa para o contexto ao qual foi escrito; isso porque para compor o repertório de suas histórias Lobato, além de observar o que as crianças tinham disponíveis para se divertir, também recorreu a experiência que teve com os brinquedos na época em que era criança. Isso acabou refletido em suas obras, retomando à sua infância, como podemos observar no depoimento dele junto com sua irmã Ester de Moraes, o qual foi registrado por Silveira Peixoto em uma entrevista publicada na *Gazeta-Magazine*:

Perguntei depois sobre o Visconde de Sabugosa. Lobato deixa de caminhar de um lado para outro.

Senta-se... Dona Ester de Moraes larga o tricô e toma a palavra.

– Naqueles tempos, na fazenda, as crianças costumavam brincar com bonecos de sabugo.

Tomávamos um sabugo de milho e o vestíamos como se fosse uma boneca. Nos chuchus púnhamos umas pernas de palitos e ficavam sendo os “cavalos” e os “porquinhos”... Quando aos sábados o Juca vinha do colégio, nós preparávamos uma porção de coisas para recebê-lo; alinhávamos as bonecas de sabugo...

– Mas eu largava tudo e ia pescar! – aparteia Lobato.

– É verdade... – diz dona Ester. – Mas os tais bonecos de sabugo...

– ... devem ter influído na criação do Visconde de Sabugosa... – concluo.

– É. Podem ter sido a matriz dessa ideia. E também a Emília deve ser produto de uma reminiscência desses tempos... – concorda Lobato (LOBATO, 2009, p.161).

Ao observarmos a história do casamento da Emilia com o Marqués de Rabicó, presente no livro *Las travesuras de Naricita*, fica evidenciado como a “reminiscência” do menino Juca ecoou na escrita do adulto Lobato para a criação do Vizconde, um brinquedo não estruturado tão comum às crianças que moravam na zona rural na época de seus escritos. No enredo, Narizinho foi até Pedrinho e pediu a ele que fizesse um “buen vizconde de mazorca”, que iria ser o pai do noivo, e em seguida o primo fez o solicitado:

Perucho hizo lo que Lucía le pidió. Encontró una buena mazorca desgranada, con un poquito de chala en el pescuezo, que hacía muy bien de barba; le puso brazos y piernas, le hizo la cara con orejas, ojos, nariz y todo, sin

olvidarse de hacerle en la frente la marca de la corona real. Después le puso en la cabeza una galerita [...] (LOBATO, 1956c, p.88-89).

Em *Las viejas fábulas* o boneco não apareceu com tanta frequência, assim como ocorreu em *Fábulas*, e não houve modificações em relação a sua matéria-prima na tradução. No entanto, chama-nos a atenção sobre a maneira como o personagem, que no Brasil era Visconde de Sabugosa, teve seus dois nomes modificados, e desta maneira faremos alguns apontamentos a seguir.

Sobre seu primeiro nome, o qual é na verdade um título de nobreza, indicamos que a grafia foi alterada conforme a tradução, passando de Visconde em português para Vizconde em espanhol e, nesse caso, a pronúncia ficou praticamente a mesma e não houve uma diferença tão significativa entre os livros estudados.

Em relação ao seu segundo nome, destacamos que a palavra Sabugosa teve que ser repensada, porque a palavra que deriva de sabugo em espanhol é traduzida como mazorca, e por isso ele ficou conhecido na tradução de maneira geral como Vizconde de la Mazorca, assim como aparece no livro *Las travesuras de Naricita* (LOBATO, 1956c, p.107). No entanto, indicamos que em *Las viejas fábulas* (1956d) os apontamentos sobre ele foram um pouco diferenciados, pois na tradução utilizaram-se as palavras marlo científico (p.184) e marlito (p.187), nesse caso no diminutivo. A palavra marlo significa espiga, mas foi menos utilizada nos livros traduzidos de Lobato, sendo na maioria das histórias empregada a palavra mazorca. De qualquer maneira, a opção foi a de alterar por termos próprios da cultura de chegada e, nesse caso, optando pela tradução domesticadora (VENUTI, 1995) mesmo o nome do personagem ser tão popular em seu país de origem.

Nosso terceiro apontamento refere-se ao brinquedo bodoque que foi definido no livro como um “arco para disparar bolitas de barro endurecido al fuego” (LOBATO, 1956d, p. 103-104). O brinquedo citado com bastante frequência nas histórias lobatianas, principalmente por ser utilizado por Pedrinho que vez ou outra dava “pelotadas” para se divertir, para se defender e para caçar. No livro em português ele foi mencionado em três fábulas: *O veado e a moita*, *Os dois pombinhos* e *O orgulhoso*. Já no livro em espanhol ele apareceu somente nas duas primeiras, sendo retirado da última fábula em que foi utilizado como uma metáfora para indicar que a tabua apresentava bastante flexibilidade, ficando na tradução “Cualquier vientecillo te dobla. Cualquiera que pase por encima de ti aplasta” (LOBATO, 1956d, p.168) no lugar de “Qualquer ventinho te dobra. Um tisio que pouse em tua haste já te verga que nem bodoque” (LOBATO, 1957a, p.168).

Em relação às fábulas em que o brinquedo foi mencionado, cabe destacar que em *El venado y la espesura* o bodoque foi indicado nos comentários da fábula.⁶⁰ Nela um veado se escondeu em uma moita para fugir dos caçadores e quando percebeu que não havia mais perigo pastou toda a folhagem; dias depois o animal novamente foi caçado, mas desta vez não havia mais a moita para se proteger e por isso foi capturado. Após Dona Benta contar a história as personagens fizeram os seguintes apontamentos:

-¡Bravo, abuelital! Puso en esa fábula dos bellezas sobayas.
 -¿Cuáles, hija mía?
 -Aquella de "oyó ladrar a lo lejos el peligro", en lugar de oyó ladrar a lo lejos los perros; y aquel "comió a la bienhechora", en lugar de comió la espesura. Si tía Anastasia estuvié se aquí, le daría a usted un coscorrón.
 Doña Benita se echó a reír.
 -Pues esas dos "bellezas" son una figura retórica que los gramáticos califican de sinécdoque...
 -Yo sé qué es eso -chilló Emilia-. Es "sin" con un trozo de *bodoque* (1). Nadie entendió. Emilia explicó: -Sine quiere decir "sin". Cuando el vizconde quiere decir "sin día señalado" dice "sine die". Es un latinajo. Y "doque" es un trozo de bodoque...
 -Parece que es así y no lo es, Emilia -explicó doña Benita- Sinécdoque es la *synecdoche* de los griegos y quiere decir com- prensión. -¿Y qué tiene que ver la comprensión con las dos bellezas? -quiso saber la niña.
 -Esto, que hablando de "peligro" en lugar de perros, y de "bienhechora" en lugar de espesura, todos comprenden el cambio de las palabras, y resulta la belleza que has encontrado. La sinécdoque cambia la parte por el todo, como cuando decimos "velas" por "navios"; y cambia el género por la especie, como cuando decimos "los mortales" en lugar de decir "los hombres"; o cambia una cosa por la cualidad de la cosa, como cuando decimos "peligro" en lugar de "perros" y "bienhechora" en lugar de "espesura".
 -¿Y para qué sirve eso? -Para adornar el estilo.
 -Pero usted misma, ¿no ha dicho que el estilo muy adornado, muy floreado es feo?
 -Sí. Cuando está muy adornado queda feo y de mal gusto; pero si aparece discretamente adornado queda muy bonito. Si vas a la ciudad con una flor en el pecho, quedas linda como una sinécdoque. Pero si te adornas depende de la justa medida; ni más, ni menos; antes menos que más. -Entonces se trata de usar y no abusar -dijo la niña.
 -Eso es. A eso se llama discreción.
 Naricita, que era una niña muy discreta, comprendió perfectamente.

(1) Arco para disparar bolitas de barro endurecido al fuego (LOBATO, 1956d, p. 103-104 grifos do autor)

⁶⁰ Como já mencionado no início desse capítulo, essa narrativa foi trocada de ordem, era 19ª em português e passou a ser a 39ª em espanhol, e tal fato provavelmente ocorreu porque nos comentários da fábula há explicação do recurso linguístico sinécdoque e para uma melhor recepção seria preferível que o leitor já estivesse envolvido com o texto para entendê-lo.

Percebemos que no enredo Emilia mencionou o brinquedo porque ele tem o nome próximo ao que a boneca precisava para inventar, deduzir e tentar explicar o que seria sinédoque, “sem com um pedaço de bodoque” (LOBATO, 1957a, p.51), e na tradução optou-se por mencionar a palavra com uma nota de rodapé para explicá-la. É importante observar que o brinquedo *bodoque* estava presente também no contexto dos leitores de língua espanhola e sua denominação é honda. Inclusive, existe algumas menções de honda em outras histórias lobatianas como, por exemplo, em *Las travesuras de Naricita*. Nesse caso, a palavra foi adaptada à cultura de chegada por meio de uma tradução domesticadora (VENUTI, 1995); no entanto em *Las viejas fábulas* a escolha foi a de manter a palavra original para que a explicação da Emília continuasse a fazer sentido, o que demonstra que nesse caso a opção foi a de fazer a tradução estrangeirizadora (VENUTI, 1995) e manter a cultura de partida.

Nosso último apontamento sobre o bodoque refere-se ao termo que apareceu em *Los dos palomos*. Na fábula dois pombos viviam juntos, mas um quis correr pelo mundo; a ave aventureira encontrou muitos perigos como “un niño que, con un arco em mano, corrió hacia él y le comozó a hacer disparos” (LOBATO, 1956d, p.102). Observa-se que nessa narrativa a escolha foi a de não deixar como o texto em português e nem utilizar a palavra honda, a opção foi então a de apenas mencioná-lo como *um arco* que o menino usava para divertir-se ao fazer disparos contra o pombo, tal como na nota de rodapé que explicou sobre bodoque na fábula *El venado y la espesura*.

Diante do apresentado, percebemos que os brinquedos que exemplificamos em nossas reflexões foram mencionados em *Las Viejas Fábulas* de maneira bastante reflexiva em que as escolhas de tradução foram de domesticação ou estrangeirização (VENUTI, 1995) de acordo com o que foi julgado por Sosa e por Lobato como sendo a alternativa mais viável para a tradução.

Como podemos observar ao longo de nossas reflexões, as maneiras com os brinquedos foram abordados na escrita para o espanhol apresentaram alternativas sutis para que a recepção do leitor ocorresse da melhor forma possível segundo a proposta do autor. Ao mencionar esses suportes de brincadeira, reforçando o caráter lúdico das histórias, Lobato apresentou uma contribuição significativa às narrativas de maneira que o imaginário fosse colocado em primeiro plano, o que propiciou que a infância fosse privilegiada e que ocorresse a valorização da criança em seu contexto.

4.8. Diferenças e similaridades

Monteiro Lobato sempre teve um olhar diferenciado sobre as coisas e os fatos, como afirmou Conte (1948): “seu cérebro é uma caldeira em que refervem pensamentos a disputarem entre si o fóco da consciencia por não poder coexistir nela todos ao mesmo tempo” [sic] (p. 23). Diante de tantas ideias, uma nova proposta para os seus escritos surgiu e exigiu que o autor lançasse um novo olhar para a literatura que ele havia proposto em seu país.

Percebemos, pela análise comparativa que realizamos ao longo desse Capítulo, que ocorreram “diferenças e similaridades” (GIL, 2008, p.16) entre os livros *Las viejas fábulas* (1956) e *Fábulas* (1957). Compreendemos que, para versar seu texto em espanhol, o autor aceitou o desafio de combater as imposições europeias, desta vez em âmbito continental, por meio da tradução de sua obra, sobre a qual promoveu necessárias adaptações, ajustes e reinvenções para que seu repertório fosse ampliado de maneira a alcançar seu novo público e, de modo geral, chegamos aos resultados que explanaremos a seguir.

Ao conselho da equipe editorial argentino, o título do livro foi pensado em como ser escrito para se adequar ao leitor (VENUTI, 1995), de maneira que fosse possível explicar do que se tratava seu conteúdo e ao mesmo tempo procurando predispor “curiosidade e simpatia” em sua recepção, abordando assim a tradução domesticadora. Desta maneira, o título em português teve um acréscimo e passou a ser diferente quando versado para o livro em espanhol, passando a ser denominado *Las viejas fábulas* em espanhol, expressão já utilizada por Lobato em outros contextos e que acabou por explicar aos leitores que no livro havia fábulas advindas de longo tempo.

Assim como nas demais traduções infantis do autor, provavelmente por indicação da equipe editorial, notamos que algumas personagens ganharam nomes adaptados de maneira a se adequar ao contexto do leitor e que fossem de pronúncias mais fáceis para língua espanhola. Em *Las viejas fábulas*, a linguagem verbal foi deslitteraturizada, assim como foi feito na escrita de *Fábulas*. Para isso, foram utilizados recursos linguísticos como grau diminutivo, grau aumentativo, grau superlativo absoluto sintético, onomatopeia, neologismo e fraseologismos compostos de ditados populares e de expressões idiomáticas. Destacamos que em relação aos fraseologismos, a opção adotada na maioria das vezes foi a de manter os itens comuns nas duas línguas, mas em outros casos, eles foram trocados por outros mais específicos da língua, adaptando o texto ao leitor como uma proposta de tradução domesticadora (VENUTI, 1995).

Sobre a fauna e a flora, indicamos que na tradução para o espanhol, em algumas ocasiões, diversos elementos foram trocados por itens argentinos e de outros países latino-americanos, como forma de adequar o texto ao leitor em um trabalho de tradução domesticadora (VENUTI, 1995). Em outros momentos, a opção adotada foi a de manter espécies que eram mais conhecidas no Brasil e explicá-las por meio de notas com informações essenciais para a compreensão do texto, adequando o leitor ao texto como uma proposta de estrangeirização na tradução (VENUTI, 1995).

Apontamos em nossa análise que no livro apareceram alguns itens gastronômicos que em algumas histórias eles foram trocados para o contexto dos leitores de língua espanhola, adequando-os às características culturais do ambiente de destino e assim contemplando a domesticação na tradução (VENUTI, 1995). Por outro lado, analisamos um caso em que se manteve o prato típico brasileiro tendo sido inserido no texto uma nota explicativa importante para que a história fosse entendida, adequando, neste caso, o leitor ao texto em um processo de tradução estrangeirizadora (VENUTI, 1995).

Também indicamos que em *Las viejas fábulas* foram indicados três Santos Católicos: San Jorge em uma menção que Tía Nastasia fez ao destacar que havia ido à Lua cozinhar para ele. Na fábula *El carretero y el papagayo* San Benito foi clamado por um homem que solicitou ajuda para tirar seu carro da lama, enquanto na fábula em português o Santo chamado foi São Benedito, o que significou uma alteração no texto como uma proposta domesticadora de tradução (VENUTI, 1995). E por último, na fábula *El pastor y el león* San Antonio foi lembrado por um homem para ter ajuda e fugir do leão, sendo que nesse caso manteve-se o mesmo Santo que no texto em português já que ele era conhecido em ambos os lugares.

Finalmente, destacamos em nosso texto que em nossa releitura percebemos a inserção com frequência de três brinquedos: Emilia, Vizconde e bodoque. Sobre Emilia indicamos que a boneca participou ativamente dos comentários das fábulas e que em *Las viejas fábulas* preferiu-se denominá-la como “muñeca de trapo”, expressão tradicional nos países hispano-americanos, o que resultou na escolha tradutória domesticadora (VENUTI, 1995) para designá-la. Vizconde não teve alterações em relação ao seu material, mas optou-se por adaptar o texto com palavras traduzidas como “marlo científico” (p.184) e “marlito” (p.187), o que foi uma mudança significativa visto que no Brasil ele foi imensamente conhecido como Visconde de Sabugosa, nesse caso a palavra oriunda de sabugo, o que teve como proposta uma tradução domesticadora (VENUTI, 1995), adequando o texto ao leitor. Por último fizemos algumas considerações sobre o brinquedo bodoque, que no livro em português

aparecia em três fábulas, mas quando passou para o espanhol foi omitido em *El orgulloso*, já que no texto em português aparecia como uma metáfora e optou-se por utilizá-la na fábula. Já em *El venado y la espessura* o brinquedo foi indicado por Emilia porque tem o nome próximo ao que a boneca precisava para inventar para tentar explicar o que seria sinédoque e, nesse caso, utilizou-se uma nota de rodapé para explicá-la, de maneira a optar pela tradução estrangeirizadora (VENUTI, 1995), para que a explicação da bonequinha fizesse sentido “sem com um pedaço de bodoque” (LOBATO, 1957a, p.51). Indicamos também que na fábula *Los dos palomos* a escolha foi a de não deixar como o texto em português utilizando a palavra bodoque e nem utilizar a palavra traduzida “honda”, como ocorreu em *Las travesuras de Naricita*, a opção foi então a de apenas mencioná-lo como *um arco* que o menino usava para divertir-se ao fazer disparos contra o pombo, tal como na nota de rodapé que explicou sobre bodoque na fábula *El venado y la espessura* como uma proposta de tradução domesticadora (VENUTI, 1995) para adaptar o texto ao leitor.

Diante dos resultados que obtivemos em nossa análise, compreendemos que para contemplar a recepção de *Las viejas fábulas* no país vizinho foram articulados/adaptados elementos da língua, da natureza e da cultura, que em alguns momentos apresentavam proximidades com o cotidiano do leitor e em outros apresentaram com naturalidade elementos brasileiros. Desta maneira, conseguimos afirmar que o texto foi palco do encontro de culturas diferentes, originando assim uma “produção híbrida”. Seu “ambicioso projeto de dar amplitude latino-americana a um projeto cultural e literário” (LAJOLO, 2004, p.4), foi concretizado pela promoção de uma congregação de culturas em que uma não se sobrepôs à outra, tendo se desenvolvido por um processo de fusão entre as culturas envolvidas. Processo o qual pode ser pensado como uma proposta de transculturação (ORTIZ, 1940/1983 e RAMA, 1982/2008).

A transculturação foi pensada inicialmente pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz que a explicou como sendo gerada em três momentos: na ‘desculturação’, em que ocorrem perdas dos componentes culturais do povo dominado; na ‘incorporação’ de uma cultura externa imposta e finalmente na ‘neoculturação’, que entrelaça os elementos culturais tradicionais aos elementos externos que foram adquiridos, gerando assim novas configurações culturais (ORTIZ, 1983).

A partir dos preceitos desse autor, novas maneiras de enxergar esses movimentos foram realizados e a transculturação passou a ser pensada e adaptada por alguns teóricos importantes, com o escritor e crítico literário uruguaio Ángel Rama que indicou propostas possíveis para se pensar a literatura por uma ótica da transculturação. Segundo o autor,

existiram em algumas narrativas latino-americanas que tinham conteúdos que dialogavam e sua cultura era evidenciada, sem, no entanto, sobrepor a outra e por isso “A atuação importante dos escritores conscientes dessa dialética, permite – para Rama – uma “plasticidade cultural” propiciadora de um diálogo ativo entre as várias culturas e entre seus espaços internos, sem hierarquias, xenofobias e rigidez cultural” (ARAÚJO, 1998, p.35 apud SANTOS, 2007, p.26).

Percebemos que em *Las viejas fábulas*, Lobato teve que elaborar estratégias para que a cultura existente em *Fábulas* pudesse ser capaz de dialogar com cultura para quem o livro em espanhol estava sendo destinado. Para isso, foram usadas estratégias de tradução ora domesticadora ora estrangeirizadora (VENUTI, 1995) sendo incorporada ao livro uma “plasticidade cultural” (RAMA, 2008) que possibilitou que ocorresse a fluidez natural no texto sem causar estranhamentos aos leitores.

Por esse preceito, percebemos que a literatura lobatina tornou-se um espaço discursivo que ao contemplar a essência humana e a realidade latino-americana transcendeu os padrões pré-estabelecidos à época de sua escrita. Tal como Scarpelli (2004) indicou em seu estudo sobre a obra *Manaus*, podemos afirmar que Lobato surpreendeu “a coexistência errante e paradoxal entre culturas, línguas e tradições distintas e muitas vezes irredutíveis entre si, [propiciando] o encontro de águas sempre a convergir para uma terceira margem ou a figurar numa cartografia de meandros” (SCARPELLI, 2004, p.177, adaptado).

Diante desses apontamentos, entendemos que os resultados apresentados podem ser compreendidos como uma tentativa de Lobato em provocar, por meio da literatura, a integração de narrativas literárias de seu país de origem com os países latino-americanos. Com isso, a literatura do autor passou a reunir características “continentais”, sendo levada para além das fronteiras de seu país.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: ENFIM, FÉRIAS-DE-LAGARTO

Era em abril, el mes del cumpleaños de Perucho, considerado por todos como el mejor mes del año. ¿Por qué? Porque no es frío ni caluroso, no es mes de lluvias ni de sequía; ¡todo en proporción exacta! Y a causa de eso se produjo una gran novedad en la quinta del Benteveo Amarillo: las vacaciones-de-lagarto.

-¿Qué historia es ésta?

Una historia muy interesante. Como el mes de abril es el más agradable de todos, lo eligieron para el gran "reposo anual": ¡todo el mes sin hacer nada, quietos, dormitando, como lagarto al sol! Sin hacer nada es una manera de decir, puesto que hacían una cosa agradabilísima: ¡vivían! Nada más. Gozando el placer de vivir. ...
(LOBATO, 1957b, p.9)

A pesquisa que aqui se apresenta revela a trajetória que percorremos à procura do, por nós, antes “desconhecido Lobato”. Entre tantas expectativas, nossa única certeza era de que seríamos surpreendidos, afinal sabíamos que o autor sempre se empenhou com esmero para produzir seus textos em português e isso não seria diferente na escrita deles para o espanhol. Em nosso estudo, seguimos pistas de acontecimentos que somaram no autor o desejo de publicar suas obras em outro idioma. Para isso, procuramos caminhos ainda pouco explorados em pesquisas acadêmicas e que guardam em seus resultados verdadeiras relíquias lobatianas.

Após tantos afazeres estamos chegando ao fim desse estudo e assim como no *Sítio do Picapau Amarelo* ou em *La quinta del Benteveo Amarillo*, logo mais estaremos em nossas “férias-de-lagarto”. No entanto, antes de ficar como “lagarto ao Sol” é preciso concluir nosso trabalho. Para isso, inicialmente, vamos retomar ao problema de pesquisa que nos propusemos a responder: *Que critérios adaptativos foram adotados por Lobato para que Las viejas fábulas contemplasse sua preocupação para a aceitação do livro entre os leitores latino-americanos de língua espanhola?*

Como resposta indicamos que os critérios adaptativos que Lobato adotou em *Las viejas fábulas* foram uma combinação de ajustes aos elementos relacionados à linguagem, à natureza e à cultura que foram explorados em decorrência de diversos fatores reguladores da tradução, que em alguns momentos foram escolhidos por meio de uma proposta de estrangeirização (VENUTI, 1995) e em outros momentos por uma proposta de domesticação (VENUTI, 1995) de acordo com o que o autor, em conjunto com o tradutor Sosa, perceberam como mais adequado para que o livro tivesse uma boa recepção entre os leitores hispano-americanos.

Para chegar a esse resultado, fizemos diversas leituras e releituras do livro de maneira comparada com o livro escrito em português, *Fábulas*, e encontramos sete itens específicos

que passaram por esse processo tradutório: o título do livro, as personagens lobatianas, a linguagem verbal deslitteraturizada, os elementos da natureza, a gastronomia, os Santos Católicos e os brinquedos; o que nos possibilitou compreender em parte, a complexa literatura de Lobato.

Durante a pesquisa, procuramos caminhar em consonância com o caminho do autor, porém não conseguimos esgotar os destinos percorridos por ele, visto quão grandes foram seus passos. Suficientemente, conseguimos alcançar o intento ao qual nos propusemos e elaboramos esse trabalho em quatro capítulos.

No primeiro capítulo elaboramos um estudo exploratório para encontrar o que já havia sido publicado sobre o tema. A partir dos resultados elencados, buscamos dialogar com diversos pesquisadores, o que fomentou os desdobramentos apresentados em nosso estudo.

Depois, no segundo capítulo, descrevemos o percurso histórico que Lobato vivenciou e para isso seguimos a ordem cronológica de seu caminho. Observamos inicialmente que o material epistolar entre o autor e intelectuais da Argentina proporcionou importantes intercâmbios literários para que o projeto de publicação da literatura de Lobato se concretizasse naquele país. Depois, verificamos que foram enviados alguns trechos de livros para compor o jornal *La Prensa*, o que proporcionou o conhecimento do autor em outro país por meio da veiculação dessas publicações. Após essas escritas iniciais, os livros de Lobato foram traduzidos e adaptados para serem comercializados em países da América Latina que têm a língua espanhola como idioma oficial. Finalmente, chegamos na estadia de Lobato em Buenos Aires e sua volta ao Brasil.

Já no terceiro capítulo, buscamos compreender por onde os livros infantis escritos em espanhol estariam circulando. Em nossa pesquisa, localizamos nas bibliotecas, nos sebos e nas livrarias livros de edições antigas e de edições mais recentes publicados por 18 editoras nos seguintes países: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, México, Peru, Uruguai e Venezuela. Diante dessas informações, progredimos em nossos estudos e encontramos alguns registros de depoimentos espontâneos de leitores, os “hijos de Lobato”, os quais carregam marcas significativas e afetivas da literatura do autor da infância à idade adulta.

Finalmente, no quarto capítulo, indicamos que o desejo do autor de escrever textos que combatessem os padrões pré-estabelecidos pelo processo de colonização e que não correspondiam à realidade do leitor brasileiro, num primeiro momento, se ampliou para um projeto de defesa da identidade literária latino-americana. A partir deste entendimento, buscamos analisar o livro *Las viejas fábulas* de maneira comparada com sua publicação originária, *Fábulas*, para verificarmos que elementos adaptativos relacionados à linguagem, à

natureza e à cultura foram contemplados na tradução da obra de Lobato para o espanhol e que puderam contribuir com o intento do autor.

Diante dos resultados apresentados no último capítulo, percebemos que a tradução e adaptação de *Las viejas fábulas* proporcionou em seu conjunto o encontro de características de países diferentes, articulando a língua, a natureza e a cultura por meio de um processo de produção híbrida com múltiplas conexões. Indicamos também que o fascínio de escrever para as crianças de maneira que as fizessem pensar com criticidade sobre o sistema hierárquico dominante, independentemente de seu país de origem, esteve com Lobato por toda sua vida, sendo presente tanto no livro pesquisado quando nos outros que localizamos em espanhol, os quais conseguimos fazer alguns breves diálogos por meio de alguns excertos apreciamos ao longo do nosso trabalho.

Torna-se importante destacar que o caminho trilhado desde o trabalho realizado no mestrado *Os recursos linguísticos no projeto de deslitteraturização de Monteiro Lobato: discutindo a obra fábulas* (2015) até o final dessa tese revela um importante panorama sobre como o autor considerava os textos fabulares significativos para as crianças e por isso dedicou-se exaustivamente para colocá-los em circulação no Brasil e na América Hispânica. Percebemos, observando a cronologia da relação de Lobato com as fábulas, que inicialmente, em 1916 e em 1919, ele enviou cartas a seu amigo Rangel indicando que observava como seus filhos gostavam de ouvir as narrativas e que desejou escrevê-las para as crianças; depois, o autor lançou algumas delas na Revista Brasil (1921) e, finalmente, publicou os livros *Fábulas de Narizinho* (1921) e *Fábulas* (1922), livro esse que, como comprovado por Souza (2010) e Lopes (2006) sofreu alterações e teve acréscimos até chegar na edição de 1943 que teve a inserção da turma do Sítio do Picapau Amarelo por meio dos comentários no final das narrativas.

Após o sucesso no Brasil, Lobato investiu na publicação do livro em espanhol, juntamente com as suas outras histórias infantis na coleção articulada por Ramón Prieto. Para isso, fez diversas ponderações como podemos observar no trecho supracitado da carta a Rangel escrita no dia 1º de fevereiro de 1943 “na revisão dos meus livros a saírem na Argentina estou operando curioso trabalho de raspagem – estou tirando tudo quanto é empaste. O último submetido a tratamento foram as *Fábulas*” (LOBATO, 2010a, p.550) e, alguns anos mais tarde, em 1946, finalmente há a publicação de *Las viejas fábulas*.

Esse processo da relação do autor com as fábulas, o qual há indicação a partir de 1916 até a publicação do livro em espanhol 30 anos depois, em 1946, demonstra o quanto o autor dedicou-se nas escritas e reescritas do gênero e o quanto ele foi amadurecendo com o passar

do tempo em seus pensamentos literários. Com essa constatação, chegamos a uma das mais importantes contribuições desse trabalho para os estudos lobatianos, pois por meio de indícios (GINZBURG, 1989), chegamos às comprovações de como Lobato nunca foi estático e articulou incansavelmente suas palavras em seu projeto de deliteraturização, chegando à escrita de *Las viejas Fábulas* com a toda sua bagagem e com tudo o que ele acreditava como sendo o melhor até aquele momento para a escrita infantil.

A partir das reflexões que indicamos nesse estudo, percebemos também que nosso trabalho se soma aos demais estudiosos sobre a literatura infantil de Monteiro Lobato escrita em espanhol, ampliando o leque de possibilidades que ainda existem para ser investigadas sobre o tema. A vasta quantidade de escritas infantis em espanhol, como verificamos são 24 livros traduzidos da saga do Picapau Amarelo, além de alguns livros infantis inéditos, os quais contaram com muito investimento do autor e, por isso, são fonte de muitas pesquisas, podendo revelar ainda importantes informações sobre o autor. O resultado de tanto empenho, foi a conquista e prestígio de leitores fora do Brasil e há, por exemplo, muito ainda a ser revelado sobre “los hijos de Lobato”.

A criticidade sobre o sistema hierárquico dominante, independentemente de estar ou não em seu país de origem, esteve com Lobato por toda sua vida, havendo ainda um campo fértil para que novos olhares sejam provocados pela temática. Desta maneira, destacamos que nossa releitura é apenas uma das maneiras para se conhecer o processo de como Lobato se encarregou, junto aos tradutores, para reproduzir sua literatura para a língua espanhola, levando em consideração as peculiaridades dos leitores hispano-americanos. Existem muitas outras possibilidades de se pensar em Lobato.

Finalmente, destacamos que os livros do autor escritos em espanhol aos poucos estão sendo publicados na atualidade, ganhando dimensões continentais já que contam com traduções na Argentina, no Chile, no Peru e na Colômbia. Essas edições contam com novas escolhas tradutórias que versam inovar e ao mesmo tempo manter a essência da escrita do autor para que os livros lobatianos continuem encantando leitores.

Entre essas publicações mais recentes, o livro *Fábulas* impresso pela Editorial Lord Cochrane, elaborado pela Producciones García Ferré e vendido junto com o nº1545 da Revista Antejito de 18 de outubro de 1994 foi traduzido por Julia Marta Pucci, Martha Steinbrun, Gabriela Romeo e Marcela Codda. Ele nos chamou a atenção por ser uma nova edição do livro objeto de nosso estudo e por isso gostaríamos de analisar com mais profundidade seu conteúdo, o que não foi possível devido à falta de possibilidade de acesso ao livro no percurso desse estudo. Por meio do trabalho de Lucena (2022) tivemos as

informações de que *Fábulas* (1994) contou com a escrita de 53 narrativas e apresentou um glossário e uma pequena biografia de Lobato. Mais ainda nos perpassam algumas questões como: Quais fábulas foram escolhidas, visto que o livro original tem 74 narrativas? Os comentários no final das narrativas foram mantidos? Como as tradutoras abordaram os elementos da língua, os elementos culturais e os elementos da natureza no livro? Quem sabe em um próximo trabalho consigamos responder essas perguntas.

Ficamos com essas ideias de futuras pesquisas latentes em nossos sonhos... Agora vamos desfrutar as nossas “férias-de-lagarto”. Ainda é cedo para saber quanto tempo nosso “abril-de-lagarto” terá. Talvez Emília venha nos acordar e nos convide para uma *Viaje al cielo* ou quem sabe ao para conhecer o *Aconcágua*, assim como fazia com as crianças do Sítio:

[...] la más más inquieta de todos, [las vacaciones-de-lagarto] duraban como máximo dos días. Siempre era ella el primer “lagarto” que despertaba y corría al patio a “desenmohecer las piernas”. Después volvía para hacer cosquillas, con una gramínea, en las narices de Naricita y Perucho y esos dos “lagartos” se desperezaban también e iban a estirar las piernas (LOBATO, 1957b, p.10 - adaptado).

Não sabemos por quanto tempo ficaremos “lagarteando” até que uma “nova aventura” apareça. O que sabemos é que essa chegou ao final e nos trouxe muitas surpresas, ensinamentos e novos sonhos. Ficamos também com a convicção de que se no início de nossos estudos buscávamos localizar o (por nós) “desconhecido Lobato”, encontramos nesse término o “potente Lobato”, aquele que ampliou seus projetos literários para tornar-se o “Lobato sem fronteiras”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBIERI, T. M. **São Paulo - Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina.** Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas UNICAMP. Campinas. 2009. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1612629> . Acesso em: 20 jun 2020.
- AMORIM, L. M. **Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- ARAUJO, P. R. **Dom Quixote e o jovem leitor: estudo das adaptações da obra e sua recepção no âmbito escolar (Brasil e Espanha).** Tese de doutorado. Universidade de São Paulo USP. São Paulo. 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-18072017-150143/publico/2017_PaulaRenataDeAraujo_VOrig.pdf . Acesso em: 14 set 2020.
- AZEVEDO, C. L.; CAMARGOS, M. M. R.; SACCHETTA, V. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia.** 3 ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.
- BARTHES, R. **Aula:** aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BENATTE, A. P. A História Cultural das Religiões: contribuições a um debate historiográfico. In. ALMEIDA, N. B.; SILVA, E. M. (Orgs). **Missão e Pregação: a comunicação religiosa entre a História da Igreja e a História das Religiões.** São Paulo: FAP-UNIFESP, 2014.
- BENJAMIN, W. O Narrador. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; vol 1)
- BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação.** Tradução de MAZZARI, M. V. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002.
- BENJAMIN, W. **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin:** quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.
- BERMAN, A. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo.** Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: PGET/UFSC, 2012.
- BRASIL, S. **A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para crianças.** 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1959.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).** Brasília, DF, 2022. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 10 dez. 2022.
- BROCA, B. **O repórter impertinente.** Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura.** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BUZETTO, T. R. *Brinquedos não estruturados: um olhar sensível para o brincar de meninos e meninas em uma escola infantil do município de Ijuí*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Regional UNIJUÍ. Ijuí, 2018. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/5240>. Acesso em: 23 jan. 2023.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMARGO, P. J. S. **Brinquedos, brincadeiras e jogos na literatura lobatiana**. 2008. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências. Bauru, 2008. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12867220/brinquedos-brincadeiras-e-jogos-na-literatura-lobatiana>. Acesso em 20 jan. 2023.

CAMARGOS, M.; SACCHETTA, V. **À mesa com Monteiro Lobato**. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2008.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Vol. 1. 6ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000.

CANDIDO, A. **Iniciação à literatura brasileira**. Resumo para principiantes. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, A. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CARDOSO, J. B. Hibridismo cultural na América Latina. **Itinerários**, Araraquara, n. 27, p.79-90, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/1127/914> . Acesso em 05 fev. 2022.

CARDOSO, J. B. Exílio e libertação na ficção latino-americana. **Revista Literatura em Debate**, v. 13, n. 24, p. 58 - 72, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/3031>. Acesso em: 05 fev. 2022.

CASTILHO, M. A.; BERNARDI, C. J. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Interações (Campo Grande)**, [S. l.], v. 17, n. 4, 2016. Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/1227>. Acesso em: 9 mar. 2023.

CASTRO, I. D. M. **Historia de las muñecas de trapo**. República Bolivariana de Venezuela, 2011. Disponível em: <https://www.monografias.com/trabajos91/historia-munecas-trapo/historia-munecas-trapo>. Acesso em: 9 mar. 2023.

CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1955.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 2002.

COBELO, S. B. **As adaptações do Quixote no Brasil (1886-2013)**: uma discussão sobre retraduições de clássicos da literatura infantil e juvenil. 2015. 416 f. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências e Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-11092015-150808/pt-br.php>. Acesso em: 05 set. 2021.

COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infantil juvenil**. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

CONTE, A. **Monteiro Lobato**: o homem e a obra. São Paulo: Brasiliense, 1948.

CORCUERA, A. Naricita, o Monteiro Lobato en el País de los Sueños. In: LOBATO, M. **Naricita**. Lima: Embajada del Brasil, 1986.

DARMAROS, M. F.; MILTON, J. Emília, a cidadã-modelo soviética: Como a obra infantil de Monteiro Lobato foi traduzida na URSS. **DELTA**: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, [S. l.], v. 35, n. 1, 2019. Disponível em: <https://adamo.pucsp.br/index.php/delta/article/view/44215>. Acesso em: 19 mar. 2021.

DEBUS, E. S. D. **Entre vozes e leituras**: a recepção da literatura infantil e juvenil. 1996. 203 f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/76571/104890.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 set 2021.

FERREIRA, N. S. A. Monteiro Lobato em terras portuguesas. In: FERREIRA, N. S. A. **Leitura, Cultura, Infância**: Lobato. (Org.). São Paulo: Global, 2011. p.71-94.

FREYRE, G. Monteiro Lobato revisitado. **Ciência e Trópico**, Recife, v.9, n. 2, p. 155-167, jul.-dez., 1981.

FRANCA, V. G. **A literatura infantil/juvenil brasileira na França**: Où est Lobatô?. 2007. 234 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2436>. Acesso em: 14 set 2021.

GÁLVEZ, M. Tudo nos une. In: LOBATO, M. **Revista do Brasil**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1921.

GARCIA, P. M. [Monteiro Lobato]. **La Nueva Argentina**. Buenos Aires: Acteon, 1947.

GARCÍA, M. A. Vanguardia en doble página. Intervenciones del invencionismo argentino en la revista Joaquim. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, n.61, p.159-182, julho, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/bkGMMzyKCrJpMXTTJv5N33C/abstract/?lang=es>. Acesso em: 21 set 2020.

GARRIDO, A. R. **Fábulas de Esopo**. Buenos Aires: Porter Hnos., 1940.

GIBELLO, A. A. S. A infância e a educação numa perspectiva histórica: o olhar de Monteiro Lobato. In: **COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP**, 5, 2004, São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032004000100013&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 18 fev. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GINZBURG, C. Sinais. Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

GOELLNER, L. M. V. S.; SAAVEDRA, P.; MENARES, V. "Reinações de Narizinho" en Español, una propuesta: proyecto chileno de traducción y análisis comparativo de traducción latino-americanas. **Caderno de Tradução**, v.41, n.2, p. 221-246, mai-ago, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/80878/46520> . Acesso em: 13 dez 2021.

GUTIÉRREZ, E. S. **América Latina: Palavra, literatura e cultura (ALPLC)**, de Ana Pizarro, e a renovação do discurso historiográfico latino-americano. 2015. 130 f. Dissertação de mestrado. Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande. Disponível em <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/9193/0000010902.pdf?sequence=1> . Acesso em 16 fev. 2022.

JUSTO, R. M. O. **Os Moinhos de vento no Brasil**: uma leitura da adaptação de Dom Quixote das crianças de Monteiro Lobato. 2006. 110 f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências e Humanas, Universidade de São Paulo. 2006. São Paulo. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-27072007-114030/pt-br.php>. Acesso em: 05 set 2021.

KIRCHNER, C. F. Prólogo. In: LOBATO, M. **Las travesuras de Naricita**. Buenos Aires: Losada, 2010.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

KOPKE, H. **Fabulas**: para uso das classes de língua materna. 5 ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Francisco Alves & Cia. 1911.

LA FONTAINE. **Fábulas de La Fontaine**. Tradução de Bocage, Couto Guerreiro, Filinto Elysio, Curvo Semmedo, Costa e Silva, Malhão. Tomo I. Lisboa, Rio de Janeiro, [s.n.], 1886.

LAJOLO, M. Linguagens na e da literatura infantil de Monteiro Lobato. In: LAJOLO, M; CECCANTINI, J. L. [Org.] **Monteiro Lobato, livro a livro**. São Paulo: Editora da Unesp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

LAJOLO, M. **De São Paulo ao Aconcágua**: uma trajetória latino-americana para Monteiro Lobato. 8a. versão das Jornadas Andinas de Literatura Latino Americana. Lima, entre 9 e 13 de agosto de 2004. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/limaportugues.pdf> . Acesso em 18 set 2021.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira, história & histórias**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

LAPA, M. R. **Estilística da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

LEMOS, C. A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LIMA, A. D. A forma da fábula: estudo de semântica discursiva. **Significação**. n. 4. São Paulo, 1984, p. 61-69. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90480/93254>. Acesso em: 20 fev. 2014.

LIMA, M.; MARTINS, G. D. F.; ABREU, G. V. S. Características e Especificidades do Brincar com Brinquedos Estruturados e não Estruturados. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, vol. 13, n. 1, p. 85-104, janeiro-junho, 2021. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/3940/2794>. Acesso em: 26 jan. 2023.

LISBOA, P. Turismo cultural e patrimônio sob a perspectiva da gastronomia: o caso da mandioca. **Revista de Turismo Contemporâneo - RTC**, Natal, v.3, n. 1, p. 1-15, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/download/6059/5516> Acesso em 12 de mar. 2022.

LOBATO, M. **Fábulas de Narizinho**. 1 ed. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia. Editores, 1921.

LOBATO, M. **A onda verde**. 2 ed. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. Editores. 1922. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/32173526/A-Onda-Verde-Monteiro-Lobato#scribd> . Acesso em: 12 jan. 2015.

LOBATO, M. **Las travesuras de Naricita**. Trad. R. Prieto. Buenos Aires: Americalee, 1944.

LOBATO, M. **Las viejas fábulas**. Trad. M. J. Sosa. Buenos Aires: Americalee, 1946.

LOBATO, M. **El quijote de los niños**. Trad. M. J. Sosa. Buenos Aires: Losada, 1956a.

LOBATO, M. **Memorias de Emilia**. Trad. M. J. Sosa. Buenos Aires: Losada, 1956b.

LOBATO, M. **Las travesuras de Naricita**. Trad. R. Prieto. Buenos Aires: Losada, 1956c.

LOBATO, M. **Las viejas fábulas**. Trad. M. J. Sosa. Buenos Aires: Losada, 1956d.

LOBATO, M. **Fábulas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957a.

LOBATO, M. **Viaje al Cielo**. Trad. R. Prieto. Buenos Aires: Losada, 1957b.

LOBATO, M. **Nuevas travesuras de Naricita**. Trad. R. Prieto. Buenos Aires: Losada, 1957c.

LOBATO, M. **Las viejas fábulas**. Trad. M. J. Sosa. Buenos Aires: Americalee, 1962.

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. 1º Tomo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964.

LOBATO, M. **Ideias de um Jeca Tatu**. São Paulo: Globo, 2008.

LOBATO, M. **Prefácios e Entrevistas**. São Paulo: Globo, 2009.

LOBATO, M. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Globo, 2010a.

LOBATO, M. **Conferências, artigos e crônicas**. São Paulo: Globo, 2010b.

LOBATO, M. **Las travesuras de Naricita**. Buenos Aires: Losada, 2010c.

LOPES, Gracielly. **Fábulas (1921) de Monteiro Lobato: um percurso fabuloso**. 2006. 279f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Assis, 2006. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=42430. Acesso em: 10 nov. 2022.

LOURENÇO, J. A. et al. Ausência de mutagenicidade e antimutagenicidade do extrato obtido das flores do ipê roxo [Tabebuia impetiginosa (Mart. ex DC.) Standl.]. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 12, p. 414-420, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/DgvqMRXRmgqr58vx5dyzZGp/?lang=pt&format=html> . Acesso em 14 jan. de 2022.

LUCENA, S. R. C. **A circulação e a recepção da obra infantil de Monteiro Lobato na Argentina**. 2022. 215 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22843?locale=en>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MANGUEL, A. **La biblioteca de noche**. Madri: Alianza, 2007.

MANGUEL, A. **Monstros fabulosos: Drácula, Alice, Super-homem e outros amigos literários**. Lisboa: Tinta-da-China, 2019.

MANGUEL, A. **Encaixotando minha biblioteca: uma elegia e dez digressões**. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

MARGOTTI, F. W.; MARGOTTI, R. C. M. F. **Morfologia do português**. UFSC, UAB. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. Disponível em: https://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto_Morfologia_UFSC.pdf . Acesso em: 22 fev. 2022.

MÁXIMO, G. **Duas personagens em uma Emília nas traduções de Monteiro Lobato**. 2004. 103 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/319812>. Acesso em 21 de mar. 2021.

MERQUIOR, J. G. A Lição de Lobato. In: **O elixir do apocalipse**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MILTON, J. Monteiro Lobato and translation: " Um país se faz com homens e livros". **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 19, n. 3, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/38344>. Acesso em: 20 mar. 2021.

MONTERIO, K. P. **Da leitura à tradução: um estudo comparativo da narrativa “A madrastra”** em Mário de Andrade, Monteiro Lobato e Câmara Cascudo. 2014. 88f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. Bragança, 2014. Disponível em: [https://pplsaprofesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2012/Da%20leitura%20a%CC%80%20traduc%CC%A7a%CC%83o%20um%20estudo%20comparativo%20da%20narrativa%20%E2%80%9CA%20madrasta%E2%80%9D%20em%20Ma%CC%81rio%20de%20Andrade,%20Monteiro%20Lobato%20e%20Ca%CC%82mara%20Cascudo%20\(Karina%20Paraense%20Monteiro\).pdf](https://pplsaprofesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2012/Da%20leitura%20a%CC%80%20traduc%CC%A7a%CC%83o%20um%20estudo%20comparativo%20da%20narrativa%20%E2%80%9CA%20madrasta%E2%80%9D%20em%20Ma%CC%81rio%20de%20Andrade,%20Monteiro%20Lobato%20e%20Ca%CC%82mara%20Cascudo%20(Karina%20Paraense%20Monteiro).pdf). Acesso em: 20 fev. 2021.

MORÁN, A. O. **De dónde viene**. México: Editorial Algarabía y Lectorum, 2013.

OLIVEIRA, T.T. **Tradução comentada para o espanhol da obra O Medo, de Monteiro Lobato**. 2015. 119 p. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/136480/336243.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 fev. 2021.

ORTIZ, F. **Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco**. HAVANA: Pensamiento Cubano, 1983. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=277379> . Acesso em 12 jun 2021.

OXANDABARAT, R. Monteiro Lobato: El dulce aroma de las jaboticabas. Uruguai: **Brecha**, 2002. Disponível em: https://www.lainsignia.org/2002/marzo/cul_027.htm. Acesso em: 20 mar. 2021.

PARENTE, L. **A linguagem deslitterarizada de Monteiro Lobato em Reinações de Narizinho**. 2012. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Rio Claro. 2012. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/unesp/160668>. Acesso em: 20 jan. 2022.

PENTEADO, J. R.W. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. 2.ed. São Paulo: Globo. 2011.

PEREIRA, M. T. G. Processos expressivos da literatura infantil. In: **Congresso internacional de IBBY- International Board on Books for Young People**. 32. Santiago de Compostela, [s.n.], 2010. Disponível em: http://pwww.ibbycompostela2010.org/descarregas/11/11_IBBY2010_2.pdf . Acesso em: 20 nov. 2014.

PERROTTI, E. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

PIRES, J. H. Carta – Prefácio. In: RIBAS, M. J. S. **Monteiro Lobato e o espiritismo: as sessões espíritas de Lobato narradas por ele mesmo**. São Paulo: Nova Luz, 1997.

POZZOTI, S. **A chave do tamanho**: proposta de edição da obra de Monteiro Lobato na Itália. 2014. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas, São Paulo, 2014. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-20052015-152307/publico/2014_SilviaPozzati_VOrig.pdf. Acesso em: 21 mar. 2021.

PRADO, A. O. M. A. **Adaptação, uma leitura possível**: Um estudo de ‘Dom Quixote das crianças’, de Monteiro Lobato. Três Lagoas, 2007. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2007. Disponível em: <https://repositorioh.ufms.br/handle/123456789/1096>. Acesso em: 05 set. 2021.

QUINTANA, M. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2005.

RAMA, A. **Transculturación narrativa en América Latina**. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3636189&forceview=1>. Acesso em 21 de jun 2021.

RIBEIRO, M. A. H. W. Reinações de Narizinho: leitores e leituras. In: CECCANTINI, J. L.; MARTHA, A. Á. P. [Org.]. **Monteiro Lobato e o leitor de hoje**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

ROCHA, M. S. A. L. L. **Os recursos linguísticos no projeto de deslitteraturização de Monteiro Lobato**: discutindo a obra fábulas. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/134135>. Acesso em: 20 set. 2020.

ROCHA, M. S. A. L. L.; RIBEIRO, M. A. H. W. “Vestir à nacional as fábulas”: o animal brasileiro na literatura de Monteiro Lobato. In: BRAGA, E. F.; LIBANORI, E. V.; DIOGO, R. C. M. [Org.] **Representação animal**: diálogos e reflexões literárias. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura. 2015, p.81-96. Disponível em: < (Livro III) Representação animal - diálogos e reflexões literárias.pdf> Acesso em: 04 out. 2021.

ROCHA, P. A. **Monteiro Lobato reescritor de Kipling**. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista - São José do Rio Preto, 2002.

RODRÍGUEZ, J. P. A onda verde, por Monteiro Lobato. **Pegaso**, Montevideo, n.63, p.147-151.

ROMANO, P. A. B. Dona Benta nas cartas infantis para Monteiro Lobato. **Revista Metamorfoses**, v. 15, p. 205-215, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metamorfoses/article/view/20081/19267>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SAMANIEGO, F. M. **Fábulas de Samaniego**. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1934.

SANDRONI, L. **De Lobato a Bojunga**: as reinações renovadas. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SANTANA, V. D. **Lobato e os carrascos civilizados**: construção de brasilidade via reescritura de Warhaftige Historia, de Hans Staden. 2007. 192 f. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 2007. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/401097>. Acesso em 21 mar. 2021.

SANTOS, G. G. **Mamãe Ganso à brasileira**: as personagens de Perrault no Sítio do Picapau Amarelo. 2009. 183 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/94045>. Acesso em 25 mar. 2021.

SANTOS, H. N. A. **De Angel Rama a João Guimarães Rosa, a transculturação narrativa na literatura brasileira**: uma análise do conto “Famigerado”. 2007. 84f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Maceió. Disponível em: https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/435/1/Dissertacao_HerbertNunesdeAlmeidaSantos_2007INITIVA.pdf. Acesso em 20 jan. 2023.

SCARPELLI, M. F. Águas turvas, identidades quebradas: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem e outras misturas. In: ABDALA JUNIOR, B. (Org.). **Margens da cultura**: mestiçagem, hibridismos e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004. p.159-180.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, R. A. Conversas de Bastidores: a correspondência entre Monteiro Lobato e seus leitores infantis. In: **XI SETA - Seminário de Teses em Andamento**, 2005, Campinas. XI Seta - Linguagem, pesquisa e ética na contemporaneidade. Campinas, SP: Gráfica Central da Unicamp, 2005. p. 6-81.

SILVA, R. R. **O meu Hans Staden**: uma escrita da história do Brasil na prática tradutora de Monteiro Lobato. 2012. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2012.

SIRQUEIRA, K. L. **A escravidão negra no Rio da Prata**. 2012. 39 f., il. Monografia (Bacharelado em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3950/1/2012_KarolineLimaSirqueira.pdf. Acesso em: 25 jan. 2023.

SOARES, G. P. **A semear horizontes**: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915-1954). 2002. 339f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06062003-191230/pt-br.php>. Acesso em: 24 jan. 2022.

SOARES, G. P. Diálogos culturais latino-americanos na primeira metade do século XX. **Projeto História**: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 32, p. 241-256, 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2426>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SOUZA, L. N. **O processo estético de reescritura das fábulas por Monteiro Lobato**. 2004. 259f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Assis, 2004. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/99160>. Acesso em: 12 dez. 2014.

SOUZA, L. N. Monteiro Lobato e o processo de reescrita das fábulas. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. [Org.] **Monteiro Lobato, livro a livro**. São Paulo: Editora da Unesp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

SOUZA, R. P. **Tradução, ordenação e reescrita**: um Hans Staden 'à brasileira' ou Lobato, um leitor do Brasil? 2013. 97 f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras. Niterói, 2013. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/10433>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SOPENA, R. **Fábulas de Esopo**. Barcelona: Casa Editorial Sopena, 1933.

TRAVAINI, P. P. **Monteiro Lobato**: do Quixote de Cervantes ao Quixote das crianças. 2005. 88f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Campinas. 2005. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/363928>. Acesso em 15 mar. 2021.

TRIGO, L. Biblioteca Nacional: um lugar de encontro de saberes. In: **Biblioteca Nacional**. São Paulo: Banco Safra, 2004. p. 7-24.

TRUSEN, S. M. Contos de Grimm e Novos Contos de Grimm: tradução e adaptação em Monteiro Lobato. **Cadernos de Tradução**. v.36. p. 16-33, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2016v36n1p16>. Acesso em: 20 fev. 2021.

VALENTE, T. A. Monteiro Lobato: rasgado, queimado, cancelado e imprescindível. **Jornal da Unesp**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2022/02/25/monteiro-lobato-rasgado-queimado-cancelado-e-imprescindivel/>. Acesso em: 24 jan. 2023.

VARGAS, M. V. A. M. Reflexos da fábula indiana nos textos de Monteiro Lobato. **Magma**. v. 2. São Paulo: USP, 1995, p. 74-87. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/magma/article/view/80727> . Acesso em: 15 fev. 2022.

VENUTI, L. **The Translator's Invisibility**: a history of translation. Londres: Routledge, 1995.

VIEIRA, A. S. **Um inglês no sítio de Dona Benta**: Estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana. 1998. 141f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1998. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000132099&fd=y> Acesso em: 02 nov. 2014.

VIEIRA, A. S. **Viagens de Gulliver ao Brasil**: estudos das adaptações de Gulliver's Travels por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato. 2004. 244 f. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 2004. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/306793>. Disponível em: 21 de mar. 2021.

VOLKER, T. B. **A tradução das expressões idiomáticas por Monteiro Lobato em The Adventures of Huckleberry Finn**: Uma análise à luz da Teoria da Relevância. 2005.

Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: http://www.poslin.letras.ufmg.br/diss_defesas_detalhes.php?aluno=685. Acesso em 21 mar. 2021.

ZILBERMAN, R. **Um Brasil para crianças**. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. 4 ed. São Paulo: Global, 1993.

ZORZATO, L. B. **A cultura alemã na obra infantil Aventuras de Hans Staden, de Monteiro Lobato**. 2007. 188 f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. 2007. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/423862>. Acesso em: 21 mar. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Relação de Bibliotecas com livros escritos em espanhol de Monteiro Lobato

PAÍSES DA AMÉRICA LATINA EM ORDEM ALFABÉTICA (Os registros foram mantidos como estão escritos nos catálogos consultados)

ARGENTINA

Biblioteca Nacional da Argentina			
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol	Livros infantis em português	Livros adultos em português
Viaje al cielo (Buenos Aires: Losada, 2011)	Urupés: cuentos brasileiros (Buenos Aires: El Ateneo, 1947)	Caçadas de Pedrinho (San Pablo: Editora Brasiliense, 1987)	Urupes (São Paulo: Editora Brasiliense, 1968)
Las nuevas travesuras de Naricita (Buenos Aires: Losada, 2010)	El presidente negro: novela norteamericana del año 2228 (Buenos Aires: Claridad, 1935)		America (San Pablo: Companhia Editora Nacional, 1932)
Las travesuras de Naricita (Buenos Aires: Losada, 2010)	Los ojos que sangran: cuentos (Buenos Aires: Tor, [s.f.])		Mister slang e o Brasil (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928)
Fábulas (Buenos Aires: Producciones García Ferré, 1994) Obs: Adaptação, análise literária, biografia e propostas de trabalho de: Julia Marta Pucci, Martha Steinbrun, Gabriela Romeo e Marcela Coddá. Este número faz parte do número 1545 da Revista Antejito, 1994.			O choque das raças ou o presidente negro: romance americano do anno de 2228 (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926)
Las travesuras de Naricita (Buenos Aires: Américalée, 1961)			Urupês: contos (São Paulo: Monteiro Lobato, 1923)
Viaje al cielo (Buenos Aires: Losada, 1959)			O macaco que se fez homem (São Paulo: Monteiro Lobato, 1923)
La reforma de la naturaleza (Buenos Aires: Losada, 1959)			Negrinha (São Paulo: Monteiro Lobato, 1923)
El Quijote de los niños (Buenos Aires: Losada, 1959)			Cidades mortas (São Paulo: Monteiro Lobato, 1923)
El pozo del vizconde (Buenos Aires: Américalée, 1959)			A onda verde (San Pablo: Monteiro Lobato, 1922)
El Minotauro (Buenos Aires: Américalée, 1959)			Idéas de Jéca Tatú (São Paulo: Revista do Brasil, 1920)
Peter Pan: el niño que no quiso crecer (Buenos Aires: Losada, 1958)			Urupes (San Pablo: Revista do Brasil, 1918)
La aritmética de Emilia			

(Buenos Aires: Losada, 1958) Geografía: para los niños (Buenos Aires: Losada, 1958) Cuentos de Tía Anastasia (Buenos Aires: Losada, 1958) Las cacerías de Perucho (Buenos Aires: Losada, 1957) Historia del mundo para los niños: primera parte (Buenos Aires: Losada, 1957) Las travesuras de Naricita (Buenos Aires: Losada, 1956) Cuentos de tía Fantasía (Buenos Aires: Losada, 1954) Las invenciones (Buenos Aires: Americalee, 1946) La corza de los pies de bronce (Buenos Aires: Acteon, 1945) Las caballerizas de Augias (Buenos Aires: Peuser, 1946) La lamprea (Buenos Aires: Codex, 1948) Los duendes (Buenos Aires: Codex, 1948) Viaje al cielo (Buenos Aires: Losada, 1953) Geografía: para los niños (Buenos Aires: Losada, 1953) El benteveo amarillo (Buenos Aires: Losada, 1953) Geografía para los niños: segunda parte (Buenos Aires: Americalee, 1946) Peter Pan: el niño que no quiso crecer (Buenos Aires: Americalee, 1945) Historia del mundo para los niños (Buenos Aires: Americalee, 1945) Viaje al cielo (Buenos Aires: Americalee, 1944) Las travesuras de naricita (Buenos Aire: Americalee, 1944) Don Quijote de los niños (Buenos Aires: Claridad, 1938)			
--	--	--	--

Memorias de Emilia (Buenos Aires: Losada, [s.f.]) Geografía para los niños: segunda parte (Buenos Aires: Americalee, [s.f.]) El jabalí de Erimanto (Buenos Aires: Acteon, 1945) Las aves del lago Estinfalo (Buenos Aires: Acteon, 1946) La Nueva Argentina - Acteón em 1947 - Miguel P. Garcia (Pseudónimo)			
---	--	--	--

Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros			
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol	Livros infantis em português	Livros adultos em português
Las doce hazañas de Hércules (Buenos Aires: Acteon, 1946) Viaje al cielo (Buenos Aires: Americalee, 1944) El minotauro (Buenos Aires: Americalee, 1946) Las travesuras de Naricita (Buenos Aires: Americalee, 1944) El genio del bosque (Buenos Aires: Americalee, 1944) El pozo del Vizconde (Buenos Aires: Americalee, 1946) Las lecciones de doña Benita (Buenos Aires: Editorial Americalee, 1946) Las travesuras de Naricita (Buenos Aires: Losada, 1958) Historia del mundo para los niños (Buenos Aires: Americalee, 1945) El Quijote de los niños (Buenos Aires: Americalee, 1945) Aventuras de Hans Staden (Buenos Aires: Americalee, 1945) Las viejas fábulas (Buenos Aires: Americalee, 1946) Las lecciones de doña Benita	Urupés (Buenos Aires: El Ateneo, 1947) Urupés (Buenos Aires: Patria, 1921) El burlón arrepentido; La colcha de retazos (Buenos Aires: Centro de Estudios Brasileños, 1962)		Contos leves: Cidades mortas e outros (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935)

(Buenos Aires: Editorial Americalee, 1958) El pozo del vizconde (Buenos Aires: Americalee, 1959) La llave del tamaño: historia de la mayor travesura del mundo, en la cual Emilia, sin querer, modificó temporalmente el tamaño de las criaturas humanas (Buenos Aires: Americalee, 1946) Peter Pan: el niño que no quiso crecer (Buenos Aires: Americalee, 1945) Geografía para los niños (Buenos Aires: Americalee, 1946)			
---	--	--	--

Biblioteca Del Congreso de la Nación	
Colección Perón	La Nueva Argentina - Acteón em 1947 - Miguel P. García (Pseudônimo)

BOLÍVIA – não encontramos resultados.

BRASIL

Biblioteca Nacional do Brasil	
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol
Don Quijote de la Mancha version especial para la juventud Publicação: Santiago [Chile] : Zig-Zag, 1939. Don Quijote de los Ninos Publicação: Buenos Aires [Argentina]: Editorial Claridad, 1938. Naricita Publicação: Lima: Embajada del Brasil, 1986.	El burlon arrepentido: La colcha de retazos: cuentos Publicação: Buenos Aires, Argentina: Centro de Estudios Brasileños, [1982?]. (Textos de Urupes)

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato/ São Paulo	
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol
Aventuras de Hans Staden Responsabilidade: traducción del portugués por M. J. de Sosa; ilustraciones de Arturo Travi Imprenta: Buenos Aires: Americalee, 1945 Don Quijote de los niños	Urupés: cuentos brasileiros Responsabilidade: Monteiro Lobato; versión española de Juan Ramón Prieto [capa de F. y M. Mercatali] Imprenta: Buenos Aires: El Ateneo, 1947 O Pica-Pau Amarelo. Ano 1, n. 1 1951 Responsabilidade: Gremio Estudantil Monteiro Lobato

Responsabilidade: Monteiro Lobato; tradução del portugues, especial para la Editorial Claridad por Benjamin de Garay Imprenta: Buenos Aires: Claridad, 1938 La nueva Argentina Responsabilidade: Miguel P. Garcia (pseudónimo) Buenos Aires: Editorial Acteon, 1947 (FOTOCÓPIA) Las doce hazañas de Hercules Responsabilidade: Monteiro Lobato; [ilustrações de J.U.Campos] Imprenta: Buenos Aires : Editorial Acteon, 194- El Quijote de los niños Responsabilidade: Monteiro Lobato; traducción del portugués por M. J. de Sosa; ilustraciones de Gustavo Dore Imprenta: Buenos Aires: Americalee, 1945 Viaje al cielo Responsabilidade: Monteiro Lobato; traducción del portugués por Ramon Prieto; ilustraciones de Silvio Balderassi Imprenta: Buenos Aires: Americalee, 1944 Naricita Responsabilidade: Monteiro Lobato; versión y prólogo de Arturo Corcuera; ilustraciones de Charo Núñez Imprenta: Lima [Peru]: Embajada del Brasil, 1986 Las travesuras de Naricita Responsabilidade: Monteiro Lobato; [traducción Ramón Prieto]; ilustraciones de Paulo Borges; prólogo de Cristina Fernández de Kirchner Imprenta: Buenos Aires: Losada, 2010 Las nuevas travesuras de Naricita Responsabilidade: Monteiro Lobato; [traducción Ramón Prieto]; ilustraciones de Paulo Borges Imprenta: Buenos Aires: Losada, 2010 La corza de los pies de bronce Responsabilidade: Monteiro Lobato; [traducción del portugues de Ramon Prieto]; [dibujos interiores de J.U. Campos; [dibujo de la portada de Mils] Imprenta: Buenos Aires: Editorial Acteon, 1945 El leon de Nemea Responsabilidade: Monteiro Lobato; [traducción del portugues de Ramon Prieto]; [dibujos interiores de J.U. Campos; [dibujo de la portada de Mils] Imprenta: Buenos Aires: Editorial Acteon, 1945 La hidra de Lerna Responsabilidade: Monteiro Lobato; [traducción del portugues de Ramon Prieto]; [dibujos interiores	Imprenta: Valparaíso: GEML, 1951 El macaco que se hizo hombre: cuentos Responsabilidade: Monteiro Lobato; versión autorizada de Benjamin de Garay Imprenta: Buenos Aires: Tor, 192? Los ojos que sangran: cuentos Responsabilidade: Monteiro Lobato; [prefacio y] traducción de B. Sanchez-Saez Imprenta: Buenos Aires: Tor, 1924 Urupés Responsabilidade: Monteiro Lobato; traducción de Benjamin de Garay Imprenta: Buenos Aires: Patria, 1921 El comprador de haciendas Responsabilidade: Monteiro Lobato; traducción de Benjamin de Garay; [introdução] Vicente A. Salaverri Imprenta: Barcelona: Cervantes, 192- El presidente negro: novela norteamericana del año 2228 Responsabilidade: Monteiro Lobato; traducción de Benjamin de Garay Imprenta: Buenos Aires: Claridad, 1935?
--	--

de J.U. Campos; [dibujo de la portada de Mils] Imprenta: Buenos Aires: Editorial Acteon, 1945	
---	--

Instituto de Estudo Monteiro Lobato	
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol
El Pozo del Vizconde, editora Americalee, 1946. Don Quijote de Los Niños, editora Claridad, 1938. Peter Pan, editora Americalee, 1945. Las Aves del Lago Estinfalo, editora Acteon, 1946. Las Caballerizas de Augias, editora Acteon, 1945. El Jabali de Erimanto, editora Acteon, 1945. La Corza De Los Pies De Bronce, editora Acteon, s/d. La Hidra de Lerna, editora Acteon, 1945. El Quijote de los Niños, editora Americalee, 1947.	

Biblioteca CEDAE (IEL/UNICAMP)	
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol
El minotauro / Monteiro Lobato; Traducción del portugués por Ramon Prieto; ilustraciones de Arturo Travi. Imprenta Buenos Aires: Americalee, 1946.	Urupés: cuentos brasileiros / Monteiro Lobato; version española de Juan Ramón Prieto. Imprenta Buenos Aires: El Ateneo, 1947.

Portal de busca integrada – USP	
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol
Las travesuras de Naricita. Americalee, 1944. Disponível para download em: https://digital.bbm.usp.br/view/?45000002866&bbm/7473#page/1/mode/2up	Los ojos que sangran; cuentos. Traducción de B. Sánchez Saez Autor: Lobato, José Bento Monteiro Editor: Argentina: Editorial Tor, 1924. Urupés Autor: Lobato, José Bento Monteiro. Editor: Argentina: Editorial Patria, 1921

CHILE

Biblioteca Nacional do Chile			
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol	Livros infantis em português	Livros adultos em português
Don Quijote de los niños (Buenos Aires: Claridad, 1938) Las travesuras de Naricita (Ediciones Universidad	El presidente negro (Buenos Aires: Bibl. de Escritores Americanos, s/d) Urupés: cuentos brasileiros (Buenos Aires: "El Ateneo",		Urupês (São Paulo: Brasiliense Ltda, 1946) Negrinha: contos (São Paulo: sn, 1923)

Católica de Chile, 2020)	1947)		Urupés: contos (Sao Paulo: s.n.,1923) O choque das racas ou o presidente negro: romance americano do anno de 2228 (Rio de Janeiro: s.n., 1926)
--------------------------	-------	--	---

COLÔMBIA

Biblioteca Nacional da Colômbia			
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol	Livros infantis em português	Livros adultos em português
Historia del mundo para los niños Américalee, 1958) Geografía para niños Américalee, 1959 La llave del tamaño: historia de la mayor travesura del mundo, en la cual Emilia, sin querer, modificó temporalmente el tamaño de las criaturas humanas Américalee, 1959 Memorias de Emilia, Américalee, 1959 El Minotauro, Américalee, 1959 El pozo del Vizconde, Américalee, 1959 El Quijote de los niños, Américalle, 1959 La reforma de la naturaleza, Américalee, 1959 Las travessuras de la Naricita, Américalee, 1959 Viaje al cielo, Américalee, 1959 Las viejas fábulas, Américalee, 1959 Cuentos de tía Anastasia, Américalee, 1960 La aritmética de Emilia, Américalee, 1960 Aventuras de Hans Staden, Américalee, 1960 El benteveo amarillo : la quinta de Doña Benita un mundo de verdad y mentira, Américalee, 1960 El genio del bosque, Américalee,			Negrinha: contos (Brasil, Monterio Lobato & C. Editores, 1923) Urupés (Brasil, Monterio Lobato & C. Editores, 1923) O choque das raças, ou, O presidente Negro: romance americano do anno de 2228 Brasil, Companhia Editora Nacional, 1926) América Brasil, Companhia Editora Nacional, 1932)

1960 Las invenciones, Américallee, 1960 Las lecciones de doña Benita, Américallee, 1960 Nuevas travesuras de naricita, Américallee, 1960 Peter Pan: el niño que no quiso crecer, Américallee, 1960 Las travesuras de Naricita, Biblioteca Nacional de Colombia, 2019) Naricita impertinente y la finca del pájaro carpintero amarillo, Idartes, 2019 Las travesuras de Naricita Biblioteca Nacional de Colombia, 2019 disponível na Biblioteca Digital https://catalogoonline.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/196527			
--	--	--	--

COSTA RICA

Biblioteca Nacional da Costa Rica			
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol	Livros infantis em português	Livros adultos em português
Viaje al cielo (Buenos Aires: Losada, 1959) Las viejas fábulas (Buenos Aires: Losada, 1958) Las travesuras de Naricita (Buenos Aires: Américallee, 1959) La reforma de la Naturaleza (Buenos Aires: Losada, 1959) El Quijote de los niños (Buenos Aires: Américallee, 1959) El país de la gramática (Buenos Aires: Losada, 1958) El Pozo del Visconde (Buenos Aires: Américallee, 1959) Peter Pan, El niño que no quiso crecer (Buenos Aires: Losada, 1958) Peter Pan, el niño que no quiso crecer (Buenos Aires: Losada, 1953) Memórias de Emilia (Buenos Aires: Losada, 1959) Nuevas travesuras de Naricita			

(Buenos Aires: Losada, 1958)			
El Minotauro (Buenos Aires: Américallee, 1959)			
La llave del tamaño (Buenos Aires: Américallee, 1959)			
La llave del tamaño (Buenos Aires: Losada, 1953)			
Geografía para los niños (Buenos Aires: Américallee, 1953)			
El genio del bosque (Buenos Aires: Losada, 1953)			
Geografía para los niños (Buenos Aires: Américallee, 1959)			
Las invenciones (Buenos Aires: Losada, 8807?)			
Las lecciones de Doña Benita (Buenos Aires: Losada, 1953)			
Geografía para los niños (Buenos Aires: Américallee, 1952)			
Las cacerías de Perucho (Buenos Aires: Américallee, 1959)			
El Benteveo amarillo (Buenos Aires: Américallee, 1952)			
Aventuras de Hans Staden (Buenos Aires: Losada, 1958)			
La aritmética de Emilia (Buenos Aires: Losada, 1958)			
Las travesuras de Naricita tr. del portugués por Ramón Prieto; il. de Silvio Baldessari (Buenos Aires: Américallee, 1958)			
El Pozo del Vizconde tr. del portugués por M. J. de Sosa; il. de Arturo Travi (Buenos Aires: Losada, 1966)			
El Minotauro tr. del portugués por Ramón Prieto; il. de Arturo Trevi (Buenos Aires: Américallee, 1965)			
Memorias de Emilia tr. del portugués por M. J. Sosa; il. de Arturo Travi (Buenos Aires: Américallee, 1964)			
El Genio del bosque tr. del Portugués por Ramón Prieto; il. de Silvio Baldessari (Buenos Aires: Losada, 1963)			
La Cacerías de Perucho tr. del portugués por M. J. de Sosa; il. de Silvio Baldessari (Buenos Aires:			

Losada, 1966) La Aritmética de Emilia tr. por M. J. de Sosa; il. de Arturo Travi (Buenos Aires: Américalee, 1983) Cuentos de tía Anastasia (Buenos Aires: Losada, 1958) Memorias de Emilia tr. del portugués por M. J. de Sosa; il. de Arturo Travi (Buenos Aires: Losada, 1959) El Quijote de los niños il. de Gustavo Doré; tr. del portugués por M. J. de Sosa (Buenos Aires: Américalee, 1959) El Pozo del vizconde tr. del portugués por M. J. de Sosa; il. de Arturo Travi (Buenos Aires: Américalee, 1959) Las Lecciones de Doña Benita (Buenos Aires: Losada, 1958) Las Invenciones tr. del portugués por M. J. de Sosa; il. de Arturo Travi (Buenos Aires: Losada, 1958) El Quijote de los niños (Buenos Aires: Losada, 1966) Las Lecciones de Doña Benita José Benito Monteiro Lobato; tr. del portugués por M.J. de Sosa; il. de Arturo Travi (Buenos Aires: Américalee, 1946) Aventuras de Hans Staden Monteiro Lobato; tr. del portugués por M. J. de Sosa; il. de Arturo Travi (Buenos Aires: Américalee, 1945) El Minotauro Monteiro Lobato; tr. del portugués por Ramón Prieto; il. de Arturo Travi (Buenos Aires: Américalee, 1946) La Llave del tamaño Monteiro Lobato; tr. del portugués por Ramón Prieto; il. de Arturo Travi (Buenos Aires: Américalee, 1946) Viaje al cielo Monteiro Lobato; tr. del portugués por Ramón Prieto; il. de Silvio Baldessari (Buenos Aires: Américalee, 1944) Nuevas travesuras de naricita Monteiro Lobato; tr. del portugués por Ramón Prieto; il. de Silvio Baldessari (Buenos Aires: Américalee, 1944)			
--	--	--	--

CUBA - não encontramos resultados.

EQUADOR

Biblioteca e Arquivo da Casa Ecuatoriana			
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol	Livros infantis em português	Livros adultos em português
El Minotauro (Buenos Aires: Américal, 1953)			
La aritmética de Emilia (Buenos Aires: Losada, 1953)			
El Genio del Bosque (Buenos Aires, Américal, 1953)			
El Quijote de los niños (Buenos Aires, Américal, 1952)			
Aventuras de Hans Staden (Buenos Aires, Américal, 1951)			
Las viejas Fábulas (Buenos Aires, Américal, 1952)			
Las cacerías de Perucho (Buenos Aires, Américal, 1953)			
Peter Pan: el niño que no quiso crecer (Buenos Aires: Américal, 1953)			
Historia del mundo para los niños (Buenos Aires: Américal, 1953)			
El Benteveo amarillo (Buenos Aires: Américal, 1952)			
Las travesuras de naricita (Buenos Aires: Américal, 1952)			
Geografía para los niños (Buenos Aires, Américal, 1952)			
Las invenciones (Buenos Aires, Américal, 1952)			
La llave del Tamaño (Buenos Aires, Américal, 1952)			
2 itens de Memorias de Emilia (Buenos Aires, Américal, 1949)			
Viaje al cielo (Buenos Aires: Américal, s/d)			

EL SALVADOR – não encontramos resultados.

GUATEMALA – não encontramos resultados.

HONDURAS – não encontramos resultados.

MÉXICO

Biblioteca Nacional do México			
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol	Livros infantis em português	Livros adultos em português
Geografía para los niños (Buenos Aires, Americalee, 19??) Las viejas Fábulas (Buenos Aires, Americalee, 1946)			Urupés: contos (Sao Paulo: s.n.,1923) América (São Paulo, 1932)

NICARÁGUA – não encontramos resultados.

PANAMÁ – não encontramos resultados.

PARAGUAI – não encontramos resultados.

PERU

Biblioteca Nacional do Peru			
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol	Livros infantis em português	Livros adultos em português
El pozo del Vizconde (Buenos Aires: Americalee, 1946) Las invenciones (Buenos Aires: Americalee, 1959) Historia del mundo: para los niños (Buenos Aires: Americalee, 1945) Geografía para los niños (Buenos Aires: Americalee, 1946) El Minotauro (Buenos Aires: Americalee, 1946) El país de la gramática (Buenos Aires: Americalee, 1947) El quijote de los niños / Edición:2ª (Buenos Aires: Americalee, 1947) Geografía para los niños /	Urupés: Cuentos brasileños / José B.Monteiro Lobato.Editorial:Buenos Aires : El Ateneo, [1947]	Hans Staden: suas viagens e cativo entre os índios do Brasil / Hans Staden; texto ordenado por Monteiro Lobato. Editorial: Sao Paulo: Edit. Nacional, 1945.	Urupês (São Paulo: Edit. Nacional, 1937) Idéias de Jeca Tatú (Sao Paulo: Brasiliense, 1946) A barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel / José Bento Monteiro Lobato; prefácio de Edgard Cavalheiro.Editorial:So Paulo: Cía. Edit. Nacional, 1944. América os Estados Unidos de 1929 / José Bento Monteiro Lobato. Editorial: Sao Paulo: Edit. Brasiliense Ltda, 1946 Mr. Slang e o Brasil e problema vital / José Bento Monteiro Lobato.Editorial: Sao Paulo: Edit. Brasiliense, 1946. Urupês / José Bento Monteiro

traducción del portugués por M.J. de Sosa.Edición:2a (Buenos Aires: Americalee, 1948) Geografía para los niños / Monteiro Lobato; traducción del portugués por J.M. de Sosa; ilustraciones de Arturo Travi.Edición:8a (Buenos Aires: Américalee, 1962) El país de la gramática / Monteiro Lobato; adaptación al castellano por María B. de Petriz; ilustraciones de Arturo Travi.Edición:9ª (Buenos Aires: Américalee, 1962) Historia del mundo para los niños / Monteiro Lobato; traducción del portugués por M.J. de Sosa; ilustraciones de Arturo Travi.Edición:8a (Buenos Aires: Américalee, 1965) Las travesuras de Naricita / Monteiro Lobato; traducción del portugués por Ramón Prieto; ilustraciones de Silvio Baldessari.Edición:8a (Buenos Aires: Américalee, 1961) Aventuras de Hans Staden / Monteiro Lobato; ilustraciones de Arturo Travi; traducción del portugués por M.J. de Sosa.Edición:8a (Buenos Aires: Américalee, 1962) La aritmética de Emilia / Monteiro Lobato; traducción del portugués por J.M. de Sosa; ilustraciones de Arturo Travi.Edición:8a (Buenos Aires: Américalee, 1963) Peter Pan: el niño que no quiso crecer / Monteiro Lobato; traducción del portugués por J.M. de Sosa; ilustraciones de Arturo Travi.Edición:8a (Buenos Aires: Américalee, 1963) El genio del bosque / Monteiro Lobato; traducción del portugués por Ramón Prieto; ilustraciones de Silvio Baldessari.Edición:8a (Buenos Aires: Américalee, 1963) Viaje al cielo / Monteiro Lobato; traducción del portugués por Ramón Prieto; ilustraciones de Silvio			Lobato.Editorial:So Paulo: Edit. Brasiliense, 1946. Prefacios e entrevistas / José Bento Monteiro Lobato.Editorial:Sao Paulo: Brasiliense, [1946] A onda verde e o presidente negro / José Bento Monteiro Lobato.Editorial:S. Paulo: Edit. Brasiliense, [1946] Na antevéspera / José Bento Monteiro Lobato.Editorial:S. Paulo: Brasiliense, 1946. Negrinha / José Bento Monteiro Lobato.Editorial:S. Paulo: Brasiliense, 1946. Cidades mortas / José Bento Monteiro Lobato. Editorial: Sao Paulo: Brasiliense, 1946. America (São Paulo: Edit. Brasiliense, 1959)
--	--	--	--

Baldessari. Edición: 10a (Buenos Aires: Américal, 1963) Nuevas travesuras de naricita / Montero Lobato; traducción del portugués por Ramón Prieto; ilustraciones de Silvio Baldessari. Edición: 9a (Buenos Aires: Américal, 1963) Las cacerías de Perucho / Monteiro Lobato; traducción del portugués por M.J. de Sosa; ilustraciones de Silvio Baldessari. Edición: 8a (Buenos Aires: Losada, 1966) Naricita / Monteiro Lobato; vers. e prl. por Arturo Corcuera; il. Charo Núñez. Edição: 1ª (Lima: Embaixada do Brasil, 1986) Peter Pan / Monteiro Lobato [ie James Mathew Barrie]. Lima: EDIBA SA, [2003?] Peter Pan / Monteiro Lobato. Edição: 1ª ed., 1ª reimpressão. Editorial: Lima: Chirre Publishing Corporation, 2011.			
---	--	--	--

REPÚBLICA DOMINICANA – não encontramos resultados.

URUGUAI

Biblioteca pedagógica Central “Mtro. Sebastián Morey Otero” de Montevideo - Uruguay			
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol	Livros infantis em português	Livros adultos em português
La Aritmetica de Emilia (Buenos Aires [Argentina]: Américal, 1948) Aventuras de Hans Staden (Buenos Aires, Américal, 1945) Cuentos de Tia Anastasia (Buenos Aires, Américal, 1948) El Benteveo Amarillo. La quinta de Doña Benita (Buenos Aires, Américal, 1948) El Genio del Bosque (Buenos Aires, Américal, 1947) El Minotauro (Buenos Aires, Américal, 1949)	El macaco que se hizo hombre (Buenos Aires [AR]: Tor, s/d) Urupés Buenos Aires [Argentina]: El Ateneo, 1947)	A chave do tamanho (São Paulo, Brasiliense, 1949) Emilia no país da gramática (São Paulo, Brasiliense, 1949) Historias de tia Nastacia (São Paulo, Brasiliense, 1949) Memorias da Emilia (São Paulo, Brasiliense, 1949) No tempo de Nero, coleção Pica-pau amalelo (São Paulo, Brasiliense, s/d) O Centaurinho, coleção Pica-pau amalelo (São Paulo, Brasiliense, s/d) O minotauro maravilhosas	

El pais de la Gramática (Buenos Aires, Americalee, 1947) El pozo del Vizconde (Buenos Aires, Americalee, 1949) El Quijote de los niños (Buenos Aires, Americalee, 1950) Geografia para los niños (Buenos Aires, Americalee, 1948) Historia del mundo para los niños (Buenos Aires, Americalee, 1945) Las cacerias de Perucho (Buenos Aires, Americalee, 1949) Las invenciones (Buenos Aires, Americalee, 1949) Las lecciones de Doña Benita (Buenos Aires, Americalee, 1949) Las viejas Fábulas (Buenos Aires, Americalee, 1948) La llave del Tamaño (Buenos Aires, Americalee, 1949) Memorias de Emilia (Buenos Aires, Americalee, 1949) Nuevas travesuras de Naricita (Buenos Aires, Americalee, 1963) La reforma de la naturaleza.El espanto de las gentes (Buenos Aires, Americalee, s/d). Viaje al cielo (Buenos Aires, Americalee, 1948)		aventuras dos netos de dona Benta na Grecia Antiga (São Paulo, Brasiliense, 1949) Seroes de Dona Benta fisica e astronomia (São Paulo, Brasiliense, 1949) Uma fada moderna, coleção Pica- pau amalelo (São Paulo, Brasiliense, 1947) Viagem ao céu (São Paulo, Brasiliense, 1949)	
--	--	---	--

VENEZUELA

Biblioteca Nacional da Venezuela			
Livros infantis em espanhol	Livros adultos em espanhol	Livros infantis em português	Livros adultos em português
El Quijote de los niños / Monteiro Lobato; ilustraciones de Gustavo Doré. Publisher: Caracas: Ministerio de la Cultura, Casa Nacional de las Letras Andrés Bello, impresión de 2005 Edition: 2a.			

ed. Geografía para los niños / Monteiro Lobato; traducción del portugués por J.M. de Sosa; ilustraciones de Arturo Travi.Edición:8a (Buenos Aires: Américallee, 1948)			
---	--	--	--